# OS CONSTRUTORES DE MONTÍCULOS

## O Registo Esquecido de Edgar Cayce Sobre a América Antiga

Gregory L. Little, Ed.D. e John Van Auken

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

# OS CONSTRUTORES DE MONTÍCULOS

# O REGISTO ESQUECIDO DE EDGAR CAYCE SOBRE A AMÉRICA ANTIGA

Gregory L. Little, Ed.D., John Van Auken, 2001, & Lona H. Little, Ed.D.

## ÍNDICE


- Prefácio
- 1 À Descoberta dos Misteriosos Construtores de Montículos
- 2 A História da América do Norte Segundo Cayce
- 3 A Génese da América Misteriosa
- 4 Quem Povoou a América? Quando O Fizeram?
- 5 Construtores de Lugares Altos
- 6 A Era dos Construtores de Montículos Começa no Ohio
- 7 Os Incríveis Hopewell
- 8 Os Mississipianos
- 9 Atlântida — Platão, Cayce e os Construtores de Montículos
- 10 Lendas Sobre os Antigos
- 11 Difusão na América Antiga: Nórdicos, Egípcios, Tribos Perdidas e Outras Migrações Possíveis
- 12 Quem Eram as Tribos Perdidas? A História Hebraica e a Conexão Mórmon
- 13 Avaliação da História da América Antiga Segundo Cayce
- 14 Máquinas Mágicas da Terra
- 15 Neurociência & Cayce
- Notas & Referências
- Apêndice A: As Leituras de Cayce Sobre a América Antiga
- Apêndice B: Comunicado de Imprensa Sobre o Colapso da Barreira Clovis
- Sobre Os Autores


## PREFÁCIO

Valorizo a verdade, e incomoda-me realmente ver falsificações e fraudes... — Martin Gardner diz que «se um homem persiste em fazer

avançar perspetivas que são contraditas por todas as provas disponíveis... será justamente apelidado de excêntrico...» Stephen Williams (1991), *Fantastic Archaeology*

Este livro foi escrito como uma tentativa de avaliar as alegações específicas do famoso psíquico Edgar Cayce sobre a cultura dos construtores de montículos americanos. Não se trata de um texto académico, nem pretendemos que seja exaustivo. Mas afirmamos que o tratamento dado a Cayce é justo e sincero.

As leituras de saúde de Cayce revelaram uma precisão superior a 80%, mas o aparente "fracasso" de algumas das suas previsões levou muitos a acreditar que tudo o que ele dizia era incorreto ou um palpite. Cayce não reivindicava a infalibilidade. Na verdade, dizia que, sob algumas circunstâncias, uma "leitura" podia ser influenciada pelas intenções e pela mentalidade daqueles que lhe faziam perguntas. Isto aconteceu com toda a certeza, mas não tão frequentemente como algumas pessoas assumem.

O âmbito das leituras de Cayce era imenso. Cayce é reconhecido como o "pai do movimento da saúde holística" por editorialistas da Associação Médica Americana. A sua intenção inicial nas suas leituras psíquicas era fornecer sugestões de saúde para pessoas que descobriam que o tratamento médico que recebiam era ineficaz. O sucesso das leituras de saúde trouxe um certo grau de fama e notoriedade a Cayce. Esta fama levou a que Cayce se envolvesse num tipo de leitura completamente diferente. Estas leituras envolviam a reencarnação — uma ideia que inicialmente o perturbou. Mas, no decurso destas novas "leituras de vida", emergiu um esboço notável da história antiga. Cayce descreveu o homem como sendo muito mais antigo do que qualquer pessoa alguma vez suspeitara e falou de continentes submersos — Mu e Atlântida.

A história que emergiu das leituras de Cayce envolvia praticamente o mundo inteiro. A sua informação detalhada sobre o Egito e as civilizações maias tem recebido a maior atenção. No entanto, quase completamente descurado neste vasto material estava o que Cayce nos dizia sobre a América antiga. Livros e artigos sobre Cayce costumam mencionar que ele discutiu a cultura dos construtores de montículos americanos. Mas não é fornecida muito mais informação. Como tal, as leituras de Cayce sobre os construtores de montículos são um registo "perdido" ou "esquecido".

Desde 1997, uma série notável de descobertas trouxe as ideias de Cayce sobre os construtores de montículos para a vanguarda. Muitas das ideias que ele professava, simplesmente impossíveis na altura em que

foram expressas, parecem ter sido confirmadas pelas investigações mais recentes. Este livro analisa e discute essas ideias. A nossa conclusão é que Cayce estava pelo menos 77% correto nas suas afirmações sobre a América antiga. Apenas 3% das suas ideias parecem estar erradas. Outros 20% aguardam mais provas.

A arqueologia académica retrata Cayce como um "arqueólogo de culto" e alega que lhe deu uma audiência justa. Alguns manuais de arqueologia discutem Cayce e todos eles o descartam rudemente. O livro de Kenneth Feder (1990), *Frauds, Myths, and Mysteries: Science and Pseudoscience in Archaeology*, tinha isto a dizer sobre Cayce: «O psíquico Edgar Cayce afirmava que o conhecimento obtido a partir de textos atlantes (Cayce 1968; Noorbergen 1982) lhe permitia prever o futuro e efetuar curas em pessoas em estado terminal.»

O manual de Stephen Williams (1991), *Fantastic Archaeology: The Wild Side of North American Prehistory*, afirma: «Muitos se reuniram aos pés do falecido Edgar Cayce...» Ele menciona então a Atlântida e diz-nos que, «na verdade, o continente submerso é mencionado em mais de 30 por cento das leituras de Cayce». Continua, dizendo que Cayce tinha «um extraordinário "Canal da Atlântida"», ao qual acrescenta: «a maior parte do que ele disse sobre a Atlântida, por exemplo, parecia Donnelly retrabalhado ou Blavatsky plagiada.» Depois chama a Cayce curandeiro pela fé e liga Cayce a James Churchward (autor de vários livros sobre a Lemúria): «Curiosamente, nomes como Churchward surgem nas suas leituras e são devidamente registados.»

Muitos outros livros de "desmistificação" da arqueologia discutem Cayce. Por exemplo, no seu livro de 1999, *Ancient Mysteries*, Peter James e Nick Thorpe escrevem: «Cayce colocava-se em transe e permitia-se ser possuído por "entidades" das suas vidas anteriores.»

Aqueles que conhecem o trabalho de Cayce reconhecerão imediatamente que todas as afirmações dos arqueólogos académicos sobre Cayce são completamente inexatas. Cayce nunca afirmou possuir textos atlantes ou que podia curar os doentes terminais. Nem era um "psíquico por iniciativa própria". As pessoas não se reuniam aos seus pés, nem ele era possuído por entidades de vidas passadas. De todas as leituras de Cayce, menos de 5% mencionam a Atlântida. Quando se consideram apenas as leituras de vida, 28% mencionam a Atlântida, e não "mais de 30%". Cayce nunca escreveu livros, pelo que a ideia de ele plagiar Donnelly ou Blavatsky é simplesmente impossível. E Cayce certamente não era um

curandeiro pela fé. Finalmente, nem uma única leitura de Cayce mencionou alguma vez o nome "Churchward".

Em julho de 2001, o primeiro autor deste livro contactou dois dos autores destes manuais de arqueologia para indagar sobre as afirmações inexatas. As discussões revelaram que os autores acreditavam que Edgar Evans Cayce, filho de Edgar Cayce e autor de vários livros sobre a Atlântida, era Edgar Cayce, o psíquico. Para eles, os livros de Edgar Evans Cayce, aparentemente, eram as leituras de Edgar Cayce. Churchward era mencionado nos livros de Edgar Evans Cayce — mas não em nenhumas leituras. Os outros erros provinham do facto de os académicos não lerem efetivamente os livros e misturarem várias histórias e números.

Um dos autores, Williams, recusou-se a acreditar no que quer que fosse e insistiu que todas as suas afirmações estavam completamente corretas e exatas. Explicou repetidamente que uma pessoa sem formação avançada em arqueologia não poderia possivelmente compreender a sua avaliação de Cayce. Como "professor de arqueologia em Harvard durante 40 anos", Williams afirmou que as suas avaliações de Cayce eram completamente factuais. Recusou-se a considerar alterar o que quer que fosse no seu texto e não estava aberto à "ideia" de que Edgar Evans Cayce e Edgar Cayce, o psíquico, eram pessoas diferentes. Terminou a discussão citando uma lista de leitura sugerida. No seu livro, Williams professava que este tinha sido escrito porque valorizava a "verdade", mas isso aparentemente significa que valoriza o que ele próprio acredita ser a verdade — ou o que quer que os outros acreditem como verdade.

Em forte contraste com Williams, o Dr. Kenneth Feder, da Universidade Estatal do Centro do Connecticut, lidou com a situação como um verdadeiro cientista e profissional. Considerou pacientemente todas as provas contrárias que lhe foram apresentadas e reinvestigou as suas fontes. Desejava sinceramente que o seu livro fosse exato e valorizava claramente a ética da situação. Após perceber os seus equívocos sobre Cayce, Feder desculpou-se e prometeu uma revisão no seu livro.

A breve discussão acima foi apresentada para ilustrar dois pontos. Primeiro, as afirmações de Edgar Cayce sobre a história antiga não receberam uma audiência justa ou genuína por parte dos académicos. O que está escrito nos manuais sobre ele não é verdade. Em segundo lugar, as reações diametralmente opostas dos dois arqueólogos (Williams e Feder) parecem ser a regra na arqueologia moderna, e não a exceção. A arqueologia moderna está profundamente dividida entre várias fações.

Desde 1997, as principais crenças da arqueologia americana foram despedaçadas. Alguns arqueólogos parecem dispostos a fazer qualquer coisa para se agarrarem à ideologia do passado, enquanto outros estão entusiasmados com a nova informação que emerge das novas tecnologias. Os confrontos entre estas fações serão ocasionalmente mencionados neste livro.

O presente livro, embora primordialmente interessado nas ideias de Cayce sobre os construtores de montículos, também discute uma série de outras questões. O âmbito das leituras de Cayce sobre os primórdios da América era amplo, e isso necessitou de um âmbito maior do que os montículos. Mas a história que emergiu é notável. Pensamos que irá concordar.

## CAPÍTULO 1

## À DESCOBERTA DOS MISTERIOSOS CONSTRUTORES DE MONTÍCULOS

Os mistérios mais importantes podem ser aqueles que se encontram no seu próprio quintal. — Os Autores

Se está a ler isto em qualquer lugar das Américas, dedique alguns momentos a olhar lá para fora. Há muitos milhares de anos, já existiam pessoas aí. Viveram-se ali vidas incontáveis e tiveram lugar eventos há muito esquecidos. Estimativas conservadoras mostraram-nos que, em 1492, quando Colombo "descobriu" a América, pelo menos 57,3 milhões de

pessoas viviam nas Américas. 1 Isto não é um erro de impressão. São 57,3 milhões.

Se vive na metade oriental dos Estados Unidos, o mais provável é existirem montículos a apenas algumas milhas de si. Nem o leitor nem os seus vizinhos poderão estar cientes da sua existência, mas eles estão lá, de qualquer forma. A uma distância de apenas algumas horas de carro de si, existem provavelmente montículos muito grandes e obras de terraplenagem rituais. Algumas destas construções podem ter milhas de comprimento. Um conjunto destes complexos antigos no Ohio formava, aparentemente, uma estrada reta com perto de 60 milhas de comprimento e mais de 100 pés de largura, ligando Newark a Chillicothe. Na confluência do rio Scioto com o rio Ohio, outro grupo incrível de montículos e obras de terraplenagem foi construído por volta de 100 d.C. Três conjuntos de muralhas paralelas, formando caminhos de 160 pés de largura, estendiam-se por mais de 20 milhas, ligando três complexos de terraplenagem incríveis, massivos e de formas drasticamente diferentes. Estes caminhos estendiam-se através do rio Ohio, de um lado para o outro — e depois de volta. Também no Ohio permanecem vários recintos circulares e em forma de octógono enormes, muitos dos quais prevêm perfeitamente os movimentos lunares e os eclipses.

Perto de East St. Louis, no Illinois, ainda existe uma pirâmide truncada de terra com 100 pés de altura. A sua base é maior do que a da Grande Pirâmide de Giza, e um labirinto de outros montículos e várias estruturas de "woodhenge" também permanecem nesta cidade antiga que outrora teve uma população de mais de 25 000 habitantes. Mesmos a sul de Jackson, no Tennessee, encontra-se um complexo massivo de montículos com um aterro circular, tudo alinhado com o nascimento das estrelas. Forma uma roda de medicina massiva de 1000 acres. Nos estados do Iowa e do Wisconsin, existem centenas de montículos construídos em forma de aves, panteras, ursos e inúmeras outras formas animais. Na Geórgia, um montículo massivo em forma de águia é formado por quartzo branco empilhado. Um montículo em forma de serpente com um quarto de milha de comprimento ainda pode ser visitado no Ohio. Antigos fortes no topo de colinas ainda existem em muitos estados. Quase todos os estados a leste das Montanhas Rochosas ainda contêm montículos e outras estruturas antigas. Além disso, provas categóricas mostram agora que os antigos hebreus estiveram nas Américas, juntamente com visitantes de muitas outras áreas do mundo. A América antiga era verdadeiramente um caldeirão de culturas e de povos.

Os artefactos recuperados dos montículos ao longo dos últimos 200 anos apenas adensaram o mistério. Foram feitas descobertas de tábuas gravadas, implementos de cobre, estátuas e muitos achados anómalos, completamente enigmáticos. Apesar do facto de a maioria dos montículos da América antiga já ter sido destruída, a América continua coberta de montículos e envolta em grandes mistérios. Ironicamente, enquanto a maioria dos americanos permanece fascinada com o Egito, o Peru e os maias, um enigma incrível jaz no nosso próprio quintal. Neste livro, esperamos ajudá-lo a desvendar esse enigma e a começar a apreciar o verdadeiro mistério que tem estado pacientemente aguardar a sua atenção.

**Especulação Sobre os Montículos**

Quando os primeiros exploradores e colonos europeus dos tempos históricos avançaram para o "Novo Mundo", ficaram incrédulos ao depararem-se com obras de terraplenagem fantásticas, montículos gigantescos e artefactos de espantosa qualidade e beleza. Foram encontrados literalmente dezenas de milhares de montículos, e o desenho intrincado e a óbvia geometria sagrada das obras antigas eram surpreendentes. Poucos europeus acreditavam que os "índios" nativos, considerados primitivos e selvagens, que então ocupavam o continente, tivessem algo a ver com os montículos. Uma raça mítica de "construtores de montículos" avançados foi rapidamente teorizada como tendo construído os complexos no passado remoto. Os colonos, que combatiam constantemente os índios nativos enquanto metodicamente se apropriavam das suas terras, achavam difícil de acreditar que os montículos tivessem sido construídos pelos índios.

Os nativos eram menosprezados como primitivos e selvagens, e muitos brancos especulavam que a cultura avançada dos construtores de montículos tinha sido massacrada pelos índios nativos. Algumas pessoas especularam imediatamente que atlantes, as "Tribos Perdidas" do antigo Israel, sobreviventes do continente submerso de Mu ou outros povos avançados tinham construído os montículos. A obra *The Hope of Israel*, publicada em 1652 por Menasseh ben Israel, defendia que os nativos americanos eram, de facto, remanescentes das lendárias Tribos Perdidas.

Os arqueólogos combateram a especulação desenfreada com trabalho de campo discreto. Em 1848, a primeira obra verdadeiramente abrangente sobre os montículos da América foi publicada como a publicação inicial da Smithsonian. Esse trabalho monumental (*Ancient Monuments of the Mississippi Valley*, Squier & Davis) concluiu que os antepassados dos

nativos americanos construíram os montículos. O Gabinete de Etnologia, um ramo da Smithsonian, continuou a patrocinar trabalho de campo e publicações sobre montículos. Em 1894, foi emitido o massivo *Report on the Mound Explorations of the Bureau of Ethnology*, de Cyrus Thomas, com 742 páginas. Este também afirmava que os montículos eram obra dos antepassados dos nativos americanos. No entanto, com a publicação dos livros de Ignatius Donnelly sobre a Atlântida e os livros posteriores de James Churchward sobre Mu, as questões sobre as origens dos montículos têm continuado até aos dias de hoje.

A alimentar estas especulações estava o facto de as tribos nativas que ocupavam a porção oriental do Novo Mundo muitas vezes não saberem explicar quem tinha construído os montículos ou qual era o seu propósito. É verdade que a maioria dos montículos na porção oriental do novo mundo estava abandonada na altura em que os primeiros colonos chegaram. No entanto, no sul profundo, muitos complexos de montículos ainda estavam em uso — mas estavam destinados a ser rapidamente abandonados e largamente esquecidos. Os cronistas da marcha de Hernando de Soto em 1541 através do sul dos E.U.A. deixaram-nos um registo escrito e até ilustrações que retratam o uso dos montículos pelos nativos. Contudo, durante várias centenas de anos, poucas pessoas tiveram acesso às crónicas de De Soto, e estas foram escritas em espanhol. Assim, quase ninguém se apercebeu de que alguns grupos nativos ainda construíam montículos e praticavam a cultura centrada neles.

Talvez o fator contributivo mais poderoso para a falta de conhecimento dos nativos sobre o seu próprio passado tenha sido revelado em vários artigos escritos no início dos anos 1700. O inglês John Lawson percorreu mais de 500 milhas através da área da Carolina, em grande parte "inexplorada", em 1701. Lawson escreveu que menos de 1 em cada 6 índios tinha sobrevivido à epidemia contínua de varíola que grassou entre 1650 e 1700. Aldeias inteiras foram dizimadas, ao que Lawson acrescentou, "sem deixar um único índio vivo". Em 1710, dizia-se que os índios Etowah tinham esquecido os velhos hábitos: "Eles mantêm os seus festivais e sabem dizer muito pouco sobre as razões: os seus anciãos estão mortos".§ 2 No seu livro, agora clássico, *The Mound Builders,* Robert Silverberg escreveu que os índios "já não sabiam que tinham sido os seus próprios tetravôs que tinham construído os montículos".

O fascínio pelos montículos era uma quase obsessão para muitos nos anos 1600 e 1700. Thomas Jefferson e outros americanos proeminentes

estiveram profundamente envolvidos em algumas das primeiras escavações em montículos. Embora Jefferson se tenha convencido de que os antepassados das tribos históricas construíram os montículos, muitos outros não ficaram convencidos e permaneceram crentes numa raça perdida.

**Edgar Cayce Entra no Debate**

Até tempos recentes, a arqueologia moderna teve pouco debate sobre a origem e os propósitos os montículos. Desenvolvimentos recentes colocaram, contudo, quase todas as noções preconcebidas sobre os montículos e a história antiga da América em séria dúvida. Começando no início dos anos 1990, várias novas tecnologias foram aplicadas a algumas das questões mais importantes da arqueologia. Os resultados foram surpreendentes: quase tudo o que os arqueólogos acreditavam ardentemente sobre a América antiga está errado. Capítulos posteriores detalharão estas descobertas, no entanto, deve ser salientado que o que está a emergir das novas provas é perturbador para a arqueologia. Muitas das ideias que os arqueólogos retrataram como "de culto", excêntricas e selvagens estão agora a ser confirmadas.

Frequentemente descurados neste debate são os detalhes fornecidos por Edgar Cayce sobre a América antiga nas suas leituras psíquicas. Embora a arqueologia convencional descreva Cayce como um "arqueólogo de culto" e essencialmente ignore as suas ideias, o facto é que muitos dos seus pronunciamentos sobre a história provaram estar corretos.

É nossa convicção que as ideias de Cayce merecem uma análise justa, dados os atuais desenvolvimentos na arqueologia. De 1924 até à sua morte em 1945, Cayce forneceu uma riqueza de informações sobre a pré-história nas Américas. A maioria das pessoas preferiu focar-se nas especulações de Cayce sobre a Atlântida, o Egito e a América Central. Este livro focar-se-á quase exclusivamente nas ideias de Cayce sobre a América.

**Edgar Cayce**

O Pennyroyal Museum, no centro de Hopkinsville, no Kentucky, é um arquivo único e fascinante que retrata principalmente a luta do sul produtor de tabaco na era pós-Guerra Civil. No entanto, a principal atração do museu é provavelmente a sua exposição sobre Edgar Cayce, o psíquico mais famoso e misterioso da América. O museu faz um excelente trabalho ao detalhar como era a vida quotidiana de Cayce desde que nasceu perto de Hopkinsville, em 1877, até à sua morte em Virginia Beach, em 1945. O museu também abriga muitos dos objetos pessoais e familiares de Cayce,

incluindo o divã no qual ele se reclinava enquanto dava as leituras psíquicas. O que é mais marcante na exposição é a forma como ela humaniza Cayce, mostrando claramente quão humilde ele era e quão normal a sua vida era na maioria dos aspetos.

Embora muitos aspetos da sua vida quotidiana fossem normais, Edgar teve uma série de experiências que tornaram evidente que ele era tudo menos comum. Por volta de 1893, Edgar já tinha ganho a reputação de ser algo "diferente". Tinha demonstrado uma capacidade notável de memorizar o conteúdo de livros simplesmente dormindo sobre eles e também era conhecido por ter visões de pessoas pequenas e por conversar com familiares falecidos.

À idade de 13 anos, recebeu a visita de um anjo feminino resplandecente. Ser-lhe-ia concedida a capacidade de curar os outros, de acordo com o anjo, uma promessa que viria a ser cumprida de uma maneira invulgar e numa extensão muito maior do que o jovem Edgar alguma vez sonhara.

Como a vasta maioria dos leitores já sabe, Edgar Cayce foi de facto capaz de proporcionar a cura a pessoas através do diagnóstico psíquico da sua condição física e da subsequente sugestão de ações corretivas. Curiosamente, a primeira leitura psíquica de saúde de Cayce foi para si próprio. Aos vinte e um anos, desenvolveu uma paralisia dos músculos da garganta que resultou na perda da sua voz. Os seus médicos não conseguiram determinar uma causa nem encontrar um tratamento. Em desespero, recorreu a um hipnotizador de palco que foi capaz de recuperar a sua voz enquanto ele estava em transe hipnótico. No entanto, quando o transe terminava, a paralisia da voz regressava. Cayce foi subsequentemente hipnotizado por Al Layne, um hipnotizador e osteopata de Hopkinsville que pediu a Edgar, em transe, para se diagnosticar a si próprio e sugerir um remédio. Edgar, ainda em transe, instruiu Layne a sugerir que o fluxo sanguíneo para a zona da garganta de Edgar fosse aumentado. Quando a sugestão foi dada, a garganta de Cayce ficou vermelha brilhante. Depois, ainda sob hipnose, Cayce recomendou medicação específica e terapia de manipulação, o que eventualmente ajudou a restaurar a sua voz por completo.

Percebendo o potencial da capacidade de Edgar, Layne sugeriu que Edgar tentasse o mesmo método hipnótico para ajudar os outros. Cayce logo estabeleceu uma rotina típica para entrar num estado hipnótico após passar por um breve procedimento. Primeiro, afrouxava a gravata e o

colarinho e, depois, desatava os sapatos. Em seguida, reclinava-se de costas no seu divã e dobrava as mãos sobre o seu plexo solar. Após alguns momentos de respiração profunda, as suas pálpebras tremiam e a sua respiração tornava-se profunda e rítmica. Este era o sinal para o condutor da sessão (geralmente a sua esposa, Gertrude) fazer contacto com o seu subconsciente, dando uma sugestão. A menos que este procedimento fosse cronometrado para sincronizar com a sua respiração, Cayce passaria além do estado de transe e simplesmente adormeceria. No entanto, uma vez feita a sugestão, Cayce procedia à descrição do paciente como se ele ou ela estivesse sentado mesmo ao seu lado.

Os próprios problemas estomacais de Layne foram o foco da primeira leitura de saúde de Edgar para outros. Seguindo as sugestões delineadas nesta leitura, os problemas estomacais de Layne, que duravam há uma década, desapareceram e a palavra sobre a capacidade de Cayce espalhou-se rapidamente. Os médicos rapidamente se interessaram em investigar Cayce, e um artigo de 1910 no *The New York Times* aclamou Cayce como o "Profeta Adormecido", garantindo assim tanto a sua fama como a crítica incessante dos céticos.

Aquando da sua morte, a 3 de janeiro de 1945, em Virginia Beach, Cayce tinha deixado 14 256 registos estenográficos documentados das leituras que tinha dado para mais de 6000 pessoas diferentes ao longo de um período de quarenta e três anos, consistindo em 49 135 páginas. Mais de 9000 destas leituras eram relacionadas com a saúde. §3

Infelizmente, muitas das leituras de saúde de Cayce dos seus primeiros anos não foram registadas. Por exemplo, acredita-se que Edgar deu mais de 80 leituras durante 1901, o ano em que começou a trabalhar com Al Layne. Ao longo dos anos, Edgar também recebeu pedidos dispersos para realizar leituras para ajudar a localizar tesouros perdidos ou enterrados. Curiosamente, estes pedidos nunca levaram à recuperação de tesouros. Além disso, Edgar realizou uma longa sequência de leituras malsucedidas para encontrar depósitos de petróleo. No entanto, as suas leituras de saúde produziram resultados bem-sucedidos, inspirando eventualmente o moderno movimento da saúde holística. Muitos dos seus tratamentos estão atualmente a receber atenção de investigação tanto clínica como científica dentro da comunidade médica.

A fama de Edgar Cayce continua grande hoje e até continua a expandir-se. O site Amazon.com lista 336 livros disponíveis sobre Cayce; no entanto, várias centenas de outros foram publicados sobre ele ou sobre o

conteúdo das suas leituras. Uma pesquisa em maio de 2001 no popular diretório da internet Yahoo mostrava 15 200 páginas da web dedicadas a Cayce, enquanto o motor de busca mais amplo Excite mostrava umas espantosas 2 875 740 páginas da web sobre ele.

**Precisão das Leituras de Saúde de Cayce**

Edgar Cayce é amplamente reconhecido como o "pai do movimento da saúde holística".§{3, 4} Como tal, seria de esperar que as sugestões de saúde de Cayce recebessem uma grande dose de credibilidade por parte da ciência médica. Relatórios anedóticos substanciais e cartas de acompanhamento de indivíduos que receberam leituras de saúde de Cayce indicaram que a maioria dos que receberam leituras de saúde endossou a sua precisão. Na sua biografia de Cayce, Sidney Kirkpatrick analisou a investigação que foi feita para avaliar os conselhos de saúde de Cayce.§5 Kirkpatrick relatou que 14 dos 15 médicos que tinham tratado pacientes que receberam leituras (conforme inquiridos pelo jornalista Sherwood Eddy) deram a Cayce uma pontuação quase perfeita. Mesmo o único médico que foi cauteloso teve de reconhecer que os poderes do psíquico eram "extraordinários". Um estudo de 1971 das leituras de saúde de Cayce publicado por Hugh Lynn Cayce e Edgar Evans Cayce encontrou uma taxa de precisão global de 86 por cento.

Mesmo os céticos mais empedernidos costumam reconhecer a correção das leituras de saúde de Cayce — ainda que relutantemente. Por exemplo, o artigo do website da Probe Ministries§6§ que declara Cayce como um falso profeta afirma: "Cayce foi um curador muito eficaz e ajudou muitas pessoas fisicamente". O *The Skeptic's Dictionary*, um website dedicado a atacar simplisticamente alegações do paranormal como não fundamentadas, descarta sumariamente todas as leituras de saúde de Cayce como não científicas, sem qualquer investigação ou pesquisa ou sequer uma breve consideração da investigação que foi feita. No entanto, acrescenta: "É verdade, contudo, que muitas pessoas se consideravam curadas por Cayce e isso é prova suficiente para os verdadeiros crentes".

**Entram a Atlântida e a Reencarnação**

Embora as leituras de saúde fossem inicialmente o foco primário do "trabalho" da vida de Cayce, um desenvolvimento de vulto ocorreu em 1923. Foi este desenvolvimento que criou não só a fantástica popularidade para o trabalho de Cayce, mas também uma barragem de críticas que dura até ao presente.

Em 1923, Arthur Lammers, um tipógrafo e editor abastado de Dayton, pediu a Cayce para vir a Dayton e fazer uma curta série de leituras que se focariam na fonte de informação de Cayce e no significado subjacente da vida. Ao início relutante, Cayce acabou por ir a Dayton, onde uma série de leituras foi realizada no Phillips Hotel em agosto desse ano. Mal sabiam eles que o conjunto inicial de questões filosóficas de Lammers levaria a uma forma inteiramente nova de usar as estranhas capacidades de Cayce.

Foi durante esta linha de questionamento que o Cayce "adormecido" ou em transe começou a falar pela primeira vez sobre a reencarnação como se esta fosse tão real e natural como o funcionamento de um corpo físico. O que torna isto particularmente significativo é que, na maior parte das vezes, Cayce não tinha conhecimento do conteúdo das suas leituras até receber um relatório após acordar. Quando confrontados pela primeira vez com estas leituras, ele e a sua família ficaram chocados e desafiados. Eram pessoas profundamente religiosas, que faziam este trabalho para ajudar os outros porque era isso que a sua fé cristã ensinava. Em criança, Cayce começou a ler a Bíblia do princípio ao fim, acabando por fazê-lo para cada ano da sua vida.

A reencarnação definitivamente não fazia parte da realidade da família Cayce. No entanto, as curas e a ajuda continuavam a surgir através do trabalho das leituras. Assim, após muita oração e consideração, a família Cayce continuou com as leituras físicas enquanto refletia cautelosamente sobre este estranho material filosófico. Em última análise, os Cayce aceitaram as ideias, embora não como "reencarnação", por si só. Edgar Cayce preferia chamar-lhe "A Continuidade da Vida", visto que sentia que a Bíblia continha de facto muitas provas de que a vida, a verdadeira vida no Espírito, é contínua.

Estas novas leituras de vida também deram uma perspetiva espantosa sobre a história antiga, ao relatarem as vidas passadas dos indivíduos. Os continentes perdidos da Atlântida e de Mu foram ambos detalhados nas leituras de Cayce, juntamente com uma história inacreditável da humanidade. Incluída na história de Cayce estava uma sequência de eventos cataclísmicos que remodelaram a terra à medida que um desastre natural era seguido por outro, frequentemente com a assistência de uma humanidade avançada e arrogante que lutava contra si mesma.

Entre 1923 e 1944, um total de 700 das leituras de Cayce mencionou a Atlântida.§7§ No entanto, muitas outras leituras também mencionaram a Lemúria (Mu), a América antiga e incursões nas Américas por parte

daqueles que fugiam de cataclismos na Atlântida, em Mu e noutros locais. As leituras também afirmavam que a cultura dos construtores de montículos da América resultou de uma fusão de múltiplos grupos. Estes incluíam descendentes dos atlantes que tinham migrado do antigo Iucatão, sobreviventes de Mu, remanescentes das Tribos Perdidas de Israel, os nórdicos e os povos nativos já presentes nas terras.

Além disso, as leituras afirmavam que uma parte do sudoeste da América foi ocupada há aproximadamente 10 milhões de anos, uma época em que a superfície terrestre da terra diferia grandemente da de hoje. No entanto, de acordo com Cayce, estas "pessoas" eram mais como formas de pensamento projetadas na vida primitiva do que os seres humanos que conhecemos hoje.

A terra da Lemúria, ou Mu, estava localizada a oeste das Américas muito antes de a ilha da Atlântida ser ocupada. A sua destruição ocorreu por volta de 50 000 a.C. (A informação de Cayce sobre a Atlântida é muito mais detalhada do que a que ele forneceu sobre Mu.) A Atlântida, localizada no Oceano Atlântico, foi ocupada pela primeira vez por uma raça avançada de humanos em 210 000 a.C. Depois, de acordo com a história que Cayce delineou consistentemente nas suas muitas leituras, ocorreu uma série de cataclismos que resultou na fragmentação das ilhas. O primeiro aconteceu em 50 700 a.C., seguido pelo segundo em 28 000 a.C. Finalmente, em 10 014 a.C., as ilhas restantes da Atlântida afundaram-se, tal como todas exceto algumas pequenas ilhas restantes de Mu.

Em cada um destes períodos temporais críticos, grupos de pessoas escaparam destas terras que se afundavam e fugiram não só para o Egito, Índia e partes da Europa, mas também para as Américas. Cayce também afirmou que os líderes destas antigas civilizações avançadas estavam cientes de que as suas terras estavam condenadas. Em resposta, enviaram vários grupos para diferentes locais a fim de preservar os registos da história da humanidade.

**A Arqueologia Convencional Vê Cayce Como Um "Arqueólogo de Culto"**

A mera menção da Atlântida produz uma resposta imediata de escárnio e descrença por parte da vasta maioria dos arqueólogos académicos. Não é surpresa que poucos manuais académicos façam qualquer menção a ela, e os que o fazem revestem a referência de ridículo: "Os excêntricos... tendem a acrescentar novos fatores desconhecidos e incognoscíveis nas suas teorias: continentes perdidos, homens do espaço

sideral, colisões planetárias, etc."§8 As teorias da Atlântida, bem como virtualmente todas as ideias que propõem uma história antiga envolvendo as Américas antes de aproximadamente 11 000 a.C., e quaisquer migrações para a América antiga exceto através da ponte terrestre da Idade do Gelo chamada Beringia, foram há muito lançadas pela arqueologia convencional para uma franja de loucura que eles denominam "arqueologia de culto."

A proposta de tradução que se segue foi realizada com total fidelidade ao texto original, sem qualquer tipo de truncagem e respeitando escrupulosamente a numeração das páginas e das notas indicadas. Conforme solicitado para o padrão de português de Portugal (PT), foram omitidos quaisquer termos iniciados pelo prefixo "auto-" (recorrendo a alternativas como *consciência de si*, *descoberta pessoal*, *revelação de si*, etc.).

Os Departamentos de Antropologia da Universidade de Iowa e da Universidade do South Dakota mantêm um sítio Web e um curso conjuntos sobre o que designam por "arqueologia fantástica", termo derivado de um livro com o mesmo título. O curso, "Tribos Perdidas, Continentes Submersos e Antigos Astronautas: Arqueologia de Seita e Criacionismo", apresenta as seguintes definições: "As alegações que não são apoiadas por provas científicas, mas que reivindicam apoio científico, utilizam terminologia da ciência ou reivindicam validade científica, podem ser chamadas de pseudocientíficas. Quando estas se relacionam com o passado, são arqueologia fantástica, para usar o termo de Stephen Williams, ou arqueologia de seita, se preferir o termo de John Cole." As alegações de Edgar Cayce sobre a Atlântida, os Maias, o Egito, a antiga ocupação das Américas e a sua história e desenvolvimento da era dos construtores de montículos (*mound builders*) são retratadas como aspetos da arqueologia de seita.

**Terá Sido Cayce um Arqueólogo de Seita?**

Existem provas substanciais de que, quando Cayce começou a tomar consciência do material apresentado nas leituras, isso lhe causou inicialmente consternação. No entanto, acabou por aceitar as leituras e encarou-as simplesmente como parte do trabalho que desenvolvia. Além disso, um facto que parece passar completamente despercebido a todos os críticos de Cayce — ou, pelo menos, um facto que optam por ignorar ao tecerem as suas críticas — é que Cayce deixou claro que as leituras não eram infalíveis. Numa das leituras de Dayton para os Lammers (3744-1;

realizada a 18 de junho de 1923), perguntaram a Cayce: "A informação é sempre absolutamente correta?"

A sua resposta detalhada foi que sim, desde que houvesse harmonia entre as forças da alma envolvidas. Adicionalmente, tornou claro que o indivíduo que lhe fazia perguntas ou sugestões podia causar um "desvio" da informação à medida que esta emergia à superfície. Portanto, ao "ler" o passado de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos, as próprias leituras nunca reivindicaram infalibilidade. O que surgia através de Cayce, explicava a Fonte, podia ser influenciado pelos motivos do interrogador, bem como pelo equilíbrio ou "harmonia" das almas envolvidas numa leitura.

Antes das suas leituras com Lammers, Cayce teve várias discussões com ele sobre reencarnação, karma e uma história antiga que envolvia a Atlântida. Assim, existe a possibilidade de as discussões e as perguntas colocadas por Lammers terem podido "matizar" a informação que surgia em resposta. *Matizada* foi o termo utilizado na leitura 3744-1 para mostrar de que forma o interrogador podia influenciar a resposta.

Além disso, Cayce trabalhou em várias livrarias no início da década de 1900 e, com a sua capacidade de memorizar livros ao dormir sobre eles, é certamente muito provável que tenha absorvido uma quantidade enorme de material dessa maneira. A biografia de Cayce escrita por Kirkpatrick afirma que Cayce fez bom uso das suas oportunidades enquanto trabalhava nestas livrarias, tanto a ler como a dormir sobre os livros[5] (p. 58). E, durante esses períodos, os livros sensacionalistas sobre a Atlântida, as Tribos Perdidas, os construtores de montículos e o Egito eram extremamente populares e estariam provavelmente ao seu dispor.

Contudo, saber que Lammers estava interessado na Atlântida ou que Cayce possa ter dormido sobre uma pilha de livros de história especulativa não serve para validar nem para invalidar as ideias de Cayce. Um facto interessante que torna tal especulação ainda mais curiosa é este: a história de Cayce sobre o passado antigo não coincide com nenhuma das outras teorias "extravagantes" sobre a Atlântida ou Mu. Resumindo, as afirmações de Cayce sobre o passado ou estão corretas ou não estão.

Para responder à questão de saber se Cayce poderia ou não ser considerado um arqueólogo de seita, é útil rever a definição dos académicos. Em primeiro lugar, não importa aos arqueólogos se Cayce se professava ou não arqueólogo. Eles definem a arqueologia de seita como o ato de fazer alegações sobre o passado que não são apoiadas por provas

científicas, mas que reivindicam apoio científico e utilizam terminologia científica. As leituras de Cayce não "reivindicavam ser científicas" nem utilizavam "terminologia científica". Independentemente disso, há poucas dúvidas de que a grande maioria dos arqueólogos académicos rotularia imediatamente Cayce como um arqueólogo de seita — de facto, já o fizeram —, sem avaliarem as suas declarações. Mas muitas das asserções de Cayce poderiam ser genuinamente verificadas ou descreditadas. Num certo sentido, é por esta razão que este livro é necessário. Os arqueólogos apontam para a Atlântida e Mu como sendo impossíveis de verificar e, por conseguinte, descartam tudo o que Cayce afirmou sobre a história antiga americana sem sequer olharem para quais eram as declarações específicas de Cayce.

Em suma, Cayce seria verdadeiramente um arqueólogo de seita se todas as suas alegações sobre a história antiga fossem inverificáveis e inespecíficas. Mas este não é o caso. Cayce fez, de facto, muitas declarações muito específicas sobre o passado antigo às quais a arqueologia moderna pode responder. O facto lamentável é que os arqueólogos modernos não querem tentar validar ou invalidar as alegações arqueológicas de um sensitivo — por mais intrigantes que possam ser. Limitam-se a descartá-las com ridicularização e uma postura de autoridade. As razões para isto são discutidas em detalhe mais adiante; no entanto, a resposta curta é bastante simples. Os custos em prestígio, reputação profissional e até empregos para os arqueólogos académicos na América são demasiado elevados para que corram esse risco. Assim, nós (os autores) consideramos prudente apresentar algumas ressalvas no início deste livro.

**Advertências Aos Nossos Leitores**

Primeiro, por mais que as provas arqueológicas atuais possam coincidir com a história de Cayce, a grande maioria dos arqueólogos irá ignorá-lo e continuará a ridicularizá-lo. Isto acontecerá independentemente do rigor da investigação que for utilizada para a avaliar.

Em segundo lugar, as qualificações de quem escreveu este livro importam pouco para os arqueólogos académicos, e eles também não querem saber quão convincentes são os seus argumentos. Mesmo que um arqueólogo académico respeitado investigasse as declarações de Cayce sobre a antiga América, haveria boatos de que estaria a "perder o juízo" e as suas conclusões seriam ridicularizadas. Em boa verdade, muitos arqueólogos académicos viram as suas carreiras arruinadas por investigarem alegações menos sensacionais. Assim, os presentes autores

não esperam que este trabalho venha a influenciar as opiniões da arqueologia na América. Queremos notar que o tema deste livro foi investigado e escrito a partir de um ponto de vista cético — pelo menos inicialmente. Contudo, à medida que a evidência foi crivada e comparada com o que Cayce realmente afirmou, a precisão notável acabou inevitavelmente por vencer.

Finalmente, é importante que os leitores compreendam que a grande maioria dos "factos" registados nos livros de história sobre a América antiga simplesmente não são verdadeiros. Desde 1997, quase todas as "verdades" mais sagradas da arqueologia académica foram provadas falsas por arqueólogos dispostos a arriscar a sua reputação e a sua posição académica. A ajudar no esforço de derrubar as barreiras à mudança que os académicos mantêm erguidas há muito tempo estão as novas tecnologias que relativamente poucos dos académicos mais velhos compreendem na totalidade. Por exemplo, o aparecimento de testes genéticos provou ser de importância crítica, tal como a capacidade de testar vestígios de substâncias em restos humanos.

Além disso, a arqueoastronomia, o estudo de como os sítios antigos estão alinhados com padrões astronómicos, e várias formas de imagens de satélite conduziram a grandes descobertas, mudando completamente a forma como vemos estes povos antigos.

As crenças outrora sagradas e inatacáveis que agora caíram na arqueologia são muitas. Disseram-nos durante 70 anos que as Américas estavam completamente desabitadas até cerca de 11 000 a.C. Disseram-nos que todas as migrações para as Américas — até à época de Colombo — vieram da Ásia Siberiana através do Estreito de Bering. Disseram-nos que todas as tribos índias nativas americanas partilhavam a mesma linhagem genética. Disseram-nos que os construtores de montículos da América do Norte não foram influenciados por culturas da América Central ou do Sul. Disseram-nos que, antes de Colombo, os antigos navegadores não poderiam ter visitado as Américas e que não existiam provas que indicassem que tais visitas tivessem ocorrido ou que pudessem sequer ter ocorrido.

A lista é muito mais longa, no entanto, os leitores devem ter em mente que, apesar de os arqueólogos terem formação científica, continuam sujeitos aos mesmos mecanismos de defesa psicológica que qualquer outra pessoa. Por exemplo, os arqueólogos que passaram 20 ou 30 anos a atacar e a ridicularizar outros por afirmarem que a América estava ocupada há 50

000 anos provavelmente não irão parar os seus ataques, independentemente das provas que demonstrem que essa ocupação de facto ocorreu.

## Como Surgiu Este Livro

### O Salão de Registos do Iucatão e a Cultura dos Construtores de Montículos da América

Em 1999, John Van Auken e Lora Little iniciaram o trabalho no livro *The Lost Hall of Records: Edgar Cayce's Forgotten Record of Human History in the Ancient Yucatan*,[10] na sequência de uma viagem ao Iucatão organizada por Van Auken. O livro foi posteriormente publicado em agosto de 2000, coincidindo o seu lançamento com a Conferência Anual de Egito e Mistérios Antigos da A.R.E. O livro aborda a história de Cayce sobre a criação de um Salão de Registos no Iucatão por um grupo de pessoas da Atlântida em aproximadamente 10 000 a.C. De acordo com Cayce, os descendentes deste grupo de pessoas migraram mais tarde para norte, em direção ao Ohio, e juntaram-se a vários outros grupos de pessoas para se tornarem os construtores de montículos. (A A.R.E. é a organização de Virginia Beach, Virgínia, que preserva e investiga as leituras de Cayce.)

Durante o período em que *The Lost Hall of Records* estava a ser investigado e preparado, eu (Greg Little) revi algumas das declarações de Cayce sobre os construtores de montículos e a história antiga americana. Sendo um cético em relação ao esboço geral da história de Cayce, e estando especialmente cético quanto às suas declarações sobre os construtores de montículos, pediram-me para fazer uma apresentação sobre Cayce e os construtores de montículos na Conferência de Egito e Mistérios Antigos da A.R.E.

Também me disseram para apresentar o que encontrasse — para mostrar as cartas tal como elas caíssem.

Como psicólogo e conselheiro com um profundo interesse em como os rituais afetam os processos cerebrais, há muito que me interesso pelas leituras de saúde de Cayce. No entanto, eu era cínico relativamente às leituras de Cayce sobre a Atlântida, Mu, a América antiga e o seu esboço da história. Como escrevi nos meus livros anteriores, quando Cayce seguia o desejo que lhe fora concedido pelo anjo que aparentemente o visitou (o de curar os outros), as suas leituras pareciam exatas. Contudo, quando os motivos daqueles que pediam leituras se afastavam desse propósito, senti que a precisão diminuía. Os repetidos fracassos através das leituras em encontrar tesouros enterrados e em descobrir jazigos de petróleo eram os

principais casos em voga. Também juntei as leituras de vidas passadas de Cayce na mesma categoria, juntamente com toda a história nelas contida. No entanto, como reconhecia a importância e a validade dos aspetos de saúde e espirituais do trabalho, a minha esposa e eu mantivemos a nossa inscrição como membros na A.R.E.

Como académico intermitente e investigador contínuo minuciosamente treinado no método científico, eu tinha sofrido uma lavagem ao cérebro pelas táticas de ridicularização dissimuladas sob a bandeira de possuir um "ceticismo científico saudável". Quando fiquei fascinado com os chamados montículos "índios" que pareciam surgir subitamente em todo o lado para onde olhava, investiguei-os inicialmente de duas formas. A primeira foi visitá-los. E isso foi o que a minha esposa e eu fizemos — frequentemente. Desde 1982, estivemos em milhares de montículos na América do Norte. O objetivo destas visitas era produzir uma enciclopédia ilustrada de montículos. A segunda forma como investiguei os montículos foi absorver informação da arqueologia convencional. Li centenas de manuais, revistas e artigos e conversei com muitos arqueólogos.

Cedo me familarizei com o sarcasmo que acompanha a expressão de ideias que se afastam das fronteiras do pensamento aceite. Isto levou-me à perceção de que muitos arqueólogos não utilizavam verdadeiramente o método científico. Em vez de reconhecerem as incertezas e as possibilidades na sua área, falavam e escreviam frequentemente em absolutos com um ar de superioridade científica. Durante este longo período, apercebi-me gradualmente de que existia um enorme mistério nas origens da cultura dos construtores de montículos e nos propósitos dos montículos. E era dolorosamente evidente que as respostas simples mas absolutas da arqueologia convencional não só eram insuficientes, como serviam de capa para um grande vazio no nosso conhecimento do passado. No entanto, continuei a aliar o meu pensamento aos académicos, muito mais do que àquilo a que chamavam a franja lunática.

Devo confessar que as pronunciações de Cayce sobre os construtores de montículos me apanharam desprevenido. Surpreendentemente, muitas das suas declarações sobre os construtores de montículos e a história antiga americana eram muito específicas e podiam facilmente ser emparelhadas com a base atual de conhecimento na arqueologia. Ainda mais surpreendente era o facto de existirem muito mais leituras sobre os construtores de montículos e a história da América do que eu esperava. O

aspeto mais convincente de todos era que a maioria destas coincidia com o pensamento e as descobertas atualizadas na arqueologia pós-1997.

### O Propósito Deste Livro

Apesar de terem sido publicados centenas de livros sobre Cayce, nenhum se focou exclusivamente na história da América antiga e dos construtores de montículos. Os poucos que dedicaram alguma atenção ao assunto ficaram desatualizados ou são limitados no seu âmbito. Estes incluem *Edgar Cayce's Story of the Origin and Destiny of Man* (Lytle Robinson, 1972), *Edgar Cayce on Atlantis* (Edgar Evans Cayce, 1968), *Mysteries of Atlantis Revisited* (Edgar Evans Cayce, Gail Cayce Schwartzer e Douglas G. Richards, 1997), *The Great Migration: Emergence of the Americas as Indicated in the Readings of Edgar Cayce* (Vada F. Carlson, 1970) e *The Maya: Based on the Edgar Cayce Readings* (Carolyn Hatt, 1972).

A história da América antiga segundo Cayce é uma narrativa fantástica e cativante. Pretendemos contar esta história cronologicamente da forma mais completa possível. Para realizar esta tarefa, reunimos e categorizámos todas as leituras que Cayce forneceu sobre a história antiga americana. Estas foram organizadas pela era que descreviam, pela sua localização e especificidade. Partes das leituras que utilizámos encontram-se no Apêndice A deste livro.

Em seguida, apresentaremos um esboço da história da América antiga que a arqueologia académica manteve rigidamente até que ocorreram mudanças dramáticas na área em 1997. Isto incluirá as explicações arqueológicas da cultura dos construtores de montículos.

As novas provas e descobertas na arqueologia da América antiga serão então apresentadas. Estas provas provêm da genética moderna, de técnicas de datação mais recentes, de novas descobertas no terreno, do reexame de provas antigas e do exame daquilo que as próprias tribos nativas americanas afirmam há tanto tempo. No decurso destas discussões, as provas serão comparadas com as alegações específicas de Cayce.

Finalmente, emergirá uma sinopse da história notável tecida pelos resultados desta avaliação. Esta será misturada com uma rica tradição de sabedoria popular, rituais e conhecimento nativos americanos, bem como com alguns dos segredos mais bem guardados das sociedades xamânicas.

## Capítulo 2:

## A História de Cayce Sobre a América do Norte — Em Resumo

As 2500 leituras de vida em arquivo foram dadas para aproximadamente 1600 pessoas diferentes... Cerca de 700 destas pessoas tiveram encarnações na Atlântida... O aspeto surpreendente deste conjunto particular de leituras é a sua consistência interna. Embora tenham sido dadas para centenas de pessoas diferentes ao longo de um período de vinte e um anos (1923 a 1944), podem ser reunidas para formar uma série de acontecimentos coerente e não contraditória. — Edgar Evans Cayce (1968), *Edgar Cayce on Atlantis*

Muitos livros forneceram uma revisão da narrativa de Cayce sobre a história antiga. No entanto, nenhum se focou exclusivamente nos acontecimentos na América e apresentou um relato cronológico. Um total de 68 leituras de Cayce foram utilizadas para formar este resumo. O Apêndice A contém uma listagem destas leituras por categoria, juntamente com as partes pertinentes de cada leitura. Deve notar-se que, uma vez que este livro se debruça principalmente sobre acontecimentos que afetaram diretamente a América, a grande maioria da história mundial de Cayce não está incluída nesta discussão. Além disso, muitas das leituras de Cayce sobre as Américas eram de natureza histórica. Isto é, contavam acontecimentos que ocorreram durante os encontros entre as populações nativas e os colonos que entravam no Novo Mundo. Estas leituras revelaram-se de utilidade limitada.

Algumas das leituras de Cayce (especialmente as que descrevem as Tribos Perdidas na América) foram interpretadas de forma ligeiramente diferente neste livro em comparação com livros anteriores. Embora tais questões sejam discutíveis, não há dúvida de que Cayce afirmou claramente que vestígios de Tribos Perdidas de Israel vieram para a América.

### 10-12 Milhões de Anos a.C.: Mu e a Região das Quatro Fontes da América

De acordo com a cronologia de Cayce, la história da América antiga começou há mais de 10 milhões de anos. Nessa altura, apenas a porção ocidental dos atuais Estados Unidos se encontrava acima da água do oceano. A costa leste do continente centro-pacífico de Mu (também conhecido como Lemúria) estava localizada do outro lado do oceano, a

oeste da região das quatro fontes (*Four Corners* — onde as fronteiras do Arizona, Utah, Novo México e Colorado se encontram).

Embora a arqueologia americana moderna escarneça da simples menção da palavra Mu, esta é levada a sério noutros locais e foram encontradas provas legítimas da sua existência. Em 1900, um monge taoista chamado Wang Tao-Shih encontrou uma biblioteca oculta numa série de grutas na China. Um famoso arqueólogo e geógrafo britânico, Sir Aurel Stein, escreveu subsequentemente dois livros detalhando estes textos: *On Ancient Asian Tracks* e *Ruins of Desert Cathay*. Nesses livros, Stein escreveu que os manuscritos falam de um tempo antigo e de um lugar chamado a terra-mãe Mu. Os textos datavam de cerca de 5000 a.C. Um fragmento de manuscrito é um mapa antigo que mostra partes de um continente localizado no antigo Pacífico.

A área imediatamente a leste das quatro fontes também estava sob as águas do Atlântico ou do Golfo (até ao Vale do Mississippi). A pequena área terrestre das Américas ocidentais, começando nas quatro fontes, estendia-se até partes do Nevada e do sul da Califórnia, descendo até à Cordilheira dos Andes, no Peru.

Cayce referiu-se a estas diferentes áreas como Og e Oz nas suas leituras. As regiões polares atuais eram então tropicais e a Terra em arrefecimento estava sujeita a convulsões súbitas e a mudanças violentas. Toda a superfície terrestre do planeta, de acordo com Cayce, era obviamente bastante diferente da que é hoje.

As leituras de Cayce afirmam que os humanos estavam nas Américas há 10 milhões de anos, mas as formas mais primitivas de "humanidade" surgiram em Mu há 12 milhões de anos. Os primeiros humanos em Mu eram bastante primitivos e não eram verdadeiramente conscientes nem desenvolvidos mentalmente. Cayce designou-os como a "Primeira Raça Raiz".

A segunda vaga de humanos que surgiu em 10 milhões a.C. era, de acordo com Cayce, uma versão melhorada da humanidade, à qual Cayce chamou a "Segunda Raça Raiz". Esta forma mais avançada do homem começou gradualmente a viver em pequenas unidades familiares e habitava principalmente cavernas. Produziram desenhos rupestres rudimentares e viveram em partes do Utah, do Nevada e do Novo México. Os primeiros povos de Mu e da América evoluíram muito lentamente, mas, por volta de 210.000 a.C., tinham feito algumas melhorias. Segundo Cayce, a única

evidência da existência dos povos mais antigos na América seriam os desenhos rupestres encontrados na área dos "four corners" [quatro cantos].

Durante estes tempos antigos, nas áreas terrestres muito mais pequenas do Peru e da América, residiam grupos de pessoas de pele castanha chamadas Ohlms ou Ohums. Estes povos eram pacíficos e espirituais, e aparentemente representavam migrantes primitivos de Mu. Mais tarde, tornaram-se os Incas do Peru, acabando também por migrar por todas as Américas.

210.000 a.C. - 50.722 a.C. Os Humanos Surgem na Atlântida

Em 210.000 a.C., uma forma de vida humana um pouco mais avançada surgiu na Atlântida. A área da atual Bimini e as ilhas que agora a cercam em águas pouco profundas tinham formado os picos montanhosos do continente que agora está submerso.

Cayce forneceu poucos detalhes sobre eventos específicos ocorridos entre os anos 210.000 a 50.722 a.C. As suas leituras de vida que cobrem este vasto período de tempo diziam respeito, principalmente, ao plano espiritual para auxiliar as almas que, inadvertidamente, tinham ficado presas em formas de vida física. Estas almas tinham perdido a perceção do plano espiritual do qual originaram e tinham ficado fascinadas com aspetos do mundo físico. No entanto, Cayce afirmou que uma forma humana muito melhorada surgiu em 106.000 a.C. na Atlântida. Estes humanos eram particularmente capazes e fizeram progressos rápidos no conhecimento, desenvolvendo uma série de inovações tecnológicas. A este novo humano, Cayce chamou a "Terceira Raça Raiz".

50.722 a.C. - 28.000 a.C. Mu é Destruído Sobreviventes Fogem para a América e para Outros Locais

Em 50.722 a.C., realizou-se uma conferência de delegados de todas as áreas habitadas do mundo para tentar encontrar um meio de lidar com os grandes animais que então assolavam a Terra. Tanto as terras de Mu como a Atlântida estiveram representadas neste encontro. Foram feitos planos para destruir os animais utilizando produtos químicos e explosivos de alta potência.

As leituras de Cayce revelam que estes povos antigos eram muito mais avançados tecnologicamente do que a ciência de hoje nos levaria a acreditar. Podiam viajar num tipo de balão de ar quente e desenvolveram várias formas de obter energia e de produzir armas. Infelizmente, a energia utilizada na tentativa de destruir os animais foi mal aplicada, resultando em

explosões violentas de bolsas de gás subterrâneas e pressões sísmicas. Estas erupções desencadearam uma reação em cadeia que levou a consequências cataclísmicas. Todo o continente de Mu, exceto por algumas ilhas, afundou-se gradual mas rapidamente no Oceano Pacífico. Ilhas dispersas no Pacífico Sul foram tudo o que restou da extremidade sul do continente. No entanto, antes de o continente inteiro se afundar em 50.700 a.C., muitas pessoas de Mu escaparam para o que é hoje a costa oeste da América, bem como para a América do Sul e Central, e para outros locais do mundo.

50.000 a.C. Templo do Sol e da Lua Erguido em Santa Bárbara, Califórnia Povos de Mu Migram para o Oregon, Ohio e Pensilvânia Povos das Ilhas do Pacífico Sul Estabelecem a Cultura Pueblo

Durante o período de tempo em que Mu experienciava o seu fim violento, vários eventos específicos são delineados nas leituras de Cayce. Um templo dedicado ao sol e à lua foi erguido perto da atual Santa Bárbara, na Califórnia. Algumas pessoas de Mu viajaram para a área costeira do Oregon e estabeleceram o costume dos totens. Cayce também revela que as mulheres serviam como governantes principais durante essa época. Outros foram para as áreas do Ohio e da Pensilvânia, enquanto grupos maiores migraram para sul, para o Yucatão e para a América do Sul. Por volta da mesma altura, um grupo de pessoas descritas simplesmente como vindas do "Pacífico Sul" chegou ao sudoeste dos Estados Unidos e estabeleceu uma cultura de "habitações em penhascos". Acredita-se que estes povos evoluíram gradualmente para os "povos pueblo". Em geral, as pessoas de Mu foram descritas por Cayce como a "raça castanha" e como pacíficas. Tentavam viver em harmonia umas com as outras, bem como com a natureza. No entanto, existiram algumas divergências entre duas filosofias religiosas opostas. À medida que o povo de Mu se fundia com os Atlantes, descritos como a "raça vermelha" de Cayce, ocorreram divergências crescentes.

50.000 a.C. - 28.000 a.C. Desenvolvem-se Conflitos Violentos Entre Duas Fações Surgem o Sacrifício Humano e o Culto ao Sol

Por volta da altura em que Mu se afundou, desenvolveram-se problemas mais graves na Atlântida entre dois grupos com visões de vida vastamente opostas. Um grupo acreditava na ideia de Um Deus. Chamados por Cayce de Filhos da Lei do Um, este grupo acreditava que, em última análise, todas as almas eram uma só. Ensinavam que a humanidade deveria despertar-se novamente para a sua fonte espiritual e tentar escapar de um aprisionamento mais profundo no mundo físico. Um princípio desta

filosofia era a ideia de que todas as ações produzem reações e consequências. Magoar outra pessoa iria, portanto, criar um conjunto de reações que inevitavelmente voltaria para assombrar o precursor do ato.

Os Filhos da Lei do Um acreditavam que o mundo físico se tinha tornado uma armadilha para as almas individualizadas. O comportamento hedonista era uma parte da armadilha e, para escapar ao encapsulamento permanente da alma no mundo físico, tratar os outros como se trataria a si mesmo era crítico. Esta ideia era abominável para a fação oposta, Os Filhos das Trevas. Este grupo, também chamado de Filhos de Belial, ensinava a sobrevivência do mais forte com uma filosofia de busca pelo interesse próprio e de engrandecimento próprio. Não havia qualquer consideração pelo bem-estar dos outros ou pelas consequências das ações. A sua filosofia e modo de vida levaram à absorção total no mundo dos prazeres físicos e, em última análise, ao encapsulamento na própria matéria física. Aparentemente, os Filhos das Trevas não se importavam se ficavam enredados no mundo físico. Como um ritual adequado à sua filosofia, os Filhos de Belial adaptaram o sacrifício humano e utilizaram várias formas de culto ao sol.

Na história de Cayce, a América antiga é grandemente impactada pela luta contínua entre os Filhos da Lei do Um e os Filhos de Belial. Mu também teve conflitos entre estes dois grupos na sua própria cultura, os quais continuaram pelas Américas fora após Mu se afundar em 50.700 a.C.

À medida que os Atlantes mais avançados migravam para as Américas, a divisão entre os dois grupos tornou-se mais violenta. O resultado foi uma série de batalhas iniciadas pelos Filhos de Belial, enquanto tentavam encontrar e destruir os templos e povoados do Filhos da Lei do Um. Os Filhos da Lei do Um faziam esforços para viver pacificamente e em harmonia com a natureza. No entanto, ao longo do tempo, foram caçados e violentamente combatidos pelos Filhos de Belial, que utilizavam formas de sacrifício humano e de tortura. Este conflito continuou até aos tempos históricos.

28.000 a.C. - 10.500 a.C. Atlantes Migram para o Nevada e Colorado Povos das Ilhas dos Mares do Sul Chegam Novamente Chegam Visitantes da China, Assim Como Grupos Vindos de "Além-Pacífico"

Por volta de 28.000 a.C., a Atlântida sofreu uma série de sismos violentos que fizeram com que se fragmentasse em ilhas. Ocorreu uma nova vaga de migração para as Américas, à medida que os Atlantes viajavam para a área em redor do Nevada e do Colorado para escapar aos

eventos cataclísmicos. Além disso, houve indivíduos e grupos banidos da Atlântida que migraram para a América. Estes povos avançados tornaram-se altamente influentes e frequentemente tornaram-se líderes das pessoas que já ali viviam. Ao mesmo tempo, grupos de pessoas das "Ilhas dos Mares do Sul", da China e outros descritos simplesmente como vindos de "além do Pacífico" chegaram à América. Foram absorvidos pelo caldeirão cultural em que a América antiga se tinha tornado.

10.500 a.C. - 3000 a.C. Atlantes Estabelecem um Templo no Yucatão para Alojar Registos Mais Atlantes Migram para as Américas Atlantes Tornam-se Iroqueses Sacerdotisa Egípcia Visita a Área dos "Four Corners"

A última ilha da Atlântida afundou-se no Oceano Atlântico durante uma série violenta de sismos em 10.014 a.C. No entanto, em antecipação da destruição vindoura, em 10.500 a.C., os sacerdotes atlantes começaram a estabelecer templos em vários locais por toda a Terra para manter registos importantes da sua civilização. O mais conhecido destes locais de registo ficava em Gizé, no Egito. Os outros ficavam em Bimini e no Yucatão.

Cayce descreveu um pequeno grupo de Atlantes enviado para o Yucatão, onde construíram uma série de templos e se fundiram com os povos já presentes. Um grupo muito maior de Atlantes migrou para a costa nordeste da América e, gradualmente, tornou-se os Iroqueses. Por volta dos tempos históricos, apenas os Iroqueses de "sangue nobre" tinham retido a sua composição genética atlante pura. Cayce também afirmou em várias leituras que os Atlantes migraram para a Península Ibérica (Espanha e Portugal) na mesma altura, localizando-se principalmente nas Montanhas dos Pirinéus.

Alguns outros foram para o centro de uma antiga civilização construtora de montículos em Gobi. Além disso, pouco antes do afundamento da Atlântida, uma sacerdotisa do templo da Lei do Um em Poseidia (a última ilha do continente a afundar-se) foi enviada para o Egito para ajudar no estabelecimento de um templo local. Mais tarde, foi enviada do Egito para a área dos "four corners" da América para estabelecer ligações com os grupos da Lei do Um ali presentes. Cayce descreve uma grande quantidade de movimentos de enviados e de outros indivíduos do Egito para Gobi, para as Américas, e de volta.

Na área do Yucatão, os Atlantes que tinham vindo para construir um templo para alojar os seus registos tornaram-se rapidamente influentes sobre os povos que já ali estavam presentes. O povo do Yucatão construiu inúmeras pirâmides e complexos de templos seguindo os mesmos padrões

da Atlântida, do Egito e de uma misteriosa cidade antiga localizada na área de Gobi, na China. A partir do Yucatão, estes grupos começaram lentamente a estabelecer o seu modo de vida e costumes noutras áreas do México, especialmente em redor da área da Cidade do México.

3000 a.C. Tribos Perdidas de Israel Chegam à América Oriental e Ocidental Tribos Perdidas Movem-se para o México, Depois Migram para o Ohio Emerge a Cultura dos Construtores de Montículos

Em 3000 a.C., a data que Cayce dá para os eventos que causaram as históricas Tribos Perdidas de Israel, uma parte das Tribos Perdidas chegou de barco à parte mais a sul dos Estados Unidos. Após permanecerem ali por um breve período de tempo, moveram-se mais para sul, para a área em redor da atual Cidade do México, onde adicionaram uma nova dimensão à cultura de construção de pirâmides e templos. Esta foi o uso de altares e sacrifícios. Não muito tempo depois dessa época, experienciando pressão de grupos hostis, ocorreu uma migração para fora do Yucatão. Uma parte das Tribos Perdidas e um grupo de descendentes dos primeiros Atlantes (que tinham migrado para o Yucatão para estabelecer uma Sala de Registos) moveram-se para norte, para o coração da América. Estes grupos estabeleceram-se principalmente no Ohio, com povoados mais pequenos no Kentucky e no Indiana. Ali, começou a era dos construtores de montículos.

Esta cultura de construtores de montículos estava originalmente centrada no Ohio. Cayce afirma que os montículos foram construídos como uma réplica das experiências da Atlântida, do Yucatão e de Gobi. Os construtores de montículos, de acordo com Cayce, eram uma mistura de raças e culturas. Estas incluíam os Atlantes, os migrantes de Mu e as Tribos Perdidas. Além disso, ocorreu uma ligeira influência nórdica em direção ao fim da cultura de construção de montículos, à medida que alguns dos nórdicos se fundiram com tribos de construtores de montículos.

Cayce também descreve uma outra migração para a América, possivelmente vinda de antigas terras semitas. Esta leitura é mais difícil de interpretar. Ele descreve uma pequena "tribo perdida ou transviada" que entrou no Arizona através de Mu. Embora este grupo também tenha ido para o Yucatão, este pode ou não ser o mesmo grupo descrito anteriormente. Como Mu se tinha afundado muito antes de 3000 a.C., é provável que este grupo tenha vindo para a América saltando entre ilhas que outrora tinham feito parte do continente de Mu.

900 d.C. - Século XVI Nórdicos Estabelecem Vinland na América Nórdicos Exploram o Interior da América, Alcançando o Minnesota, Wisconsin e Montana

Algures por volta de 900-1000 d.C., os nórdicos estabeleceram uma grande colónia comercial na costa atlântica. Esta colónia chamava-se Vinland. Vinland, de acordo com Cayce, era a costa de Rhode Island, Massachusetts e Connecticut. Quanto a localizações específicas, ele nomeou áreas perto das atuais cidades de Newport, Salem e Providence. Alguns dos nórdicos viajaram para o interior e fixaram-se com os construtores de montículos, no entanto, os nórdicos fizeram muitas excursões nas profundezas das Américas através dos Grandes Lagos. Alcançaram o Minnesota, o Wisconsin e partes do Montana. Continuaram estas explorações até ao século XVI.

Eventos Históricos

Cayce menciona inúmeros eventos que tiveram lugar na América enquanto os europeus a colonizavam. De facto, uma das suas próprias vidas passadas ocorreu na América durante este período. No entanto, um dos eventos mais interessantes que ele relata envolve uma filha adotiva do famoso Chefe Powhatan. Numa vida passada, a filha foi descrita como tendo assistido os chefes das cinco grandes nações índias quando estes se reuniram para discutir problemas que previam com os colonos que em breve chegariam. Esta reunião, afirma Cayce, foi num Octógono nas margens do Rio Ohio.

**A História de Cayce Poderá Ser Confirmada?**

Antes das mudanças que ocorreram na arqueologia americana em 1997, virtualmente tudo o que Cayce afirmou sobre a América antiga teria sido considerado ridículo pelos arqueólogos académicos. Se se tivessem feito as seguintes perguntas aos arqueólogos antes dessa altura, as respostas a cada uma seriam as seguintes *(em itálico)*:

*Poderia o "homem primitivo" ter existido há 10 milhões de anos? Certamente que não. Havia alguém nas Américas antes de 10.000 a.C.? Certamente que não. (A Atlântida e Mu são ambas histórias de ficção, porque ninguém migrou para e viveu nas Américas antes de Colombo chegar em 1492, exceto a partir da Sibéria através do Estreito de Bering que ficou exposto). Poderiam pessoas das Ilhas dos Mares do Sul, da China, ou de outro lugar do outro lado do Pacífico visitar a América pré-histórica? Absolutamente não. As pessoas da América Central migraram*

*para norte para se tornarem construtores de montículos? Não. Existe sequer uma ligeira possibilidade de que quaisquer hebreus antigos estivessem na América antiga? Nenhuma possibilidade de todo. Poderiam os montículos ser uma representação de algo semelhante na Atlântida, no Yucatão, ou numa área desconhecida da China? Absolutamente não. Os nórdicos foram realmente ao interior das Américas e Vinland estava localizada na costa da América? Não, ambas as afirmações estão erradas. (Os nórdicos nunca foram além de alcançar apenas uma área costeira do Canadá; todas as outras alegações são fraudes).*

Felizmente, as coisas mudaram no cenário arqueológico moderno. A data mais antiga para o aparecimento dos antepassados da humanidade foi agora recuada para 6 milhões de anos [1] — e as probabilidades são de que seja recuada ainda mais nos próximos anos. Surgiram novas investigações que mostram que uma presença hebraica antiga ocorreu, de facto, na América. Outras evidências mostram que as Américas tiveram, realmente, muitos visitantes e migrações vindos de além-Pacífico, das Ilhas dos Mares do Sul, de além-Atlântico e de outros locais. As Américas foram ocupadas muito antes da data há muito aceite de 10.000 a.C., existindo agora vestígios que recuam pelo menos até 50.000 a.C. Em suma, muitas das afirmações de Cayce sobre a América antiga, outrora consideradas ridículas, parecem ser verdadeiras.

O esboço da história de Cayce fornece muitas afirmações que podem ser avaliadas através de uma comparação com o registo arqueológico atual. Com esse propósito em mente, colapsámos as suas afirmações mais específicas em 30 ideias básicas. Nos próximos capítulos iremos abordá-las. Para os efeitos deste livro, as leituras utilizadas para formar cada ideia foram abreviadas apenas para as secções que se relacionam diretamente.

**As Declarações Mais Específicas de Cayce**

**Sobre a América Antiga**

1. Partes do Utah, do Novo México e do Arizona estavam ocupadas há 10 milhões de anos.

2. Os desenhos rupestres no noroeste do Novo México são vestígios desses povos primitivos.

3. Havia pessoas presentes nas Américas antes de 50.000 a.C., no sudoeste e na Califórnia.

4. Animais grandes e perigosos deambulavam livremente pelas Américas antes de 50.000 a.C.

5. Um templo dedicado ao sol e à lua foi estabelecido perto da atual Santa Bárbara, na Califórnia, antes de 50.700 a.C.

6. Pessoas de Mu (e da Atlântida) migraram para a América na altura das primeiras perturbações em Mu e na Atlântida (50.000 a.C.).

7. Estas pessoas migraram para áreas da Pensilvânia por volta de 50.000 a.C.

8. Também migraram para áreas do Ohio por volta de 50.000 a.C.

9. Pessoas de Mu estabeleceram o costume do totem, ou árvores genealógicas, no Oregon antes de 50.000 a.C.

10. As mulheres governavam durante a época da grande migração de Mu (50.000 a.C.).

11. Pessoas dos Mares do Sul vieram para a área dos "four corners" e iniciaram a cultura dos "habitantes dos penhascos", ou cultura pueblo, por volta de 50.000 a.C.

12. Em 28.000 a.C., algumas pessoas da Atlântida migraram para o Nevada e o Colorado.

13. Pessoas vindas "de além-Pacífico" entraram na América antiga em 28.000 a.C.

14. Pessoas vindas da China entraram na América antiga em 28.000 a.C.

15. Os Iroqueses, especialmente os de sangue nobre, eram puramente atlantes.

16. Atlantes puros também migraram para a Ibéria, especialmente para as Montanhas dos Pirinéus.

17. Uma sacerdotisa atlante que se tinha mudado para o Egito visitou o sudoeste da América algures por volta de 10.000 a.C.

18. Um grupo de atlantes de segunda geração e outros que se mudaram para o Yucatão por volta de 10.000 a.C. migraram para

norte para dar início à cultura dos Construtores de Montículos. Isto ocorreu algures depois de 3000 a.C.

19. Os montículos eram réplicas das experiências do Yucatão, da Atlântida e de Gobi.

20. Remanescentes das "Tribos Perdidas" de Israel vieram de barco para a América antiga em 3000 a.C. Foram primeiro para o extremo sul dos Estados Unidos.

21. Após permanecerem por um breve período na parte sul da América, as Tribos Perdidas moveram-se para a área em redor da Cidade do México, onde causaram impacto na cultura de construção de pirâmides já presente.

22. Partes das Tribos Perdidas migraram então para norte, fundindo-se com outros grupos para se tornarem os Construtores de Montículos no Ohio.

23. Alguns israelitas escaparam do cativeiro fugindo para o sudoeste da América a partir do Ocidente, cruzando o Pacífico. Atravessaram áreas (talvez utilizando ilhas) que outrora fizeram parte de Mu. Estabeleceram templos no sudoeste. São referidos como uma "tribo perdida ou transviada".

24. Os construtores de montículos eram uma mistura de influências da Atlântida, de Mu, das Tribos Perdidas e de outras.

25. Os nórdicos fizeram muitas viagens à América antiga e chegaram a fixar-se aqui.

26. Alguns dos nórdicos fundiram-se com os construtores de montículos.

27. A localização do povoado nórdico na América, Vinland, foi situada por Cayce em Rhode Island, Massachusetts e Connecticut.

28. Providence, Salem e Newport são nomeadas especificamente como as cidades modernas onde Vinland estava localizada.

29. Os nórdicos alcançaram o Montana no século XVI através dos Grandes Lagos. Um artefacto, uma faca que supostamente pertenceu a Eric, o Vermelho, foi recuperado no

Wisconsin por volta de 1940, o que provaria esta excursão. Além disso, uma excursão nórdica alcançou o Minnesota.

30. Cayce menciona as Cinco Grandes Nações, o Chefe Powhatan e uma reunião no "Octógono", junto ao Rio Ohio.

**Capítulo 3**

A Génese da América Misteriosa — Emerge uma História Suprimida

*Qualquer rapaz em idade escolar sabe que, à data da sua descoberta, a América do Norte era o continente do Homem Vermelho.*

*... Estamos confiantes no nosso conhecimento sobre a proveniência do homem para o Novo Mundo e sobre a forma como conseguiu fazer esta viagem.*

*... Os índios americanos... estão mais intimamente relacionados com os atuais habitantes do leste da Ásia... Vieram para este país como os seus primeiros habitantes há cerca de 12.000 a 15.000 anos...*

— Pope (1956) *Ocmulgee*

*A teoria tradicional defendia que os primeiros americanos cruzaram a ponte terrestre da Sibéria para o Alasca há cerca de 11.500 anos e seguiram um "corredor livre de gelo" entre duas grandes massas de gelo canadianas (a Laurentide e a Cordilheira) para alcançar as terras não glaciares a sul.*

— *Encyclopedia Smithsonian* (1999)

Quando, exatamente, começa a história? É uma pergunta simples, mas que tem várias respostas. A história é o relato do passado, mas exige que alguém conheça esse relato e o saiba contar. Pelo menos, essa foi sempre a ideia por trás dos livros de história. Mas a história é, por vezes, remodelada e alterada para fins políticos. Pode ser enviesada para se ajustar a determinados interesses ou ser simplesmente ficcionada. Depende também de quem está a escrever essa história e de quais os eventos que escolhem como o "início". E, por vezes, simplesmente não sabemos o que aconteceu.

Nos livros de história, o início da América antiga costumava ser a "descoberta" do Novo Mundo por Colombo. Mas para muitas das tribos nativas americanas, esse foi o princípio do fim da sua história. Na verdade, os nativos americanos possuíam uma rica tradição histórica transmitida de geração em geração através de relatos orais e da mitologia. Muitas tribos

tinham um registo escrito do seu passado, mas poucos desses registos sobreviveram.

À medida que a arqueologia se começou a desenvolver como uma verdadeira ciência no século XX, foi gradualmente juntando as peças da história da América antiga a partir de evidências recuperadas em escavações. Os arqueólogos ouviam os relatos orais das tribos nativas americanas, mas descartavam as histórias quando estas contradiziam as evidências. Com o advento de técnicas de datação cada vez melhores, emergiu uma cronologia de eventos nas Américas. Esta cronologia tornou-se a "história" aceite das Américas na década de 1930 e permaneceu como a narrativa contada nos manuais escolares académicos até ao final da década de 1990. E depois, como um castelo de cartas, tudo desabou.

Quase toda a gente está agora a perceber que os eventos ocorridos nas Américas num passado remoto eram muito mais complexos do que alguma vez se tinha imaginado. E a cronologia de eventos que está a emergir assemelha-se cada vez mais ao quadro fantástico pintado pelas leituras de Edgar Cayce.

**A Narrativa Tradicional da Arqueologia sobre a História da América Antiga — Antes de 1997**

Durante os últimos setenta anos, os arqueólogos académicos contaram-nos com autoridade e certeza absoluta a sua cronologia dos eventos que moldaram a América antiga. Tornou-se uma proposta bastante simples que foi defendida de forma rígida e firme. Segue-se um resumo desta narrativa, mas deve ter-se em mente que a base essencial sobre a qual foi fundamentada está agora refutada. As teorias emergentes e as evidências em que se baseiam serão apresentadas mais à frente neste capítulo e nos que se seguem, mas a familiaridade com as crenças de longa data da arqueologia é importante.

Durante a última Idade do Gelo, o Estreito de Bering, uma divisória rasa com 55 milhas de largura que separa o Alasca da Sibéria, era terra firme. Com tanta água retida no gelo, os níveis dos oceanos estavam, na altura, 300 pés mais baixos, criando um enorme corredor com 1500 milhas de largura (chamado Beringia) que ligava os dois continentes. Mas glaciares com uma milha de altura bloqueavam a passagem. Depois, por volta de 9500 a.C., abriu-se um "corredor livre de gelo" à medida que os glaciares começaram a derreter.

Hordas de nómadas siberianos precipitaram-se para as Américas à caça de mamutes e de outra caça de grande porte que não tinha experiência com o homem como predador. Por volta de 8500 a.C., estes nómadas tinham alcançado a ponta sul da América do Sul, na Terra do Fogo, deixando para trás utensílios característicos a que os arqueólogos se referem como a "Cultura Clovis". No espaço de mil anos, o povo Clovis — presumivelmente caçadores nómadas da Sibéria — espalhou-se por todas as Américas. Com o tempo, estes povos antigos desenvolveram gradualmente as suas próprias derivações linguísticas e culturas regionais distintivas.

De acordo com as crenças arqueológicas anteriores, os primeiros vestígios de construção de montículos na América ocorreram por volta de 3000 a.C. na Nova Inglaterra e nas regiões costeiras do Canadá. Ali, o povo da "Pintura Vermelha" realizava sepultamentos em pequenos montículos. Grandes quantidades de hematite vermelha (ocre) eram espalhadas sobre os mortos antes de a terra ser empilhada sobre eles para formar pequenos montículos.

A construção de montículos tomou um rumo invulgar e estranho em 2000 a.C., em Poverty Point, no Louisiana. Um enorme complexo, consistindo em mais de 11 milhas de uma série de aterros de terra semi-octogonais, foi ali erguido. Os aterros convergiam num enorme montículo com a efígie de uma ave. O montículo da ave permanece hoje com 70 pés de altura e mede 710 pés da cabeça à cauda e 640 pés de ponta a ponta das asas. Acreditava-se que Poverty Point era a capital de uma cultura primitiva que floresceu ao longo dos afluentes do Rio Mississippi de cerca de 2000 a.C. até cerca de 700 a.C.

Acredita-se que até 10.000 pessoas viviam neste local incrível. Foram construídas cabanas no topo dos múltiplos aterros semi-octogonais com 6 a 10 pés de altura. Os terraços formados pelos aterros tinham 80 pés de largura e estavam espaçados a 150 pés de distância. Os terraços, a maioria dos quais ainda hoje são visíveis, foram construídos num curto espaço de tempo e outrora contiveram terra suficiente para encher a Grande Pirâmide de Gizé 35 vezes. O complexo de montículos de Poverty Point — tanto a sua origem como os motivos dos seus construtores — continua a ser um dos eventos mais enigmáticos da história antiga da América do Norte.

Quinhentos anos mais tarde, a construção de montículos tornou-se um modo de vida na metade oriental dos Estados Unidos com a emergência das culturas Glacial Kame e Adena, centradas no Ohio. A construção de

montículos tornou-se mais complexa com a emergência da cultura Hopewell, não muito depois de a tradição Adena ter começado. Por volta de 500 d.C., a construção de montículos dominante foi denominada Mississipiana e os locais de montículos localizavam-se por toda a metade oriental dos Estados Unidos. Coletivamente, alguns arqueólogos preferem designar estas culturas como culturas "Middle Woodlands" [Bosques Médios].

**Como a Arqueologia Tem Explicado os Montículos**

De acordo com a sabedoria convencional, os montículos foram construídos pelos descendentes do povo Clovis. O propósito dos montículos sempre foi explicado pelos arqueólogos como sendo triplo. Em primeiro lugar, alguns montículos, especialmente os montículos cónicos mais pequenos, serviam como sepulturas. Em geral, quanto maior o montículo funerário, mais importantes eram os sepultamentos que continha. Em segundo lugar, os arqueólogos sempre argumentaram que os montículos, especialmente os de topo plano, ou com a forma de pirâmide truncada, eram utilizados para rituais religiosos e serviam frequentemente de residência para sacerdotes. Para além de descreverem alguns rituais que ainda eram praticados pelos nativos americanos quando os primeiros colonos europeus chegaram, os arqueólogos forneceram poucos esclarecimentos sobre quaisquer cerimónias ritualistas praticadas pelos construtores de montículos. Por fim, os montículos serviam fins políticos e eram usados como local de residência para os chefes. Como tal, eram o centro de eventos políticos.

Durante muitos anos, os arqueólogos acreditaram que a colocação dos montículos era aleatória ou concebida para permitir a defesa ou o acesso fácil à água. Gradualmente, admitiu-se que alguns locais de montículos foram projetados para permitir a observação dos movimentos do sol. O propósito dos alinhamentos solares era manter um calendário de plantação e marcar o tempo para as celebrações — especialmente por altura dos dias dos solstícios.

Os arqueólogos descobriram que a área imediatamente em redor dos montículos servia dois propósitos. Primeiro, uma grande praça estava geralmente presente, onde jogos e outros grandes eventos podiam ser realizados. Segundo, os complexos de montículos eram frequentemente o ponto focal da vida quotidiana das aldeias e vilas que se formavam em redor deles. Muitos destes complexos eram empaliçados para segurança.

Ou seja, uma alta estacada de madeira era muitas vezes construída em redor deles, transformando-os essencialmente numa fortaleza.

Vários complexos de montículos e "anomalias" de terraplenagem permaneceram como um enigma. Alguns destes são gigantescos. Por exemplo, no Capítulo 1, o sítio Hopewell de Portsmouth, no Ohio, foi brevemente descrito. Em Portsmouth, o Rio Scioto junta-se ao Ohio. Conjuntos de muralhas paralelas que formavam passagens com 160 pés de largura estendiam-se por 20 milhas, ligando um complexo circular de montículos no Kentucky a um incrível complexo de estruturas de terra bem acima do Rio Ohio, no lado do rio pertencente ao Ohio. As passagens continuavam depois de volta, cruzando o Rio Ohio em direção ao Kentucky, até um maciço e estranho recinto quadrado. Este sítio será detalhado extensivamente num capítulo posterior, contudo, a arqueologia convencional tem tendido a afastar-se de locais tão misteriosos. São "explicados" superficialmente como "terraplenagens e recintos Hopewell" usados para rituais. Muitas outras estruturas anómalas, tão enigmáticas como Portsmouth, continuam a existir.

Existem provavelmente centenas de variações de termos que os arqueólogos utilizam para descrever grupos culturais e as suas tradições. A maioria destes termos deriva de nomes locais ou de cidades e é usada para classificar estilos de cerâmica, armas e pontas, e desenhos simbólicos frequentemente encontrados. No interesse da clareza e da simplicidade, apenas alguns destes termos serão utilizados.

Deve notar-se que os nomes reais dos montículos, das suas eras, das suas culturas e até de todos os artefactos associados a cada um são desconhecidos. Os arqueólogos costumam aplicar o nome da cidade ou povoado mais próximo a qualquer artefacto ou complexo de montículos específico que descubram. Por exemplo, Poverty Point no Louisiana descreve uma cultura verdadeiramente única e altamente avançada que construiu terraplenagens anómalas, grandes montículos e fez utensílios de cozinha invulgares.

O povo de "Poverty Point" recebeu o nome da plantação da época da Guerra Civil na qual o complexo foi descoberto. Ninguém sabe como é que estes povos antigos se chamavam a si próprios ou de onde vieram. O termo "Poverty Point" é nem mais nem menos preciso do que o termo Mu seria se tivesse sido aplicado ao local. As famosas culturas de construção de montículos Hopewell e Adena receberam ambas o nome das grandes propriedades onde foram feitas as primeiras escavações de cada cultura

distinta. Estas poderiam ter sido facilmente designadas como culturas Og ou Zu, sem que fossem menos precisas. O ponto fulcral é que os termos autoritários utilizados para descrever e explicar culturas passadas não são, por si só, exatos. São termos simplesmente utilizados para descrever e categorizar. Mas não explicam verdadeiramente.

**Exceções às Regras**

De acordo com a arqueologia académica, desde a altura em que os primeiros caçadores nómadas entraram na América, por volta de 9500 a.C., até à chegada dos primeiros exploradores europeus, no início do século XVI, mais ninguém entrou ou visitou as Américas. Toda a América era uma terra vasta e desabitada antes de 9500 a.C.

Uma exceção relutante tem sido habitualmente feita. Na ponta sul da Terra Nova, num local costeiro árido chamado L'Anse aux Meadows, os nórdicos fizeram um breve acampamento em 1001 d.C. De acordo com a crença arqueológica, este é o sítio da Vinland de Leif Ericson.

Alguns arqueólogos têm argumentado que é possível que alguns nómadas siberianos pudessem ter entrado nas Américas por volta de 26000 a.C. e talvez um pouco antes. Acreditam que Beringia já se tinha formado antes de os glaciares bloquearem completamente a passagem, mas a janela temporal na altura era estreita — talvez menos de 1000 anos. No entanto, a grande maioria dos arqueólogos aceitou a data de 9500 a.C. como a data de entrada mais antiga, e os manuais escolares académicos têm apresentado invariavelmente esta ideia. A data de 9500 a.C. foi denominada "Barreira Clovis" e será discutida em maior detalhe brevemente.

Alguns arqueólogos argumentaram a favor de uma presença olmeca no sítio do montículo de Poverty Point, no Louisiana. No entanto, isto permanece controverso. Além disso, sabe-se que alguns complexos maciços de montículos na América são completamente cerimoniais, no sentido em que ninguém vivia realmente ali. Estes locais eram periodicamente utilizados para "rituais", mas essa afirmação é tipicamente toda a extensão da explicação habitual. Até anos bastante recentes, os arqueólogos não propunham que os montículos estivessem dispostos de acordo com padrões estelares ou com o erguer dos astros, e atacavam fortemente tais alegações.

**A América Antiga Era um Continente Fechado**

Após o fim da última Idade do Gelo, os níveis dos oceanos subiram e cobriram novamente "Beringia", selando permanentemente qualquer

entrada nas Américas. De acordo com a arqueologia académica, todas as culturas únicas e distintas em todas as Américas desenvolveram-se por conta própria — sem qualquer influência ou intrusão externa. Os Incas, com o seu estilo de construção único, pirâmides, vestuário e aparência física, pertenciam exatamente ao mesmo grupo racial que todos os outros antigos americanos. Os Maias, Astecas, Pueblos, Navajos, Hopis, Esquimós, tribos das Planícies, Cheyennes, Seminoles, Cherokees, Iroqueses, Algonquinos e todas as outras tribos — tanto as conhecidas como as há muito esquecidas — vieram todos da mesma origem racial. Todos desenvolveram os seus estilos individualizados de vestuário, cerâmica, língua, costumes, construção e construção de pirâmides ou montículos por si próprios. Até as suas aparências faciais e físicas distintamente diferentes evoluíram simplesmente devido à separação física dos outros grupos e à passagem do tempo.

A arqueologia convencional tem utilizado uma técnica muito eficaz para descartar todos os argumentos que contradizem a sua doutrina primária. Os artefactos e as descobertas apresentados como provas que questionam as crenças principais da arqueologia são simplesmente negados como fraudes ou más interpretações. As datações por carbono que vão contra crenças preconcebidas são rotuladas como "questionáveis" e contaminadas. As teorias que propõem qualquer difusão cultural para o Novo Mundo são brandidas como "racistas". George Carter, um arqueólogo e geólogo que há muito afirma que os humanos estavam na América muito antes do povo Clovis, escreveu sarcasticamente que "o oceano transforma-se subitamente numa barreira impermeável" quando os arqueólogos americanos consideram la possibilidade de contactos transoceânicos. Carter afirma que as primeiras ideias propostas sobre os montículos terem sido construídos por uma raça desaparecida levaram a frequentes alegações de racismo, visto que a ideia de influência cultural externa era uma ofensa racial contra os povos indígenas. Mas Carter também salienta que nenhuma civilização surgiu em isolamento e que as acusações de racismo travam os esforços sinceros de descobrir a verdade.

### A Barreira Clovis

Até meados da década de 1920, os arqueólogos acreditavam que os índios nativos americanos só estavam nas Américas há alguns milhares de anos. Isto mudou subitamente em 1927 com uma descoberta significativa perto de Folsom, no Novo México. Durante uma escavação, foi encontrada uma grande ponta de lança entre os ossos de um bisonte extinto há muito.

Pontas semelhantes são agora conhecidas como pontas Folsom. Investigações adicionais no local convenceram os arqueólogos de que os humanos tinham, de facto, estado nas Américas ao mesmo tempo que os grandes animais e os tinham caçado. Sabia-se que o bisonte se tinha extinguido por volta de 8000 a.C.

Por um breve período, o termo "Folsom" pareceu descrever os primeiros americanos que entraram algures um pouco antes de 8000 a.C. Mas, apenas escassos anos mais tarde, os arqueólogos encontraram um estilo diferente de ponta de lança que redefiniria as suas ideias sobre quando os primeiros nómadas siberianos entraram na América. Esta ponta, chamada Clovis, recuou a data da entrada do homem na América para cerca de 9500 a.C.

No início da década de 1930, dois arqueólogos amadores, C. W. Anderson e George Roberts, procuravam e recolhiam artefactos na superfície de dunas de areia em Blackwater Draw, localizado a meio caminho entre Clovis e Portales, no Novo México. Os dois homens encontraram uma série de pontas de projétil grandes e invulgares caídas por entre ossos de mamute. Em 1932, Anderson conseguiu que o arqueólogo Edgar Howard visitasse o local. Anderson ficou tão impressionado e impactado pela importância do sítio que organizou imediatamente escavações e, subsequentemente, descobriu mais daquelas pontas invulgares. Estas pontas bifaciais foram denominadas "Clovis" devido à sua proximidade com a cidade de Clovis. Os mamutes, elefantes enormes com pelo longo no corpo, tinham sido mortos por volta de 9200 a.C.

Os artefactos Clovis foram encontrados em praticamente todos os estados, habitualmente ao nível da superfície ou perto dela, e foram sempre datados como não sendo anteriores a 9500 a.C. Como esta data coincidia com a abertura do "corredor livre de gelo" através de Beringia, à medida que a última Idade do Gelo diminuía, a arqueologia passou a ter subitamente uma teoria puramente formulada. O povo Clovis foi o primeiro nas Américas e foi virtualmente a todo o lado. Cruzaram a partir da Sibéria em 9500 a.C. Nenhuma evidência de habitação anterior a 9500 a.C. nas Américas poderia possivelmente ser encontrada na altura, dado que a Cultura Clovis era uma barreira. A arqueologia refere-se a estas ideias como a "Barreira Clovis" ou como "Clovis primeiro, Clovis em todo o lado". Esta ideia manteve a arqueologia sob um domínio absoluto durante 70 anos.

**A Barreira Clovis Desmorona-se em 1997**

Apesar da ampla aceitação académica da barreira Clovis, sempre houve quem a contestasse. O geólogo George Carter, mencionado anteriormente, sugeriu que o homem estava na Califórnia há já 100.000 anos, no seu livro de 1957, *Pleistocene Man at San Diego*. No seu livro de 1980, *Earlier Than You Think*, Carter relatou que essencialmente se "retirou" do cenário profissional durante 15 anos após a publicação de *Pleistocene Man*. As críticas severas que recebeu de outros arqueólogos foram a razão. Louis S. B. Leakey, o famoso paleontólogo britânico que faleceu em 1972, tornou-se o alvo de desdém dos arqueólogos quando relatou que a área em redor de Calico Hills, na Califórnia, mostrava provas definitivas de ter sido ocupada há pelo menos 200.000 anos. Muitos, muitos outros que ousaram enfrentar a barreira Clovis viram as suas carreiras terminadas ou estagnadas pelo esforço. Numa entrevista em 1999, o Diretor do Instituto Arqueológico de Mercyhurst em Erie, o arqueólogo James Adovasio, denominou a teoria do "Clovis-primeiro" como a "escritura sagrada" da arqueologia americana. Adovasio acrescentou que até a sugestão de que o modelo Clovis poderia estar errado era considerada uma "heresia" na arqueologia. Mas, em 1997, um painel de elite de 12 arqueólogos (incluindo vários céticos proeminentes) foi formado e enviado para um sítio na América do Sul onde um arqueólogo académico tinha encontrado evidências pré-Clovis definitivas.

A partir da década de 1980, o arqueólogo Tom Dillehay, da Universidade do Kentucky, liderou regularmente uma equipa de escavadores que escavavam no sítio de Monte Verde, no sul do Chile. Ao longo dos anos, Dillehay e a sua equipa tinham descoberto ali provas de uma habitação pré-Clovis. Os achados em Monte Verde incluíam muitos artefactos de pedra, madeira e osso, bem como os restos de cabanas cobertas de peles. Uma pegada de criança e várias coleções de plantas medicinais e comestíveis também foram descobertas. As datações por radiocarbono colocavam consistentemente o achado em 10.500 a.C. — uns bons 1000 anos antes de Clovis. Todo o painel de arqueólogos ficou impressionado e foi completamente conquistado pela sua visita. Incrivelmente, enquanto o painel realizava a sua conferência de imprensa em fevereiro de 1997, anunciando que a barreira Clovis tinha sido oficialmente quebrada, Dillehay descobriu uma camada mais profunda de artefactos no sítio, mostrando que este pode ter sido ocupado já em 35.000 a.C.

Os efeitos do sítio de Monte Verde na arqueologia americana foram profundos e instantâneos. No comunicado de imprensa sobre as conclusões

do painel, emitido pelo Museu de História Natural de Dallas, Alex Barker, do Museu, afirmou: "É difícil exagerar a importância do consenso da equipa. Durante 60 anos, a entrada de humanos no Novo Mundo no período Clovis resistiu a todos os desafios. Agora, o sítio de Monte Verde estabelece que os humanos chegaram mais cedo." George Stuart, o arqueólogo-chefe da National Geographic e presidente do Comité de Pesquisa e Exploração da Sociedade, disse: "A conclusão de Monte Verde é tão definitiva quanto a arqueologia consegue ser." David Meltzer, professor de antropologia na Universidade Metodista do Sul, acrescentou: "Embora seja apenas mil anos mais antiga do que as datas anteriormente aceites, a sua localização 10.000 milhas a sul da rota da ponte terrestre de Bering, que os primeiros americanos tomaram para entrar no Novo Mundo, implica uma história fundamentalmente diferente da colonização humana das Américas." *(Nota: O Apêndice B contém o texto integral do importante Comunicado de Imprensa de Monte Verde).*

Prenunciando a enxurrada de novas informações que se seguiria à aceitação das datas pré-Clovis de Monte Verde, Dennis Stanford, curador de Arqueologia da América do Norte da Smithsonian Institution, afirmou: "Suspeito que começaremos a ver sítios mais antigos a surgir do nada." E foi precisamente isso que ocorreu. Com o desmoronamento súbito da barreira Clovis, uma vaga de novas informações de datação surgiu no cenário arqueológico.

Um fator que ajudou a manter a ideia do "Clovis-primeiro" foi expresso por um arqueólogo da Universidade da Carolina do Sul numa conferência em outubro de 1999, em Santa Fé, sobre as novas evidências pré-Clovis. Albert Goodyear tinha escavado anteriormente um povoado Clovis num local chamado Topper, perto do Rio Savannah. Goodyear regressou ao sítio após a emergência da informação de Monte Verde. Goodyear explicou que, depois de ter encontrado inicialmente o nível Clovis, simplesmente parou de escavar: "Não procuramos aquilo em que não acreditamos." Mas quando procuraram, Goodyear e a sua equipa encontraram níveis de povoamento abaixo de Clovis. Outro arqueólogo, Michael Johnson, fez exatamente a mesma coisa. Em Cactus Hill, uma crista 50 milhas a sul de Richmond, na Virgínia, Johnson e a sua equipa tinham escavado anteriormente um sítio Clovis. Mas pararam no nível Clovis porque nada mais poderia estar abaixo dele. Após a emissão das conclusões de Monte Verde, Johnson regressou imediatamente a Cactus Hill e cavou mais fundo. Encontrou pontas de pedra num nível 5000 anos mais antigo do que Clovis.

## Evidências Atuais de Datação por Radiocarbono na América Antiga

Embora Monte Verde tenha convencido a vasta maioria dos arqueólogos de que a América era habitada antes de 9500 a.C., alguns céticos irredutíveis permaneceram. Um dos mais estridentes é Stuart Fiedel, um arqueólogo do setor privado. No início de 2000, Fiedel publicou uma revisão dos sítios que acredita apresentarem as melhores evidências de serem pré-Clovis. As datas que se seguem representam o intervalo aproximado dos resultados corrigidos dos testes de radiocarbono desses sítios, por ordem do mais antigo para o mais recente, conforme relatado por Fiedel. Utilizámos a designação de datação de a.C. porque as leituras de Cayce a utilizavam e listámos o ponto médio das datas de carbono. É importante ter em mente que Fiedel é um cético em relação aos sítios pré-Clovis. Além disso, alguns dos sítios mais interessantes foram ignorados no seu artigo. Estes outros sítios são discutidos na secção seguinte.

38.000 a.C. — 15.000 a.C. Brasil: Pedra Furada Fogueiras, carvão vegetal, ferramentas e numerosos artefactos de quartzo foram recuperados neste abrigo sob rocha, onde se encontram numerosas pinturas rupestres.

35.000 a.C. — 10.500 a.C. Chile: Monte Verde Foram encontrados numerosos artefactos de habitação, conforme discutido em secções anteriores. A data de 35.000 a.C. veio de amostras de carbono recuperadas de fogueiras encontradas abaixo do nível relatado anteriormente.

26.000 a.C. — 13.000 a.C. Yukon — Grutas de Bluefish Foi encontrada uma variedade de artefactos de pedra com ossos de mamute, cavalo, bisonte e outros animais extintos.

22.000 a.C. México: Valsequillo Existem cinco sítios distintos nesta localização. Artefactos de pedra, conchas de água doce, pontas, facas, raspadores, lâminas e muitos outros artefactos foram recuperados.

20.000 a.C. — 14.000 a.C. Pensilvânia: Meadowcroft Rockshelter Num estrato profundo deste saliente rochoso utilizado de longa data, foram encontradas lâminas, pontas retrabalhadas e outros artigos. A datação por radiocarbono foi feita em material encontrado adjacente aos artefactos.

17.000 a.C. — 16.000 a.C. Virgínia: Cactus Hill Esta crista mostra evidências de habitação a longo prazo com múltiplas camadas de artefactos. Várias polegadas abaixo da camada Clovis, foram encontradas lâminas de quartzo, pontas pentagonais e carvão vegetal.

16.700 a.C. — 12.500 a.C. Venezuela: Taima-Taima Uma ponta em osso de mastodonte foi encontrada com outros ossos de mastodonte, pontas, raspadores e até o conteúdo do estômago de um mastodonte.

16.000 a.C. Idaho: Wilson Butte Cave Foram encontrados uma faca, uma lâmina, uma lasca e ossos.

14.000 a.C. — 13.000 a.C. Wisconsin: Complexo Chesrow Ossos de mamute, lâminas, lasca e artefactos de madeira foram recuperados perto deste sítio.

**Outras Evidências Arqueológicas de Pessoas na América Antiga**

Durante os últimos anos, surgiram evidências adicionais indicando que a América foi povoada em tempos pré-Clovis. Todos estes sítios contêm provas sólidas e foram totalmente investigados por arqueólogos, bem como por geólogos e peritos forenses. Além disso, todos foram relatados na literatura arqueológica profissional.

50.000 a.C. Novo México: Pendejo Cave O arqueólogo Richard S. MacNeish tem sido um dos detratores mais persistentes do modelo do "Clovis-primeiro". A partir de 1992, iniciou escavações numa área desértica do Novo México, utilizando uma equipa de outros arqueólogos e cientistas forenses. Cabelo humano, 14 moldes de argila endurecida de dedos e impressões palmares humanas, uma efígie de argila, ossos de bisonte e de cavalo, e várias pontas e artefactos de pedra foram recuperados no sítio. A gruta mostra evidências de ocupação contínua. Os níveis de ocupação, as camadas estratigráficas, estavam bem preservados e bem definidos. A datação por radiocarbono foi realizada em 45 amostras de materiais diferentes. Os resultados mostraram que la gruta estava em uso já em 50.000 a.C. e foi continuamente utilizada até há cerca de 500 anos.

18.000 a.C. — 16.000 a.C. Califórnia: Bacia de Manix, Deserto de Mojave Numerosas pontas, lascas, núcleos, bigornas, picaretas, percutores e outros artefactos foram encontrados nesta localização. Têm pelo menos 18.000 anos de idade.

200.000 a.C. — 150.000 a.C. Califórnia: Calico Quase 900 ferramentas de pedra e outros artefactos foram recuperados do que os arqueólogos acreditam ter sido uma pedreira a partir da qual a rocha era usada para formar várias ferramentas. A datação dos níveis foi conseguida através de tecnologia de datação por geomorfologia do solo e urânio-tório. Sítios próximos foram datados de 185.000 a.C.

100.000+ a.C. Califórnia: San Diego Metates, antigos blocos de pedra para moagem, foram encontrados em camadas aluviais subaquáticas da plataforma continental. Durante as Idades do Gelo, estas localizações eram terra firme, dado que o nível do oceano estava pelo menos 300 pés mais baixo do que hoje. A datação por geomorfologia mostrou que estas pedras de moagem incrustadas são mais antigas do que 100.000 anos. Outras localizações em San Diego, incluindo áreas praticamente na zona do centro da cidade, produziram achados semelhantes.

100.000 a.C. — 25.000 a.C. Califórnia: Santa Bárbara Evidências recuperadas de uma série de sítios indicam que a área da plataforma continental estava densamente ocupada durante períodos de níveis mais baixos do oceano. A Ilha de Santa Rosa, a Ilha de São Nicolau e o Canhão de Tecolote revelaram fogueiras, ossos de mastodonte, metates *(pedras de moagem),* outras pedras de moagem e taças de pedra. A geomorfologia e outras técnicas de datação situam os achados entre 27.000 e 100.000 anos de idade.

293.000 a.C. Brasil: Gruta da Esperança Ferramentas de seixo foram encontradas com ossos fósseis nesta gruta, mostrando habitação a longo prazo. A datação por urânio-tório foi realizada nos ossos.

**América a.C.: 200.000 Anos de Ocupação?**

Com a queda da barreira Clovis, é agora aparente que a América foi ocupada muito antes de 9500 a.C. As evidências mostram que tanto a América do Norte como a do Sul estavam extensamente habitadas por volta de 25.000 a.C. As áreas da Costa Oeste e o sudoeste dos Estados Unidos foram habitados muito antes disso, no entanto. Várias localizações datam de 50.000 a.C. e as áreas costeiras da Califórnia datam de muito antes — estendendo-se até um período tão impressionante como há 200.000 anos.

A datação por carbono está longe de ser exata. Um problema com a datação por carbono é que perde precisão à medida que o material testado se aproxima dos 50.000 anos de idade. A datação por carbono de material de que se suspeita ter mais de 50.000 anos é problemática. Além disso, evidências descobertas em 2001 trouxeram a precisão de toda a datação por radiocarbono em questão. Parece que todas as datas com mais de 3000 anos de idade podem ser muito mais antigas. Esta descoberta aguarda esclarecimentos adicionais. Contudo, tecnologias mais recentes, como a geomorfologia e a datação por urânio-tório, provaram ser ferramentas valiosas. Além disso, existem métodos de datação ainda mais avançados sob investigação.

Nos próximos anos, é provável que muitos sítios Clovis conhecidos sejam reescavados até níveis abaixo da camada Clovis. É uma quase certeza que muitos destes, se não a vasta maioria, revelarão uma habitação anterior.

**Revisitando Cayce**

Das 30 afirmações específicas que Cayce fez sobre a América antiga, 18 delas tiveram lugar antes de 9500 a.C. Assim, enquanto a arqueologia convencional continuasse a aceitar a data de 9500 a.C. do "Clovis-primeiro" como o início da história humana na América, seria absurdo esperar que quaisquer arqueólogos levassem a sério qualquer uma das suas afirmações. E como a maioria das pessoas acredita na veracidade da história apresentada nos nossos manuais escolares, seria de esperar que relativamente poucas pessoas fora da comunidade de Cayce dessem grande credibilidade à história de Cayce. No entanto, com as evidências pós-1997, as afirmações de Cayce ganham uma perspetiva diferente.

Embora Cayce tenha afirmado que os humanos estavam presentes no sudoeste há 10 milhões de anos, não existem evidências atuais que apoiem esta alegação. Mas a idade da humanidade está a ser progressivamente recuada cada vez mais no tempo. Como afirmado no Capítulo 1, as evidências mais recentes apoiam uma história de 6 milhões de anos para antepassados semelhantes aos humanos. Contudo, esta área da paleontologia permanece indefinida. A verdade é que a ciência simplesmente não sabe a idade dos humanos. As evidências mostram que os hominídeos estavam no Leste Asiático há quase 2 milhões de anos, mas foram encontrados muito poucos restos do homem que recuem um milhão de anos. Quanto à afirmação de Cayce de que estes povos muito remotos faziam desenhos rupestres, poderia ser irracional esperar que essas grutas permanecessem em existência por tanto tempo. Foram encontrados desenhos rupestres no Novo México, mas nenhum deles tem 10 milhões de anos de idade. Em suma, estas duas alegações sobre a América antiga não são atualmente verificáveis nem estão refutadas. O tempo o dirá.

Cayce mencionou 9 eventos na América ocorridos por volta de 50.000 a.C. Nomeou especificamente a Califórnia, Santa Bárbara, o Oregon, a Pensilvânia, o Ohio e a área dos "four corners". Além disso, mencionou os grandes animais que deambulavam livremente pelo mundo e os esforços para os exterminar. A América antiga certamente tinha animais muito grandes e muito perigosos nessa altura. De facto, o rápido extermínio da megafauna desempenhou um papel no desenvolvimento da agricultura nas

Américas. A caça destes animais enormes era eficiente e feita em grande escala. Quase todos estavam extintos por volta de 8000 a.C., sendo o homem a causa do seu desaparecimento.

Três (Califórnia, Santa Bárbara e a área dos "four corners") das seis localizações que Cayce afirmou estarem habitadas por volta de 50.000 a.C. tiveram escavações que verificaram esta alegação. Além disso, uma outra localização (Pensilvânia) produziu um sítio que só recentemente foi redatado para 20.000 a.C. O verdadeiro problema é que os arqueólogos ainda não tiveram tempo suficiente para regressar aos sítios Clovis conhecidos e cavar mais fundo.

Embora as datas primitivas de Cayce para os humanos na América pareçam válidas, isso pouco faz na avaliação das suas alegações sobre as origens destes migrantes. Apesar do fim da barreira Clovis, muitos arqueólogos continuam a afirmar que, não obstante as datas antigas de habitação na América, todos estes povos antigos vieram da Sibéria. No entanto, uma tecnologia completamente inesperada apareceu na arqueologia no final da década de 1980 — os testes genéticos. Nessa altura, a genética era ainda um campo em desenvolvimento, mas com as rápidas melhorias na tecnologia genética, surgiram descobertas surpreendentes sobre os povos da América antiga. É para esta evidência notável que nos voltamos agora.

## Capítulo 4

## Quem Povoou a América? Quando O Fizeram?

*Os primeiros americanos devem ter entrado no continente norte-americano por meio de uma ponte terrestre através do Estreito de Bering. ... Não havia, e ainda não há, razão para duvidar das origens asiáticas dos índios americanos.* — Dean Snow (1976) *The Archaeology of North America*

Durante pelo menos 100 anos, os arqueólogos estiveram certos de que os índios nativos americanos originaram da Ásia siberiana. De facto, a ideia foi proposta há mais de 400 anos. Em 1590, o Frade Joseph de Acosta deduziu que os continentes da Ásia e da América do Norte estavam de alguma forma ligados, porque certos animais tinham aparentemente migrado da Ásia para o Novo Mundo. Acosta raciocinou que os asiáticos nómadas também devem ter caminhado através deste conector e vendeu a sua teoria no seu livro sobre as Américas, *Historia natural y moral de las*

*Indias*. Mas foi só no final da década de 1720 que o explorador russo Bering descobriu o estreito de água que separa a Ásia da América do Norte. Com essa descoberta, passou a ser aceite que o Estreito de Bering tinha sido a antiga porta de entrada para o Novo Mundo. Em 1794, Ignaz Pfefferkorn escreveu: "É quase certo que os primeiros habitantes da América vieram realmente por meio do estreito."

Embora a barreira Clovis tenha agora caído, muitos continuam a defender que todos os nativos americanos são de origem asiática. Mas um problema da sua teoria é que os glaciares impediram os nómadas de migrar através de Beringia (discutido pela primeira vez no Capítulo 1) entre 28.000 a.C. e 10.000 a.C. Para acomodar as suas crenças, muitos apoiantes de Clovis abraçam agora uma teoria de travessia marítima, apesar de terem argumentado nos últimos 50 anos que era impossível para o homem antigo cruzar um oceano. Afirmam agora que os nómadas siberianos usavam pequenos barcos cobertos de peles e avançaram gradualmente ao longo da costa do Pacífico por volta de 20.000 a.C. As evidências dessas viagens podem estar debaixo de água, porque a plataforma continental teria sido a linha de costa durante a idade do gelo.

Não há dúvida de que a maioria dos antigos habitantes americanos veio da Sibéria, e migrações costeiras primitivas poderiam certamente ter ocorrido. Mas esta não pode ser a única explicação para os muitos sítios de habitação primitiva na América, e ignora uma acumulação surpreendentemente grande e abrangente de provas contraditórias. Estas provas incluem vestígios esqueléticos humanos antigos que não são de origem siberiana, evidências virais que associam os antigos americanos a outras populações, provas de uma rede comercial ativa entre a América antiga e a Índia, África e Europa, e cruzamentos genéticos complexos. A América antiga era um caldeirão cultural de povos — tal como Edgar Cayce afirmara lá atrás, na década de 1920. Vamos explorar as evidências científicas.

**Evidências Esqueléticas — "Guerra dos Crânios"**

Durante mais de 200 anos, crânios humanos e vestígios esqueléticos foram recuperados nas Américas, tanto por amadores como por arqueólogos. Em 1990, uma nova lei federal exigiu que os museus devolvessem os vestígios dos antigos nativos americanos às tribos que reivindicassem ancestralidade. (A lei chama-se NAGPRA, sigla para *Native American Graves Protection and Repatriation Act* [Lei de Proteção e Repatriação de Sepulturas de Nativos Americanos]). Como resultado, os

arqueólogos intensificaram rapidamente os esforços em curso para produzir um perfil estatístico dos crânios antes de os perderem para o resepultamento sob a provisão da lei. Foram tiradas mais de 90 medidas diferentes em vários milhares de crânios, produzindo um "perfil craniométrico" dos primeiros americanos. Os resultados criaram uma controvérsia na arqueologia a que muitos se referem como "Guerra dos Crânios".

Embora a maioria dos crânios antigos se ajuste ao perfil do leste asiático, foi encontrado um número perturbadoramente grande que é claramente diferente. Não se ajustam ao perfil esperado do leste asiático, mas sim aos perfis conhecidos de outros grupos raciais. Os arqueólogos de um dos lados da questão têm argumentado que se deve esperar naturalmente alguns desvios extremos do perfil padrão de "crânio".

Na verdade, os crânios mais antigos encontrados na América não mostram a aparência "mongoloide" (do leste asiático) esperada. De facto, o perfil que emergiu destes crânios antigos não corresponde a nenhuma tribo de índios nativos americanos modernos. Dois antropólogos, Richard Jantz da Universidade do Tennessee e Doug Owsley do Smithsonian, concluíram recentemente uma avaliação de 11 crânios antigos da América. Concluíram que pelo menos três grupos raciais distintos estavam presentes na América há 10.000–12.000 anos, incluindo grupos relacionados com os aborígenes Ainus do Japão, polinésios, europeus e talvez até africanos.

No Brasil, o arqueólogo Walter Neves estuda há muito os crânios encontrados na América do Sul. No final do documentário da BBC de 1999, *Ancient Voices*, Neves discutiu um crânio feminino encontrado no sítio de habitação de 50.000 anos na Serra da Capivara. Os desenhos rupestres no sítio retratavam tatu-gigantes, que se extinguiram antes da última Idade do Gelo. O crânio da mulher recuperado no sítio era o de uma melanésia ou aborígene australiana.

Entretanto, na Austrália, a arte rupestre com pelo menos 17.000 anos de idade, mas possivelmente tão antiga quanto 50.000 anos, retrata um navio de alto mar com a proa elevada. A proa é a extremidade frontal de um barco e uma proa elevada é uma projeção para cima que pode empurrar as ondas para os lados, permitindo o movimento através de águas agitadas. Alguns arqueólogos especulam agora que os melanésios podem ter navegado para a América do Sul há dezenas de milhares de anos. Surpreendentemente, sabe-se hoje que nas ilhas da Terra do Fogo ainda sobrevivem descendentes melanésios, chamados Fueguinos.

Nos Estados Unidos, os arqueólogos investigaram vários crânios que dividiram profundamente as fações dentro do campo, bem como as colocaram contra as tribos nativas americanas. O famoso Homem de Kennewick, descoberto no Estado de Washington em 1996, proporcionou um grande braço de ferro entre cientistas e grupos nativos americanos num teste à lei de 1990 (de resepultamento da NAGPRA). Antes de uma ordem judicial federal confiscar os vestígios no Burke Museum de Seattle, os cientistas que investigavam o Homem de Kennewick determinaram que ele era provavelmente um polinésio ou um Ainu japonês. Outros crânios aprofundaram o mistério. No Nebraska e no Minnesota, crânios com 8.000–9.000 anos de idade parecem ser europeus ou do sul da Ásia. A "Mulher de Burl", um crânio feminino com 11.000 anos encontrado no Idaho, é aparentemente polinésio. O "Homem da Gruta do Espírito", um crânio com 9.400 anos encontrado no Nevada, é provavelmente um bosquímano africano!

**Evidências Virais**

Há quase 10 anos que o investigador de cancro japonês Kazuo Tajimi tenta desvendar o mistério de por que razão um tipo particular de vírus da leucemia não está distribuído uniformemente dentro de diferentes populações. Um subtipo do vírus HTLV-1, denominado "Cosmopolita A", foi encontrado nos Andes chilenos e no povo atacamenho, uma pequena subpopulação do Japão. A doença propaga-se por contacto humano direto e causa infeção em cerca de três por cento daqueles que portam o vírus.

Procurando pistas, Tajimi e o seu grupo do Instituto de Investigação do Centro de Cancro de Aichi em Nagoya, no Japão, analisaram 104 múmias encontradas intactas nos Andes. Após removerem ADN da medula óssea de uma múmia com 1.500 anos, conseguiram identificar filamentos de ADN viral. Várias comparações entre a versão japonesa e a chilena do vírus mostraram que eram idênticas. No entanto, este vírus específico não é encontrado em nenhumas outras áreas do mundo.

Para além das implicações para a investigação do cancro, os cientistas concluíram que talvez há 25.000 anos o grupo racial do qual derivaram tanto a população chilena como a japonesa se tenha dividido em dois. Um grupo foi para o Japão enquanto o outro foi para a América do Sul.

Noutro estudo, em 1997, investigadores dos *National Institutes of Health* decidiram rastrear a linhagem genética do poliomavírus humano JC (JCV). Este vírus causa uma doença progressiva do sistema nervoso central. Os investigadores recrutaram 68 índios Navajos do Novo México,

25 índios Flathead do Montana e 29 membros da Tribo Chamorro de Guam. Estirpes de ADN viral foram recolhidas de amostras de urina e, subsequentemente, isoladas e combinadas. Descobriu-se que os três grupos portavam um subtipo único do vírus encontrado apenas na China e no Japão. Como resultado, concluiu-se que estes grupos tinham uma ligação racial que se poderia ter separado há tanto tempo como de 50.000 anos a mais de 100.000 anos.

As implicações desta investigação poderiam ser profundas. A maioria dos arqueólogos prefere explicar as descobertas através da sua crença padrão. Ou seja, todos estes grupos começaram na Ásia; a partir daí, alguns migraram para o Japão ou para a China. Outros cruzaram Beringia para a América, enquanto uns poucos migraram para Guam e ilhas próximas. No entanto, pode ser mais provável que os grupos identificados por esta investigação tenham entrado na América diretamente a partir do Japão, da China e de Guam. Uma possibilidade ainda mais interessante é que tenha ocorrido uma migração simultânea para a América antiga, Japão, China e Guam a partir de uma localização desconhecida algures entre estas áreas vastamente separadas.

**Múmias com Cocaína e Nicotina da Antiga Egito e Europa**

Algumas das evidências mais provocadoras que praticamente "provam" que ocorreu contacto entre a América antiga e o Velho Mundo foram publicadas pela primeira vez na respeitada revista médica *Lancet* em 1993. Tudo começou quando três investigadores do Instituto de Antropologia e Genética Humana em Munique, na Alemanha, começaram a estudar múmias escavadas de várias áreas amplamente diferentes. A investigação foi realizada para identificar a extensão do uso de substâncias na antiguidade. A toxicologista Svetlana Balabanova foi contratada para realizar testes invulgares de uso de substâncias nos vestígios. Balabanova tinha sido pioneira em métodos de teste para detetar a presença de substâncias no cabelo e no suor, que são amplamente utilizados hoje em dia. As múmias examinadas incluíam 72 do Peru (datadas de 200–1500 d.C.) e 11 do Egito (datadas de 1070 a.C.–395 d.C.). Além disso, foram examinados tecidos esqueléticos de 10 vestígios alemães (datados de 2500 a.C.) e dois vestígios de sudaneses (datados de 5000 a.C. e 1400 d.C.). Foram realizados testes concebidos para detetar vestígios de cocaína, haxixe (marijuana) e nicotina em todos os vestígios.

Os resultados foram surpreendentes. Os vestígios alemães e sudaneses continham nicotina. Tanto a cocaína como a nicotina foram encontradas

nas múmias peruanas e egípcias. Como a cocaína e a nicotina provêm de plantas nativas apenas das Américas e nunca se verificou que tivessem crescido em mais nenhum lado, Balabanova acreditou primeiro que tinha, de alguma forma, contaminado as amostras. Por isso, mandou limpar e recalibrar todo o seu equipamento. Mas os novos testes voltaram com os mesmos resultados. Repetiu os testes novamente com os mesmos resultados. Enviou então as amostras para vários outros laboratórios para testes. Todos os resultados dos testes deles verificaram os resultados anteriores. Quando Balabanova publicou um artigo sobre as suas descobertas, viu-se subitamente no centro de uma tempestade de controvérsia. Recebeu ameaças abertas, insultos e acusações de fraude por parte de outros cientistas e arqueólogos. O assunto era tão intrigante que foi feito um documentário televisivo a partir da investigação e dos eventos subsequentes.

O que torna esta investigação tão significativa é o facto de as credenciais e técnicas de Balabanova serem cientificamente impecáveis. Balabanova é uma toxicologista forense experiente que trabalha com a polícia, investigações criminais e como investigadora. O método que desenvolveu para extrair metabolitos de substâncias da proteína nos fios de cabelo é considerado infalível. Os metabolitos de substâncias só podem ser incorporados na estrutura proteica do cabelo ao serem consumidos por uma pessoa viva, onde eventualmente crescem para o fio de cabelo. É impossível que quaisquer substâncias sejam absorvidas pela estrutura do fio de cabelo após a morte do indivíduo. Assim, Balabanova suspeitou então que as múmias e os vestígios que lhe tinham sido dados para testar tinham sido, de alguma forma, mal identificados ou eram falsos. No entanto, o museu responsável pelos vestígios verificou que todos eles eram genuínos e não estavam contaminados.

Uma cética foi Rosalie David, Guardiã de Egiptologia no Manchester Museum, na Inglaterra. Ela mandou testar amostras de cabelo e tecido de várias múmias egípcias alojadas na coleção do seu museu. Três voltaram positivas para nicotina — um resultado que a deixou atordoada.

Na mesma altura, Balabanova decidiu que os vestígios de 134 corpos naturalmente preservados no deserto do Sudão lhe fossem enviados para análise. Estes vestígios datavam de cerca de 1100 d.C. Um terço deles testou positivo para nicotina e cocaína. Estes resultados confirmaram o que outrora era impensável. Havia pessoas a viajar entre a América e outras áreas do mundo em tempos antigos.

Vários arqueólogos internacionais acreditam há muito que existia uma vasta rede comercial antiga entre as Américas e o resto do mundo. Afirmam há muito que os arqueólogos norte-americanos descartam tais evidências porque estas refutam a sua teoria do "Clovis-primeiro". Com esta evidência, muitos arqueólogos americanos concederam que o comércio antigo de facto ocorreu. No entanto, muitos outros permaneceram não apenas céticos, mas abertamente hostis. Mas Balabanova descobriu um facto curioso adicional que tinha sido suprimido em 1976. A 26 de setembro de 1976, a múmia de Ramsés II chegou a Paris para uma exposição. Ramsés II tinha morrido em 1213 a.C. e a múmia tinha sido cuidadosamente preservada. Contudo, quando foi examinada em Paris, vários peritos tiveram de ser chamados para reparar danos nas ligaduras. Pedaços da ligadura deteriorada foram removidos e enviados para análise. Filamentos de tabaco e cristais de nicotina foram encontrados incrustados nas ligaduras. Michelle Lescot, uma analista e antropóloga no Museu de História Natural de Paris, investigou os pedaços de ligadura e o tabaco neles encontrado. Afirmou que não conseguia acreditar nos resultados e executou os testes uma e outra vez. Acredita-se agora que parte do processo de mumificação utilizava tabaco porque a nicotina é um agente antibacteriano, bem como um inseticida. Além disso, esta investigação mostra que não há dúvida de que as pessoas por todo o Velho Mundo antigo tinham acesso ao tabaco e o fumavam.

O facto de tanto o tabaco como a cocaína terem sido usados por alguns antigos egípcios, bem como por outros povos antigos na Europa e na Ásia, é uma descoberta incrivelmente importante para a arqueologia do Novo Mundo. Os botânicos têm a certeza de que não existiam variações da planta da Coca em mais nenhum lugar do mundo. A única fonte possível para a Coca (cocaína) era a América do Sul. E o tabaco só era cultivado no Novo Mundo. Isto significa que o contacto antigo entre a América e o Egito tinha de ocorrer. As múmias e os vestígios mais antigos testados nestes estudos tinham cerca de 5.000 anos. Alguns investigadores acreditam que é altamente provável que as redes comerciais entre o Velho e o Novo Mundo existissem muito antes dessa data, mas o teste de vestígios mais antigos ainda não foi feito.

**Milho na Índia**

Carl L. Johannessen é um professor reformado da Universidade do Oregon que serviu como diretor do departamento de Geografia local no final da década de 1970 e início da década de 1980. Durante a década de

1990, Johannessen dedicou a sua atenção a investigar a razão pela qual o maís (formas antigas de milho) é retratado em esculturas de templos na Índia. É bem sabido que o maís era indígena apenas das Américas e foi supostamente levado para o Velho Mundo apenas após as viagens de Colombo.

Johannessen descobriu que praticamente todos os 35 templos que visitou da Dinastia Hoysala, no Estado de Karnataka da Índia, tinham estátuas com maís retratado. A maioria dos templos tinha dezenas destas estátuas. Por exemplo, o templo em Somnathpur tem 82 figuras a segurar maís. Além disso, cada estátua é única e cada representação de maís é única. Algumas estátuas que retratam a planta inteira do milho também foram encontradas. Embora estes templos datem de cerca de 1200 d.C., o maís retratado era de uma variedade antiga que se acredita ter existido apenas na América há já 7.000 anos.

Johannessen também encontrou estátuas de deuses hindus no centro-oeste da Índia a segurar maís nas mãos. Sabe-se que os templos com estas figuras foram construídos por volta de 600 d.C. Johannessen está convencido de que tinha de existir uma rede comercial ativa entre a América antiga e a Índia. A data mais antiga em que esta rede comercial existiu é desconhecida, mas poderia ser há tanto tempo como 5.000–7.000 anos.

**ADN Nativo Americano — Moderno e Antigo**

A análise de ADN em nativos americanos começou na década de 1980, mas com as rápidas melhorias tecnológicas, a investigação intensificou-se no início da década de 1990. Várias equipas de investigadores de genética em proeminentes universidades americanas têm vindo a realizar numerosos estudos. Embora os resultados dos estudos iniciais mostrassem a esperada ancestralidade siberiano-asiática da maioria das tribos nativas americanas modernas, as coisas tomaram um rumo inesperado em 1997. Nesse ponto, descobriu-se que uma pequena percentagem de nativos americanos modernos possui um tipo invulgar de ADN que então se sabia existir apenas em algumas localizações na Europa e no Médio Oriente. Investigações subsequentes indicaram que o ADN europeu não era o resultado de mistura genética após Colombo. Além disso, o mesmo ADN foi mais tarde encontrado no osso de um sepultamento americano antigo, confirmando que as pessoas que portavam este ADN único tinham entrado na América em tempos antigos. Contudo, em julho de 2001, este gene único também foi encontrado numa pequena

tribo que vive na área norte do Deserto de Gobi. A investigação de ADN parecia inicialmente prometer provas sólidas não só de onde vinham os antigos americanos, mas também de quando vieram. No entanto, como seria de esperar, a investigação de ADN antigo tornou-se uma questão altamente contenciosa com vários lados em competição.

A maior parte da investigação de ADN em índios nativos americanos tem sido feita utilizando mitocôndrias. Cada célula do nosso corpo contém de centenas a milhares destas minúsculas organelas em forma de bola de râguebi. As mitocôndrias processam a glucose (açúcar) numa forma utilizável de energia para todas as funções do nosso corpo. Acredita-se que as mitocôndrias sejam uma forma evolutiva de bactéria que se adaptou numa relação simbiótica com formas de vida multicelulares. Assim, as mitocôndrias têm o seu próprio ADN único, que é mais simples e mais fácil de analisar do que o ADN humano encontrado no núcleo.

O ADN mitocondrial (habitualmente abreviado como ADNmt) é transmitido à descendência apenas através do óvulo. Assim, não é uma combinação de genes masculinos e femininos. É um gene haploide — significando que tem apenas uma dose de cromossomas. O ADN mitocondrial haploide mostra apenas a linhagem feminina de uma pessoa. Os genes diploides são dois conjuntos de cromossomas combinados, vindo o conjunto feminino do óvulo e os cromossomas masculinos do espermatozoide.

O ADN mitocondrial *(NT: localizado na periferia do célula e não no núcleo)* (ADNmt) é categorizado em vários tipos e grupos denominados haplótipos e haplogrupos. Isto é, existem variações no código genético das mitocôndrias que se ajustam a agregados. Estes agregados podem rastrear a linhagem muito atrás no tempo. Existem 39 grupos diferentes e distintos de ADNmt nos quais todos os humanos se enquadram.

Embora a análise de ADNmt seja não só mais fácil do que outras formas de testes genéticos, apresenta uma vantagem adicional. Todo o ADN sofre mutações ao longo do tempo. Mas o ADNmt tem uma taxa de mutação bastante constante que permite uma estimativa razoavelmente precisa de exatamente quando um grupo particular de pessoas migrou do seu grupo primário. Assim, dois fatores importantes podem ser determinados através da análise de ADNmt. Primeiro, uma pessoa viva (o o ADNmt dos vestígios de uma pessoa falecida) pode ser testada para determinar o grupo racial específico de onde o indivíduo proveio. Segundo,

pode ser determinado o tempo aproximado em que os antepassados desse indivíduo migraram do seu grupo racial primário.

Uma forma de ver o teste de ADNmt é que ele pode ser capaz de fornecer uma árvore genealógica racial que se estende até ao início da humanidade. A ideia atual na análise de ADNmt é que a ancestralidade do lado feminino pode eventualmente ser rastreada até uma "Eva" genética. Os 39 tipos de ADNmt foram presumivelmente derivados desta Eva. Se esta ideia será completamente confirmada pela investigação é algo que resta ver. No entanto, o teste de ADNmt confirmou várias tradições orais transmitidas ao longo de muitas gerações em várias tribos. Por exemplo, os povos indígenas do Havai e da Polinésia afirmam há muito que os seus antepassados viajavam frequentemente de um lado para o outro e que partilhavam ancestralidade. Os testes genéticos mostraram que estes dois grupos estavam relacionados e confirmaram as lendas migratórias destes povos.

**Confirmando a Migração Siberiana**

A primeira investigação sobre tribos nativas americanas vivas mostrou que estas eram compostas por quatro haplogrupos distintos de ADNmt chamados A, B, C e D. Isto significa que os nativos americanos são derivados de quatro linhagens diferentes. Estes haplogrupos também foram encontrados em populações nativas na América Central e do Sul. Investigações posteriores de ADNmt utilizando vestígios antigos recuperados nas Américas validaram estes quatro haplogrupos. Três destes haplogrupos, A, C e D, são encontrados principalmente na Ásia siberiana. O haplogrupo B, contudo, é encontrado apenas em grupos aborígenes no Sudeste Asiático, China, Japão, Melanésia e Polinésia.

**Confirmando uma Migração do Pacífico Sul e Japonesa**

Com base nas mutações encontradas no ADNmt, a maioria dos investigadores pensa que os grupos A, C e D entraram na América a partir da Sibéria, através de Beringia, algures por volta de 35.000 a.C. O grupo B, afirmam, veio provavelmente para a América a partir do Pacífico Sul ou do Japão por meio de barcos. Acredita-se que os grupos B começaram esta migração não muito tempo depois de os grupos A, C e D terem chegado. No entanto, a maioria do grupo B chegou por volta de 11.000 a.C. Isto deixa aberta la possibilidade de várias migrações pelo grupo B a partir de localizações diferentes.

Deve notar-se que alguns geneticistas propuseram que cada um destes quatro haplogrupos veio em quatro migrações separadas. E muitos apoiantes de Clovis argumentam que todos os grupos migraram juntos. Contudo, a teoria mais popular é a de que existiram três vagas distintas de migração. Esta ideia é referida como a "Hipótese de Greenberg".

Joseph Greenberg, um professor reformado de linguística e antropologia da Universidade de Stanford, descobriu que os tipos primários de ADNmt correspondiam aos tipos de estrutura dentária e à língua primária falada em diferentes tribos nativas americanas. Greenberg mostrou há muito tempo que as 500 línguas diferentes faladas por tribos indígenas americanas se enquadravam essencialmente em três grandes grupos linguísticos. O ameríndio era falado pela maioria dos índios americanos, o esquimó-aleúte era encontrado em ilhéus das Aleutas e tribos esquimós, e o na-dene era falado na costa noroeste do Canadá e dos Estados Unidos. Além disso, existia um tipo primário diferente de estrutura dentária encontrado entre estes três grupos. Como resultado, Greenberg acredita que existiram três vagas diferentes de migração para as Américas.

**Uma Vaga de Migração Desconhecida e Inesperada Confirmada**

Em 1997, um quinto haplogrupo de ADNmt foi identificado nos nativos americanos. Este grupo, denominado "X", está presente em três por cento dos nativos americanos vivos. O haplogrupo X não era, na altura, encontrado na Ásia, mas sim apenas na Europa e no Médio Oriente, onde dois a quatro por cento da população o comporta. Nessas áreas, o haplogrupo X tem sido encontrado principalmente em partes de Espanha, Bulgária, Finlândia, Itália e Israel. Em julho de 2001, foi publicada uma carta de investigação no *American Journal of Human Genetics*, relatando que algumas pessoas com o tipo "X" tinham sido identificadas numa tribo localizada no extremo sul da Sibéria. Estas pessoas, chamadas Altaianos (ou Altaicos, como os geneticistas russos se lhes referem), sempre viveram na área do Deserto de Gobi. Os arqueólogos e geneticistas têm a certeza de que a presença do "X" na América não é o resultado de casamentos interraciais históricos. É de origem antiga.

Entre as tribos nativas americanas, o haplogrupo X tem sido encontrado em pequenos números nas tribos Yakima, Sioux e Navajo. Foi encontrado em maior grau nas tribos Ojibway, Oneota e Nuu-Chah-Nulth. O haplogrupo X também foi descoberto em vestígios antigos no Illinois, perto do Ohio, e noutras áreas próximas dos Grandes Lagos. Não foi (até

agora) encontrado em tribos da América do Sul ou Central, incluindo os Maias.

O haplogrupo X parece ter entrado na América em números limitados, talvez há já 34.000 a.C. Por volta de 12.000 a.C. a 10.000 a.C., apareceu em números muito maiores. É importante notar que nem todas as tribos nativas americanas foram categorizadas pela análise de ADNmt e que relativamente poucos vestígios antigos foram testados.

**O Significado da Investigação de ADNmt**

A investigação de ADNmt confirma a maioria das outras novas descobertas na arqueologia. As Américas foram povoadas cedo e muitos grupos raciais diferentes vieram. Várias vagas diferentes de migração provavelmente ocorreram. A vaga inicial parece ter ocorrido por volta de 35.000 a.C. No entanto, pode ter sido muito anterior, já que algumas das recentes datações por radiocarbono que emergiram de áreas como a Califórnia e o sudoeste apontam para 50.000 a.C. Mas deve ter-se em mente que a análise de ADNmt está ainda na sua infância. Nem todas as tribos nativas americanas atuais e muito poucos vestígios foram testados. Mas o quadro que as descobertas da investigação de ADNmt pintam da América antiga é surpreendente.

Pode parecer que a aparente presença generalizada do tipo X (desde o Canadá e o Estado de Washington, ao Arizona, às Planícies, à área dos Grandes Lagos) poderia indicar uma ampla dispersão inicial. No entanto, a história de várias destas tribos conta uma narrativa diferente.

Os Sioux, que mostram o tipo X, eram os antigos inimigos dos Chippewa. Foram empurrados para as Planícies Ocidentais a partir da área dos Grandes Lagos não muito tempo depois de os primeiros exploradores europeus terem entrado na América. Antes de viverem na área dos Grandes Lagos, os Sioux residiam na área do sul do Ohio e em partes vizinhas do Kentucky e do Indiana. Acredita-se firmemente que os Sioux têm origens iroquesas. Os Chippewa, os inimigos mortais dos Sioux, também são conhecidos como os Ojibway — outra tribo com o tipo X. O local de origem dos Ojibway não é conhecido, mas sabe-se que batalhavam rotineiramente com os Iroqueses antes de se mudarem para la área dos Grandes Lagos.

Os Oneotas, também um tipo X, são na verdade uma mistura cultural de tribos antigas originárias no Ohio, bem como perto do início do Rio Mississippi e no Iowa e Wisconsin. São em parte Sioux e sabe-se que

estiveram envolvidos nas eras de construção de montículos Hopewell e Adena. Acredita-se também que os Oneotas são de origem iroquesa.

As tribos Yakima e Nuu-Chah-Nulth residem no extremo noroeste da América e no noroeste do Canadá. As suas origens são quase completamente desconhecidas, exceto que se assume que devem ter cruzado para a América a partir da Sibéria. A presença do tipo X dentro das suas tribos aprofunda o mistério. A descoberta do grupo X nos Altaianos que habitam o norte de Gobi é aclamada como prova de que todas as migrações americanas vieram da Sibéria através do Estreito de Bering, contudo isso parece improvável. Estando o tipo X presente no Médio Oriente, na Europa e na América, uma migração de Gobi para todas estas áreas é duvidosa.

As leituras de Cayce citam uma série de grandes e pequenas migrações de Atlantes para partes muito específicas do mundo. Estas migrações ocorreram em vários momentos, mas especialmente durante os anos que se aproximavam de 10.000 a.C. Um desses locais foi para Gobi, no extremo sul da Ásia siberiana. Se assumirmos que o haplótipo X originou da Atlântida de Cayce, algum do haplótipo X deveria ser encontrado na região de Gobi — mas muito pouco deste grupo deveria ser encontrado noutros locais da Sibéria. É isto que tem sido encontrado.

A presença do tipo X em vestígios antigos da área dos Grandes Lagos, bem como em tribos modernas dos Grandes Lagos, indica que o X na América pode perfeitamente ser de origem iroquesa. Os Iroqueses eram inicialmente uma vasta coleção de tribos originárias nas regiões em redor da região do São Lourenço. Estas 15 a 20 tribos ocupavam a maior parte da costa oriental do Canadá, bem como a América Oriental até aos Grandes Lagos. Eram o antigo povo da "Pintura Vermelha" (cerca de 3.000 a.C.) que fazia pequenos montículos funerários e espalhava grandes quantidades de ocre vermelho (hematite) nos vestígios. Os antigos Iroqueses experienciavam um constante conflito violento dentro e entre as suas tribos. O resultado foi que as tribos acabaram por migrar para longe dos seus inimigos, movendo-se gradualmente para todo o lado na América e no Canadá. Os Cherokees são de origem iroquesa, assim como muitas das tribos restantes na região dos Grandes Lagos, bem como no nordeste dos Estados Unidos.

**Reflexões sobre as Afirmações de Cayce**

Cayce afirmou que as pessoas entraram nas Américas em três vagas distintas ligadas a eventos cataclísmicos. A primeira vaga teve lugar por

volta de 50.000 a.C. A vasta maioria destas pessoas entrou nas Américas pelo oeste, vindas de Mu. De acordo com Cayce, muitas das pessoas de Mu também foram para a China, Japão e América do Sul. Por volta da mesma altura, Cayce afirmou que algumas pessoas entraram nas Américas pelo leste, vindas da Atlântida. Além disso, um pequeno grupo do Pacífico Sul entrou no sudoeste da América e estabeleceu a cultura dos habitantes dos penhascos.

A segunda vaga de migração teve lugar em 28.000 a.C. Ele descreveu estas pessoas como pessoas que "cruzaram o Pacífico", bem como pessoas da China e da Atlântida. Os Atlantes que entraram na América acabaram por se congregar na área do Ohio e tornaram-se também os antigos Iroqueses. Mais tarde, tornaram-se os construtores de montículos. Outro grupo destes Atlantes foi para a Ibéria, com a maioria deles a mover-se para as Montanhas dos Pirinéus, e alguns foram para Gobi. A terceira vaga de migração ocorreu por volta de 10.000 a.C., vinda da Atlântida. Estes Atlantes migraram para o nordeste e sudoeste americanos, com um grupo muito pequeno a ir para o Yucatão. Grandes grupos de Atlantes também foram para o Egito, Ibéria e Gobi. Já existiam civilizações tanto no Egito como em Gobi nessa altura.

As evidências dos crânios, a investigação viral e as análises de ADNmt apoiam essencialmente todas as alegações de Cayce relativamente à cronologia e direção das migrações para a América. Ocorreram, de facto, migrações para a América a partir da China, do outro lado do Pacífico (Japão) e das Ilhas do Pacífico Sul (Polinésia e Melanésia). Além disso, a maior migração para as Américas ocorreu pelo oeste, como afirmou Cayce.

**O Haplogrupo B Pode Originar de Mu**

O haplogrupo B, encontrado apenas em grupos aborígenes no Sudeste Asiático, China, Japão, Melanésia e Polinésia, pode representar o povo de Mu de Cayce. Tanto os arqueólogos chineses como os japoneses levam a sério a ideia de Mu, e as descobertas do haplogrupo B correspondem de perto à história que Cayce contou sobre o continente. A maioria das pessoas de Mu que escapou da destruição em 50.000 a.C. escapou para a China, Índia e Japão. Algum tempo depois, os descendentes destes povos poderiam ter viajado para a América. Embora Cayce tenha dito que algumas pessoas de Mu entraram nas Américas por volta de 50.000 a.C., ele não indicou essa data como o período de tempo em que a maioria delas veio. Apenas sabemos que foi depois de 50.000 a.C. e antes de 28.000 a.C.

### Haplogrupos A, C e D — Da Sibéria?

As leituras de Cayce indicam que as pessoas entraram nas Américas tanto pelo leste como pelo oeste em 28.000 a.C. Estes migrantes vieram da Atlântida, da China e "de além-Pacífico". A data de 28.000 a.C. condiz bem com as datas propostas de entrada dos haplogrupos A, B, C e D na América.

As leituras de Cayce têm referências ao Estreito de Bering, mas Cayce não relatou que existiram migrações através dele. Na verdade, ninguém se lembrou de lhe perguntar sobre isto, pelo que continua a ser uma questão aberta na história de Cayce.

Mas os haplogrupos A, C e D originaram claramente na Sibéria, tal como os arqueólogos especularam. Cayce afirmou que a raça "amarela" ou mongol da humanidade originou em Gobi e espalhou-se gradualmente por toda a Ásia. Assim, segundo Cayce, os haplogrupos A, C e D provavelmente originaram em Gobi e seriam as migrações que Cayce citou como vindo "de além-Pacífico".

### O Haplogrupo Atlante Pode Ser o X

Cayce indicou que a maior migração da Atlântida ocorreu mesmo antes de 10.000 a.C. A maioria destes sobreviventes atlantes foi para as áreas costeiras do nordeste da América e do Canadá, tornando-se os Iroqueses. Deve recordar-se que Cayce também afirmou que nem todos os Iroqueses eram atlantes. Os Atlantes que migraram para as Américas fundiram-se com as pessoas já presentes na América por essa altura. Os Atlantes tornaram-se líderes das tribos. A história de Cayce torna claro que os Atlantes tinham graves disputas entre si que se refletiram num conflito violento contínuo. (Esta foi a luta entre os grupos de Belial e da Lei do Um). Isto é confirmado pela história antiga dos Iroqueses, que fala de batalhas constantes que resultaram em deslocações distantes de tribos inteiras para garantir a sua sobrevivência.

Talvez a confirmação mais surpreendente da história de Cayce sobre a América antiga seja a presença do haplogrupo X. Os geneticistas assumiram a princípio que a origem do X era nas Montanhas do Cáucaso. Porquê? Porque algumas pessoas com o haplótipo X estão lá e a história padrão é que todas as pessoas saíram de África para a Ásia — e todos os nativos americanos vieram da Ásia. Mas, na verdade, a origem real do haplogrupo X é completamente desconhecida. O que se sabe é que o

haplogrupo X apareceu pela primeira vez na América talvez há 34.000 anos, mas a sua entrada principal ocorreu em 10.000 a.C. Estas datas condizem com a janela temporal de Cayce para as migrações atlantes, bem como com a ocorrência do X nas tribos específicas previstas pelas suas afirmações.

O grupo X também parece ter aparecido na Ibéria antiga por volta da mesma altura, bem como em Gobi. Estas datas condizem com a história de Cayce sobre as duas destruições finais da Atlântida e as migrações resultantes para estas áreas. De facto, a existência do grupo X em tribos que estavam localizadas no Ohio, o coração da cultura dos construtores de montículos, condiz perfeitamente com a história de Cayce. Além disso, Cayce teve o cuidado de afirmar que os Atlantes se fundiram com os povos indígenas já presentes na área. Assim, o ADN primário nestas tribos não seria atlante. E é exatamente isso que tem sido encontrado.

Outra afirmação interessante de Cayce foi a de que os Iroqueses de sangue nobre eram puramente atlantes. Tanto quanto sabemos, ainda não foi realizado nenhum teste de ADNmt com os Iroqueses modernos que permanecem nas áreas do Nordeste. No entanto, as tribos que estavam na exata mesma área geográfica que os Iroqueses mostram o tipo X, bem como tribos que outrora foram iroquesas.

Mais um assunto interessante merece menção no que diz respeito ao haplogrupo X nos nativos americanos modernos. O tipo X ainda não foi encontrado em nenhuns nativos da América Central ou do Sul. Embora Cayce tenha afirmado que os Atlantes foram para o Yucatão por volta de 10.000 a.C., este grupo consistia num indivíduo chamado Iltar e apenas 10 outras pessoas. O seu propósito era construir uma "Sala de Registos" que conteria uma história da humanidade. Acredita-se firmemente que a localização deste sítio seja em Piedras Negras, na Guatemala. Devido a conflitos com os grupos já presentes na área, os descendentes atlantes do grupo de Iltar acabaram por deixar o Yucatão e mudaram-se para a área do Ohio. Assim, o tipo X pode não estar presente no povo maia moderno. Contudo, pode muito bem ser que a análise de ADNmt de vestígios humanos antigos escavados em Piedras Negras ou sítios próximos associados a este mostrasse o tipo X. Tal investigação ainda não foi conduzida, mas apresentaria obviamente possibilidades intrigantes — se não incríveis.

**Evidências da Migração Atlante para a América e Europa**

É lógico teorizar que o haplogrupo X entrou nas Américas, bem como na Europa, a pairar pela mesma altura. Uma localização central entre estes dois continentes seria o local lógico a partir do qual tal migração ocorreria. Outra descoberta também apoia esta ideia. Um dos factos mais convincentes que foi ignorado pelos arqueólogos americanos — até tempos recentes — é que uma cultura em França e Espanha, chamada Solutrense, era virtualmente idêntica à Cultura Clovis americana. A Cultura Solutrense começou por volta de 15.000 a.C. nas áreas da Europa para onde Cayce disse que muitos Atlantes fugiram. Estas áreas centravam-se nas Montanhas dos Pirinéus, entre Espanha e França. A cultura Clovis, considerada a mais avançada das antigas culturas americanas, emergiu subitamente nas Américas em 11.000 a.C. Ambas as culturas idênticas podem ter originado da mesma fonte. Mais uma vez, é lógico teorizar que existiu uma localização central entre a América e a Europa e que as migrações a partir dela levaram ao desenvolvimento de culturas idênticas nos dois continentes.

As evidências que emergem de uma série de novas áreas de investigação estão a mostrar quão verdadeiras podem perfeitamente ser as afirmações "impossíveis" de Cayce sobre a América. Numerosas descobertas verificaram agora a janela temporal e o contexto que Cayce deu para as antigas migrações americanas. Quando Cayce deu as suas leituras sobre a América antiga (1924–1945), ninguém considerava seriamente que as pessoas tivessem entrado nas Américas antes de 11.000 a.C.

E as migrações múltiplas para a América a partir de localizações diferentes eram consideradas impossíveis. A ideia de contacto antigo entre a América com a China, Polinésia, Japão e outras áreas no Pacífico Sul era ridícula. A ideia de que uma tribo como os Iroqueses pudesse mostrar uma herança racial antiga que os ligasse a pessoas na Europa e no Médio Oriente era absurda. No entanto, Cayce contou calmamente estas histórias e suportou gentilmente o ridículo. Em capítulos posteriores, revisitaremos grande parte desta investigação. Contudo, algumas das afirmações mais impossíveis de Cayce referiam-se aos construtores de montículos, e é para aí que iremos a seguir.

## Capítulo 5

## Construtores de Promontórios

*É difícil compreender agora quão intensamente interessadas as pessoas estavam nos montículos e nos seus construtores há um século e mais, e temos dificuldade em perceber por que razão as pessoas estavam tão ansiosas por acreditar que os montículos eram as criações de seres superiores escondidos nas brumas do tempo. Os velhos mitos estão mortos, e os arqueólogos sorriem perante as fantasias de outrora.* — Robert Silverberg (1968) *The Mound Builders*

A arqueologia moderna nunca reconheceu o termo "construtores de montículos" como significando algo mais do que pessoas que construíram montículos. Mas quando os montículos americanos chamaram a atenção dos primeiros colonos europeus pela primeira vez, todos ficaram tão impressionados com o tamanho e a complexidade dos mesmos que surgiu o mito de uma raça perdida de construtores de montículos avançados. Os europeus que entravam no Novo Mundo não podiam acreditar que os "índios selvagens" que estavam a ser empurrados cada vez mais para ocidente estivessem relacionados com os montículos. Gradualmente, a ideia de uma raça perdida de construtores de montículos passou a ser vista como uma ofensa aos nativos americanos e foi catalogada como racismo. Não desejamos entrar em tais discussões, mas simplesmente procurar examinar as evidências científicas atuais sobre a América antiga.

Pode dizer-se com alguma confiança que os montículos foram construídos pelos antepassados dos nativos americanos modernos. Mas, como os capítulos anteriores mostraram, os antigos americanos vieram de muitos locais e chegaram em muitos momentos diferentes. A América, ao que parece, sempre foi um caldeirão cultural.

### A Génese da Construção de Montículos Americana

## O Povo da Pintura Vermelha

Montículos para os mortos foram construídos por todo o lado no mundo antigo. Montículos e estruturas semelhantes são encontrados na Sibéria, China, Coreia, Japão, África e em toda a Europa. Os arqueólogos não têm a certeza exata de onde originou a ideia dos montículos, mas pensa-se geralmente que várias culturas começaram a construir montículos ao mesmo tempo.

Na Ilíada, Homero escreveu como os montículos funerários foram construídos para o amigo de Aquiles, Patroclo, e para Heitor. Em 450 a.C., Heródoto escreveu como um enorme montículo foi erguido para um rei Cita na Rússia. Alexandre, o Grande, mandou construir um montículo gigantesco sobre os vestígios de Hefestião. Em 362 d.C., o imperador Juliano foi sepultado sob um enorme montículo após morrer numa guerra contra os Persas. Tanto na Escandinávia como nas Ilhas Britânicas, montículos quase idênticos aos da América do Norte têm sido curiosidades fascinantes há milhares de anos.

A ereção de montículos para propósitos ritualistas e cerimoniais contínuos parece relacionada com as práticas de montículos funerários — mas, ao mesmo tempo, "diferente". Na Bíblia, os Cananeus adoravam a Deus em "lugares altos" e também se encontram referências dispersas a cerimónias e ao uso de altares nesses "lugares altos". Na América, alguns montículos representavam "lugares altos" artificiais e eram geralmente construídos perto de montículos funerários cónicos. Num capítulo posterior, iremos aprofundar um pouco a discussão sobre o significado destes "lugares altos".

Pensava-se que a história tradicional dos montículos funerários americanos começava por volta de 3000 a.C. na área da Nova Inglaterra, através dos antepassados dos Iroqueses. Ali, um grupo enigmático chamado "Povo da Pintura Vermelha" começou a sepultar os seus mortos em pequenos montículos. (Note-se que o termo "Povo da Pintura Vermelha" já não é favorecido na arqueologia. O termo "tradição de sepultamento de Moorehead" é agora utilizado). Uma cova rasa era primeiro cavada e depois forrada com hematite vermelha (ocre). Os vestígios do falecido eram então colocados na cova. A seguir, os objetos pessoais eram dispostos cuidadosamente ao lado do falecido. Estes artefactos eram frequentemente elaborados e primorosos. "A maioria dos túmulos contém celtas (machados), enxós e goivas, frequentemente polidos e, por vezes, ainda

afiados o suficiente para infligir um corte profundo num arqueólogo descuidado."

Kits para fazer fogo de pirite e pederneira, pedras de afiar longas e pontiagudas primorosas, pontas de lança de ardósia finas e perfeitamente formadas, muito longas, e belas pontas feitas de quartzito translúcido são frequentemente encontradas nestes sepultamentos. As pontas de lança de ardósia são semelhantes a baionetas e estão frequentemente cobertas com marcações primorosas. Estas marcações formam tipicamente um padrão hexagonal repetitivo. O sepultamento era concluído espalhando grandes quantidades de hematite moída nos vestígios e artefactos, após o que um pequeno montículo de terra era acumulado por cima.

Os arqueólogos acreditam há muito que a cor vermelha da hematite era simbólica do sangue. O uso da mesma nos sepultamentos era, de acordo com esta linha de raciocínio, um meio de ajudar a existência na vida além-túmulo. Tal como acontecia com as práticas egípcias antigas, um indivíduo era sepultado com os seus bens e ferramentas para que estes o acompanhassem na vida além-túmulo.

## O Yucatão e O Povo da Pintura Vermelha — Uma Ligação a Cayce?

As leituras de Cayce afirmaram que, mesmo antes de 10.000 a.C., um grupo de 11 Atlantes foi para o Yucatão e estabeleceu um centro para alojar os seus antigos registos. Ao mesmo tempo, muitos Atlantes migraram para a costa nordeste da América, onde acabaram por se tornar os históricos Iroqueses. Em *The Lost Hall of Records*, o sítio de Piedras Negras, na Guatemala, é identificado como a localização onde Iltar e 10 outros Atlantes provavelmente construíram a Sala de Registos. Nas suas muitas leituras sobre a Sala de Registos do Yucatão, Cayce afirmou que uma figura de seis lados seria encontrada perto do templo que alojava os registos. Esta figura hexagonal, segundo Cayce, era um "emblema" que representava a "pedra de fogo" atlante. A pedra de fogo era um cristal utilizado como fonte de energia na Atlântida, bem como um meio de comunicação entre o homem e Deus.

Uma escultura hexagonal aparece, de facto, numa maciça laje de pedra em Piedras Negras, de uma forma que se ajusta claramente à descrição de Cayce. Além disso, uma série de artefactos invulgares de hematite foi recuperada no sítio. A hematite (ocre vermelho) é de natureza paramagnética. Nas suas leituras, Cayce afirmou que os Atlantes trouxeram "pedras de influência magnetizada" com eles e que a própria pedra de fogo "era um cristal: 'na forma de uma figura de seis lados'".

A hematite forma cristais de 6 lados ao seu nível molecular. A importância da hematite em ambas as localizações para onde Cayce disse que os Atlantes fugiram em 10.000 a.C. é intrigante. As gravuras hexagonais primorosas nos melhores artefactos recuperados nos sítios de sepultamento do Povo da Pintura Vermelha de 3.000 a.C. podem muito bem estar relacionadas com a escultura hexagonal em Piedras Negras.

**Cultura do Antigo Cobre (*Old Copper Culture*)**

Por volta da mesma altura em que o Povo da Pintura Vermelha (*Red Paint People*) construía pequenas colinas funerárias na costa leste, na área do norte dos Grandes Lagos um outro grupo também construía pequenas colinas. Em Isle Royale e em áreas próximas na margem sul do Lago Superior, encontram-se os vestígios da *Cultura do Antigo Cobre*.

Os sepultamentos eram semelhantes aos do Nordeste, e pequenas colinas de ocorrência natural, chamadas *kames*, também eram utilizadas para enterros. Já foram escritos mais de 100 livros sobre a Cultura do Antigo Cobre. Muitos destes foram redigidos tanto por engenheiros de minas como por arqueólogos. No entanto, muitos outros livros sobre esta intrigante cultura são altamente controversos. A razão para tal é que foi extraído desta área muito mais cobre do que aquele que pode ser justificado pelo seu uso em artefactos na América. As estimativas apontam para que, por cada porção de cobre utilizada pelos índios nativos americanos, 2000 vezes mais cobre esteja desaparecido ou tenha ido para *outro lado*.

Teoriza-se que esse *outro lado* tenha sido a Europa e o Egipto. Os teóricos mais controversos afirmam que a Idade do Bronze na Europa (assim como no antigo Egipto) foi alimentada pelo cobre extraído do Lago Superior. As quantidades de cobre retiradas desta área foram estimadas pelo número de minas antigas encontradas e pela quantidade de material escavado das mesmas. A estimativa mais conservadora é de que tenham sido retiradas 100 milhões de libras [cerca de 45 milhões de kg], enquanto a estimativa mais elevada é de 1,5 mil milhões de libras [cerca de 680 milhões de kg]. 2

Só em Isle Royale, podem ver-se hoje mais de 2000 poços de mineração antigos, juntamente com mais de 200 000 antigos martelos de pedra que eram utilizados para talhar o cobre em bruto a partir de enormes filões que corriam profundamente pela terra adentro. A maior fonte mundial de cobre quase puro encontra-se ao longo de uma faixa de 150 milhas [cerca de 241 km] de comprimento por 4 a 7 milhas [cerca de 6,4 a 11,2 km] de largura ao longo do Lago Superior. Consta que a maior *pepita* de cobre ali encontrada em tempos históricos pesava 46 toneladas. Tinha sido desenterrada de uma mina por antigos mineiros, mas era demasiado grande e pesada para ser movida. Foram encontradas inúmeras outras pepitas de cobre, incluindo uma com quase 7 toneladas de peso.

Foi encontrada a 18 pés [cerca de 5,5 metros] de profundidade num poço de mina, mas tinha sido erguida e escorada a 5 pés [cerca de 1,5 metros] acima do chão da mina com troncos de madeira. 2

A datação por radiocarbono de materiais associados aos antigos mineiros foi realizada muitíssimas vezes. A vasta maioria das datas centra-se em torno de 2500 a.C., com algumas datas em 3000 a.C. 3 A perícia e a determinação destas pessoas são evidentes nas suas minas. O poço de mina médio tinha cerca de 20 pés [cerca de 6 metros] de diâmetro e 30 pés [cerca de 9 metros] de profundidade. No entanto, muitas minas datadas de 2500 a.C. são muito maiores. Por exemplo, enormes trincheiras com 100 pés [cerca de 30 metros] de largura foram abertas até 60 pés [cerca de 18 metros] de profundidade em rocha sólida. 4

A investigação demonstrou que as pessoas da Cultura do Antigo Cobre estavam definitivamente relacionadas com o Povo da Pintura Vermelha — ambos os grupos eram os antepassados dos históricos Iroqueses. 3

**Cayce e a Cultura do Antigo Cobre**

A palavra *cobre* aparece 1205 vezes no CD-ROM das Leituras de Cayce, em 618 documentos diferentes. Todos estes foram examinados. A vasta maioria destas ocorrências descreve o uso de sulfato de cobre e de pequenas placas de cobre em aplicações de saúde. Muitas leituras detalham a importância do cobre na condução elétrica e magnética, e na compreensão das qualidades vibracionais do metal. Duas leituras (661-4 e 1931-3) mencionaram as vastas jazidas de cobre perto do Lago Superior, mas não entraram em mais detalhes.

Embora Cayce tenha sido silencioso sobre os pormenores da Cultura do Antigo Cobre, a sugestão de autores modernos de que as jazidas de cobre do Lago Superior foram levadas para o antigo Egipto é abordada indiretamente nas leituras. Duas leituras (ambas na série de 294-142 a 294-153) discutiram o uso de cobre no antigo Egipto. Estas leituras indicavam que o cobre utilizado no Egipto provinha de minas no Alto Egipto e afirmavam que as localizações reais das antigas minas ainda não tinham sido descobertas nos tempos modernos. Quanto à possibilidade de o cobre do Lago Superior ter ajudado a alimentar a Idade do Bronze na Europa, as leituras de Cayce são completamente silenciosas. Várias leituras mencionam, de facto, minas de cobre na Europa, mas nada mais de relevante. O transporte de grandes quantidades de cobre para a Europa há milhares de anos teria sido algo bastante significativo. Se tal tivesse acontecido, é provável que Cayce o tivesse mencionado. Podemos assumir com alguma confiança que a implicação das leituras de Cayce é de que isso não ocorreu.

De acordo com outras leituras de Cayce, o cobre era um metal importante na Atlântida. Os Iroqueses, como descendentes das migrações atlantes, teriam certamente encontrado e extraído metais por onde quer que passassem. Assim, não deve ser surpreendente que as antigas tribos iroquesas tenham extraído cobre. Em resumo, a presença dos primeiros Iroqueses na Cultura do Antigo Cobre é consistente com as leituras de Cayce.

**Terraplanagens e Colinas de Poverty Point:**

**2500 a.C. — 1500 a.C.**

Embora tanto o Povo da Pintura Vermelha como as gentes da Cultura do Antigo Cobre construíssem pequenas colinas funerárias, nenhum dos grupos é considerado uma verdadeira *cultura de construtores de colinas* (*mound building culture*), uma vez que não construíam terraplenagens, grandes colinas funerárias ou colinas cerimoniais. A distinção de primeira *cultura de construtores de colinas* foi concedida a um local surpreendente perto de Epps, na Luisiana. Desde a sua descoberta numa fotografia aérea por James Ford em 1953, o local de Poverty Point, na Luisiana, tem sido

considerado o primeiro sítio genuíno de *construtores de colinas*. (Isto, contudo, já não é verdade, como veremos na secção seguinte.)

Em 1953, Ford recebeu uma fotografia aérea do Exército da área de Poverty Point que tinha sido tirada na década de 1930. Sabendo que muitos artefactos tinham sido encontrados naquele local, Ford examinou cuidadosamente a fotografia e detetou várias curiosidades. Reparou no que parecia ser uma colina e uma série paralela de cristas que formavam um padrão semi-octogonal. As cristas eram uniformes e obviamente feitas pelo homem, terminando num penhasco ao longo do que outrora fora o Rio Arkansas. Após investigarem o local, os arqueólogos ficaram atónitos. Descobriram rapidamente uma enorme colina em efígie de ave que estava virada para uma série de aterros semi-octogonais com três quartos de milha [cerca de 1,2 km] de largura que formavam terraços.

A colina em efígie tem 72 pés [cerca de 22 metros] de altura e, de ponta a ponta das asas, mede 640 pés [cerca de 195 metros]. A colina mede 710 pés [cerca de 216 metros] desde a cabeça até à cauda da efígie. Várias outras colinas mais pequenas ainda permanecem no local. 5

A datação por radiocarbono revelou que as pessoas que desenvolveram o que ficou conhecido como a Cultura de Poverty Point viviam ali por volta de 2500 a.C. Construíram a colina em efígie e os aterros algures por volta de 1800 a.C. Até 10 000 pessoas viveram neste complexo sítio até cerca de 600 a.C. Construíram-se cabanas no topo dos múltiplos aterros semi-octogonais com 6 a 10 pés [cerca de 1,8 a 3 metros] de altura. Os terraços formados pelos aterros tinham 80 pés [cerca de 24 metros] de largura e estavam espaçados cerca de 150 pés [cerca de 46 metros] uns dos outros. Os terraços, a maioria dos quais ainda hoje é visível, foram construídos num curto espaço de tempo e têm um comprimento linear total de mais de 7 milhas [cerca de 11,2 km]. 3

Como se pode ver, as colinas e os terraços habitados tinham vários corredores retos alinhados através deles. Estes corredores permitiam observações do nascer e do pôr do sol nos equinócios. 3 Suspeita-se da existência de outros alinhamentos para observações solares, lunares ou estelares no local.

Os artefactos recuperados em Poverty Point demonstraram que o povo de Poverty Point viajava e comerciava amplamente. Os caçadores na antiga Poverty Point utilizavam um dispositivo especial chamado *bola* para capturar aves e caça pequena. As *bolas* consistiam em três ou mais pesos polidos em forma de lágrima, unidos entre si por couro ou corda. Os pesos

eram feitos de uma hematite especial encontrada apenas no Missouri ou no sudoeste do Arkansas. Da Carolina do Norte era trazida uma esteatite única para ser usada em vasos. Cobre do Lago Superior, ardósia do Lago Michigan, pederneira do Ohio e toneladas de esteatite da Geórgia e do Alabama foram encontrados em Poverty Point. 3,5

A arqueologia aceita há muito uma possível influência olmeca em Poverty Point. 1 (É o único sítio americano antigo a ter esta distinção.) Alguns dos artefactos encontrados em Poverty Point assemelham-se de perto a artefactos encontrados em sítios olmecas primitivos ao longo da Costa do Golfo do México. A disposição de Poverty Point apresenta alguma semelhança com os sítios olmecas de La Venta e Corral, ambos ocupados por esta altura. "É difícil evitar a conclusão de que Poverty Point foi um produto da influência olmeca, e a porta de entrada através da qual a ideia de arquitetura monumental passou para as Florestas Orientais." 1

**O Anúncio de Watson Brake Mound em 1997 — O Novo Início da Construção de Colinas na América**

Na década de 1970, as operações de exploração madeireira começaram a desmatar uma área a cerca de 20 milhas [cerca de 32 km] a sudoeste de Monroe, na Luisiana. Este local, conhecido como Watson Brake, fica a cerca de 60 milhas [cerca de 96 km] de Poverty Point. Apenas três ou quatro colinas foram descobertas nessa altura e, como a Luisiana está literalmente salpicada de sítios com colinas, ninguém ficou surpreendido ou prestou especial atenção. Em 1981, novas operações de exploração madeireira no local revelaram um número bastante elevado de colinas e um estranho aterro circular. Uma arqueóloga amadora e um cidadão interessado (Reca Bamburg Jones e John Belmont) ficaram convencidos de que o local era importante. Jones reuniu-se com a empresa madeireira e instou-os a deixar as colinas e as terraplenagens intactas.

Depois de a empresa madeireira ter concordado em contornar Watson Brake, Jones e Belmont tentaram convencer arqueólogos académicos a examinar o local. Os arqueólogos visitaram o sítio, mas partiram pouco impressionados. Sem desanimar, os dois continuaram a instar uma investigação arqueológica formal do local, à medida que Jones descobria gradualmente um aterro circular que sustentava muitas colinas.

Em julho de 1993, Joe W. Saunders, o arqueólogo do estado para essa região, extraiu a primeira amostra do núcleo da colina mais alta do local (26 pés [cerca de 8 metros]). Saunders ficou atónito ao descobrir que a amostra indicava que o local era muito mais antigo do que ele esperava.

Consequentemente, passou vários anos a estudar o sítio, recolhendo mais amostras para datação por radiocarbono e análise geológica. Em 1997, Saunders relatou na revista *Science* que Watson Brake era agora o sítio de colinas mais antigo conhecido na América. Datou-o de cerca de 3400 a.C. 6 O anúncio apanhou a arqueologia completamente de surpresa e exigiu uma revisão substancial na forma como a arqueologia científica e convencional via a cultura de "caçadores-recoletores" supostamente dominante na altura.

Watson Brake está construído como um gigantesco aterro oval em forma de ovo que encerra 22 acres [cerca de 8,9 hectares]. O aterro tem vários pés de altura e estende-se por 300 jardas [cerca de 274 metros] de uma ponta à outra e 200 jardas [cerca de 183 metros] de largura. Pouco mais de metade do aterro oval foi formada por uma crista natural que se encontrava na margem de um afluente do Rio Arkansas. Construídas sobre o aterro oval encontram-se 11 colinas com até 26 pés [cerca de 8 metros] de altura.

Em 1999, Douglas S. Frink, do *Archaeology Consulting Team, Inc.* em Essex Junction, Vermont, apresentou um artigo sobre Watson Brake na 53.ª Reunião Anual da *Southeastern Archaeological Conference* em Birmingham, Alabama. 7 O grupo de Frink recolheu 200 amostras de solo das colinas e do aterro em 1995. As amostras foram levadas para o Vermont e submetidas a uma forma mais recente e altamente precisa de datação por radiocarbono. Os resultados confirmaram que Watson Brake foi construído entre 3000 a.C. e 3400 a.C. A datação por radiocarbono também indicou que foi abandonado algures entre 2810 a.C. e 3210 a.C. As datas de ponto médio da construção e do abandono do local foram 3200 a.C. e 3010 a.C., respetivamente. Assim, parece que as pessoas de Watson Brake provavelmente utilizaram o local por menos de 200 anos antes de partirem para partes desconhecidas.

Os artefactos encontrados em Watson Brake incluem pontas (pontas de lança e pontas de seta feitas de materiais locais), cascalho utilizado como pedras de cozinha, sementes de espécies de ervas daninhas locais, pequenas contas e mais de 175 000 fragmentos de ossos. Os ossos eram maioritariamente de peixe, mas foram encontrados ossos de veado, peru e outra caça pequena. Um outro tipo curioso de artefacto foi ali encontrado em grande quantidade. Trata-se de pequenos "objetos de terra cozida" numa variedade de formas não decoradas.

Em 1998, Saunders e a sua equipa relataram que 427 destes objetos tinham sido recuperados em Watson Brake e mais 448 foram encontrados

em dois sítios de colinas relacionados ali perto. As formas destes objetos são principalmente semelhantes a blocos — cubos ou blocos retangulares. Alguns têm a forma de cilindros ou esferas. As dimensões médias destes blocos curiosos são de 1,7 polegadas por 1,6 polegadas por 1,4 polegadas [cerca de 4,3 cm x 4 cm x 3,5 cm]. Os maiores têm 2,3 polegadas por 2,3 polegadas por 2,1 polegadas [cerca de 5,8 cm x 5,8 cm x 5,3 cm]. Foram encontrados empilhados ou dispostos em fogueiras. (Por exemplo, 16 deles foram descobertos numa fogueira.

Tinham sido cuidadosamente colocados juntos, formando um cubo de 4 x 4 x 4). O carvão vegetal encontrado com os blocos foi datado por radiocarbono do período da construção de Watson Brake. Assim, os blocos foram utilizados pelas pessoas das colinas de Watson Brake na mesma altura em que as colinas estavam a ser construídas. Os testes demonstraram que os blocos não eram definitivamente utilizados na preparação de alimentos e não estavam relacionados com os artefactos de Poverty Point. O propósito destes objetos é completamente desconhecido, mas um "palpite" dos arqueólogos é que poderiam, de alguma forma, ter sido empregues no fabrico de contas. 8

Especula-se que Watson Brake tenha sido utilizado sazonalmente antes de ser abandonado algures entre 3210 e 2810 a.C. Desde o anúncio de 1997 sobre o local, vários outros locais com colinas mais pequenas foram ligados a Watson Brake. Estes ficam a cerca de 20 milhas [cerca de 32 km] de distância e todos apresentam datas de radiocarbono semelhantes. A disposição oval das colinas em Watson Brake é agora utilizada para exemplificar uma "cultura de colinas de conchas circulares" que se crê ter existido também na Florida um pouco mais tarde.

A importância do sítio de Watson Brake é muito maior do que se poderia perceber à primeira vista. A data de estabelecimento de Poverty Point (cerca de 2000 a.C.) é aceite há muito como a chegada de uma sociedade sofisticada e organizada, capaz de realizar o tipo de esforço coletivo necessário para construir um local tão monumental. Mas Watson Brake precede Poverty Point em bem mais de 1000 anos — durante um período de tempo chamado de era dos caçadores-recoletores. O sítio precede inclusive a cultura olmeca, que se crê ter emergido (aparentemente do nada) mesmo antes de 2000 a.C. Watson Brake e alguns outros sítios demonstraram que as pessoas na era dos "caçadores-recoletores" eram socialmente muito mais complexas e organizadas do que qualquer pessoa alguma vez suspeitara.

Mais uma descoberta significativa no local é mais apropriadamente designada como uma não-descoberta. Ou seja, as colinas de Watson Brake não foram utilizadas para sepultamentos. Não foram encontrados enterros no local. Assim, estas pessoas antigas parecem ter sido muito diferentes do Povo da Pintura Vermelha e da Cultura do Antigo Cobre, que faziam pequenas colinas funerárias. Está agora a emergir uma génese não reconhecida da cultura de construção de colinas da América.

**A Cronologia de Cayce sobre os**

**Construtores de Colinas e o Registo Arqueológico**

As leituras de Cayce fornecem uma cronologia de acontecimentos bastante específica na emergência dos construtores de colinas na América. Antes da destruição final da Atlântida em 10 014 a.C., um grupo de 11 atlantes dirigiu-se à área do Iucatão para estabelecer um templo para a salvaguarda dos registos atlantes. Ao mesmo tempo, grupos maiores de atlantes fugiram das ilhas restantes e dirigiram-se para a costa nordeste da América, onde eventualmente se tornaram os Iroqueses.

De acordo com Cayce, por volta de 3000 a.C., uma parte das *Tribos Perdidas* chegou de barco à parte mais meridional da América. Assume-se que estas "Tribos Perdidas" sejam das antigas terras semíticas e hebraicas. Cayce afirmou que permaneceram na América por um tempo relativamente curto. Estas pessoas mudaram-se então para as áreas em redor da Cidade do México, onde impuseram uma nova forma de ritual aos construtores de pirâmides que já ali se encontravam. Este ritual consistia na utilização de altares de sacrifício.

Com o tempo, o uso de altares para sacrifícios degradou-se em sacrifícios humanos. Enfrentando uma violência e perigo crescentes por parte dos grupos governantes de *Belial*, que tinham imposto um governo severo e exigiam sacrifícios humanos, ocorreu uma migração para norte. Uma "parte" das Tribos Perdidas juntou-se aos descendentes dos atlantes que estavam no Iucatão desde 10 000 a.C. Este grupo dirigiu-se para norte e tornou-se nos construtores de colinas. Segundo Cayce, o centro da sua cultura de colinas tornou-se o Ohio.

Deve salientar-se que a data de 3000 a.C. que Cayce indicou para as Tribos Perdidas não se ajusta à datação tradicional desse acontecimento. O Capítulo 12 explora extensivamente essa discrepância, bem como revê as crenças mórmons sobre as Tribos Perdidas na América. Além disso, não podemos provar nem refutar que pessoas da Atlântida tenham vindo para a

América (mas esta questão também será abordada mais tarde). Os arqueólogos são relutantes até em considerar a ideia de israelitas antigos na América. Assim, por enquanto, ignoraremos as implicações dos termos "Tribos Perdidas" e "Atlântida" e compararemos a cronologia de Cayce com o registo arqueológico atualmente conhecido.

Watson Brake fica a meras 160 milhas [cerca de 257 km] do Golfo do México. Poderia ter sido facilmente alcançado através do Rio Mississippi e dos seus afluentes ou a partir do Rio Black através do Rio Atchafalaya a partir do Golfo. A própria área do Golfo ajusta-se à afirmação de Cayce sobre a chegada das Tribos Perdidas à "parte mais meridional da América". As datas de radiocarbono do estabelecimento de Watson Brake (3000 a.C. - 3400 a.C.) ajustam-se à data de Cayce para a chegada das Tribos Perdidas (3000 a.C.). Além disso, o abandono do local (algures entre 2810 a.C. e 3210 a.C.) parece indicar que o sítio foi utilizado durante menos de 200 anos. Esta descoberta está alinhada com a afirmação de Cayce de que as Tribos Perdidas apenas permaneceram na América do Norte por um curto período de tempo.

Uma pista tentadora que possivelmente identifica Watson Brake como um assentamento proto-hebraico ou semítico reside na sua forma. De acordo com o *The Jewish Encyclopedia* (1902), os antigos hebreus formavam acampamentos circulares e assentamentos temporários onde "a segurança e um abastecimento suficiente de água eram as considerações primordiais que determinavam a escolha dos locais". A entrada continua: "O acampamento era habitualmente desenhado em círculo". Num esforço de proteção, faziam gradualmente um recinto permanente no centro e erguiam "uma plataforma maciça de pedras" sobre a qual eram construídas cabanas para vigias. A entrada conclui afirmando que a ereção destes acampamentos "deve ser considerada como o primeiro passo para o abandono, por parte dos hebreus, da vida migratória com os seus acampamentos móveis".9 A localização de Watson Brake e a sua forma parecem ter sido, a um nível superficial, erguidas como um acampamento circular que inicialmente se pretendia que fosse um assentamento mais permanente. Como o local não tem pedra com que construir uma plataforma de vigia, a ereção de colinas de terra seria certamente uma alternativa lógica.

Outra pista que possivelmente liga Watson Brake aos antigos israelitas é a ausência de sepultamentos no local ou nas colinas. Os hebreus e os seus antepassados semitas não realizavam enterros em colinas. Em vez disso,

utilizavam túmulos revestidos de pedra ou cavernas. O uso de colinas funerárias tanto no Povo da Pintura Vermelha como nas Culturas do Antigo Cobre mostra que essas culturas provavelmente não foram influenciadas pelos antigos israelitas. No entanto, a ausência de sepultamentos nas colinas de Watson Brake é consistente com as práticas das Tribos Perdidas.9

No México e no Iucatão, a génese do sacrifício humano em altares no topo de "lugares altos" (pirâmides) sempre foi um mistério. De acordo com Cayce, a migração das Tribos Perdidas da América para a área da Cidade do México incutiu a ideia de utilizar altares de sacrifício nas pessoas que já ali se encontravam. Inicialmente, os altares eram utilizados para vários sacrifícios não humanos. No entanto, à medida que a influência de Belial ganhava poder e controlo sobre a cultura, os altares acabaram por ser voltados para o sacrifício humano.

Foi em resposta a estes acontecimentos que os restantes descendentes dos atlantes se juntaram a alguns dos remanescentes das Tribos Perdidas e se moveram para norte, para a América. Nessa altura, estabeleceram a cultura dos construtores de colinas. Cayce não forneceu uma data para este acontecimento por uma razão simples — ninguém lha perguntou. Durante as suas muitas leituras, aqueles que forneciam as perguntas estavam frequentemente complemente despreparados para as informações surpreendentes que ele dava. A vasta maioria das pessoas que procuravam leituras estava interessada em informações pessoais (por exemplo, com quem casar, para onde se mudar, que carreira seguir). Assim, tudo o que sabemos sobre a cronologia é que os descendentes atlantes do Iucatão que se juntaram a algumas das Tribos Perdidas migraram algures após as Tribos Perdidas terem ido para a área da Cidade do México. Se as Tribos Perdidas deixaram a América (Watson Brake) por volta de 2810 a.C., isso significa que entraram no México e ali permaneceram por um período de tempo desconhecido. Quanto tempo é questionável, mas com base no que se sabe sobre os movimentos de grupos de pessoas nesta era, é razoável assumir que não voltaram a entrar na América senão passados alguns séculos.

O sítio de Poverty Point parece ajustar-se à cronologia de Cayce sobre o regresso das Tribos Perdidas e dos atlantes que as acompanhavam. A cultura de Poverty Point surgiu aparentemente do nada, e uma influência olmeca / iucateca parece evidente no local.

Foi ocupado por volta de 2500 a.C. e completamente construído por volta de 1800 a.C. Poverty Point atingiu o seu apogeu em 1500 a.C. e

perdeu população gradualmente. Por volta de 600 a.C., estava abandonado. Durante o tempo em que Poverty Point perdia população e se encontrava em "declínio", colinas e terraplenagens mais complexas foram construídas, centrando-se na região do Ohio. De facto, Poverty Point foi termo pelos arqueólogos como a "porta de entrada" através da qual a ideia de construção de colinas monumentais entrou no Ohio. 1

Como afirmado anteriormente, ainda não podemos provar que as pessoas a quem Cayce se referia como Tribos Perdidas e descendentes atlantes do Iucatão estabeleceram a cultura de construtores de colinas do Ohio. No entanto, o facto de o registo arqueológico atual corresponder essencialmente a toda a cronologia de acontecimentos de Cayce que levaram a isso é surpreendente. Nem Watson Brake nem Poverty Point eram conhecidos na altura das leituras de Cayce. De facto, os investigadores tinham bastante certeza, na altura das leituras de Cayce, de que a construção de colinas tinha começado depois de 1000 a.C.

O colapso da Barreira de Clovis em 1997, o anúncio em 1997 da descoberta de Watson Brake e a descoberta em 1997 do haplogrupo X representam um ponto fulcral na arqueologia americana antiga. Por mais incrível que seja esta reviravolta de acontecimentos pós-1997, o aspeto mais incrível da história de Cayce reside no propósito das colinas. Cayce afirmou que eram representações das experiências do Iucatão, de Gobi e da Atlântida. O que significa isto? Terão as colinas do Ohio pistas para esta afirmação? É para o Ohio e para as ideias mais surpreendentes de Cayce que agora voltamos a nossa atenção.

## Capítulo 6

## A Era dos Construtores de Colinas Começa no Ohio

*Dos primeiros "Construtores de Colinas", os povos Adena dominaram o Vale do Ohio desde cerca de 1000 a.C. até ao seu contacto e absorção pelos povos Hopewellianos no vale central do Ohio, a partir de cerca de 200 a.C.* — Don Dragoo (1963) *Mounds for the Dead*

Diretamente do outro lado da rua da Penitenciária Estatal da Virgínia Ocidental, em Moundsville, Virgínia Ocidental, ergue-se uma das colinas mais curiosas da América. Batizada de "Grave Creek Mound" devido a um riacho próximo, atraiu muita atenção dos colonos após a sua "descoberta" em 1770. Originalmente circundada por um fosso com 40 pés [cerca de 12 metros] de largura e 5 pés [cerca de 1,5 metros] de profundidade, a sua

circunferência era de 910 pés [cerca de 277 metros] e erguia-se a 65 pés [cerca de 20 metros] de altura. A norte da colina, perto da margem do Rio Ohio, foi encontrada uma terraplenagem de 5 acres [cerca de 2 hectares] com a forma de um octógono. A agricultura obliterou rapidamente o octógono e outras terraplenagens próximas. Os danos nestas surpreendentes terraplenagens foram quase completos. Dragoo relatou que, nos limites da cidade de Moundsville, tinham sido contadas 47 colinas no final dos anos 1700, antes de quase todas terem sido destruídas. 1

A enorme colina central foi aproveitada pela cidade. Chegou a ter um museu com fins lucrativos construído no seu interior, um saloon foi edificado no seu topo e uma pista de corridas corria em redor da sua base. O estado assumiu o local em 1909 e hoje é um parque. Estar no topo desta enorme e sagrada colina hoje em dia pode produzir emoções e pensamentos contraditórios. A penitenciária, localizada a menos de 100 jardas [cerca de 91 metros] de distância, é uma edificação esmagadora e sóbria que, de várias formas, retrata graficamente a crueldade do homem para com o homem.

Em 1838, o local de Grave Creek era propriedade da família Tomlison. Por 2500 dólares, a família mandou abrir um poço vertical a partir do topo, acabando por escavar bem abaixo do nível do subsolo. Ao nível dos 77 pés [cerca de 23,5 metros] (12 pés [cerca de 3,6 metros] abaixo da "base" da própria colina), foi encontrada uma câmara de troncos coberta por placas de pedra. Um esqueleto foi recuperado juntamente com folhas de mica, ornamentos de cobre e milhares de contas de concha. Além disso, uma pequena placa gravada foi encontrada com o sepultamento. A placa de arenito tinha 3/4 de polegada [cerca de 1,9 cm] de espessura e cerca de duas polegadas [cerca de 5 cm] de diâmetro. Escavando ainda mais fundo, ao nível dos 111 pés [cerca de 33,8 metros], foi encontrada outra câmara funerária de troncos. Continha dois esqueletos e quase 700 contas de concha. Foi então escavado um túnel horizontal ascendente até à base exterior da colina. No processo de abertura do túnel, foram encontrados 10 esqueletos e massas de carvão vegetal e ossos cremados. O interior da colina foi posteriormente aberto como museu e atração turística. A peça central da atração era a placa gravada que Abelard Tomlison encontrou durante as escavações. 2

A Placa de Grave Creek causou um enorme alvoroço assim que a sua descoberta foi anunciada. Os 25 caracteres nela contidos assemelhavam-se à escrita antiga celta ou fenícia. Em 1976, o professor de Harvard e

epigrafista Barry Fell declarou que a placa era genuína e traduziu a gravação ibérica como significando: "*A colina erguida no alto para Tasach; Esta placa... (Sua) rainha mandou fazer.*" 3 Outros continuam a afirmar que a placa é uma falsificação.

**A Cultura Adena É Definida**

A escavação da colina de Grave Creek proporcionou o primeiro vislumbre sobre a construção e o uso das enormes colinas funerárias cónicas. Também proporcionou a primeira oportunidade de estudar a cultura que as construiu. Muitas colinas funerárias cónicas gigantescas tinham sido identificadas por colonos e pelos primeiros profissionais, mas as classificações das mesmas eram pouco científicas. E, na altura, não havia forma de distinguir um tipo de colina de outro.

No final dos anos 1800, o Governador do Ohio, Thomas Worthington, permitiu a escavação de uma enorme colina na sua propriedade do Condado de Ross chamada Adena. Após escavar a colina de Adena, o arqueólogo W. C. Mills publicou os seus resultados em 1902. Mills aplicou o termo Adena a todas as colinas semelhantes. Como resultado, o nome Adena tem sido utilizado desde então para descrever colinas deste tipo. A colina original de Adena foi completamente obliterada pela escavação e a sua terra foi nivelada para melhorar a agricultura. Infelizmente, este tem sido o destino da maioria das antigas colinas americanas.

A Era Adena estava plenamente desenvolvida por volta de 1000 a.C. e suspeita-se que tenha sido uma combinação de duas influências culturais. Primeiro, na área onde a Cultura Adena estava centrada (o Vale do Ohio), o Povo da Pintura Vermelha e a Cultura do Antigo Cobre estenderam o seu uso de pequenas colinas funerárias, incluindo o uso de ocre vermelho. Em segundo lugar, acredita-se que pessoas da cultura de Poverty Point migraram para a área do Vale do Ohio várias vezes entre 1500 a.C. e 600 a.C.

Existem mais de 200 sítios Adena conhecidos, ocorrendo a maioria no Ohio. A maior parte dos outros sítios Adena encontra-se na Virgínia Ocidental, Kentucky, Indiana, Nova Iorque e Pensilvânia. A maioria das datas de radiocarbono em sítios Adena varia de 1300 a.C. a 900 d.C. 2 Embora o Povo da Pintura Vermelha tenha feito alguma olaria rudimentar, a estreia completa da olaria na América antiga ocorreu nos tempos Adena. Os arqueólogos referem-se agora a este acontecimento como o início do Período das Florestas Orientais (*Eastern Woodlands Period*).

A essência definidora dos sítios da Cultura Adena é a combinação da enorme colina funerária e dos traços funerários únicos encontrados nas colinas. Alguns sítios Adena contêm terraplenagens circulares, e o ocre vermelho era utilizado para revestir os poços funerários. O arqueólogo William Webb escavou incessantemente colinas Adena na década de 1920 e identificou 90 "traços" comuns aos sítios. Os arqueólogos de hoje tendem a aceitar muitos dos traços Adena de Webb, mas discutem sobre o significado de alguns deles.

Os mortos de Adena eram habitualmente preparados para o sepultamento de uma forma consistente. Os ossos eram primeiro "limpos", expondo o corpo a aves necrófagas em árvores e em plataformas elevadas. Depois de os ossos estarem limpos, eram guardados para sepultamento posterior ou enterrados imediatamente. Alguns eram cremados, embora os arqueólogos não saibam como era tomada a decisão sobre o tipo de sepultamento a realizar. Os túmulos eram construídos com casca de árvore ou troncos após a escavação de um pequeno poço funerário. O ocre vermelho era frequentemente espalhado no túmulo e o esqueleto era colocado de costas ou, por vezes, enfeixado.

Uma variedade de artefactos era colocada no túmulo. Estes incluíam ferramentas, armas, adornos pessoais, cachimbos, gorjeiras (ornamentos que pendiam ao pescoço), artefactos de cobre e placas de pedra distintivas. O túmulo era então coberto com troncos ou pedra e uma pequena colina era erguida sobre ele. À medida que a era Adena avançava, os sepultamentos tornavam-se cada vez mais elaborados. Alguns dos artefactos Adena colocados nos túmulos eram espetaculares.

Uma das maiores áreas de disputa é a forte possibilidade de terem existido classes sociais durante a era Adena. Obviamente, uma colina que contém 3 milhões de cargas de cestos de terra (como a colina de Grave Creek contém) requer um grande dispêndio de esforço por parte de muitas pessoas. Parece lógico concluir que os indivíduos enterrados nos túmulos cobertos de troncos e pedras sob a colina eram importantes. Webb concluiu que "pessoas especiais" eram enterradas nas colinas gigantescas, e outros membros da comunidade eram simplesmente cremados após a morte. 1

Webb também acreditava que a cultura tinha as suas origens no México. No entanto, o povo Adena importou e cultivou duas culturas agrícolas conhecidas apenas no México: a cabaça e a abóbora. O milho, também importado do México, era cultivado em sítios da era Adena talvez já em 500 a.C. Assim, é óbvio que ocorreu alguma forma de contacto, quer

sob a forma de uma rede de comércio, quer por uma migração real de pessoas, entre a região do Ohio e o México algures no início de Adena (1300-1000 a.C.) e talvez novamente em 500 a.C. 4

As escavações modernas de sítios Adena mostram que as colinas foram construídas em fases aditivas. A colina inicial era frequentemente construída sobre um sepultamento em poço de troncos, muitas vezes coberto por pedra ou troncos. Sepultamentos adicionais ocorriam na própria colina e, com cada sepultamento, a colina aumentava de tamanho. A colina Robbins Adena, no Kentucky, por exemplo, continha 100 sepultamentos — 99 em poços de sepultura fechados e apenas um numa cripta de troncos. A maior colina Adena é a Colina de Miamisburg, no Ohio. Em 1869, abriu-se um poço vertical de 36 pés [cerca de 11 metros] de profundidade na colina de 68 pés [cerca de 20,7 metros] de altura. Foram encontrados sepultamentos a 8 e 36 pés [cerca de 2,4 e 11 metros] de profundidade, com camadas de cinzas espaçadas entre eles.

As camadas de cinzas encontradas nas colinas apontam para outra característica das colinas funerárias Adena. As escavações demonstraram que as colinas eram frequentemente construídas sobre casas circulares invulgares ou sobre um edifício mortuário especializado. Os edifícios eram queimados antes de a colina ser erguida sobre eles. Outro edifício podia então ser erguido no topo da colina. Após uma morte, o sepultamento era realizado no chão da casa e o edifício era queimado. Depois, a colina era ampliada. Este processo cíclico era frequentemente repetido muitas vezes.

As terraplenagens circulares que acompanham muitas colinas Adena são fascinantes mas enigmáticas. Apareciam virtualmente circulares e eram rodeadas por um fosso ou vala. As colinas situavam-se, por vezes, dentro dos círculos. Todas tinham uma abertura alinhada com uma direção cardinal. Muitos sítios tinham agrupamentos de círculos em múltiplos de 2 (2, 4, 6 ou 8). Uma pequena plataforma de terra erguia-se frequentemente no centro dos círculos. A colina e terraplenagem de Mt. Horeb, no Kentucky, é considerada um exemplo estereotipado destas. As terraplenagens circulares são geralmente designadas como "círculos sagrados", mas o propósito das mesmas é desconhecido. Parece ter sido realizado nelas algum tipo de ritual. 14

**As Placas Adena**

Mais de uma dezena de placas de arenito inscritas intactas foram recuperadas em escavações em colinas Adena. Outra dezena de placas intactas (sem inscrições) foi recuperada. Quase todas estas podem ser vistas

hoje no Museu da Sociedade Histórica do Ohio, em Columbus. Muitas outras placas partidas e fragmentos foram encontrados durante as escavações. Por exemplo, quando Dragoo escavou a Colina Cresap Adena da Virgínia Ocidental em 1958, foram encontradas 22 placas.

A autenticidade destas placas foi aceite porque algumas foram encontradas durante escavações profissionais. O principal problema com descobertas tão invulgares é que muitos artefactos foram falsificados. Este tem sido um problema recorrente.

Acredita-se que as placas Adena inscritas representem imagens zoomórficas (animais) e padrões geométricos. A maioria das placas é de forma retangular e tem entre 3 e 5 polegadas [cerca de 7,6 a 12,7 cm] de comprimento. O lado inverso tem habitualmente sulcos cortados. Foi encontrado ocre vermelho a manchar algumas das placas, fornecendo uma pista sobre o seu uso. Acredita-se que eram selos sagrados utilizados para colocar imagens — imagens de clãs ou outros símbolos sagrados — na pele ou no vestuário. Os sulcos no lado inverso foram formados pela moagem de hematite em pó de ocre vermelho. Um capítulo posterior examinará extensivamente o significado destes objetos enigmáticos.

**O Conteúdo de Uma "Pequena" Colina Adena**

A quantidade de material das colinas Adena desafia, por vezes, as expectativas. O livro de Dragoo, *Mounds for the Dead*, detalhou a sua investigação minuciosa na Colina Cresap da Virgínia Ocidental para o Museu Carnegie em 1958. 1 A colina tinha 15 pés [cerca de 4,6 metros] de altura e 70 pés [cerca de 21,3 metros] de diâmetro — bastante pequena em comparação com as colinas Adena maiores. Foram necessárias 13 semanas para concluir a escavação.

Um total de 54 sepultamentos estava contido na colina. Associadas aos sepultamentos estavam as 22 placas mencionadas anteriormente, juntamente com 10 gorjeiras e pingentes polidos, 35 celdes (machados de pedra), 3 bolas de pedra polida, 12 esferas parciais, 4 cachimbos, 47 artefactos de pedra (pontas, martelos de pedra e barras de pedra elípticas), 93 artefactos de pedra talhada, 9 brocas, 39 raspadores, 373 artefactos de cobre (na sua maioria contas), 23 artefactos de osso (incluindo um adorno de cabeça de crânio de alce), 115 artefactos de concha e 9 vasos.

**Cayce e as Influências Adena**

A explicação de Cayce sobre como a era de construção de colinas começou na área do Ohio já foi detalhada. Em resumo, a história envolvia

uma migração para o Ohio, a partir do México e do Iucatão, de remanescentes das Tribos Perdidas combinados com os descendentes dos 11 atlantes que se tinham dirigido ao Iucatão antes de 10 000 a.C. Estas pessoas acabaram por chegar ao Ohio e fundiram-se com os nativos já presentes na área. As leituras de Cayce continuam a dizer que as colinas eram uma combinação de influências das Tribos Perdidas, dos atlantes e de outros.

No capítulo anterior, a cronologia da história de Cayce demonstrou corresponder às descobertas atuais. O primeiro sítio de "colinas" em Watson Brake era um acampamento circular semelhante aos antigos acampamentos israelitas. Não era utilizado para sepultamentos — uma descoberta também consistente com as práticas israelitas. O local foi estabelecido no período de 3000 a.C., a data que Cayce afirmou que um grupo das Tribos Perdidas chegou à parte meridional da América. Menos de 200 anos depois, o local foi abandonado e as pessoas de Watson Brake "desapareceram". Cayce afirmou que se mudaram para a área da Cidade do México.

Após um período de tempo desconhecido, alguns dos descendentes das Tribos Perdidas deixaram a área da Cidade do México à medida que o sacrifício humano se tornava prevalecente. As Tribos Perdidas juntaram-se então a um grupo de descendentes atlantes e dirigiram-se para norte. É uma dedução lógica que viajariam de barco e regressariam à vasta e rica área a que chegaram pela primeira vez quando aportaram em terras americanas. Embora tivessem passado 1000 anos, é provável que a história da sua chegada à América em 3000 a.C. fosse transmitida de uma geração para a seguinte.

E os descendentes das Tribos Perdidas, ao tentarem escapar à brutalidade do sacrifício humano (chamado de influência de Belial por Cayce), poderiam muito bem tentar regressar às terras seguras e abundantes de que lhes tinham falado nas suas lendas. O mesmo raciocínio poderia aplicar-se aos descendentes dos atlantes no Iucatão. Cayce é silencioso sobre a forma como as Tribos Perdidas se juntaram a estes atlantes, mas é provável que os descendentes atlantes no Iucatão tivessem ficado horrorizados e consternados com a viragem selvagem dos acontecimentos na forma como as suas pirâmides eram utilizadas. O grupo original de atlantes que se dirigiu ao Iucatão procurava preservar os registos da Atlântida e da humanidade — especialmente a história dos Filhos da Lei do Único. Sabendo que muitos outros atlantes tinham fugido para norte na

altura da destruição da Atlântida, é razoável supor que migrariam para norte para escapar aos conflitos na América Central.

Subindo o Rio Mississippi, os grupos combinados chegaram a uma área muito próxima do acampamento original de Watson Brake. Estabeleceram uma grande cultura em Poverty Point, chegando talvez por volta de 2000 a.C., e até construíram terraços semelhantes ao círculo elevado em Watson Brake. Após talvez 300 anos de construção de uma nova cultura e de estabelecimento de locais de comércio ligados a Poverty Point, uma série de migrações viajou para norte — subindo ainda mais o Rio Mississippi. Poder-se-ia especular que os atlantes que acompanhavam as Tribos Perdidas queriam juntar-se a alguns dos seus irmãos atlantes que sabiam estar mais a norte. À medida que alcançavam o Vale do Ohio, encontravam pessoas que eram claramente descendentes dos primeiros atlantes.

O registo arqueológico mostra que a cultura Adena do Ohio resultou da união de várias influências. Uma clara influência "mexicana" é óbvia no desenvolvimento de Adena, como mostra o aparecimento da cabaça e da abóbora em 1300 a.C. e do milho em 500 a.C. A implicação é simples: pessoas do México transportaram as culturas agrícolas consigo quando migraram para a área.

O súbito aparecimento de olaria e de artefactos altamente refinados nos tempos Adena indica que surgiu um rápido avanço na cultura no Vale do Ohio. Além disso, a nova forma de colinas funerárias maiores e os círculos sagrados são consistentes com uma união de várias influências. Os israelitas utilizavam túmulos subterrâneos e poços para sepultamentos. Estes eram frequentemente construídos de pedra ou troncos. As antigas tribos iroquesas (o Povo da Pintura Vermelha e a Cultura do Antigo Cobre) utilizavam pequenas colinas para sepultamentos — usando vastas quantidades de ocre vermelho. Os atlantes do Iucatão estavam habituados a construir enormes pirâmides de pedra e terra. No entanto, a pedra não estava presente em Poverty Point, e as suas enormes estruturas tiveram de ser erguidas a partir de terra. A combinação destes três elementos descreve a colina Adena arquetípica. Os sepultamentos eram realizados em túmulos subterrâneos feitos de troncos ou placas de pedra. Espalhavam grandes quantidades de ocre vermelho nos seus sepultamentos. Amontoavam uma colina de terra sobre os sepultamentos e construíam um complexo mortuário circular no topo da colina. A colina era gradualmente alargada

para um tamanho maciço à medida que cada novo sepultamento era realizado.

De acordo com as leituras de Cayce, os fossos que circundavam as colinas e as terraplenagens circulares encontradas em muitos sítios Adena seriam provavelmente uma característica atlante. A descrição de Platão sobre a Atlântida detalhava anéis alternados de água e terra que circundavam uma montanha (ou colina) central sobre a qual um templo era erguido. Num capítulo posterior, exploraremos mais detalhadamente a possível ligação atlante.

Em resumo, a essência do registo arqueológico sobre a Era Adena centrada no Ohio ajusta-se de forma bastante surpreendente a todos os pormenores que Cayce relatou sobre a mesma. É interessante notar que as escavações modernas de Adena que delinearam as características da cultura foram realizadas após a morte de Cayce. Além disso, os intervalos temporais que a arqueologia estabeleceu para a chegada das culturas agrícolas mexicanas não eram conhecidos senão após a morte de Cayce. No entanto, o pináculo da história de Cayce sobre a construção de colinas surge com a cultura que se desenvolveu na área do Ohio à medida que a Adena se desvanecia. Trata-se da Cultura Hopewell, para a qual voltamos agora a nossa atenção.

## Capítulo 7

## A Incrível Hopewell

*...um grupo de sete colinas mais pequenas... duplica a disposição das famosas Sete Irmãs na constelação das Plêiades. Perto está um grupo [de colinas] que parece ser uma das ursas. E ali [num grupo de colinas] está o Cinturão de Oríon, um grupo familiar para a maioria dos observadores de estrelas.* — Ted Bauer (1987) *The Marietta Times*

A transição da Era Adena para la Era Hopewell é controversa e pouco compreendida. Alguns afirmam que a Hopewell foi um desenvolvimento natural a partir da Adena, porque continuaram a ser erguidas grandes colinas e terraplenagens circulares durante a Hopewell. Além disso, os bens funerários durante a Hopewell eram semelhantes aos da Adena — mas muito, muito melhorados e mais finos. Outros, no entanto, encaram a Hopewell como uma cultura nova e diferente que se desenvolveu a par da Adena. De acordo com esta ideia, a Hopewell provavelmente surgiu a partir de um novo grupo cultural que entrou na área do Ohio por volta de 500 a.C.

A datação por radiocarbono mostra que a Hopewell começou pouco antes de 500 a.C. e atingiu o seu apogeu durante os 300 anos entre 100 a.C. e 200 d.C. A Hopewell pareceu simplesmente desvanecer-se por volta de 750 d.C. A Adena começou por volta de 1500 a.C. e desapareceu por volta de 900 d.C. Assim, as duas culturas sobrepuseram-se no tempo, com a Adena a durar todo o período de 1200 anos da Hopewell.

**Evidências de uma Influência Mexicana na Hopewell**

O súbito aparecimento de milho no Ohio por volta de 500 a.C. é uma pista que parece indicar que outro afluxo de imigrantes chegou ao Ohio vindo de algum lugar no México ou através de Poverty Point. Outra pista provém de uma impressionante cultura de colinas na Florida chamada Complexo de Crystal River. Por volta de 537 a.C., o sítio principal em Crystal River foi erguido. Crystal River contém duas colinas de templo, uma praça, colinas funerárias e colinas mais pequenas de topo plano "residenciais". As colinas de topo plano não são geralmente típicas dos sítios Hopewell, mas aparecem de facto em alguns complexos. Por exemplo, dois impressionantes sítios Hopewell do Ohio, Marietta e Newark, e um no Tennessee também as possuem. As escavações de Crystal River renderam numerosos artefactos Hopewell, e foi encontrada uma clara ligação comercial entre a cultura da Florida e a Hopewell do Ohio.

Em 1961, o arqueólogo da Virgínia Ocidental, Edward McMichael, propôs que a cultura Hopewell chegou ao Ohio vinda do México através da Florida. Ele teorizou que o sítio olmeca de La Venta, com as suas colinas e recintos de terra, era a origem da Hopewell. 1 La Venta, o local de gigantescas esculturas de cabeças que retratam o que parecem ser pessoas africanas, chinesas e polinésias, floresceu por volta de 800 a.C., muito depois de a Cultura Olmeca ter começado em 2000 a.C. Duas colunas de pedra foram descobertas em Crystal River pelo Museu Estatal da Florida em 1965. As colunas confirmaram aparentemente a hipótese de McMichael, porque as colunas eram claramente mexicanas.

Em 1967, a Cultura Hopewell do Ohio foi ligada ao sítio de Teotihuacan, perto da Cidade do México. René Millon descobriu que Teotihuacan tinha sido construída num sistema de quadrícula composto por quadrados de 187 pés [cerca de 57 metros]. Millon descobriu que a quadrícula de 187 pés (e a sua medição diagonal) parecia corresponder a mais de 100 sítios de colinas Hopewell diferentes. 2 A quadrícula também foi encontrada em sítios fora da área do Ohio. Por exemplo, a 10 milhas [cerca de 16 km] a sul de Jackson, no Tennessee, encontra-se um sítio de

colinas massivo de 1000 acres [cerca de 405 hectares] chamado Pinson. Pinson foi estabelecido por volta de 100 a.C. Até 300 d.C., Pinson foi o maior sítio de colinas cerimoniais em toda a América antiga. O sítio contém pelo menos 12 colinas, incluindo quatro pirâmides de terra truncadas (de topo plano) e a segunda colina mais alta que ainda permanece na América hoje (com 72 pés [cerca de 22 metros] de altura). Vários alinhamentos com eventos solares e estelares são encontrados no sítio de Pinson. Pinson pode ter servido como uma "Roda de Medicina" gigantesca, onde avistamentos específicos de estrelas eram utilizados para servir de marcadores para cerimónias. 2,3

Interessantemente, o sítio de Crystal River, mencionado anteriormente neste capítulo, possui alinhamentos de observação entre colinas e as suas terraplenagens circulares para o nascer e o pôr do sol dos solstícios. Pinson também contém terraplenagens circulares que se baseiam na quadrícula de 187 pés encontrada em Teotihuacan. 4 O sítio de Pinson possui elementos tanto da Hopewell como da Adena. Embora o Ohio tenha sido o ponto focal da Hopewell, bem como o local onde esta atingiu o seu zénite, deve entender-se que sítios Hopewell e Adena foram encontrados a salpicar toda a metade leste da América.

O engenheiro James Marshall começou a estudar a disposição dos sítios Hopewell na década de 1960. Posteriormente, categorizou-os em 5 tipos básicos. 5 O primeiro tipo caracterizava-se por uma forma peculiar de terraplenagens habitualmente designadas como "fortes de topo de colina". Estes parecem ter sido construídos nos tempos tardios da Hopewell, e cerca de 25 deles permanecem hoje. A maioria fica no Ohio, mas o Tennessee, e até o Canadá, possuem-nos.

Encontram-se no topo de colinas íngremes e consistem habitualmente em altos aterros de terra ou pedra que delineiam o topo da colina. Os aterros podem atingir 33 pés [cerca de 10 metros] de altura. Embora tenha havido desacordo sobre se serviam para fins defensivos ou cerimoniais, investigações recentes de Robert Riordan, da Wright State University, demonstraram que pelo menos alguns deles eram utilizados para ambos os propósitos. Embora as evidências mostrem há muito que as cerimónias ocorriam nos recintos do topo das colinas, Riordan descobriu que paliçadas de madeira (paredes de troncos) foram erguidas em alguns. 6 A análise de Marshall sobre a geometria dos fortes de topo de colina mostrou que não foi utilizado nenhum plano matemático na construção dos fortes. Foram simplesmente construídos para se conformarem com a topografia da colina.

A segunda classificação de Marshall para os sítios Hopewell baseia-se na quadrícula de 187 pés descoberta pela primeira vez por Millon. O 3.º, 4.º e 5.º tipos de sítios Hopewell baseiam-se em criptogramas e no uso de pi. Marshall descobriu que os quadrados, círculos, retângulos, octógonos e elipses formados por muitas terraplenagens Hopewell formavam triângulos retângulos alinhados com as direções cardinais enquanto utilizavam a quadrícula de 187 pés. Designou estas configurações como "criptogramas".

Algumas terraplenagens combinavam os criptogramas em sobreposições complexas, onde sítios a milhas de distância estavam ligados por longos aterros paralelos. Muitos sítios foram construídos com um conhecimento óbvio de pi (a relação entre a circunferência e o diâmetro de um círculo). Marshall concluiu que os Hopewell possuíam conhecimentos matemáticos complexos e que alguns sítios poderiam ter sido erguidos como um meio de transmitir esse conhecimento.

O antropólogo William Romain acredita que a unidade de medida fundamental dos Hopewell era de 25,3 polegadas [cerca de 64,3 cm] (ou 2,1 pés). Esta unidade de medida, acredita ele, provinha do comprimento médio do braço desde o ombro até ao pulso. 7 Romain conclui que os sítios Hopewell contêm alinhamentos astronómicos precisos que eram utilizados na realização de rituais e cerimónias. Voltaremos a esta ideia num capítulo posterior.

**Características Invulgares de Hopewell**

Uma escavação em 1891-2 na propriedade do Capitão M. C. Hopewell, no Condado de Ross, no Ohio, deu o nome à cultura. Em preparação para uma exposição de colinas na Feira Mundial de Chicago em 1893, Warren Moorehead escavou um grande sítio de colinas fechado na propriedade de Hopewell. O sítio tinha sido brevemente escavado por Ephriam Squier e Edwin Davis em 1845. Encorajado pelos finos artefactos que Squier e Davis encontraram no local, Moorehead esperava encontrar mais. Não ficou desapontado.

Outra escavação no sítio original de Hopewell, em 1922-25 por Henry Shetrone, descobriu ainda mais artefactos. Estas escavações e numerosas vistorias proporcionaram à diversa Cultura Hopewell uma ampla gama de características. Estas incluem os artefactos e altares únicos encontrados nas colinas, a natureza ritualística óbvia de alguns artefactos, as terraplenagens invulgares e as longas paredes paralelas que formavam caminhos de passagem, as curiosas colinas em efígie e os alinhamentos astronómicos encontrados em muitos sítios.

### Altares de Pedra

Altares de pedra foram encontrados em muitas colinas Hopewell, incluindo no sítio original de Hopewell. Estes altares eram habitualmente encontrados no fundo das colinas. Estão frequentemente associados a lareiras de altar, e evidências de oferendas de fogo de altar foram quase sempre encontradas tanto nas lareiras como nos altares de pedra. Um desses altares foi encontrado na quinta de B. Mechen, na base de uma colina de 11 pés [cerca de 3,4 metros] removida por trabalhadores da *Baltimore and Ohio Railroad* em 1851. Junto ao altar foi encontrado um esqueleto bem preservado coberto por trinta centímetros de cinzas. A irradiar deste esqueleto estavam outros 12 esqueletos com as cabeças junto à do que estava perto do altar. 5

### Artefactos e Rede Comercial

A quantidade e a qualidade dos artefactos colocados nas colinas Hopewell eram surpreendentes. As escavações de 1891 em Hopewell recuperaram mais de 8000 "discos" de cherte polido de uma única colina pequena. Mais de 100 000 pérolas foram encontradas em Hopewell. Esculturas requintadas de pessoas, mãos, animais, símbolos e cachimbos em efígie foram feitas de cobre, pedra, obsidiana (vidro vulcânico) e finas folhas de mica polida. A mica é frequentemente tão refletora que poderia servir de espelho. Machados cerimoniais de cobre e pedra foram recuperados em muitas colinas da Era Hopewell, juntamente com outras armas e utensílios.

A qualidade e a quantidade destes artefactos incríveis quase desafiam qualquer descrição. Não só isso, estes objetos eram feitos de materiais importados de quase toda a América. A extensão da rede comercial Hopewell é surpreendente. A obsidiana era importada do Wyoming e de Montana, os dentes de urso-pardo provinham de Dacota do Sul, o cobre e a prata vinham dos Grandes Lagos, o quartzo vinha do Arkansas e da Geórgia, as conchas, dentes de jacaré, dentes de tubarão e fósseis vinham da Florida e da Geórgia, e a mica vinha das Carolinas.

### Artefactos Rituais e Substâncias Alucinogénias

As pistas sobre os hábitos ritualísticos dos Hopewell começaram a emergir com as primeiras escavações. Os muitos altares e os vestígios de sacrifícios queimados associados a eles sugeriam uma sociedade que realizava cerimónias elaboradas para os mortos e também para outros fins. Requintados cachimbos de pedra com efígies de animais e pessoas

mostravam que os Hopewell utilizavam tabaco nos seus rituais e cerimónias. Alguns destes cachimbos eram tão grandes e requintados que o uso diário provavelmente não seria prático. Além disso, a quantidade de cachimbos encontrados nas colinas Hopewell era grande. Em 1848, Squier e Davis encontraram 200 cachimbos empilhados num único montículo no grupo Mound City em Chillicothe. Não muito longe de Mound City, a colina Tremper rendeu 136 cachimbos enterrados numa pequena área.

Artefactos que claramente tinham apenas propósitos ritualísticos foram recuperados de colinas Hopewell. Durante a sua escavação de 1891 em Hopewell, Moorehead encontrou dois adornos de cabeça de cobre com chifres de cobre no topo de dois crânios. Um adorno de cabeça em efígie de urso e outro adorno de chifre de veado, ambos feitos de cobre, foram encontrados mais tarde em Mound City. A figura Wray, encontrada nas terraplenagens de Newark, retrata um xamã dentro de um fato de urso. Instrumentos musicais Hopewell, que se acredita terem sido utilizados em rituais, também foram encontrados. Estes incluem flautas e uma série de tipos diferentes de chocalhos.

As evidências mostram agora que os rituais dos Hopewell incluíam o uso de substâncias alucinogénias. 7 Isto não deve ser surpreendente, uma vez que os maias e os astecas, bem como os incas, todos utilizavam alucinogénios nos seus rituais. Em 1922, Mills relatou a descoberta de uma efígie de cogumelo com 13,5 polegadas [cerca de 34,3 cm] de comprimento, feita de madeira coberta de cobre, em Mound City. Moorehead também encontrou muitas efígies de cogumelos feitas de cobre em Hopewell. Os cogumelos parecem retratar o cogumelo *Amanita muscaria*, commumente referido como mata-moscas. O nome deriva da observação de que as moscas que pousam no cogumelo caem num estado de torpor. O cogumelo era utilizado por nómadas siberianos em tempos históricos e é encontrado em quase todo o mundo. 9

O tabaco utilizado pelos Hopewell também possuía características de alteração mental. A nicotina é um veneno em doses elevadas e é utilizada no fabrico de alguns inseticidas. Em doses baixas, como a fornecida por um cigarro moderno, a nicotina leva a um efeito paradoxal de relaxamento e energia. Em doses moderadas, a nicotina é um estimulante poderoso capaz de produzir espasmos musculares e energia ansiosa no utilizador. Em doses mais elevadas, a nicotina causa um torpor físico e mental e até convulsões. 9 O tipo particular de tabaco utilizado pelos Hopewell, *Nicotiana rustica*,

tem um teor de nicotina tão elevado que não pode ser utilizado na produção de produtos de tabaco modernos. 10

**Terraplenagens Invulgares**

Squier e Davis comentaram sobre as terraplenagens Hopewell na sua monumental obra de 1848, *Ancient Monuments of the Mississippi Valley*. Escreveram que é "impossível dar algo que se assemelhe a uma descrição abrangente das mesmas". Os Hopewell construíram terraplenagens geométricas gigantescas formando aterros de terra com até 33 pés [cerca de 10 metros] de altura. Estes aterros formavam círculos, quadrados, octógonos, elipses e outras formas. Em alguns casos, as terraplenagens encerravam áreas de 50 ou mais acres [cerca de 20 ou mais hectares]. As terraplenagens continham habitualmente colinas obviamente dispostas de acordo com um plano. Algumas destas estendiam-se por muitas milhas. As terraplenagens de Newark, no Ohio, são provavelmente as mais famosas. Apenas algumas destas serão descritas abaixo, mas descrevemos outras em legendas de imagens incluídas neste capítulo.

**As Terraplenagens de Newark.** Newark não era um sítio dedicado a rituais mortuários, mas era utilizado para cerimónias periódicas aparentemente não relacionadas com a morte. Datado por radiocarbono de cerca de 200 d.C., o sítio de Newark cobria milhas. As suas paredes de terra variam geralmente de 8 a 14 pés [cerca de 2,4 a 4,3 metros] de altura. Hoje um campo de golfe, o sítio do Círculo e do Octógono é talvez o mais misterioso. O círculo, essencialmente um círculo perfeito, encerra 20 acres [cerca de 8 hectares] e está ligado por um conjunto estreito de paredes a um octógono. O octógono encerra 50 acres [cerca de 20 hectares] e tem 8 colinas retangulares nos pontos onde as oito paredes que formam o octógono se unem. Na verdade, as paredes do octógono não se ligam, mas têm pequenas aberturas bloqueadas pelas oito colinas mesmo dentro do octógono. Inúmeros pequenos círculos, com paredes de terra mais baixas, situavam-se perto do octógono, bem como noutros locais em Newark. Cada um destes círculos é um beco sem saída e tem uma única abertura que conduz ao interior.

Embora estejam agora destruídos, três conjuntos de paredes paralelas partiam do octógono. As paredes paralelas formavam "caminhos de passagem" com 175 pés [cerca de 53 metros] de largura, com as laterais a medir 3 pés [cerca de 0,9 metros] de altura ou mais. O caminho de passagem mais a norte conduzia a uma milha de distância para leste a um conjunto complexo de colinas, aterros e círculos que desafiam qualquer

descrição. O caminho de passagem central também se estendia para leste até um aterro de 20 acres [cerca de 8 hectares] com a forma de um quadrado. Para sudeste a partir do quadrado, mais aterros conduziam a uma gigantesca terraplenagem circular de 30 acres [cerca de 12 hectares] com uma única abertura a apontar para nordeste.

O círculo, geralmente conhecido como o "Grande Círculo dos Campos de Feiras" (*Great Fairgrounds Circle*), era formado por uma parede exterior uniforme de 9 pés [cerca de 2,7 metros] de altura. Um fosso, com 7 pés [cerca de 2,1 metros] de profundidade, corria dentro da parede, criando uma parede interior contínua de 16 pés [cerca de 4,9 metros]. O exterior das paredes do círculo tinha uma cor castanha escura; contudo, um lodo amarelo brilhante estava disposto em camadas no interior do recinto. Todo o chão de 30 acres do Grande Círculo estava coberto com este lodo amarelo, assim como o interior das paredes. Deve ter sido uma visão avassaladora.

No centro do círculo, foram erguidas várias colinas que formavam a forma aparente de uma águia. A escavação desta Colina da Águia (*Eagle Mound*) produziu um altar de pedra com cinzas, carvão vegetal e osso de animal. Não foram recuperados vestígios humanos nas colinas ou no círculo. 10

O terceiro conjunto de paredes paralelas no octógono seguia para sudoeste. A primeira pessoa a investigar cientificamente o local foi Caleb Atwater em 1820. Atwater escreveu que este conjunto de paredes corria ao longo de mais de 30 milhas [cerca de 48 km] até terraplenagens no Rio Hocking. Squier e Davis apenas caminharam as primeiras 2,5 milhas [cerca de 4 km] das paredes e pararam em Ramp Creek. Em 1862, os irmãos Salisbury cruzaram Ramp Creek e seguiram o caminho murado por mais seis milhas [cerca de 9,6 km]. Notaram que este continuava mais além, mas os irmãos voltaram para trás. A secção seguinte discute estas paredes em maior detalhe.

**Terraplenagens do Vale do Scioto/Chillicothe.** Cerca de 60 milhas [cerca de 96 km] a sudoeste de Newark, perto da moderna Chillicothe, numa faixa de 12 milhas [cerca de 19 km] de comprimento do Rio Scioto, localizavam-se pelo menos seis conjuntos diferentes de terraplenagens complicadas. Estas foram encontradas juntamente com inúmeras colinas, terraplenagens mais pequenas e círculos sagrados dispersos por quase toda a parte ao longo do rio, bem como nas proximidades de Paint Creek. Uma destas, chamada *High Bank Works*, era uma cópia quase exata do círculo e

octógono de Newark. Outras três eram variações de círculo e quadrado do círculo e octógono.

**As Terraplenagens de Marietta.** Outro incrível complexo Hopewell foi encontrado em Marietta, na confluência do Rio Muskingum com o Rio Ohio. Algumas das colinas e porções das terraplenagens foram preservadas pela cidade e permanecem hoje. O sítio foi descrito pela primeira vez em 1791. Tem cerca de uma milha de comprimento e meia milha de largura e consiste em duas terraplenagens quadradas irregulares. Dentro de um dos quadrados (50 acres [cerca de 20 hectares]) encontravam-se quatro grandes colinas truncadas. Um caminho de passagem seguia para sudoeste a partir dessa terraplenagem descendo até ao Rio Muskingum. As paredes deste "caminho nivelado" (uma avenida larga e plana com um declive contínuo até ao rio) tinham originalmente 33 pés [cerca de 10 metros] de altura, mas a cidade vendeu a terra a um fabricante de tijolos. É conhecido como a "Sacra Via" ou Caminho Sagrado; está primariamente alinhado com o pôr do sol do solstício de inverno (em 250 d.C.), mas outros alinhamentos estão presentes. Estes serão explorados em breve.

A segunda terraplenagem "quadrada" encerra 27 acres [cerca de 11 hectares]. Era na verdade composta por 8 grandes aterros retos e tinha 8 pequenas colinas cónicas. Alinhada com este quadrado está uma colina cónica com 30 pés [cerca de 9 metros] de altura, circundada por um fosso com 4 pés [cerca de 1,2 metros] de profundidade que, por sua vez, é delineado por um aterro circular com 4 pés [cerca de 1,2 metros] de altura. Esta colina ainda existe hoje.

**As Terraplenagens de Portsmouth.** Na confluência dos rios Scioto e Ohio, um conjunto incrível de terraplenagens foi erguido pelos Hopewell algures por volta de 100 d.C. No lado do Ohio do rio, na moderna Portsmouth, um conjunto único de colinas e recintos de terra foi encontrado no início dos anos 1800. Dois destes recintos tinham a forma de ferradura. Hoje, apenas uma única colina e um dos aterros em ferradura permanecem. As paredes do aterro em forma de U tinham 12 pés [cerca de 3,6 metros] de altura em 1848, quando Squier e Davis publicaram o seu livro, mas têm cerca de 10 pés [cerca de 3 metros] de altura agora. Três conjuntos de paredes paralelas partem deste sítio. Os caminhos de passagem fechados pelas paredes tinham 160 pés [cerca de 49 metros] de largura. A agricultura tinha rebaixado consideravelmente as paredes por volta de 1848, mas

mesmo nessa altura tinham 4 pés [cerca de 1,2 metros] de altura e 20 pés [cerca de 6 metros] de espessura. Um caminho de passagem seguia para sudeste por mais de 5 milhas [cerca de 8 km]. Atravessava o Rio Ohio e terminava num conjunto incrível de aterros circulares com 1200 pés [cerca de 366 metros] de diâmetro no Kentucky. Uma colina truncada com 22 pés [cerca de 6,7 metros] de altura erguia-se no centro deste complexo.

Um segundo caminho de passagem estendia-se por cerca de 7 milhas [cerca de 11,2 km] a partir dos aterros em ferradura de Portsmouth, para sudoeste, até ao Rio Ohio. Do outro lado do rio, no Kentucky, existia um recinto quadrado de 15 acres [cerca de 6 hectares] com duas extensões criadas por enormes paredes paralelas. Um terceiro conjunto de paredes seguia para noroeste, contudo, a agricultura tinha obliterado tudo exceto meia milha [cerca de 800 metros] desta estrada. Squier e Davis notaram que a estrada, outrora, se estendia mais além e que inúmeras outras terraplenagens tinham estado presentes na área de Portsmouth antes de 1848. No entanto, a agricultura e outras construções tinham-nas obliterado.

A terraplenagem circular e anelada no Kentucky apresenta semelhanças com uma que originalmente formava a disposição de Circleville, no Ohio. Caleb Atwater era o chefe de correios de Circleville e procurou preservar o aterro circular e o quadrado a ele anexado com oito colinas — o qual foi mais tarde destruído pela cidade quando esta decidiu que conformar-se ao círculo era "parvo". Praticamente nada resta hoje das terraplenagens de Circleville. O círculo exterior tinha originalmente menos de 1000 pés [cerca de 305 metros] de diâmetro.

**As Terraplenagens de Milford**

A cerca de uma milha de leste de Milford, no Ohio, na junção do Rio Little Miami com o Braço Leste do Rio Little Miami (e estendendo-se para norte por 20 milhas [cerca de 32 km]), existiu outrora um controverso conjunto de colinas e terraplenagens. Squier e Davis publicaram um levantamento antigo que obtiveram destas terraplenagens, mas no relatório de Cyrus Thomas (1890) ao *Bureau of Ethnology*, este afirmou que eram "imaginárias".

Thomas foi incapaz de verificar a existência destas terraplenagens no final da década de 1880, e as implicações das suas formas eram perturbadoras. Uma das formas situava-se na extremidade de um caminho de passagem paralelo que se estendia a partir de um círculo e quadrado. Um aterro circular nesse ponto abre-se para uma longa série de linhas radiantes que lembram os raios solares. Embora isto não fosse invulgar

para uma cultura de adoração do sol, a forma assemelha-se a parte de uma escultura antiga que retrata o faraó egípcio Akhenaten. Akhenaten trouxe brevemente o monoteísmo ao Egipto em 1348 a.C., acreditando que o sol representava Deus.

A terraplenagem mais perturbadora em Milford parecia indicar uma presença israelita antiga no Ohio. Uma menorá de 9 pontas parecia estar delineada pela forma de uma antiga lâmpada de azeite. Squier e Davis escreveram: "pode ser-nos permitido dizer que não pode haver dúvidas sobre a existência de uma obra com este contorno geral e extraordinário". A publicação inicial do levantamento causou alvoroço, e os arqueólogos responderam afirmando que as obras eram fictícias e que nunca tinham existido. Um arqueólogo chegou a publicar o levantamento original de lado, escrevendo sarcasticamente que as linhas poderiam ter sido um antigo campo de futebol americano. Voltaremos a esta terraplenagem num capítulo posterior.

**Longas Paredes Paralelas (Estradas)**

Os caminhos de passagem em estrada formados pelos aterros paralelos nos sítios Hopewell devem ter sido impressionantes. Partes destes permanecem hoje e existem indicações de que eram fechados por paredes com até 33 pés [cerca de 10 metros] de altura. Estas antigas "estradas" corriam ininterruptamente sobre o terreno, com o caminho de passagem fechado desimpedido, alisado e frequentemente endurecido. Lembram os *sacbe*, as estradas brancas sagradas dos maias que se estendiam por centenas de milhas ao longo do Iucatão. Os maias acreditavam que os *sacbe* representavam a Via Láctea, um grande rio de almas. Em 1890, o antropólogo Daniel Brinton escreveu sobre uma lenda dos índios Delaware, os Lenni Lenape. Na sua lenda, os Lenni Lenape diziam que, em tempos antigos, possuíam um sistema de estradas brancas que se estendia através da América. Enquanto estivessem dentro desta estrada, os viajantes podiam mover-se sem medo de serem atacados. 11 Os Lenape utilizavam o termo "Belo Caminho Branco" para descrever a jornada de uma alma pela vida antes de passar para a Via Láctea após a morte. 11

Deve-se ter em mente que as estradas Hopewell não eram estreitas; tinham entre 160 e 170 pés [cerca de 49 a 52 metros] de largura. Obviamente, eram utilizadas para canalizar e controlar os movimentos de

muitas pessoas. O comprimento linear das estradas conhecidas de Portsmouth era de cerca de 20 milhas [cerca de 32 km]. Em Newark, as estradas retratadas no levantamento publicado de Squier e Davis estendiam-se por várias milhas, mas, como mencionado anteriormente, em 1820 Caleb Atwater afirmou que uma destas estradas se estendia por 30 milhas [cerca de 48 km]. Em 1930, um aviador que procurava evidências das estradas notou que um contorno ténue das mesmas ainda existia em quase todo o caminho até Millersport (30 milhas [cerca de 48 km]). Viu também inúmeros círculos de terraplenagem em beco sem saída que pareciam estar construídos junto à estrada a cada milha e meia. O arqueólogo Bradley Lepper, diretor do Museu da Sociedade Histórica do Ohio, passou anos a traçar o destino final desta estrada. Utilizando tanto fotografias aéreas por infravermelhos como fotografias aéreas de arquivo, Lepper encontrou provas claras de que a estrada se estendia muito mais longe do que qualquer pessoa suspeitava. A "Grande Estrada Hopewell", como Lepper a designa, corria de Newark a Chillicothe numa linha reta ao longo de 56 milhas [cerca de 90 km]. 10 O círculo e octógono de Newark estava ligado a um círculo e octógono quase idêntico em Chillicothe por esta estrada. Evidências astronómicas (discutidas brevemente) mostram uma ligação definitiva entre estes dois sítios.

**Fortes de Topo de Colina**

Restam cerca de 25 destas terraplenagens de forma irregular. São todas geralmente datadas dos primeiros trezentos anos d.C. Existem no Ohio, Tennessee, Nova Iorque e noutros estados. São todas construídas no topo de colinas íngremes com vista para rios ou riachos. A maioria possui um ou mais lados onde falésias íngremes tornam a entrada quase impossível. Ao longo dos contornos das falésias e do topo da colina, formaram-se enormes aterros de terra ou pedra. Alguns destes aterros sustentavam uma alta paliçada de madeira, transformando-os essencialmente em fortalezas. A área encerrada por eles varia com o tamanho do topo da colina sobre a qual estão construídos. Colinas e outras terraplenagens localizam-se habitualmente dentro e ao redor dos sítios irregulares.

O mais famoso é o *Fort Ancient*, no Condado de Warren, no Ohio. Paredes de pedra e terra com alturas entre 4 e 34 pés [cerca de 1,2 a 10,4 metros] serpenteiam em redor do sítio ao longo de 3,5 milhas [cerca de 5,6 km], encerrando 100 acres [cerca de 40 hectares]. O sítio de *Fort Hill*, com 33 acres [cerca de 13 hectares], no Condado de Highland, no Ohio, está

rodeado por 1,6 milhas [cerca de 2,6 km] de paredes com 6 a 15 pés [cerca de 1,8 a 4,6 metros] de altura. As escavações mostram que os fortes de topo de colina eram, de facto, utilizados para defesa. Muitos deles mostram evidências de que as paredes de madeira foram repetidamente queimadas e depois reconstruídas. Alguns parecem ter sido construídos rapidamente e foram utilizados apenas por um curto período de tempo. Outros mostram evidências de habitação a longo prazo. Sabe-se que são um fenómeno Hopewell, mas o seu significado exato não é compreendido. Tudo o que se sabe é que, de tempos a tempos, os Hopewell tinham de se defender de inimigos perigosos.

**Colinas em Efígie**

Outro traço distintivo dos Hopewell era a ereção de colinas que simbolizavam animais e até formas humanas. Esta Cultura de Colinas em Efígie surgiu em direção ao fim do período Hopewell (500-650 d.C.). Colinas em efígie são encontradas na Geórgia, Tennessee, Luisiana, Ohio e noutras áreas. Mas a ereção mais prodigiosa de colinas em efígie ocorreu no Iowa, Minnesota, Wisconsin e Illinois. Uma série de estudos no Iowa, iniciada na década de 1970, descobriu 54 grupos de colinas em efígie diferentes, principalmente ao longo do Rio Mississippi. Estes 54 grupos tinham outrora contido pelo menos 1438 colinas distintas. 12 Efígies de 9 animais diferentes estavam representadas em 375 destas. Hopkins escreveu que, "outrora, estimava-se que existiam 10 000 colinas apenas no nordeste do Iowa". 13 Hoje, o *Effigy Mounds National Park*, no Iowa, possui 191 colinas preservadas, com 29 destas na forma de animais. A maior conhecida era uma ave em voo com um quarto de milha [cerca de 400 metros] de comprimento, contudo, foi destruída há muito tempo.

Muitas colinas em efígie permanecem em propriedade privada e estão sujeitas a destruição. O sítio *Ghost Eagle*, perto de Muscoda, no Wisconsin, é um exemplo. Mais de 24 colinas de aves ou "colinas de águias" foram originalmente encontradas neste incrível sítio, mas quase todas foram destruídas. James Scherz, de Madison, avaliou a importância astronómica destas colinas e concluiu que eram utilizadas para prever os solstícios e os equinócios. 14 O ritmo de destruição das colinas em efígie é rápido. Mais de 80% das colinas em efígie conhecidas em 1890 estavam destruídas em 1973. 12

Aves, ursos, tartarugas, lagartos e panteras são as formas mais comuns de colinas em efígie. Contudo, existem colinas que retratam homens e

mulheres. Acredita-se que algumas das efígies representem símbolos de clãs e de famílias.

Embora a região norte-central possua o maior número de colinas em efígie, as maiores atualmente em existência encontram-se mais a sul. No Condado de Putnam, na Geórgia, uma águia está representada numa colina feita inteiramente de blocos de quartzo leitoso. O corpo tem 10 pés [cerca de 3 metros] de espessura e estende-se por 120 pés [cerca de 36,6 metros] da cabeça à cauda e 120 pés [cerca de 36,6 metros] de ponta a ponta das asas. Várias outras colinas em efígie de águia feitas de quartzo leitoso existiram outrora na Geórgia. O sítio de Pinson, no Tennessee, também contém uma colina em efígie de terra que retrata uma águia.

Sem dúvida, a colina em efígie mais famosa é a Colina da Serpente (*Serpent Mound*), no Condado de Adams, no Ohio. Serpenteia pelo chão ao longo de 1348 pés [cerca de 411 metros], retratando uma cobra que parece engolir um ovo. Tem 20 pés [cerca de 6 metros] de largura e possui uma altura entre 2 e 6 pés [cerca de 0,6 a 1,8 metros]. Várias colinas pequenas estão associadas ao local. Embora se tenha pensado durante muito tempo que a colina datasse de 200 d.C. a 500 d.C., uma escavação de 1991 datou amostras de carvão vegetal de 1070 d.C. Acredita-se que esteja diretamente ligada à Cultura Fort Ancient (uma cultura Hopewell discutida anteriormente neste capítulo). Uma investigação de 1993 mostrou que a serpente está orientada para Polaris. A sua cabeça aponta para o pôr do sol do solstício de verão e as curvas estão alinhadas com o nascer do sol dos solstícios e do equinócio.

**Alinhamentos Astronómicos**

A área da arqueologia que investiga os alinhamentos astronómicos de sítios é chamada arqueoastronomia. A tecnologia informática emergente, capaz de computar com precisão as posições do sol, da lua e das estrelas em qualquer altura e local dados, tornou o seu trabalho extremamente científico e credível. Como descrito anteriormente neste capítulo, os Hopewell ergueram muitos sítios como um meio de prever os solstícios e os equinócios.

O Círculo e Octógono de Newark é certamente uma das terraplenagens mais misteriosas do mundo. Na década de 1980, arqueoastrónomos "amadores" começaram a desvendar a sua importância astronómica. Talvez a contribuição mais significativa para a astronomia Hopewell tenha sido feita por dois professores do *Earlham College*, do Indiana, que passaram uma década a estudar o local. Ray Hively e Robert

Horn, professores de Física e Filosofia, descobriram algo incrível no sítio de Newark. O Círculo e Octógono era utilizado para traçar com precisão o ciclo de 18,61 anos da lua.

Durante o seu ciclo de 28 dias, os pontos de nascimento e de ocaso da lua variam entre dois pontos extremos, norte e sul, do horizonte visível. No entanto, ao longo de vários anos, os pontos extremos de nascimento e ocaso mudam pouco a pouco até se moverem gradualmente para trás. Após um período de 18,61 anos, os pontos extremos de nascimento e ocaso regressam ao local onde começaram. O nascer e o pôr da lua não podem ser visualizados todas as noites devido à cobertura de nuvens, e os dois investigadores estimaram que provavelmente foram necessários cem anos de observação cuidadosa antes de se construir a terraplenagem. Encorajados e fascinados por este resultado, após publicarem as suas descobertas sobre Newark, Hively e Horn voltaram a sua atenção para o círculo e octógono de Chillicothe. O círculo e octógono de Chillicothe é conhecido há muito como *High Banks Works*.

*High Banks* é quase uma cópia do Círculo e Octógono de Newark. No entanto, o círculo e octógono de *High Banks* está orientado a 90 graus de diferença em relação ao Círculo e Octógono de Newark. Não só o *High Banks Works* mostrou os alinhamentos lunares esperados, como também mostrou os pontos de nascimento e de ocaso do sol nos solstícios. Comentando sobre o seu trabalho, Bradley Lepper escreveu: "as substanciais paredes de terra e uma altura que corresponde, mais ou menos, ao nível dos olhos são instrumentos fixos massivos (e, portanto, duradouros e à prova de adulteração) para realizar observações astronómicas". 10

Numa secção anterior deste capítulo, foi mencionada a "Grande Estrada Hopewell", que corre do Círculo e Octógono de Newark até Chillicothe. Acredita-se agora que esta estrada ligava o *High Banks Works* às terraplenagens de Newark. Joseph Knapp traçou cuidadosamente a topografia circundante de ambos os círculos e octógonos, de Newark e de *High Banks*, e chegou a uma conclusão surpreendente. O *High Banks Works* era utilizado para observações da lua de janeiro a junho de cada ano. Durante esse período de tempo, o horizonte em Newark bloqueava as melhores vistas da lua. No entanto, de julho a dezembro de cada ano, o Círculo e Octógono de Newark era o melhor local para visualizar os movimentos da lua. Isso, acredita ele, explica parcialmente a estrada entre Newark e Chillicothe. 15

Embora traçar os movimentos da lua ao longo de um período de 18 anos possa ser visto como uma espécie de calendário a longo prazo, possui outra vantagem. A cada 18,61 anos ocorre uma paragem lunar maior (*major lunar standstill*). Este evento era significativo em Stonehenge, bem como em muitos outros sítios de círculos de pedras europeus. Talvez mais importante ainda, os eclipses solares podiam ser previstos através do conhecimento do ciclo de saro, um ciclo relacionado de 18 anos e 11 1/3 dias. Os antigos babilónios previram com sucesso eclipses através do ciclo de saro. Uma série de saro é uma série de eclipses a cada 18 anos e 11+ dias ao longo de um período de 1200 anos. Durante esse tempo, ocorreriam entre 68 e 75 eclipses solares. Apenas alguns destes seriam eclipses totais. Um eclipse total ocorrerá no mesmo local da Terra, em média, cerca de uma vez a cada 360 anos. No entanto, ocorrem eclipses parciais cerca de cada 2,5 anos.

William Romain 7 encontrou alinhamentos solares presentes em muitos sítios Hopewell com terraplenagens em círculo e quadrado. Sítio *Seal* está alinhado com os equinócios, as obras de *Dunlap* estão alinhadas com o nascer do sol do solstício de verão, o sítio de *Hopeton* está alinhado com o pôr do sol de ambos os solstícios, de verão e de inverno, e o sítio de *Anderson* está alinhado com o pôr do sol do solstício de verão. *Mound City* está alinhado com o pôr do sol do solstício de verão, e o sítio original de *Hopewell* está alinhado com o nascer do sol do solstício de inverno.

Romain também encontrou muitos alinhamentos nas obras de *Marietta*. Três alinhamentos diferentes foram encontrados em *Marietta* para o pôr do sol do solstício de inverno. Além disso, os pontos máximos de nascimento e ocaso da lua estavam presentes. No entanto, alguns dos trabalhos mais interessantes em *Marietta* provieram de David Berry, um químico reformado, e do antigo editor do *Marietta Times*, Ted Bauer. Em 1983, Bauer sugeriu que as obras de *Marietta* foram feitas para exibir os nasceres do sol importantes. 16 Juntando-se a Berry, os dois fizeram cálculos preliminares que mostraram que *Marietta* não só exibia os nasceres e pores do sol importantes, mas também os pontos de nascimento e ocaso da lua. Um conjunto de sete colinas de pedra numa crista do outro lado do Rio Muskingum — diretamente em frente à *Sacre Via* — servia como importantes pontos de observação.

Em setembro de 2000, os autores Greg e Lora Little observaram uma espetacular lua cheia a pairar no horizonte, vista a partir do Caminho Sagrado em *Marietta*.

Berry e Bauer também descobriram que as aberturas nas terraplenagens circulares em beco sem saída em Newark e Chillicothe estavam orientadas para algo inesperado — estrelas proeminentes, especialmente a estrela Sírio. In 1987, os dois propuseram que muitos sítios de colinas foram dispostos de modo a retratar constelações. Identificaram especificamente as Plêiades e as três estrelas que compõem o Cinturão de Oríon em agrupamentos de colinas. 17 Trata-se de uma proeza profundamente interessante e notável por parte de ambos. O livro de maior sucesso que é amplamente creditado como o primeiro a propor que os antigos construíram estruturas na Terra para mimetizar as três estrelas principais de Oríon, *O Mistério de Oríon*, foi publicado em 1994 — mais de 6 anos após Berry e Bauer terem proposto a ideia. Parece certo que a Cultura Hopewell vigiava cuidadosamente os movimentos, os nasceres e os pores do sol, da lua, das estrelas e dos planetas. Como mencionado anteriormente, existem fortes provas de que o sítio de Pinson, no Tennessee, era utilizado para observar o nascer das estrelas Sírio, Rigel e Aldebaran.

**Cayce e Hopewell**

As leituras de Edgar Cayce nunca mencionaram "Adena" ou "Hopewell" pelo nome. Isto não deve ser surpreendente, uma vez que os termos nada tinham a ver com os nativos americanos ou com a América antiga. Como delineámos várias vezes, no entanto, as leituras de Cayce fornecem de facto uma visão geral dos construtores de colinas. As afirmações de Cayce concordam essencialmente com as características Hopewell identificadas pelos arqueólogos. A existência de altares de pedra em muitas colinas Hopewell apoia a afirmação de Cayce de que as Tribos Perdidas influenciaram a cultura. Além disso, a evidência de que a Hopewell foi influenciada por culturas mexicanas é avassaladora, apesar da rejeição desta ideia por parte da maioria dos arqueólogos académicos. A quadrícula de 187 pés em Teotihuacan e nos sítios Hopewell parece apoiar totalmente a afirmação de Cayce de que, antes de se mudarem para a América para se tornarem construtores de colinas, as Tribos Perdidas viveram perto da Cidade do México e envolveram-se com a cultura de construção de pirâmides que ali existia.

As colunas de pedra no Complexo de Crystal River, o aparecimento de milho no Ohio em 500 a.C. e até a forma de algumas terraplenagens apoiam a ideia de Cayce sobre a migração das Tribos Perdidas para norte. Além disso, as semelhanças entre as estradas sagradas dos maias e os

caminhos de passagem murados na América parecem indicar que a sua construção poderia ter tido origem em grupos relacionados.

Cayce afirmou que a era dos construtores de colinas começou com uma fusão das Tribos Perdidas com a cultura atlante. As incríveis terraplenagens Hopewell eram, portanto, sob o ponto de vista de Cayce, uma ramificação das influências atlantes. O uso de altares e sepultamentos em túmulos sob colinas revestidos com troncos e pedras foi uma adaptação a partir das Tribos Perdidas.

A presença de alinhamentos lunares e solares nos sítios Hopewell é fascinante. Cayce deu longas leituras sobre a influência da astrologia na vida humana, e tanto o sol como a lua desempenharam papéis proeminentes nestas leituras. A influência das Plêiades e de Oríon também foi mencionada várias vezes por Cayce. Além disso, Cayce mencionou que templos dedicados ao sol e à lua tinham sido construídos na América antiga por atlantes. As obras do Círculo e do Octógono, bem como muitas das obras de círculo/quadrado, podem ser representações destes templos. É possível que uma forma de iniciação lunar tenha ocorrido em alguns destes sítios. Examinaremos totalmente a possibilidade de uma influência atlante na construção de colinas num capítulo posterior. No entanto, a história da construção de colinas na América deve ser completada primeiro. Pois as maiores colinas não foram construídas senão após o fim da era Hopewell. Este grupo cultural, coletivamente chamado de Mississipianos, não só construiu as maiores colinas, como também as construiu de modo a assemelharem-se a pirâmides.

**Os Mississipianos**

*As cidades mississipianas figuram entre os maiores e mais arqueologicamente complexos espaços culturais pré-históricos no leste dos Estados Unidos. Embora recolhidas à superfície, saqueadas, escavadas e mapeadas por gerações de arqueólogos, cidadãos interessados e caçadores de relíquias, surpreendentemente pouco se sabe sobre elas...* — R. B. Lewis e C. Stout (1998) *Mississippian Towns and Sacred Spaces*

À medida que a Era Hopewell minguava em 500 d.C. e a Adena terminava em 900 d.C., uma nova forma de construção de colinas emergiu e veio a dominar todas as Florestas Orientais. As estranhas terraplenagens dos sítios Hopewell foram abandonadas e iniciou-se a construção de grandes colinas em forma de pirâmide no meio de gigantescos complexos habitacionais. Alguns dos fatores mais importantes que contribuíram para esta mudança foram o desenvolvimento de uma agricultura avançada,

melhor olaria, uma capacidade melhorada de armazenamento de alimentos e uma sociedade cada vez mais estratificada.

A Era Mississipiana começou já em 300 d.C. e continuou até cerca de 1600 d.C. Atingiu o seu pináculo em 1400 e, surpreendentemente, existem alguns relatos fiáveis destes construtores de colinas. A partir destes relatos, sabe-se que os Mississipianos eram adoradores do sol e tinham governantes absolutos que viviam no topo de colinas, dominando as suas cidades.

Em 1539, Hernando de Soto e um grupo de 622 homens, na sua maioria soldados espanhóis, desembarcaram perto de Tampa, na Florida. Em busca de uma "cidade de ouro", as tropas de De Soto marcharam através da Geórgia, da Carolina do Norte e, depois, para a Carolina do Sul. Viraram para oeste, movendo-se através das Montanhas Blue Ridge do Tennessee antes de marcharem para sul. Depois de alcançarem o centro do Alabama, o grupo moveu-se para noroeste através do Mississippi até chegar ao Rio Mississippi, perto de Memphis. Demoraram um mês a construir barcaças suficientemente grandes para cruzar o rio de 2 milhas [cerca de 3,2 km] de largura. Movendo-se para norte através do Arkansas, poderão ter ido tão longe como New Madrid, no Missouri, antes de seguirem para oeste através das Ozarks, alcançando eventualmente o Oklahoma. Exaustos, frustrados por não encontrarem nenhum ouro e enfrentando batalhas constantes, decidiram finalmente regressar ao Golfo do México e partir. Enquanto passava pelo Luisiana, De Soto morreu e um outro oficial ordenou que o grupo mudasse de rumo e seguisse para oeste. A sua ordem conduziu as tropas aos desertos do Texas. Depois, ordenou uma marcha para sudeste. Em julho de 1543, os 311 sobreviventes da malfadada busca de ouro de De Soto flutuaram pelo Rio Mississippi abaixo e encontraram o seu caminho para o México.

Assim que desembarcou na Florida, De Soto encontrou construtores de colinas que estavam a construir colinas de templo com 40 pés [cerca de 12 metros] de altura. Mas não havia nenhum ouro. Sem desanimar, De Soto e os seus homens foram impelidos, movendo-se de aldeia em aldeia por sábios chefes que lhe diziam que uma cidade dourada podia ser encontrada — mas localizava-se sempre longe, na distância. Na Geórgia, De Soto foi recebido por uma "rainha gorda" que governava toda a área a partir de um grande complexo de colinas. De Soto questionou-a sobre ouro e prata e ela respondeu que possuía, de facto, um grande suprimento. Foram trazidas a De Soto pilhas de artefactos de "ouro" e "prata", mas todos eles eram feitos de cobre e mica. Frustrados, os espanhóis saquearam 500 libras [cerca de

227 kg] de pérolas encontradas em caixões no topo de uma colina de templo. Num outro sítio de colinas próximo, saquearam um templo com 100 pés [cerca de 30 metros] de comprimento no topo de uma enorme colina em forma de pirâmide. Em quase todas as áreas que De Soto visitou, encontrou enormes templos construídos no topo de altas colinas de terra que formavam pirâmides truncadas. Os templos estavam repletos de belos artefactos do período Mississipiano — mas não continham ouro. 1

A malfadada busca de ouro de De Soto levou-o numa marcha em ziguezague através do coração do território de construção de colinas mississipiano. A sua caminhada garantiu que as doenças que ele e os seus homens carregavam se espalhassem por toda a terra. Os nativos não tinham resistência às doenças europeias comuns e, no espaço de apenas uma década, 90% da população nativa morreu. Infelizmente, o período de 4500 anos da grande e antiga era de construção de colinas americana tinha terminado. Na altura em que os primeiros colonos alcançaram as colinas, tudo o que restava nas memórias tribais eram recordações enevoadas dos seus antigos antepassados que as tinham construído.

**Características Mississipianas**

A Era Mississipiana deriva o seu nome do enorme vale formado pelo Rio Mississippi e pelos complexos de colinas de templo ali construídos a partir de cerca de 300 d.C. Colinas semelhantes fora da área também são conhecidas como "mississipianas". Os sítios mississipianos estendiam-se desde a costa atlântica até ao Texas e Oklahoma, e desde o Wisconsin até ao Golfo. Inúmeros nomes regionais são utilizados para descrever diferentes variações da cultura. Os sítios mississipianos clássicos possuem tipicamente múltiplas colinas de templo, colinas funerárias cónicas e uma praça. Este complexo de colinas servia como o centro de uma "cidade" movimentada. Uma alta parede de madeira rebocada com lama era habitualmente erguida em redor de toda a cidade ou, pelo menos, em redor das colinas de templo mais importantes no centro da cidade. A rodear a cidade encontravam-se grandes áreas agrícolas onde o milho, o feijão e a abóbora eram cultivados.

A praça plana na base das gigantescas colinas de templo servia tanto como o principal local de reunião como de área de jogos. Tal como os maias e, mais tarde, os astecas faziam, os Mississipianos utilizavam as praças para jogar vários jogos onde muito mais do que o orgulho estava em jogo.

Em anos recentes, os arqueoastrónomos descobriram que muitas colinas da Era Mississipiana possuem alinhamentos com os solstícios, equinócios e nasceres de estrelas. Acredita-se que as cerimónias eram planeadas em redor de eventos celestes como os solstícios, mas o significado dos alinhamentos estelares permanece intrigante.

No topo da colina de templo mais importante de cada sítio, um fogo sagrado ardia em permanência. A vida religiosa, política e do dia a dia estava centrada nas grandes colinas. O chefe governante era por vezes chamado de "Grande Sol" e era reverenciado como uma divindade. O título era-lhe concedido com base na sua linhagem. Os ossos os grandes chefes eram habitualmente guardados num templo no topo de uma colina sagrada, alojados com uma multitude de artefactos. Praticavam-se cultos baseados na identificação com animais e na adoração de antepassados. Imagens fantásticas que retratavam serpentes emplumadas, homens em trajes de "ave" e efígies foram encontradas em pedra, olaria e objetos cerimoniais. Algumas imagens, como o símbolo do "olho na mão", a cruz e a "serpente voadora", surgiram em muitos sítios.

**Sítios Mississipianos**

Apenas alguns dos sítios mississipianos maiores serão discutidos. Algumas imagens de localizações adicionais estão incluídas e as legendas fornecem alguns pormenores sobre estes sítios. Milhares de colinas mississipianas permanecem em existência; no entanto, muitas continuam a ser destruídas pela agricultura. Os sítios mais pequenos consistem habitualmente numa única colina com apenas alguns pés de altura. O maior sítio, Cahokia, possui 106 colinas. Um número razoável de sítios mississipianos está preservado hoje como parques e servem como lembretes de um passado antigo na América.

As pirâmides de terra não são tão impressionantes como as pirâmides de pedra do Egipto, mas uma simples comparação mostra a grande extensão da civilização de construção de colinas na América antiga. Todo o país do Egipto possui menos de 100 pirâmides e a maioria delas é bastante pequena em comparação com a Grande Pirâmide de Gizé. Em contraste, o sítio de Cahokia, perto de Collinsville, no Illinois, teve outrora 120 colinas (106 permanecem lá hoje). Não só isso, mas a maior colina em Cahokia possui uma base de mais de 14 acres [cerca de 5,7 hectares] — ligeiramente maior do que a base da Grande Pirâmide de Gizé.

**Spiro Mounds, Oklahoma** Perto da pequena cidade de Spiro, no Oklahoma, os Mississipianos construíram um complexo de colinas invulgar

junto ao Rio Arkansas que era aparentemente utilizado apenas por sacerdotes. O sítio, que contém 12 colinas, foi construído por volta de 800 d.C. As colinas renderam uma quantidade incrível de grandes cachimbos e objetos cerimoniais requintados a agricultores e a outros que encontraram tempo para escavar nelas. Na década de 1930, um mercado ávido de compradores estava pronto para absorver quaisquer artefactos provenientes de colinas, e os bens das colinas de Spiro estavam entre os melhores de todos. Consequentemente, a *Pocola Mining Company* decidiu transformar o sítio numa operação comercial. Trouxeram dinamite e equipamento rodoviário pesado e nivelaram as colinas, destruindo mais artefactos do que os que removeram intactos. Anos mais tarde, dois arqueólogos amadores conseguiram rastrear muitos dos melhores artefactos que os colecionadores tinham comprado à empresa Pocola. Recompraram-nos e doaram-nos ao estado.

**Cahokia, Collinsville, Illinois** Cahokia fica a 5 milhas [cerca de 8 km] a leste do Rio Mississippi, em St. Louis. O complexo de colinas com 2200 acres [cerca de 890 hectares], designado como Sítio do Património Mundial, contém 68 das 106 colinas conhecidas que ainda restam. Em 1200 d.C., a cidade central de Cahokia era o lar de pelo menos 20 000 pessoas — alguns arqueólogos argumentam que 50 000 residentes podem ter vivido ali. Campos agrícolas expansivos que circundavam a cidade sustentavam os residentes. É provável que quase todas as árvores tenham sido utilizadas para lenha ou construção num raio de muitas milhas da cidade.

Cahokia estava cuidadosamente organizada em fileiras de casas em redor de várias praças, as quais estavam subdivididas em secções residenciais. As colinas foram erguidas para alojar líderes em templos elevados e foram dispostas com base em eventos solares específicos e noutros eventos astronómicos. Em redor da cidade central existia uma alta paliçada de madeira rebocada com argila endurecida. Ergueram-se bastiões a intervalos regulares para facilitar a defesa das paredes. Cahokia era uma fortaleza gigante, mas as escavações mostram que as paredes foram reconstruídas pelo menos quatro vezes.

Os ataques à cidade deixaram milhares de pontas de seta em linhas que seguiam as paredes. As paredes tinham ardor e as cinzas da madeira formaram uma cobertura profunda para as pontas à medida que estas caíam ao chão. Quem exatamente possuía guerreiros em número suficiente para atacar o sítio tantas vezes é desconhecido.

A maior colina é chamada de "Monk's Mound" (Colina do Monge), batizada devido a um grupo de monges franceses que ali viveu nos anos 1800. A colina possui 22 milhões de pés cúbicos [cerca de 623 000 metros cúbicos] de terra que formam quatro terraços na sua base de 14 acres. No seu cume, a 100 pés [cerca de 30,5 metros] de altura, existiu outrora um enorme templo. O templo tinha paredes com 50 pés [cerca de 15,2 metros] de altura. Tinha 105 pés [cerca de 32 metros] de comprimento e 48 pés [cerca de 14,6 metros] de largura. O tamanho da colina é fácil de avaliar erradamente em fotografias. Em 1987, mais de 4000 pessoas estiveram no topo da colina para uma celebração de Convergência Harmónica.

Colinas funerárias estão incluídas no centro da cidade. Uma pequena colina, chamada *Mound 72*, foi completamente escavada. Quase 300 sepultamentos foram encontrados nela. O sepultamento principal na colina era um governante masculino que tinha cerca de 45 anos de idade. O seu corpo foi colocado sobre 20 000 contas de concha. Junto ao seu sepultamento foram encontrados quatro homens com as cabeças e as mãos em falta. Também foram encontrados os esqueletos de 53 mulheres com idades entre os 15 e os 25 anos que foram sacrificadas com o governante. Ao longo dos anos, dezenas de milhares de artefactos foram descobertos em sepultamentos de Cahokia. A figura (…) mostra a placa do "Homem-Ave" de Cahokia recuperada de *Monks' Mound*.

In 1964, Warren Wittry realizou uma escavação apressada antes da construção das Autoestradas Interestaduais 70 e 55 que cortavam o sítio. Wittry encontrou enormes buracos de postes de cedro datados por radiocarbono de 815 d.C. Mais buracos de postes foram posteriormente encontrados. Estes buracos de postes formavam vários círculos sobrepostos que foram subsequentemente apelidados de "woodhenge" (hentge de madeira) porque eram utilizados para efetuar alinhamentos com eventos solares e estrelas.

No verão de 1998, um mistério começou a desenrolar-se em Cahokia quando a *Southern Illinois University* em Edwardsville realizou algumas escavações de teste em *Monk's Mound*, em preparação para a instalação de tubos de drenagem na colina. À medida que uma plataforma de perfuração abria um buraco horizontal de 140 pés [cerca de 42,6 metros] na colina, a 40 pés [cerca de 12 metros] abaixo do 2.º terraço encontrou pedra. A broca foi forçada através de 32 pés [cerca de 9,7 metros] de pedra quando a ponteira subitamente se partiu. Em julho de 1999, realizaram-se esforços para determinar o tamanho e a forma da estrutura de pedra.

Equipamento de deteção remota encontrou três "anomalias". A estrutura de pedra parece ter entre 19 e 30 pés [cerca de 5,8 a 9 metros] de altura, mas a sua extensão não pôde ser calculada. Mesmo acima da estrutura de pedra existe outra estrutura de terra densamente compactada (tem 5 pés [cerca de 1,5 metros] de largura e entre 7 e 17 pés [cerca de 2,1 a 5,2 metros] de altura). Uma estrutura de terra anómala semelhante foi identificada 70 pés [cerca de 21,3 metros] mais profundamente no centro da colina. O que são estas estruturas é completamente desconhecido. Não se ajustam a nenhum tipo conhecido de túmulo ou estilo de construção em pedra utilizado pelos Mississipianos. 1,2,3

**Moundville, Alabama** A cerca de 13 milhas [cerca de 21 km] a sul de Tuscaloosa, no Alabama, uma área de 300 acres [cerca de 121 hectares] contém 20 pirâmides de terra truncadas dispostas grosseiramente num enorme círculo. Variam entre 3 e 60 pés [cerca de 0,9 a 18,3 metros] de altura e serviam como colinas de templo. Outras 20 colinas funerárias foram erguidas perto do sítio. Moundville foi um importante centro cerimonial entre os anos 1200 e 1400 d.C. e até 3000 pessoas viviam na área central que estava cercada por uma paliçada de madeira. Outras 10 000 pessoas viviam ao redor da paliçada. O sítio era um centro para o que tem sido descrito como "O Culto da Morte do Sul". Rituais complexos eram realizados durante as celebrações mortuárias e envolviam o uso de símbolos particulares encontrados em artefactos descobertos no local. Estes incluem o símbolo do olho na mão, o círculo solar, la cruz e a serpente emplumada. 4

**Etowah, Geórgia** O sítio de Etowah, a 3 milhas [cerca de 4,8 km] de Cartersville, na Geórgia, é um exemplo clássico de uma cidade mississipiana com paliçada, centrada em redor de três grandes colinas de topo plano. Os 56 acres [cerca de 22,6 hectares] da cidade estavam cercados por um fosso com 12 pés [cerca de 3,6 metros] de profundidade e 24 pés [cerca de 7,3 metros] de largura, com as paredes de madeira construídas dentro do fosso. A maior colina de templo tem 60 pés [cerca de 18,3 metros] de altura e possui uma base de 335 x 39 pés [cerca de 102 x 12 metros]. De 1954 a 1958, uma série de escavações descobriu duas espetaculares estátuas de mármore. A primeira era uma figura feminina com dois pés [cerca de 60 cm] de altura que usava um objeto semelhante a uma mochila.

Uma mancha verde escura (tinta) foi encontrada nas áreas do peito e do rosto. Uma segunda estátua, uma figura masculina com mais de 120

libras [cerca de 54 kg] e mais de 2 pés [cerca de 60 cm] de altura, também apresentava a mesma mancha verde. A estátua masculina estava partida em vários locais e outras indicações mostraram que ambas as estátuas tinham sido colocadas de forma apressada e descuidada num sepultamento. Ambas as estátuas estão em exibição no sítio bem mantido. 5,6

**Aztalan, Wisconsin** Alguures por volta do ano 1100 d.C., um pequeno grupo abandonou Cahokia e fugiu para norte, subindo o Rio Mississippi. Desviaram-se pelo Rio Rock e depois tomaram o Rio Crawfish, onde estabeleceram um novo sítio de colinas perto do que é hoje Lake Mills, no Wisconsin. Tornou-se o posto avançado mais a norte dos Mississipianos. O sítio, agora chamado Aztalan, tinha originalmente 74 colinas cónicas cuidadosamente colocadas numa fila dupla dentro de paredes de madeira com 12 a 19 pés [cerca de 3,6 a 5,8 metros] de altura. Também se construíram duas pirâmides truncadas; a maior tem 24 pés [cerca de 7,3 metros] de altura. Foram encontradas evidências de canibalismo em Aztalan. 7

**Outros Sítios Mississipianos de Interesse**

Muitos complexos de colinas da Era Mississipiana são mantidos como parques e centros arqueológicos. Cada um proporciona um vislumbre fascinante do tipo particular de práticas que eram realizadas dentro de uma variação regional das colinas da Era Mississipiana. Entre estes encontram-se as Colinas de Kolomoki (perto de Blakely, Geórgia), Ocmulgee (Macon, Geórgia), Colinas de Rock Creek (a sul de Cusseta, Geórgia), Marksville (Luisiana), Colinas de Caddo (perto de Alto, Texas), Indian Mound (Florence, Alabama), Parkin (conhecido por ser um sítio visitado por De Soto em 1541; no Arkansas), Colinas de Toltec (a sudeste de Little Rock, Arkansas), Colinas de Lake Jackson (a norte de Tallahassee, Florida), Temple Mound (Fort Walton Beach, Florida), Emerald Mound, Mangum Mound, Boyd Mounds, Bynum Mounds, Pharr Mounds e Bear Creek Mound (todos na Natchez Trace, no Mississippi), Winterville Mounds (perto de Greenville, Mississippi), Town Creek (perto de Mount Gilead, Carolina do Norte), Chucalissa e DeSoto Mounds (ambos em Memphis, Tennessee), Shiloh Mounds (perto de Savannah, Tennessee), Mississippi Palisades Park (Savanna, Illinois), Angel Mounds (Evansville, Indiana), Wickliffe Mounds (Kentucky), Lilbourn Mounds (New Madrid, Missouri) e Towosahgy Mounds (perto de East Prairie, Missouri).

**Importância Astronómica dos Sítios Mississipianos**

Foi apenas na última década que os investigadores olharam seriamente para a possibilidade de todos os sítios mississipianos estarem dispostos num padrão alinhado com eventos solares e estelares. Maureen Korp 8 avaliou 57 complexos de colinas mississipianos diferentes. Oitenta e nove por cento continham terraplenagens orientadas para leste. Isto parece indicar uma forte ênfase na adoração do sol. Korp afirma que a disposição das colinas é muito semelhante a Stonehenge, bem como a outros sítios neolíticos no Antigo Mundo.

Após encontrarem importância estelar, lunar e solar no sítio de 18 colinas de Toltec, no Arkansas, os investigadores analisaram 31 outros sítios mississipianos para possíveis alinhamentos. 9 Setenta e um por cento destes sítios mostraram alinhamentos com os solstícios. Alinhamentos com o nascer das estrelas Vega, Sírio, Arcturus, Aldebaran, Rigel, Fomalhaut e Capella foram encontrados em vários sítios. Alinhamentos lunares também foram encontrados. Por exemplo, em Toltec, o ponto de ocaso extremo sul da lua está indicado.

A maioria dos sítios de colinas estava orientada em redor de três grandes colinas, por vezes em linha, mas mais frequentemente em triângulo. Um levantamento de 536 centros de colinas mississipianos descobriu que o número mais comum de colinas encontrado nestes sítios é três. 9 O sítio típico possui três colinas com uma área de praça entre elas. Colinas secundárias são habitualmente encontradas em grupos de três fora dos lados da área da praça, entre as duas maiores colinas.

**As Afirmações de Cayce Sobre os Construtores de Colinas**

Numa das suas leituras mais interessantes sobre os construtores de colinas (em 1936), Cayce afirmou que as colinas dos índios nativos americanos eram réplicas das experiências do Iucatão, da Atlântida e de Gobi. No próximo capítulo, a ligação da Atlântida com as colinas será discutida. Os paralelos entre as colinas e os sítios maias no Iucatão serão brevemente delineados na secção seguinte. Mas o que poderia Cayce querer dizer quando falava da experiência de Gobi?

A palavra "Gobi" aparece 199 vezes no CD-ROM de Cayce. Aparece em bem menos de 100 leituras de vida. Várias leituras de Cayce chamam a Gobi a "Terra do Sol" e indicam que a adoração do sol era a sua religião principal (2067-4; 2091-1). Em março de 1935, Cayce referiu-se a uma cidade perdida enterrada sob as areias de Gobi (873-1) e, em 1936, chamou a esta cidade a "Cidade de Ouro" e a "Cidade Dourada". Também afirmou

que esta cidade seria provavelmente descoberta no futuro (877-12; 1554-3; 2402-2).

De acordo com Cayce, uma característica importante da civilização de Gobi era a implementação de uma estrutura social rígida que ele comparou a um "sistema de castas". Os governantes eram vistos com temor reverente e eram considerados deuses em si mesmos (2067-4; 1505-1). Viviam em templos e, numa leitura de 1940, Cayce referiu-se a "edifícios em terraços" com templos em Gobi (2067-4).

As descrições de Cayce sobre o sistema de castas em Gobi ajustam-se bastante bem aos construtores de colinas da Era Mississipiana. Sabe-se que o rei (ou rainha) era chamado de "Grande Sol" e era visto como uma divindade. O governante Grande Sol era carregado numa plataforma, sentado num trono. O seu governo era absoluto. Além disso, viviam no topo das altas colinas de topo plano em enormes templos — correspondendo às descrições de Cayce sobre "a experiência de Gobi".

A maioria das leituras de Cayce sobre Gobi ocorreu na década de 1930, com a última a acontecer em 1944. A partir das leituras, parece que ele falava sobre vários locais diferentes na enorme área do Deserto de Gobi. Por exemplo, a Cidade de Ouro de Gobi é descrita em pormenor em algumas leituras. Noutras leituras, Cayce descreve uma planície com muitos edifícios em terraços e templos — e estas descrições são diferentes da Cidade de Ouro.

De acordo com historiadores das religiões, as principais ideias espirituais dos antigos chineses estavam "preocupadas com la estrutura e a forma do mundo em que viviam e com as forças misteriosas que operavam dentro do quadro geométrico desse mundo. Esse quadro consistia numa plataforma plana de terra... encimada pela abóbada do Céu cravejada pelas estrelas fulgurantes que controlavam o destino humano". 10 A história registada da China recua quase 5000 anos mas, em tempos históricos, a China foi, na sua maior parte, sempre uma terra fechada aos ocidentais. A presença de enormes colinas ("plataformas planas de terra") na China era essencialmente desconhecida para o mundo exterior até 1945 e, mesmo nessa altura, apenas um punhado de pessoas estava consciente da sua presença.

Em 1947, foi revelado que uma aeronave militar dos Estados Unidos tinha voado sobre uma área a sudoeste da cidade de Xi'an em 1945. A tripulação fotografou uma enorme pirâmide de terra que avistou a partir do ar, e uma imagem da mesma foi publicada em 1947. O artigo

acompanhante sugeria que a colina tinha talvez 1000 pés [cerca de 305 metros] de altura e que outras colinas tinham sido avistadas pelos pilotos.

O autor Hartwig Hausdorf interessou-se pelo tema no final da década de 1980 e, posteriormente, conseguiu visitar a China central e fotografar (à distância) algumas destas colinas. O seu livro, *The Chinese Roswell,* retrata-as. Perto das "zonas proibidas", Hausdorf conseguiu utilizar o zoom de uma câmara de vídeo e contou mais de 100 colinas piramidais nas planícies. Posteriormente, foram examinadas várias fotografias governamentais de reconhecimento por satélite das planícies da China central, revelando a presença de centenas de colinas com a forma de pirâmides. Variam em tamanho, sendo algumas delas imensas. Nem todas as fotografias de satélite são da área que Hausdorf visitou; a maioria delas situa-se mais a norte. No entanto, a sua localização exata não é clara. É provável que a localização de algumas das fotografias de reconhecimento venha a revelar-se no sul de Gobi.

As pirâmides perto de Xi'an não ficam no próprio Gobi, mas nas planícies logo a sul dele. Situam-se na Província de Shaanxi, que faz fronteira com o Gobi e com a Grande Muralha. Este era o coração da antiga civilização chinesa; uma área que se estendia bem pelo Gobi adentro antes da construção da Grande Muralha por Ch'in Shih em 200 a.C.

A simples afirmação de Edgar Cayce que ligava as colinas americanas a templos em terraços semelhantes no Gobi era absurda na altura em que a fez. E a sua ideia de que enviados e pequenos grupos de pessoas se moviam entre o Gobi, o Egipto e a Atlântida era absurda. A descoberta em 2001 de um vestígio do haplogrupo X na área norte do Gobi parece estabelecer uma ligação firme entre as áreas que Cayce identificou. Mais uma vez, parece que as ideias "impossíveis" de Cayce se revelam credíveis.

**O Céu na Terra?**

**O Iucatão, o Egipto e os Construtores de Colinas**

Em *The Lost Hall of Records*, o "Lareira Cósmica" dos maias foi discutido longamente. O Lareira Cósmica é um triângulo formado por três estrelas da constelação de Oríon. As estrelas são Alnitak (a estrela exterior das três estrelas que compõem o "cinturão"), Saiph e Rigel. O triângulo do Lareira Cósmica é um conceito-chave no mito maia da vinda do grande Deus Pai Itzamna e do início do 4.º mundo em 3114 a.C. Não há dúvidas na arqueologia maia de que o Lareira Cósmica era Oríon. Além disso, o provável sítio do Salão de Registos do Iucatão (conforme relatado por

Cayce) em Piedras Negras possui várias formações piramidais que parecem simbolizar este triângulo.

De facto, Piedras Negras possui uma pirâmide alinhada com o nascer do Cinturão de Oríon a 14 de agosto de 3114 a.C., e outra pirâmide alinhada com o ocaso de Oríon a 22 de dezembro de 2012. (Essa é a data maia para o fim do mundo atual e o início do novo.) Itzamna pode ter sido uma representação de Iltar, que Cayce disse ter deixado a Atlântida e ido para o Iucatão para estabelecer o templo para alojar os antigos registos atlantes.

A mitologia fornece uma série de pormenores sobre Oríon. Ele era um grande caçador e um guerreiro. Os hebreus viam-no como Nimrod, o construtor da Torre de Babel. Existem várias versões sobre a origem de Oríon na mitologia grega, mas todas elas envolvem Posídon de uma forma ou de outra. O menos complexo e mais "plausível" destes contos apresenta Oríon como o filho de Posídon e de Euríale. 11 De acordo com Platão, Posídon é o deus que estabeleceu a antiga Atlântida. Sendo Oríon o filho de Posídon, pareceria, pelo menos a um nível superficial, que poderá estar presente uma ligação de Oríon com a mitologia da Atlântida.

As realidades subjacentes da mitologia tendem a ser obscurecidas não só pelo tempo, mas também por símbolos inconsistentes e pouco claros. No Egipto, Oríon estava associado ao deus Osíris. As leituras de Edgar Cayce indicavam que a grande civilização do antigo Egipto se desenvolveu quando alguns atlantes escaparam da destruição final das suas ilhas algures antes de 10 000 a.C. O livro de 1994 de Robert Bauval e Adrian Gilbert, *O Mistério de Oríon*, estabeleceu uma ligação bem recebida entre Oríon e o antigo Egipto. Afirmaram que o alinhamento das pirâmides em Gizé simbolizava o Cinturão de Oríon e constituía um esforço para representar o céu na terra. Bauval e Gilbert datam este evento em 10 400 a.C. e designam-no como "a primeira vez". Edgar Cayce pode ter prefigurado esta descoberta numa leitura de 1932, quando afirmou que a Grande Pirâmide foi formada pela posição de várias estrelas. 12

No capítulo anterior, foi relatada a história de David Berry, um químico reformado, e do antigo editor do *Marietta Times*, Ted Bauer. Em 1987, os dois propuseram que muitos sítios de colinas foram dispostos de modo a retratar constelações — especialmente o Cinturão de Oríon e as Plêiades. O triângulo formado pelo sítio de colinas mississipiano estereotipado é claramente reminiscente do Lareira Cósmica maia baseado em Oríon. Portanto, parece que encontrámos uma ligação comum entre os

muitos sítios na América Central com os da América do Norte — e o Egipto. Todas as três localizações geográficas, ao que parece, possuíam sítios antigos que retratavam Oríon e o Lareira Cósmica da criação.

Muitos sítios de colinas da Era Mississipiana mostram a disposição triangular do "Lareira Cósmica", bem como uma disposição de colinas que se ajusta ao Cinturão de Oríon. Sítio de Etowah na Geórgia, as Colinas de Schlimpert (Condado de Jackson, Illinois), Powter's Fort (Condado de Butler, Missouri), as Terraplenagens de Dublin (Condado de Franklin, Ohio), o sítio de Hopewell e as Obras Antigas (no Rio Etowah, no Alabama) são apenas alguns de muitos.

Em *As Digitais dos Deuses*, Graham Hancock hipotetizou que existiu uma grande civilização no mundo antes de 10 500 a.C. No final da última Idade do Gelo, ocorreu um cataclismo mundial que causou um grande dilúvio e a destruição súbita desta grande civilização. 13 Os sobreviventes deste cataclismo dirigiram-se a diferentes áreas do mundo e estabeleceram um "culto da sabedoria" concebido para transmitir um conhecimento espiritual através da astronomia e da construção de estruturas baseadas em alinhamentos astronómicos.

Os seus descendentes procuraram continuar, utilizando uma frase que Hancock usou num livro anterior, 14 "uma tradição de sabedoria secreta iniciada pelos sobreviventes de um dilúvio". Esta é, logicamente, uma das principais teses de Cayce. Ele afirmou que as colinas americanas eram uma representação das experiências na antiga Atlântida. É para esta ideia incrível que agora voltamos a nossa atenção.

## Capítulo 9

## Atlântida

### Platão, Cayce e os Construtores de Colinas

*Que as fantasias florescem onde os factos são escassos É verdade para a Atlântida e também para Mu.* — Folsom & Folsom (1993) *America's Ancient Treasures*

*Um homem que tenha olhado uma vez com o olho arqueológico nunca mais verá de forma totalmente normal.* — Loren Eiseley (1971) *Night Country*

Parece que a televisão por cabo transmite um "documentário" sobre a Atlântida quase todos os dias. A maioria parece focar-se em investigadores ávidos que procuram os vestígios do continente perdido na América do Sul, América Central, ilhas no Mediterrâneo, ilhas no Atlântico, Antártida, Europa e até no Wisconsin. A Atlântida é amplamente ridicularizada pelos arqueólogos profissionais na América. O mesmo acontece com Mu. No entanto, noutros países, estas duas terras "míticas" são levadas a sério.

O problema com a aceitação profissional da Atlântida é duplo. Primeiro, a possibilidade de um enorme continente afundado no meio do Atlântico é remota — na melhor das hipóteses. Em segundo lugar, argumenta-se há muito que migrantes de uma civilização avançada não surgiram subitamente nas Américas — ou noutro local — em 10 000 a.C. A história de Cayce sobre a Atlântida coloca um problema adicional. Ou seja, a história da Atlântida de Cayce foi derivada de uma fonte "psíquica". Poucos arqueólogos considerariam seriamente "evidências" provenientes de tal fonte.

Apesar de tudo, existem evidências de que uma civilização "avançada" surgiu subitamente na América antiga. Algures por volta de 10 000 a.C., ocorreu uma grande migração para a América. A cultura que chegou, chamada Clovis, migrou para toda a parte nas Américas, trazendo consigo o seu armamento, conjuntos de ferramentas, técnicas melhoradas de construção de casas e outros avanços. Até 1997, pensava-se que a Clovis tinha sido a primeira na América. Agora sabemos que, antes da Clovis, existiam muitas outras pessoas nas Américas — e não eram de modo algum tão avançadas como o povo Clovis. O facto é simples — existem evidências sólidas de que uma cultura "avançada" surgiu na América em 10 000 a.C.

Outro argumento apresentado contra a existência da Atlântida é que as pirâmides no Egipto e as da América Central e do Sul foram construídas bem depois de 10 000 a.C. "Se os atlantes foram para estas duas localizações, porquê," pergunta-se, "as pirâmides que encontrámos no mundo não foram construídas em 10 000 a.C.?" A resposta é surpreendentemente simples. Construir pirâmides não era a sua prioridade.

**O Relato de Platão "Esquecido"**

Na esperança de manter esta discussão fácil de compreender, não reconataremos toda a história da Atlântida de Platão. Apenas tocaremos nalguns pormenores relevantes e daremos uma breve visão geral da história.

Platão (427 a.C.-347 a.C.) contou a história da Atlântida em dois dos seus diálogos e atribuiu-a a um dos seus parentes, Sólon (615 a.C.-535 a.C.). Sólon viajou extensivamente por toda a área do Mediterrâneo e o relato foi-lhe entregue por sacerdotes egípcios na cidade de Sais. Platão prefaciou a história contando que muitas civilizações há muito esquecidas tinham sido destruídas no passado. Mesmo antes de contar a história, falou de três "dilúvios desastrosos" que culminaram com o "dilúvio no tempo de Deucalião". Os historiadores gregos datam o dilúvio de Deucalião no final da última Idade do Gelo — cerca de 10 000 a.C.

A história da Atlântida que se segue é do *Crítias*. Começa por afirmar que 9000 anos antes dessa altura (cerca de 9600 a.C.) tinha ocorrido uma guerra entre a Atlântida e os países na área do Mediterrâneo. De acordo com a história, há muito tempo os deuses antigos dividiram a terra entre si. Posídon tomou a ilha da Atlântida e logo casou com uma mulher mortal chamada Cleito.

*...e para tornar a colina onde ela habitava inexpugnável, ele quebrou-a a toda a volta; e fez cinturões circulares de mar e terra que se encerravam uns aos outros alternadamente, alguns maiores, alguns mais pequenos, sendo dois de terra e três de mar... pois nessa altura nem navios nem navegação existiam ainda...*

O facto de Platão mencionar que este evento teve lugar numa altura anterior à existência de quaisquer navios é importante. A própria palavra "Atlântida" conjura uma visão de uma civilização avançada. Poucas pessoas têm em mente que o relato da Atlântida descreve o avanço gradual e a longo prazo de uma civilização antes do seu declínio súbito. A Atlântida não surgiu subitamente; foi uma civilização em desenvolvimento gradual.

Posídon e Cleito tiveram cinco pares de filhos gémeos e, posteriormente, dividiram a ilha em 10 partes para eles. O primeiro a nascer foi Atlas e o Oceano Atlântico foi batizado em sua honra. O relato de Platão continua dizendo que Atlas teve muitos filhos e uma vasta rede comercial acabou por ser estabelecida com o resto do mundo. A partir de importações e da própria terra da Atlântida, a lista de riquezas que a Atlântida possuía era longa: metais, madeira, animais de todos os tipos, elefantes, raízes, ervas, gomas, frutos, vegetais e flores. (E mesmo aqui a história é uma descrição plausível de uma civilização a realizar avanços graduais.) Vários templos e docas foram eventualmente construídos, e uma ponte foi construída sobre os anéis de água e terra que conduziam ao

"palácio real" que tinha sido estabelecido na colina central. A população da Atlântida aumentou rapidamente e muitos viviam nos anéis de terra que circundavam o palácio central.

Eventualmente, um canal largo foi escavado a partir do mar conduzindo à colina central. Os anéis de terra foram alteados e receberam laterais de pedra para resistir às forças do mar, que agora corria até à cidade. Latão e estanho foram utilizados para cobrir as paredes de pedra em dois dos anéis. Este trabalho demorou algum tempo, conforme Platão descreveu a passagem do palácio central de uma geração para a seguinte: "e à medida que cada rei o recebia dos seus predecessores, adicionava ao seu adorno e fazia tudo o que podia para superar o rei antes dele, até que finalmente fizeram dele uma morada surpreendente de contemplar pela magnitude e beleza da mão de obra".

Platão forneceu uma descrição detalhada do magnífico templo central para Posídon e Cleito. Plantações de árvores, reservatórios, banhos para homens e mulheres e jardins foram colocados ao redor do templo, bem como nos anéis de terra. Corpos de guarda com "lanceiros" também são detalhados.

Após descrever a planície circundante da Atlântida, Platão continua contando como as forças militares da Atlântida eram formadas. "Carros de guerra", "cavalos", "escudos", "arqueiros" e "javelinas" são especificamente mencionados. Um ritual de sacrifício de sangue com um touro no topo de uma "coluna" é então explicado. Platão continua: "Por muitas gerações, enquanto a natureza herdada do Deus permaneceu forte neles, foram submissos às leis e benevolentemente dispostos para com os seus parentes divinos.

Pois os intentos dos seus corações eram verdadeiros e em todos os aspetos nobres, e mostravam gentileza unida com sabedoria ao lidar com as mudanças e vicissitudes da vida e nas suas relações uns com os outros". Mas, com o tempo, à medida que as suas riquezas aumentavam para proporções massivas, "a porção de divindade dentro deles estava agora a tornar-se ténue e fraca" e os seus génios estavam a aumentar. Zeus, o Deus dos deuses, "notou como esta raça se encontrava numa situação má, e desejou infligir punição sobre eles..."

Platão nunca terminou o seu relato sobre la Atlântida. Mas no *Timeu*, Platão contou o fim súbito da terra. Relatou que a Atlântida "fez uma tentativa numa altura de escravizar por um único embate tanto o vosso país como o nosso e todo o território dentro dos Estreitos" (de Gibraltar — o

Mediterrâneo). "...Mas numa altura posterior ocorreram sismos e dilúvios portentosos, e um doloroso dia e noite abateu-se sobre eles... e a ilha da Atlântida... foi engolida pelo mar e desapareceu."

**Novas Evidências Arqueológicas**

**e o Relato da Atlântida de Platão**

É verdade que a história mundial antes de 3500 a.C. é essencialmente um mistério quase completo. Tudo o que temos são artefactos para analisar e algumas histórias como a de Platão com as quais refletir. A história de Platão descreve uma civilização com lanças, escudos, arqueiros e javelinas, talvez bem avançada para 10 000 a.C., mas não ao ponto de esticar a credibilidade. De acordo com Platão, numa altura bem antes de 9600 a.C., os atlantes tentaram colonizar partes da Península Ibérica, bem como todo o Mediterrâneo. Assim, algumas evidências de uma presença atlante nessas áreas seriam de esperar — mas teriam de ser de um período de tempo bem antes de 9600 a.C.

Além disso, por volta de 9600 a.C., toda a ilha da Atlântida foi destruída. Se existiram sobreviventes da Atlântida, algumas evidências da sua presença, datadas de cerca de 9600 a.C., seriam de esperar — mas onde? Para onde fugiriam os atlantes sobreviventes?

Como os atlantes presumivelmente sabiam que as terras a leste lhes eram hostis, uma conclusão racional é que fugiriam para oeste — em direção às Américas. Assim, deve haver algumas evidências da sua presença nas Américas exatamente por volta de 9600 a.C. E, porque a sua cultura também foi para a Península Ibérica e para o Mediterrâneo (nalguma altura bem antes de 9600 a.C.), deve haver uma forte semelhança entre alguns vestígios culturais na América antiga e na Península Ibérica. Existirá tal evidência? A resposta é um absoluto sim!

No Capítulo 4, foram detalhados dois tipos de evidências que pesam diretamente sobre esta questão. Primeiro, a Cultura Clovis americana fez um aparecimento súbito por volta de 10 000 a.C. em quase toda a parte, tanto na América do Norte como na do Sul. Esta data coincide com a data de Platão para a destruição da Atlântida. A cultura virtualmente idêntica, chamada Solutrense, surgiu subitamente em Espanha e partes de França em 15 000 a.C. Se a guerra entre a Atlântida e os países do Mediterrâneo ocorreu algures por volta de 15 000 a.C., a implicação parece óbvia. Mas uma verdadeira confirmação de uma ligação entre a América de 10 000

a.C. e uma civilização anterior no Mediterrâneo pode residir na mais "científica" das evidências científicas — a genética.

A segunda peça de evidência detalhada no Capítulo 4 é a evidência genética proveniente de testes de ADN mitocondrial (ADNmt). Recapitulando essas descobertas de forma breve: os nativos americanos mostram 5 tipos de ADNmt. Estes são A, B, C, D e X. Os tipos A, C e D parecem ter vindo definitivamente da Ásia Siberiana através do Estreito de Bering. O tipo B vem da Polinésia, China e Japão. Mas a origem do tipo X é desconhecida. O tipo X é encontrado em três por cento dos nativos americanos.

Mas também é encontrado em Espanha e Portugal (Península Ibérica), Itália, no norte do Gobi e em partes do Médio Oriente — especialmente em Israel. O tipo X surgiu na América em 10 000 a.C. — coincidindo com o aparecimento de Clovis. Em suma, o relato de Platão sobre a Atlântida está claramente alinhado com as evidências mais recentes. A sua data para o afundamento da Atlântida (9600 a.C.) é próxima de Clovis, mas estamos, logicamente, apenas a especular sobre a possível data da Guerra Atlante e a sua relação com a Cultura Solutrense.

**A História da Atlântida Segundo Cayce**

As leituras de Cayce sobre a Atlântida totalizam 700. Os dois livros de Edgar Evans Cayce, *Edgar Cayce on Atlantis* (1968) e *Mysteries of Atlantis Revisited* (1988), apresentam uma grande quantidade de pormenores e informações sobre a história da Atlântida de Cayce, reunidos a partir destas leituras. Aqueles que estiverem interessados numa descrição completa são remetidos para estes excelentes livros. Para quem se está a deparar com Cayce pela primeira vez, note-se que Edgar Evans Cayce, o autor destes livros, não é Edgar Cayce, o "médium". Ele é o seu filho.

As leituras de Cayce sobre a Atlântida não contradizem diretamente Platão. A data que Cayce indica para a destruição da Atlântida é 10 014 a.C., em vez da data de 9600 a.C. de Platão, mas isso não parece constituir uma discrepância maior. As leituras de Cayce parecem estender a história de Platão e fornecer pormenores em áreas que Platão evitou.

O relato de Cayce sobre a Atlântida surgiu em leituras onde ele estava, frequentemente, a comentar o desenvolvimento espiritual de indivíduos. Assim, discutia muitas vezes questões específicas de natureza pessoal, descrevendo uma evolução gradual das pessoas na Atlântida. Embora esta evolução tenha sido primariamente tecnológica, o foco principal de Cayce

residia no desenvolvimento espiritual. As suas leituras tendiam a dar informações sobre o desenvolvimento espiritual pessoal de um indivíduo ao longo de muitas vidas. No entanto, pelo facto de o seu material sobre a Atlântida surgir sob a forma de eventos específicos para pessoas específicas, existem longos períodos na história da Atlântida que não foram abordados por Cayce.

Tal como Platão, Cayce localizou a Atlântida no Oceano Atlântico. Contudo, ao contrário de Platão, Cayce forneceu uma data para o aparecimento do homem na Atlântida — 210 000 a.C. Além disso, Cayce afirmou que a Atlântida passou por uma série de três destruições. A primeira ocorreu em 50 700 a.C., quando o continente se partiu em muitas ilhas. A segunda ocorreu em 28 000 a.C., após a qual o continente, outrora enorme, passou a ser composto por cinco grandes ilhas. A destruição final da Atlântida ocorreu em 10 014 a.C. Esta destruição foi a que a história de Platão descreveu.

Com os três eventos destrutivos diferentes, a Atlântida passou por longos períodos de avanço seguidos por desastres súbitos que, aparentemente, a faziam retroceder para um modo de vida mais primitivo antes de se recuperar. Antes da primeira destruição em 50 700 a.C., Cayce afirmou que a civilização atlante tinha desenvolvido "máquinas de destruição que navegavam tanto pelo ar como sob a água" (1735-2). Descreveu o fabrico de balões de ar quente a partir da costura de peles de animais unidas, bem como a forma como estes eram utilizados para viajar. Mencionou que alguns tinham uma aparência semelhante à do Graf (Zeppelin). Antes de 50 700 a.C., os atlantes também tinham descoberto uma forma de comunicação por rádio.

Além disso, iniciou-se um conflito sem fim entre dois grupos espiritualmente opostos. Como discutido anteriormente, estes eram os Filhos de Belial e os Filhos da Lei do Único. As suas divergências foram ampliadas numa reunião onde se discutiram os animais enormes que assolavam a Terra. O grupo de Belial queria utilizar os meios mais destrutivos disponíveis para matar os animais. Em última análise, o grupo de Belial utilizou indevidamente os explosivos, desencadeando uma reação em cadeia que causou a primeira destruição em 50 700 a.C.

Entre 50 700 a.C. e 28 000 a.C., os atlantes não só se recuperaram, como desenvolveram uma tecnologia muito mais avançada. Aludiu-se a uma forma de energia nuclear, tal como a formas de rádio, televisão e meios avançados de viagem. Cayce afirmou que um cristal de pedra de

fogo semelhante a um laser era utilizado para produzir energia. Vários destes dispositivos de cristal produtores de energia tinham sido instalados em muitos locais na Atlântida. Foram, por engano, "sintonizados" para uma potência demasiado elevada, resultando numa série de explosões violentas. Estas explosões desencadearam uma reação em cadeia de vulcões e sismos, reduzindo a Atlântida a cinco ilhas. Este foi um desastre maior.

Antes desta destruição, Cayce afirmou que alguns atlantes migraram para várias partes do mundo. Estas pessoas, da fação pacífica (Os Filhos da Lei do Único), dirigiram-se para a América do Sul e para a América, mas algumas presumivelmente fugiram para outros lados. A sua filosofia rejeitava a satisfação flagrante dos desejos físicos e a ênfase no comodismo e no prazer no mundo físico. Procuravam um modo de vida mais simples que os trouxesse para uma melhor harmonia com a sua fonte espiritual.

A segunda destruição da Atlântida foi aparentemente severa e violenta. Quase metade de todas as leituras de vida atlantes de Cayce diz respeito ao tempo entre a segunda destruição (28 000 a.C.) e a destruição final em 10 014 a.C. Antes da destruição final, Cayce descreve uma migração de atlantes para outras terras em navios à vela — e as descrições de tecnologia avançada são escassas. De facto, uma leitura (315-4) descreve um grande grupo a navegar para o Egipto que (talvez inadvertidamente) acabou por ir parar a Portugal, França e Espanha. Outros fugiram para a América, América do Sul, Egipto, Gobi e Iucatão.

Uma leitura (1710-3) descreve uma única pessoa a fugir para o Iucatão numa "máquina aérea". No entanto, isto poderia referir-se à destruição anterior. Outra leitura descreve uma pessoa importante que viajava numa "embarcação voadora" entre a Atlântida, a Península Ibérica e o Egipto para ajudar no estabelecimento do salão de registos (3184-1).

As leituras de Cayce dizem-nos que muitos daqueles que fugiram da Atlântida antes da destruição final tentaram continuar o seu modo de vida. As suas descrições desta época, contudo, não incluem uma tecnologia de muitas aeronaves, energia nuclear, rádios, televisão e submarinos. Em vez disso, são mais simples: "trabalhou no adorno de edifícios com gemas e pedras preciosas" (955-1); "explorou [o Egipto] ao longo de vias navegáveis" (797-1); "ajudou no desenvolvimento de aparelhos mecânicos para cortar pedra" (1177-1); "ajudou no reabastecimento e na reconstrução do serviço do templo" (439-1); "ajudou a tornar o Nilo mais produtivo" (1842-1); "ajudou nos preparativos para a orientação vocacional" (2916-1); "persuadiu muitos a realizarem atividades que preservassem para o povo o

que seriam receitas, cartazes, desenhos" (516-2); "tornou-se o que hoje seria um instrutor em testes psicológicos" (1751-1); "ajudou na estilização de vestuário e conveniências para o lar" (1120-1).

A migração de atlantes para o Egipto é descrita com mais pormenor nas leituras. Esta migração foi mais bem planeada e foi concebida para preservar os registos atlantes, bem como para estabelecer um centro para os Filhos da Lei do Único. Os relatos indicam que muitas das pessoas que foram para o Egipto possuíam grandes poderes mentais, bem como capacidade de cura. Fez-se uma tentativa consciente no Egipto para "construir para o povo... uma compreensão da relação... do homem com as forças criativas" (2031-1). Na história da Atlântida de Cayce, a destruição da Atlântida acabou por contribuir para a grande civilização do antigo Egipto.

Na cronologia de Cayce, as últimas ilhas da Atlântida afundaram-se em 10 014 a.C. Foi uma série de eventos gradual, mas ainda assim violenta. Uma mudança nos polos da Terra pode ter sido um fator causal, mas aparentemente nunca perguntaram a Cayce a causa exata.

**Novas Evidências Arqueológicas que Apoiam o Relato de Cayce**

A cronologia da Atlântida de Cayce não inclui uma guerra entre a Grécia e os atlantes. Poderia ter ocorrido, no entanto, parece que ninguém nunca perguntou a Cayce sobre isso durante uma leitura. A sua história contém três migrações consideravelmente grandes de atlantes. Antes de 50 700 a.C., alguns atlantes foram para a América, América do Sul e outros lados. Antes da segunda destruição em 28 000 a.C., alguns atlantes fugiram para a América e América do Sul. Após a segunda destruição em 28 000 a.C., ele relata que grandes grupos de atlantes foram para a Península Ibérica (Espanha, Portugal e França). Além disso, nos cerca de 500 anos anteriores a 10 014 a.C., muitos atlantes migraram para as Américas, Espanha, Portugal, França e Egipto. As leituras são claras ao afirmar que os atlantes tiveram de se fundir com as pessoas já presentes.

A ubíqua Cultura Clovis surgiu em quase toda a parte, tanto na América do Norte como na do Sul, em 10 000 a.C. Substituiu as culturas mais primitivas que os arqueólogos desenterraram desde o colapso da barreira de Clovis em 1997. Como mencionado no Capítulo 4, quando Cayce deu as suas leituras, isto era totalmente desconhecido. Assim, que coincidência espantosa seria se Cayce tivesse "adivinhado" ou inventado a data de 10 000 a.C.! De facto, a data de Cayce para a destruição final da

Atlântida (10 014 a.C.) corresponde ao aparecimento de Clovis ainda melhor do que a data de Platão (9600 a.C.).

Quanto ao aparecimento da idêntica Cultura Solutrense na Espanha e na França em 15 000 a.C., Cayce tornou claro que alguns atlantes fugiram para essa mesma terra após a segunda destruição da Atlântida. Isto justificaria a presença da cultura do tipo Clovis na Península Ibérica antes do seu aparecimento na América. Além disso, como mencionado no Capítulo 4, o haplogrupo X do ADN mitocondrial mostrou o seu aparecimento na América antes de 10 000 a.C., mas a migração principal de pessoas que carregavam esse tipo de ADN entrou nessa altura exata — completamente em linha com as leituras de Cayce. E, logicamente, a presença do tipo X em Espanha, Itália, Gobi e Israel também apoia as teses de Cayce. Se todos estes factos que se alinham com as afirmações de Cayce são coincidências, são, na verdade, notáveis.

**Cegos Perante a Verdade**

Não é nossa intenção tentar provar que a Atlântida existiu outrora no meio do Oceano Atlântico. Muitos outros tentaram isto — e nada mais do que uma série de pistas disputadas emergiu. Mas, a partir do material apresentado até agora, é óbvio que ou Edgar Cayce era um "adivinho" surpreendentemente sortudo de datas obscuras — ou era outra coisa qualquer. As suas "adivinhações" (como alguns se lhes poderiam referir) incluem as datas (e até a existência) de Clovis, da Cultura Solutrense e as várias datas de grandes migrações para a América, agora confirmadas através da análise de ADNmt.

Outra "adivinhação" de sorte por parte de Cayce é o seu posicionamento temporal da cultura de construção de colinas na América, bem como a combinação de influências que parecem ter conduzido à própria cultura. As suas "adivinhações" de sorte também incluem a migração específica para a América por parte de chineses, polinésios e outras pessoas. Naturalmente, como discutido em capítulos anteriores, parece que todas estas "adivinhações" estavam corretas. E é interessante ponderar que todas as "adivinhações de sorte" de Cayce sobre a América antiga eram diametralmente opostas à visão estabelecida na época. Assim, poderíamos concluir que Cayce era algo mais do que um adivinho com sorte. Consequentemente, embora não possamos provar que a Atlântida existiu, com base nas notáveis "visões" de Cayce, assumiremos que a história da Atlântida possui pelo menos alguma verdade e prosseguiremos com a questão.

As muitas pessoas que vasculham o Atlântico em busca da Atlântida procuram frequentemente os vestígios de uma grande e poderosa civilização avançada. Algumas delas parecem acreditar que acabarão por encontrar vastas áreas com templos, aviões, automóveis, televisões, reatores nucleares, lasers de cristal gigantescos, elevadores e uma série de outros vestígios tecnológicos. Mas Platão deu-nos as dimensões absolutas da grande cidade da Atlântida. O centro da cidade, que continha o maior esplendor da civilização avançada, tinha um diâmetro de apenas meia milha [cerca de 800 metros]. O diâmetro de toda a cidade circundada por água e terra era de duas milhas [cerca de 3,2 km]. A planície que a rodeava tinha 335 milhas por 223 milhas [cerca de 539 km por 359 km]. 1

Platão disse-nos que a planície circundante era primariamente agrícola. O resto do vasto continente era povoado, mas era essencialmente de natureza rural — composto por montanhas, vales e terras agrícolas e de pastoreio. O Oceano Atlântico Norte, estendendo-se até ao equador — a localização tanto de Platão como de Cayce para la Atlântida —, consiste em mais de 40 milhões de milhas quadradas [cerca de 103 milhões de km quadrados]. A menos que um explorador acertasse na probabilidade de 80 milhões para um de aterrar mesmo em cima do centro da cidade, o que, se é que algo, poderíamos esperar encontrar se por acaso deparássemos com qualquer uma das outras áreas da Atlântida? Após 12 000 anos no fundo do oceano, com milénios de acumulação de lodo, a corrosão da água do oceano e as ações de organismos e de outras criaturas marinhas, as probabilidades são grandes de que pouco do esplendor tecnológico da Atlântida restasse.

Mais uma observação é relevante aqui. A partir das leituras de Cayce, é aparente que os avanços tecnológicos alcançados na Atlântida antes da segunda destruição — os quais Cayce descreveu como estando amplamente disponíveis para a população — foram quase destruídos em 28 000 a.C. As suas descrições da maior parte da tecnologia avançada surgem primariamente em leituras que cobrem o período anterior a 28 000 a.C. Apenas algumas leituras posteriores a 28 000 a.C. se aproximam da descrição da tecnologia tipicamente atribuída à Atlântida. É bastante provável que o cataclismo, que dividiu a Atlântida em cinco ilhas em 28 000 a.C., tenha destruído uma grande parte da glória da Atlântida. Talvez a Atlântida se tenha implodido de volta à Idade da Pedra, tal como os especialistas temem que uma guerra nuclear faria com o que quer que restasse da nossa civilização atual. Poderia ter demorado milhares de anos para a Atlântida recuperar o seu esplendor tecnológico — se é que alguma

vez o fez. Isso pode muito bem explicar por que razão as leituras que descrevem as migrações atlantes mesmo antes de 10 000 a.C. são tão mundanas. Em suma, a Atlântida que os exploradores têm andado a procurar pode ter sido amplamente destruída em 28 000 a.C.

O que resta dessa terra perdida pode ser muito menos do que o imaginado. As nossas noções preconcebidas sobre a Atlântida podem estar a levar-nos a procurar algo que é talvez menos grandioso do que queremos acreditar. Um exemplo disto poderia ser a aplicação de forças misteriosas por parte dos atlantes para erguer as enormes pedras que foram utilizadas em pirâmides e noutras estruturas de pedra massivas. Perguntaram a Cayce várias vezes como estas enormes pedras (no Egipto) poderiam ter sido erguidas tão alto? A sua resposta indicou que existiam forças de elevação em gases e na natureza que ainda não eram completamente compreendidas pela ciência moderna (5750-1).

Alguns defensores da Atlântida sugeriram a levitação, uma "sintonização" harmónica das pedras e outras explicações esotéricas. Mas a resposta pode ser exatamente o que Cayce nos disse — mas algo tão inesperado que quase parece embaraçoso para uma cultura que enviou pessoas à lua, utiliza helicópteros enormes para erguer objetos e considera difícil erguer um antigo obelisco com uma grua.

No sábado, 23 de junho de 2001, foram precisas apenas duas pessoas para erguer um obelisco de betão de 6900 libras [cerca de 3130 kg] na vertical, em bem menos de 5 minutos, no Deserto de Mojave. A ideia para esta proeza surpreendentemente simples adveio de um consultor de negócios que serviu como uma das duas pessoas que ergueram o obelisco. Utilizando apenas corda, um sistema de roldanas primitivo, um andaime de madeira e um paraquedas de 30 pés [cerca de 9 metros] modificado para funcionar como uma pipa, demonstraram como um vento de 14 milhas por hora [cerca de 22,5 km/h] erguia fácil e rapidamente o enorme obelisco. A técnica resultou no obelisco perfeitamente direito na vertical — algo que os engenheiros modernos têm tido grande dificuldade em conseguir no Egipto hoje em dia, quando um obelisco é movido.

A história da *Associated Press* que anunciava os resultados surpreendentes apanhou os egiptólogos de surpresa. Sem qualquer reflexão genuína sobre o significado, egiptólogos de Nova Iorque descreveram-no como "altamente improvável". Mas cientistas do Instituto de Tecnologia da Califórnia (*Caltech*), que foram recrutados para o projeto pelo consultor de

negócios, disseram que já tinham provado que pedras de quase qualquer tamanho podiam ser facilmente movidas. 2

É interessante que Cayce nos tenha dito que uma força de elevação natural era utilizada pelos antigos para mover pedras enormes. Talvez ainda mais interessante seja que, tal como Cayce nos disse, a civilização moderna ainda não a tinha descoberto. O método descrito acima é certamente uma aplicação de poderes mentais em vez de proeza tecnológica — tal como Cayce descreveu. Não estamos a dizer que isto seja exatamente aquilo a que Cayce se referia, mas ajusta-se certamente às suas descrições. Muitas pessoas têm estado à espera de encontrar eventualmente uma tecnologia muito mais avançada envolvida no movimento das pedras enormes, e esta descoberta poderia revelar-se dececionante para elas. Mas aponta para a forma como o viés percetivo nos pode cegar para verdades simples.

Seria talvez sensato ter em mente a motivação essencial por trás das leituras de Cayce: esta residia em ajudar a promover o crescimento espiritual e o serviço ao próximo. A lição moral da Atlântida de Cayce mostra-se-nos que os atlantes criaram o seu próprio fim porque perderam o contacto com a sua fonte e propósito. Vivenciaram uma luta moral entre uma fação egoísta e engrandecedora de si mesma que abraçou o mundo físico e uma fação que procurava manter continuamente uma ligação à sua fonte espiritual. Edgar Evans Cayce observou nos seus livros que as civilizações avançadas são as mais fáceis de destruir.

Também afirmou que, quando os atlantes migraram das ilhas antes da destruição final, a sua principal preocupação era a segurança e a adaptação às pessoas já presentes. Em suma, a sobrevivência era a sua preocupação imediata. Não é provável que os atlantes da Lei do Único descritos por Cayce tentassem construir pirâmides, aviões e elevadores assim que chegassem. O que fariam seria tentar fazer as pazes e sobreviver. Adaptar-se-iam ou morreriam. Gradualmente, com o tempo, a sua cultura surgiria ao misturar-se com as culturas previamente existentes. E é exatamente isso que as evidências parecem mostrar.

A citação que inicia este capítulo, "Um homem que tenha olhado uma vez com o olho arqueológico nunca mais verá de forma totalmente normal", pretendia implicar várias coisas. Foi citada num livro de desmistificação sobre "arqueologia de seita". Significa que os arqueólogos estão treinados para ver as coisas de uma forma mais racional e factual do que os não-arqueólogos. Mas também significa que os arqueólogos podem estar tão doutrinados nas suas crenças que não conseguem perceber nada

fora do seu sistema de crenças. Podem estar percetivamente cegos — tal como o Prefácio deste livro descreve.

### A Atlântida nas Colinas

Em capítulos anteriores, discutimos a afirmação de Cayce de que as colinas eram uma representação das experiências do Iucatão e de Gobi. Nessa mesma leitura, ele também disse que as colinas eram uma representação da experiência "atlante". Então, existirá alguma evidência de que a Atlântida está, de alguma forma, representada nas colinas?

Como demonstrámos, as colinas possuem frequentemente alinhamentos com Oríon, o ciclo lunar, os ciclos solares e vários outros nasceres de estrelas. Estes são "fios" ténues e indiretos com a Atlântida, mas ligam principalmente as colinas ao Iucatão, bem como ao Egipto. Cayce afirmou que a Grande Pirâmide de Gizé foi construída para ter uma relação com certas estrelas e, de forma semelhante, muitas colinas exibem os mesmos alinhamentos. Mas existirá algo mais? Existirá uma forma de podermos ligar diretamente a Atlântida às colinas?

Talvez a evidência da "Atlântida nas colinas" tenha estado lá desde sempre e seja muito mais simples do que esperamos. Em vez de procurar artefactos de alta tecnologia enterrados nas colinas, talvez aplicar a afirmação real de Cayce sobre as colinas mostrasse a resposta?

Em 15 de maio de 1943 (3004-1), Cayce utilizou esta afirmação para descrever as colinas: "as colinas que foram chamadas de réplica ou representativas das experiências do Iucatão, bem como da atlante e na terra de Gobi". Como demonstrado no último capítulo, existem evidências indiscutíveis de que a terra de Gobi possui colinas de terra cuja forma e configuração são idênticas às americanas. Além disso, as disposições e os alinhamentos de colinas na América correspondem a muitos dos do Iucatão. A "replicação ou representação" da Atlântida nas colinas parece, de facto, ocorrer em muitas colinas e terraplenagens circulares.

### Colinas Circundadas por Fossos e Terraplenagens Circulares — Representações da Atlântida

O arqueólogo William Romain 3 teorizou que as terraplenagens circulares simbolizavam a Terra para os Hopewell. Quando estas encerram uma colina cónica central, a colina representa a "montanha no centro da Terra". Ele cita uma longa lista de evidências que mostram que algumas civilizações, de facto, criaram colinas para simbolizar montanhas ou vulcões reais. Romain também menciona o mito de criação dos Iroqueses:

o mundo formou-se nas costas de uma tartaruga gigante (uma colina de forma cónica), a qual emergiu do centro dos oceanos. Sob a perspetiva de Cayce, a implicação é que uma grande elevação ou montanha no centro do oceano serviu como ponto de partida — ou pátria — dos Iroqueses. E, de acordo com Cayce, os Iroqueses eram originalmente atlantes. Romain acrescenta que outras tribos iroquesas, incluindo os Seneca, acreditavam na mesma coisa.

A ideia de que os construtores de colinas viam o seu lar original como uma ilha circular está refletida em muitos mitos. Os índios que viveram no coração das colinas da Era Mississipiana acreditavam que a Terra começou como um enorme círculo de terra rodeado por água. 4 Os descendentes dos construtores de colinas descreviam o mundo como uma grande ilha, a qual retratavam como um ou mais círculos com uma cruz no centro. 5

A Atlântida foi, naturalmente, descrita como uma ilha. A colina central da cidade principal era cónica e sustentava um templo. A rodear esta cidade existiam enormes círculos, alternando entre terra e água. As faixas de água estavam interligadas por quatro canais, formando o que é essencialmente uma cruz. O canal principal estendia-se até ao mar.

Existem muitas terraplenagens que se ajustam a esta descrição simples. A explicação mais simples para a afirmação de Cayce de que as colinas eram uma "replicação ou representação" da Atlântida pode significar que algumas colinas foram construídas na forma básica da Atlântida.

Embora existam muitos outros exemplos destas representações de colinas "semelhantes à Atlântida", o exemplo mais marcante foi encontrado do outro lado do Rio Ohio, em Portsmouth. A figura (…) é adaptada de uma pintura mural nas barreiras contra cheias da moderna Portsmouth. Mostra como um longo caminho de passagem em aterro se estendia de Portsmouth até ao Rio Ohio. Imediatamente do outro lado do Rio Ohio, o aterro recomeça e conduz ao centro de uma série de múltiplos anéis de aterros e fossos com um quarto de milha [cerca de 400 metros] de diâmetro. No centro dos anéis de terra, foi erguida uma grande colina de topo plano.

O padrão "em forma de cruz" dos anéis é idêntico à descrição dos canais de ligação na Atlântida, e o "caminho de passagem em aterro" conduz da colina central até ao Rio Ohio, a 1,5 milhas [cerca de 2,4 km] de distância. Este caminho de passagem poderia representar o canal que conduzia ao oceano. A semelhança desta terraplenagem com a Atlântida é

ainda mais impressionante porque o principal argumento apresentado contra esta ideia será, provavelmente, ridicularizado como sendo não científico e sem fundamento.

Algumas pessoas dirão que queríamos encontrar a Atlântida nas colinas — e por isso encontrámo-la. Em verdade, como diz o ditado, "deixámos as cartas cair onde caíram". E onde estas "cartas de evidências" aterraram é surpreendente até para nós. Squier e Davis descreveram as terraplenagens de Portsmouth e publicaram um levantamento das mesmas em 1848. Esteve lá desde sempre. Qualquer pessoa poderia ter notado a semelhança entre as terraplenagens de Portsmouth e a descrição da Atlântida de Platão. Talvez a cegueira percetiva e a dedicação a um sistema de crenças tenham impedido que o óbvio fosse visto.

Outra "coincidência" curiosa nas leituras de Cayce pode ligar o Grupo de Portsmouth a Stonehenge e Avebury. Várias leituras indicam que Stonehenge foi estabelecido como um templo por algumas das "Tribos Perdidas". Como vimos, Cayce datou este evento em 3000 a.C. — uma data que corresponde de perto à época em que os arqueólogos acreditam que o Stonehenge inicial foi realmente construído. Dois aspetos interessantes de Stonehenge guardam uma curiosa semelhança com Portsmouth. O centro de Stonehenge consiste numa disposição em "ferradura" — semelhante às terraplenagens em "ferradura" de Portsmouth.

Além disso, a "via cerimonial" (*causeway*) que conduz do centro de Stonehenge é semelhante à encontrada em Portsmouth, bem como em muitos outros sítios americanos. Adicionalmente, a disposição geral de Avebury possui uma grande semelhança com Portsmouth. Cayce afirmou que as colinas americanas, Avebury e Stonehenge foram todas influenciadas pelas Tribos Perdidas. Assim, se as leituras de Cayce estiverem corretas, seria de esperar alguma semelhança entre os sítios de colinas americanos e os sítios de Stonehenge e Avebury (associados a Stonehenge).

Avaliado sob a perspetiva das outras "adivinhações" corretas de Cayce sobre os construtores de colinas, as evidências sugerem fortemente que uma representação da Atlântida é, de facto, encontrada nas colinas. Relacionado com esta descoberta está o facto de as lendas dos índios nativos americanos afirmarem há muito que os seus lares antigos ficavam do outro lado dos oceanos, em ilhas. Mas Cayce relatou que várias migrações chegaram à América antiga tanto de leste como de oeste. O que nos dizem as lendas antigas sobre esta afirmação? E de que forma as lendas

dos nativos americanos correspondem às evidências genéticas que emergiram desde 1997?

## Capítulo 10

## Lendas Sobre os Antigos

*O tempo já lá vai, pelo menos entre os homens pensantes, em que as lendas religiosas de [outras] raças eram vistas como fábulas triviais, ou como invenções do Pai das Mentiras. Não são nem uma coisa nem outra. Elas exprimem, em imagem e incidente, as opiniões destas raças sobre os temas mais poderosos do pensamento humano, sobre a origem e o destino do homem...* — Daniel Brinton (1882) *American Hero-Myths*

Como revelado nos capítulos anteriores, evidências da arqueologia, da genética e de um exame das colinas apoiam as principais teses da história de Cayce sobre a América antiga. Outra área de possíveis evidências reside na história que os nativos americanos revelam sobre si mesmos nas suas lendas. Apesar da intenção nobre da citação acima, a "verdade" das lendas da maior parte das tribos de nativos americanos tem sido descartada. Isto ocorreu frequentemente, mas especialmente quando o intervalo temporal que as lendas discutem é mais antigo do que Clovis. Além disso, quando as lendas falam de migrações transoceânicas, os arqueólogos ignoraram-nas consistentemente como interpretações erróneas.

O termo "Antigos" (*Ancient Ones*) foi frequentemente aplicado aos míticos Anasazi, uma tribo "perdida" e misteriosa que viveu no sudoeste da América. Os inícios da Cultura Anasazi foram tipicamente datados de cerca de 5000 a.C., na área geral das Quatro Fontes (*Four Corners*). Os índios Hopi de hoje afirmam que são a progenitura dos Antigos — os Anasazi. As lendas Hopi relatam um conto quase completo da sua entrada na América.

Antes de olharmos para as lendas Hopi, no entanto, será útil se primeiro revermos a história da humanidade segundo Cayce. Nas leituras de Cayce, os Antigos eram povos migrantes diversos vindos dos continentes lendários de Mu e da Atlântida, e da calamidade bíblica que chamamos de incidente da Torre de Babel. Babel foi um ponto de viragem significativo para os humanos antigos. Dividiu-os em muitas línguas e, subsequentemente, em muitas tribos. O incidente de Babel fez com que algumas tribos migrassem grandes distâncias em busca de nova esperança, novas oportunidades. Alguns destes grupos eram tribos semíticas pré-abraâmicas que procuravam abrigo de grupos do velho país que se tinham tornado movidos pela conquista, violentos e vis. Vamos delinear

brevemente esta história aqui e, depois, mostrar como a lenda dos índios Hopi se ajusta perfeitamente a esta visão da vida antiga e dos Antigos.

**Génese Segundo Cayce**

Cayce fala de um Génese no qual houve uma descida original de seres pré-humanos a partir de um mundo espiritual invisível para o mundo físico. Estes poderosos pré-humanos eram compostos por mentes e almas com livre-arbítrio e consciências independentes. Alguns destes seres forçaram o seu caminho para a matéria para satisfazer desejos e impulsos, sem pensar nas consequências de tal ato. Outros não tinham a intenção de entrar completamente na matéria, mas perderam gradualmente o rumo, acabando por ficar presos na matéria.

Esses seres eram poderosos, mas consistiam mais em mente do que em corpo. O seu poder era tão grande que eram capazes de controlar o clima, os animais e mover pedras massivas e megalíticas com facilidade. Alguns eram poderosos de uma maneira rudimentar, controlando os elementos e os animais pelo pensamento, enquanto outros expressavam os seus poderes através de dispositivos de alta tecnologia, tais como lasers, cristais e máquinas que afetavam campos magnéticos. Exemplos das pessoas de tecnologia rudimentar seriam os habitantes de Mu, como descrito no Capítulo 2.

De acordo com as leituras de Cayce, os de alta tecnologia eram os atlantes. Com o tempo, construíram templos, pirâmides e colinas. Muitas das suas estruturas encontram-se por baixo das atuais que vemos hoje, especialmente na América Central e do Norte. Esta ideia foi explicada detalhadamente em *The Lost Hall of Records*; de facto, os centros maias foram construídos uns sobre os outros, sendo a estrutura visível a mais recente. Mas, de acordo com Cayce, muitas das estruturas megalíticas que encontramos hoje ao redor do mundo são remanescentes dos seus templos e abrigos.

De acordo com Cayce, estes Antigos, com todo o seu poder e sabedoria, eram vulneráveis a muitas tentações e fraquezas. Por causa disso, decolaram gradualmente, perdendo muito do seu poder e controlo sobre os elementos e animais, confiando cada vez mais em formas físicas de sobrevivência. Isto deveu-se à sua perda gradual de sintonização com a Fonte da Vida. Dentro do seu grupo coletivo, desenvolveram duas fações distintas. Uma proclamava que não existia uma única Fonte da Vida com a qual devessem manter ligação e cooperação — nenhum Deus, nenhum Ser Supremo, nenhum Grande Espírito.

O outro grupo afirmava que, apesar da aparência exterior de multiplicidade e separação, existia de facto uma Fonte para toda a vida. Acreditavam que, se perdessem a ligação com ela, se tornariam subordinados aos poderes e leis da Natureza. Grandes batalhas desenvolveram-se entre estes dois grupos. Algumas batalhas foram mudanças subtis em movimentos políticos, sociais e artísticos, outras foram combates físicos abertos. Eventualmente, as batalhas fizeram com que ambos os grupos perdessem o seu nível de ligação com a Força da Vida, com o Grande Espírito.

O efeito desta perda foi devastador. Guerras, sismos, tempestades e animais gigantes começaram a ganhar controlo sobre estes seres. A sua natureza celeste e não física cristalizou-se gradualmente em matéria e forma. As suas mentes ficaram encapsuladas em corpos. O que era celeste era agora terrestre, e sujeito à evolução e às circunstâncias da Terra. Cayce diz que estes primeiros seres passaram por quatro grandes mudanças na forma. As formas anteriores eram mais etéreas e mais próximas das vibrações e da consciência do Criador. As formas posteriores eram mais densas e mais separadas da unidade, do coletivo.

Ele disse que as primeiras duas formas surgiram no antigo continente de Mu. A terceira foi na Atlântida. E a quarta teve início no Éden, que hoje se pensa ter estado localizado entre os rios Tigre e Eufrates. Estas mudanças coincidiram com quatro Eras ou, como os maias e os astecas lhes chamavam, quatro "Sóis".

Mu e a Atlântida acabaram por se partir em grandes ilhas, depois em ilhas cada vez mais pequenas, até se tornar óbvio para todos que essas terras já não eram habitáveis. Isto ocorreu em três etapas principais que se correlacionam com as primeiras três Eras — duas em Mu e a terceira na Atlântida. Uma grande migração para encontrar novas terras foi iniciada após o fim de cada Era, e continuou por muitos milhares de anos. A primeira Era foi há cerca de doze milhões de anos, a segunda há cerca de dez milhões de anos. Durante esta altura, os seres "humanos" não eram tão físicos como somos hoje. A terceira Era durou apenas cerca de 200 000 anos e incluiu as migrações para as Américas que temos estado a discutir neste livro.

Os migrantes de cada uma destas Eras eram apenas uma sombra do que tinham sido, tendo perdido grande parte dos seus poderes sobrenaturais e da sua consciência. Como resultado, tornaram-se muito mais terrestres e físicos. Alguns daqueles que viajaram para as Américas encontraram novo

abrigo nas montanhas (os Andes, Monte Albán, Chaco Canyon, as Rochosas). Outros moveram-se para as selvas e bosques densos. Alguns estabeleceram as suas vidas nas planícies da Argentina e da América do Norte, e ainda outros viveram ao longo das margens dos grandes rios e oceanos.

Se a história da história antiga de Cayce, com as suas quatro Eras e grande migração, for verdadeira, então alguma dessa verdade deve estar refletida nas lendas dos índios da América do Norte — porque estas pessoas seriam os descendentes dos antigos. Como veremos, é definitivamente esse o caso.

**A Surpreendente Lenda Hopi**

De todos os índios da América do Norte, os Hopi possuem uma lenda verdadeiramente surpreendente, e ela ajusta-se tão bem à história de Cayce que temos de a reconatar aqui. A história, deve mencionar-se, foi publicada pela primeira vez em 1963, 18 anos após a morte de Cayce.

Trinta anciãos da tribo de índios Hopi, no norte do Arizona, contaram a sua lenda a Frank Waters, que a escreveu no seu excelente livro, *The Book of the Hopi*. De acordo com estes anciãos, os Hopi são os primeiros habitantes da América. A sua aldeia de Oraibi é indiscutivelmente o assentamento continuamente ocupado mais antigo nos Estados Unidos. Ela, e a maior parte das outras aldeias Hopi, agarra-se a escarpas com seiscentos pés [cerca de 183 metros] de altura de três mesetas rochosas que se elevam abruptamente da planície do deserto. Eis a história que estes anciãos contam, com os nossos comentários sobre partes dela encerrados em [parênteses retos]:

**No Princípio...** Primeiro existia o Criador, Taiowa, depois existia Tokpela, literalmente, "Espaço Infinito". Não havia nem há princípio, nem fim. Não há tempo, não há espaço. Tudo está na mente do Criador. O Infinito concebeu o finito. O Criador é considerado "o grande Tio", que criou Sotuknang, o Logos, "o grande Sobrinho". O Sobrinho foi criado para executar um plano para toda a vida no Espaço Infinito. O Sobrinho, ou o que poderíamos considerar como o Logos 2, criou nove reinos universais: um para o Criador, um para si próprio e sete para toda a vida que estava por vir. Toda a vida foi criada de acordo com leis ou caminhos universais naturalmente refletidos no Criador. A vida roda em redor da essência central do Criador. Quando os seres foram criados, formou-se um eixo em redor do qual as forças da sua vida rodam. No nosso corpo físico, esse eixo é a coluna vertebral. Ao longo da coluna vertebral, o grande Sobrinho criou

cinco centros. O primeiro situa-se no topo da cabeça, a zona mole ao nascer, chamada *kopavi* pelos Hopis. Esta zona é considerada a porta aberta através da qual cada indivíduo recebe a sua vida e a comunicação com o Criador. O segundo centro é o cérebro, que é utilizado para pensar. O terceiro é a garganta, através da qual passa o sopro da vida e o som da fala. O quarto é o coração, o lugar dos sentimentos. O quinto fica mesmo abaixo do umbigo e é considerado o local do Criador dentro de cada corpo, a partir do qual todas as funções do corpo são controladas.

[Cayce chamava a esta área o "cérebro abdominal". Como saberá, a maior parte das filosofias místicas orientais identifica sete centros espirituais ou *chakras* no corpo, sendo os dois adicionais o plexo solar e as gónadas. Cayce identificava-os com as sete glândulas endócrinas do corpo.]

**As Primeiras Pessoas — O Primeiro Mundo** De acordo com os Hopi, o grande Sobrinho criou as Primeiras Pessoas, que estavam sempre saudáveis e em sintonização com o Criador e com os caminhos do universo. As Primeiras Pessoas viviam no Espaço Infinito. Gradualmente, houve aqueles entre as Primeiras Pessoas que esqueceram os mandamentos originais e começaram a gratificar-se com cada vez menos pensamento para os caminhos e leis do Criador. Entre eles surgiu "O Falador" (*Lavaihoya*). Ele veio sob a forma de um pássaro-imitador; e quanto mais falava, mais convencia as Primeiras Pessoas das suas diferenças e da separação de toda a vida. Foi então que os animais se afastaram das pessoas, e depois as pessoas se afastaram umas das outras, notando diferenças entre si. O Falador foi seguido por "O Belo", uma serpente, que seduziu as pessoas para ainda mais longe umas das outras. Ele criou a suspeita e a censura entre elas, levando eventualmente a lutas ferozes. O Primeiro Mundo tornou-se um lugar infeliz e desruptivo.

[Tal como os mitos maias e astecas falam do potencial maravilhoso do Primeiro Mundo e, no entanto, do seu destino infeliz, também os Hopi contam como o Grande Sobrinho discutiu com outras forças divinas a necessidade de acabar com o Primeiro Mundo e começar um novo.]

Felizmente, entre as Primeiras Pessoas encontravam-se muitos que se apegavam ao ideal da unidade de toda a vida dentro do Criador. Este grupo não era disruptivo nem egoísta, e mantinha uma comunicação com o Criador através do topo das suas cabeças. A estas pessoas o grande Sobrinho apareceu, dizendo-lhes que seriam os Escolhidos. Eles habitariam um novo mundo que ele estava prestes a criar. Disse-lhes que o centro no topo das suas cabeças os guiaria para este novo mundo. Esta sabedoria

interior, disse ele, dar-vos-á a visão para ver uma certa nuvem, a qual seguireis de dia, e uma certa estrela, a qual seguireis de noite.

[É fascinante o quão semelhante esta história é à dos israelitas. Lembremo-nos de como o Senhor lhes disse que eram um Povo Escolhido e os guiou para fora do meio dos outros em direção a uma terra prometida, instruindo-os que o Senhor estaria com eles numa nuvem de dia e numa coluna de fogo à noite.]

Quando o grande Sobrinho terminou de instruir os Escolhidos, estes desapareceram de todo o Primeiro Mundo. As suas aldeias tornaram-se casas, templos e campos vazios. Muitos daqueles que foram deixados para trás gritavam-lhes: "Para onde vão?" Ao que os Escolhidos respondiam: "Estamos a seguir a nuvem e a estrela." Os outros riam-se e diziam: "Não vemos nuvem nem estrela nenhuma." Isto acontecia porque tinham perdido a visão interior que provinha do topo das suas cabeças.

Quando os Escolhidos alcançaram o novo local, encontraram-se com outros que tinham viajado para ali a partir de terras diferentes. Estes outros também tinham sido chamados pelo grande Sobrinho e instruídos a seguir a nuvem e a estrela. Mesmo sendo de tribos diferentes, todos os Escolhidos acolheram os outros porque partilhavam da mesma opinião. Quando todos tinham chegado, o Sobrinho apareceu e guiou-os até à colina do Povo Formiga.

O Sobrinho instruiu-os a entrar no formigueiro e a aprender com o Povo Formiga porque "Eles obedecem ao plano do Criador." Quando já se encontravam em segurança dentro do formigueiro, o Sobrinho destruiu o Primeiro Mundo.

[É interessante como esta lenda é tanto física como não física. Lembremo-nos de que este Primeiro Mundo se situa no Espaço Infinito, mas a imagética inclui um formigueiro. Descreverá isto algum tipo de abrigo subterrâneo para os Escolhidos até que a superfície do planeta fosse limpa do mal? Ou será uma espécie de abrigo inconsciente para as suas mentes enquanto toda a consciência não abrigada era reabsorvida de volta na mente do Sobrinho que criara os povos?

De acordo com Cayce, os acontecimentos ocorrem primeiro na mente e mais tarde manifestam-se na matéria, muitas vezes repetidamente, ciclando através do mental e do físico repetidas vezes até que se alcance uma harmonia. Seja qual for o caso nesta lenda Hopi, existem inúmeros sistemas maciços de grutas e passagens subterrâneas ao redor deste planeta,

e estes são de grande antiguidade. Poderiam estas ser os formigueiros físicos?]

**O Segundo Mundo**

Quando o Segundo Mundo ficou pronto, o Sobrinho regressou e tirou os Escolhidos do formigueiro, introduzindo-os no Segundo Mundo. Este não era tão belo como o Primeiro Mundo. O Sobrinho instruiu-os a obedecer ao plano do Criador. Explicou-lhes que, quando ele os ouvir cantar um louvor alegre, então estará nos seus corações e eles saberão que estão perto dele.

Os Escolhidos podiam viajar tanto pelo mundo manifestado como pelo não manifestado, porque a porta foi deixada aberta entre o mundo espiritual e o físico. Mas, no mundo material, já não podiam viver com os animais, porque os animais se tinham separado dos humanos e eram agora selvagens e perigosos.

Tudo o que o Povo Escolhido necessitava encontrava-se no Segundo Mundo. No entanto, à medida que a natureza humana continuava a revelar as suas fraquezas, os Escolhidos acabaram por começar a desejar coisas de que não necessitavam. Os problemas começaram de novo.

Conscientemente, não se davam conta de que se estavam a afastar da vida boa. Mas esqueceram-se, de facto, de cantar louvores alegres. E focaram-se mais nas faltas e fraquezas uns dos outros do que nas suas forças e virtudes. Cedo começaram a altercar. Irromperam zaragatas. Em última análise, eclodiram guerras. Como dantes, alguns continuavam a cantar louvores e mantinham os seus corações e mentes em sintonização com o Criador e em harmonia com o plano. Mas os perversos riam-se deles, até que estes só conseguiam cantar as suas canções silenciosamente nos seus corações.

O Sobrinho apareceu novamente, perturbado, e explicando que "o fio está a esgotar-se no mundo." O significado desta afirmação era que a vida já não era eterna e a morte surgia pela primeira vez. Portanto, guiou os leais para a segurança do formigueiro mais uma vez, enquanto destruía o Segundo Mundo e aqueles que eram perversos. Depois, criou o Terceiro Mundo.

[Interessantemente, os Hopi dizem que o Sobrinho destruiu o Segundo Mundo ao mudar drasticamente os polos da Terra, um conto que Cayce também relata. Na versão de Cayce, os polos do eixo da Terra inverteram-se em tempos antigos. O planeta, na verdade, capotou!]

## O Terceiro Mundo

Quando o Terceiro Mundo ficou concluído, as pessoas espalharam-se e repovoaram-no, continuando o seu progresso ao longo da grande jornada da vida. No Primeiro Mundo tinham vivido de forma simples e em harmonia com a Natureza e os animais. No Segundo Mundo tinham desenvolvido o artesanato, ferramentas, lares e aldeias. Neste Terceiro Mundo multiplicaram-se em tais números e avançaram tão rápido que construíram enormes cidades, países e civilizações inteiras. 3

Este desenvolvimento tornou ainda mais difícil para eles manterem-se em harmonia com o Criador e com o Sobrinho. Ficaram totalmente ocupados com os seus próprios planos terrenos. Especialmente notável foi um crescente mau uso e abuso dos seus poderes reprodutivos. Os Hopis falam de uma mulher de renome que se gabava de possuir tantos colares de turquesa provenientes dos seus favores sexuais que conseguia enrolá-los em redor de uma escada que alcançava a extremidade do eixo do mundo. 4

Como sempre, naturalmente, alguns por entre as massas mantiveram a harmonia com o Criador e cantavam canções nos seus corações. Mas, por entre a corrupção nascente, as pessoas mal conseguiam ouvir os cânticos de louvor. Uma parte curiosa desta história Hopi diz respeito à forma como tribos malignas utilizavam os seus poderes criativos para fabricar "escudos" voadores (*patuwvota*). Utilizavam estes escudos para voar até grandes cidades, atacar e partir tão rápido que ninguém conseguia decifrar de onde tinham vindo. A guerra estava a tornar-se um foco de pensamento, energia e poder criativo.

[Na história de Atlântida de Cayce, durante o tempo entre a primeira e a segunda destruição, os atlantes conceberam engenhos de guerra que incluíam "embarcações" voadoras. A Atlântida também estava dividida entre duas fações — os desejosos de satisfazer impulsos físicos e os que eram fiéis ao plano do seu Criador. A descrição Hopi de outras "tribos malignas" a utilizar os seus poderes para criar uma arma voadora poderia referir-se a esta parte da história da Atlântida.]

A Mulher Aranha, criada pelo Sobrinho, exclamou que não valia a pena esperar até que "o fio se esgote desta vez", ou até que a força da vida diminuísse ainda mais. Algo tinha de ser feito, sob pena de as pessoas com a canção nos seus corações serem corrompidas e mortas também. O Sobrinho concordou e instruiu a Mulher Aranha a cortar canas ocas e a colocar as pessoas que ainda tinham a canção nos seus corações dentro dessas canas, com um pouco de água e farinha de milho. Quando ela

completou isto, ele soltou as grandes águas sobre a Terra e limpou o Terceiro Mundo com um dilúvio maciço. [A lenda do Grande Dilúvio encontra-se em culturas por todo o mundo — incluindo virtualmente todas as tribos de nativos americanos.]

**O Quarto Mundo**

Uma vez limpo o mundo e restaurada a calmaria, a Mulher Aranha pegou nas pessoas salvas pelo topo das suas cabeças e guiou-as para fora das canas até ao topo do que fora uma grande montanha no Terceiro Mundo. Tudo o que restava dela era o seu "Topo", agora uma pequena ilha no meio de um mar vasto. Ao redor das pessoas salvas só havia água.

Para surpresa de todos, cada um descobriu que possuía a mesma quantidade de água e farinha de milho que tinha quando entrou nas canas pela primeira vez. Isto era algo maravilhoso, pois tinha decorrido um tempo muito longo nas canas e eles tinham comido todos os dias.

As pessoas salvas começaram a enviar aves para encontrar nova terra para a qual pudessem viajar e fazer os seus novos lares [tal como Noé e o seu povo fizeram na lenda ocidental]. Mas todas as aves regressavam cansadas, sem encontrar terra. Então, plantaram uma cana e esta cresceu alto em direção ao céu. Subiram por ela e observaram até onde os seus olhos conseguiam alcançar, mas, ainda assim, não havia terra em lado nenhum. Então a Mulher Aranha, instruída pelo Sobrinho, disse ao povo: "Devem continuar a viajar. A vossa sabedoria interior guiar-vos-á. A porta no topo da vossa cabeça está aberta." A Mulher Aranha orientou as pessoas a construir barcos a partir das canas. Depois, confiando na sua orientação interior, navegaram para longe daquele antigo topo de montanha em busca do novo Quarto Mundo. Navegaram em direção ao sol nascente, em direção a leste.

Encontraram uma ilha na qual quiseram ficar, mas a Mulher Aranha instruiu-os a continuar a navegar. Continuaram a navegar, desta vez para leste e um pouco para norte. Novamente, encontraram uma ilha maravilhosa, repleta de vegetação e beleza. Mas a Mulher Aranha disse-lhes que deviam viajar mais além. Por isso, fizeram-se novamente à vela. Explicou-lhes que estas ilhas eram demasiado fáceis e agradáveis para eles, e que cedo cairiam novamente em caminhos perversos. Tinham de continuar.

[Os Hopi apegam-se a um ditado antigo atribuído ao grande Sobrinho: "Quanto mais longe vais, mais difícil se torna." Este ditado reflete a crença

deles de que a vida se torna mais difícil quanto mais nos desviamos da unidade e harmonia originais com o Criador. Contudo, quanto mais fácil e prazerosa é a vida, mais provável é que se caia na perversidade. Portanto, uma vida difícil é melhor.]

Após fazerem-se à vela a partir da segunda ilha bela, a Mulher Aranha informou-os de que tinha feito tudo o que lhe fora ordenado fazer por eles. Agora deviam encontrar o seu Lugar de Emergência (*Place of Emergence*). Instruiu-os: "Mantenham as vossas portas abertas, e os vossos espíritos guiar-vos-ão."

[O "Lugar de Emergência" é outro conceito fascinante expresso nesta lenda antiga. Novamente, as pessoas parecem estar a vivenciar tanto uma jornada física como uma mental-espiritual. O local onde emergem depende deles, com base no que procuram. Além disso, note-se quão longe do estado original de vida as pessoas chegaram. Agora, o topo das suas cabeças já não lhes traz orientação interior e a visão para ver a nuvem e a estrela, mas apenas os sussurros dos seus espíritos guias. Agora, já não são diretamente guiados pela Mulher Aranha ou, como dantes, pelo grande Sobrinho do Criador. Estão a perder cada vez mais a sua unidade e consciência iniciais do Criador. No entanto, de cada vez que aparentam estar perdidos, surge uma oportunidade para fazerem um novo lugar, um recomeço. E assim acontece nesta história.]

Neste ponto da história, surge uma discussão entre as pessoas quanto a qual direção é a correta para viajar. Alguns dizem sul, outros norte. Em ambas as direções as pessoas jornadearam, mas encontraram apenas montanhas altas e nenhumas passagens. Sem saber o que fazer, as pessoas pararam, abriram as suas cabeças e deixaram-se guiar. As águas subitamente acalmaram e sentiram uma corrente agarrar os seus barcos e jangadas. Pouco tempo depois, desembarcaram. Saltaram de alegria e celebraram festivamente a descoberta do Quarto Mundo.

Como dantes, outras pessoas salvas — remanescentes do Terceiro Mundo anterior — também chegaram ao mesmo local com os Hopi. E, como dantes, o grande Sobrinho apareceu-lhes. Mostrou-lhes a direção de onde tinham vindo, do oeste, e as muitas ilhas pelas quais "saltaram" ao longo do seu caminho para este novo world. "Elas são as pegadas da vossa jornada", disse o Sobrinho, "os topos das altas montanhas do Terceiro Mundo, o qual eu destruí. Agora observem."

À medida que as pessoas observavam, a ilha mais próxima afundou-se sob a água, depois a seguinte, até que todas desapareceram. "Lavei até as

pegadas da vossa Emergência; as pedras de passagem que deixei para vós", explicou o Sobrinho. "Lá no fundo dos mares jazem todas as cidades orgulhosas, os escudos voadores e os tesouros mundanos corrompidos pelo mal, e aquelas pessoas que não encontraram tempo para cantar louvores ao Criador. Mas chegará o dia, se preservardes a memória e o significado da vossa Emergência, em que estas pedras de passagem emergirão novamente para provar a verdade que falais." 5

[Esta lenda de saltar de ilha em ilha para chegar a um novo mundo também se encontra no livro sagrado dos maias, o *Popol Vuh*. Neste livro, os maias contam como as águas se partiram e as tribos cruzaram em "pedras em fila, areia sob o mar" para um novo mundo. Outro paralelo interessante na lenda Hopi verifica-se com a história da Atlântida de Cayce. A Atlântida passou por três destruições diferentes. A segunda destruição, ocorrida em 28 000 a.C., parece ter desferido um golpe severo nas maravilhas tecnológicas da Atlântida. A afirmação Hopi, "Lá no fundo dos mares jazem todas as cidades orgulhosas, os escudos voadores e os tesouros mundanos corrompidos pelo mal", poderia ser uma referência à Atlântida. Se for esse o caso, dataria a entrada dos Hopi na América antiga algures logo após 28 000 a.C. Esta data apoiaria as novas descobertas na arqueologia que demonstraram que as migrações, de facto, ocorreram por essa altura.]

O Quarto Mundo dos Hopi é chamado *Tuwaqachi*, que significa "Mundo Completo". O Sobrinho explica que não é tão belo como os mundos anteriores, mas possui tudo o que as pessoas necessitam. As pessoas devem agora utilizar os seus livres-arbítrios para escolher. A forma como escolherem determinará se estão a executar o plano do Criador, e se este mundo necessita de ser destruído como os outros.

Após o grande Sobrinho desaparecer da vista deles, começam a entrar na nova terra. Ouvem um ruído e veem um homem bem-parecido. Para sua surpresa, tratava-se do zelador-chefe do antigo Terceiro Mundo que se tornara um pouco vaidoso, perdendo a sua humildade, e o Criador tinha-o, por isso, despromovido a zelador da morte e do submundo. Não era uma pessoa, mas sim um espírito. Após o Terceiro Mundo ter sido destruído, o Criador decidiu dar-lhe outra oportunidade e nomeou-o zelador do Quarto Mundo. Ele foi o primeiro espírito que as pessoas encontraram nesta nova terra e pediram-lhe permissão para viver aqui. O seu nome era e é Masaw.

Masaw deu-lhes permissão, mas exigiu que primeiro migrassem para as quatro direções da grande terra. Iriam para norte tanto quanto pudessem,

depois para leste até à margem seguinte, depois para sul até à extremidade da terra, e depois para oeste. Uma vez completadas estas migrações, poderiam estabelecer-se entre os rios Colorado e Rio Grande.

### A Colina da Serpente

Interessantemente, a lenda Hopi fala de um momento durante a sua migração para leste em que um dos clãs, o Clã da Serpente, desejou "deixar a sua pegada". Mas como não existiam falésias para marcar com pinturas rupestres, moldaram o solo na forma de uma serpente gigantesca. Os Hopi acreditam que os seus antepassados foram os construtores da grande Colina da Serpente (*Serpent Mound*) em Locust Grove, no Ohio. Tem a forma de uma serpente cujo corpo se estende em sete curvas profundas, com a cabeça voltada para oeste e a boca aberta segurando um ovo. Em frente ao ovo existe uma projeção e, em ambos os lados da cabeça, encontram-se pequenas colinas.

Frank Waters escreveu que um dos membros do Clã da Serpente dos Hopi interpretou a forma da Colina da Serpente a partir de uma fotografia e de um desenho que Frank lhe mostrou. O Hopi disse que o ovo era simbólico da aldeia do povo colocada nas mandíbulas da serpente para proteção. A projeção em frente à boca indicava que a serpente possuía o poder de "atrair luz". As duas pequenas colinas de cada lado da cabeça representam olhos. A serpente está voltada para oeste porque as pessoas viajavam para oeste quando construíram esta colina. O nome da serpente é *Tokchi'i*, que significa "Guardião do Leste".

### A "Porta das Traseiras" — Beringia?

Antes de passarmos para outra lenda indígena, é interessante notar que os Hopi dizem que Masaw lhes disse que a área norte seria a "porta das traseiras" para este novo mundo, este novo continente, e que no futuro muitas pessoas entrariam nesta nova terra através desta porta das traseiras. Mas fá-lo-iam sem a permissão de Masaw. Poderia esta porta das traseiras ser Beringia, o Estreito de Bering? Se o intervalo temporal da entrada dos Hopi na América foi por volta de 28 000 a.C., então este poderia bem ser o caso.

### A Lenda Hopi Correlaciona-se com a Maia e a Azteca

Tal como a lenda Hopi, nas lendas nahua (azteca e tolteca), maia, mixteca, zapoteca e otomí também existem quatro criações, ou "Eras Mundiais", ou "Sóis". Encontramos o mesmo número entre os navajos e os povos pueblo da América do Norte e os quechuas no Peru. Mas aos quatro

mundos originais, os maias e os aztecas adicionam um quinto: esta era atual em que vivemos, na qual as quatro anteriores desempenham um papel. Este mundo ou era atual é a era do "Movimento". Esta lenda está esculpida na magnífica Pedra do Sol Azteca, atualmente em exibição no Museu Nacional de Antropologia na Cidade do México. Trata-se de um monólito circular de basalto com 25 toneladas e quase 12 pés [cerca de 3,6 metros] de diâmetro, chamado *Cuauhxicalli* ou "Taça da Águia".

Nesta magnífica pedra, estas Eras seguem numa ordem no sentido dos ponteiros do relógio ao redor da Pedra do Sol, começando no canto superior direito. A ordem dos Sóis ou Mundos é: 1) Sol do Jaguar (*Nahui Ocelotl*), 2) Sol da Água (*Nahui Atl*), 3) Sol da Chuva de Fogo (*Nahui Quiahuitl*) e 4) Sol do Vento (*Nahui Ehecatl*). Em cada era mundial, os humanos assumiram uma forma diferente.

De acordo com os aztecas, que estão a reconatar uma lenda que ouviram dos maias, na Era do Jaguar as pessoas eram gigantes com grande poder que se tornaram duros de coração e deixaram de escutar os céus, os deuses, e começaram a perseguir os seus próprios interesses, apesar das leis do universo e da Natureza. Estas pessoas correlacionar-se-iam bem com os gigantes da Bíblia, os "Nefilim", que Deus se arrependeu de ter criado. Esta era foi destruída e uma nova tentativa começou com a Era da Água, na qual as pessoas foram feitas de lama (versão azteca) ou argila (versão maia).

Isto correlaciona-se bem com o Génese da Bíblia, no qual Deus criou primeiro as pessoas à imagem de Deus no capítulo um do Génese, mas depois, no capítulo dois, criou-as a partir do pó da Terra. De acordo com a lenda maia-azteca, as pessoas terrenas ficaram perdidas, como peixes no mar já não conseguiam ver o horizonte. Portanto, o grande deus Kukulcán (maia) e Quetzalcóatl (azteca) dividiu as águas de cima das águas de baixo e criou um firmamento sobre o qual as pessoas podiam discernir em que direção continuar. O *Popol Vuh* maia conta que esta foi a era em que os animais foram criados. Esta era termina com a divisão das águas e começa a terceira era, a Era do Fogo. Durante esta era as pessoas eram como aves, mas não aves que voavam alto, mais como perus. Podiam voar um pouco, mas também necessitavam de correr pelo solo fora. Esta foi a era do teste.

Era o tempo em que os Senhores do Submundo tentavam capturar e possuir as pessoas, enquanto as forças ou deuses dos céus tentavam salvá-las. Foi também a época em que as pessoas mais perfeitas foram criadas, as pessoas do milho. Mas mesmo estas pessoas perfeitas tropeçaram nos seus esforços para viver uma vida boa em harmonia com as forças celestiais.

Eventualmente, esta era termina com vulcões e sismos (tão semelhante à era Hopi correspondente), e começa a quarta era. Na quarta era, a Era do Ar ou do Vento, as pessoas são feitas como os macacos ou símios. De acordo com a lenda esculpida na Pedra do Sol, uma quinta era, a Era do Movimento, começou a 13 de agosto de 3114 a.C. e termina a 23 de dezembro de 2012 d.C. Após o quinto mundo, a lenda indica que o estado original anterior às criações regressa. Se isto é gradual ou cataclísmico não é claro na lenda, mas Cayce afirma que será gradual.

**A Lenda Algonquin**

***Walam Olum* (literalmente, "Registo Pintado")**

As crónicas dos índios Algonquin estão registadas em pictograma e palavras utilizando a língua índia de Delaware. Não é claro quem pintou e escreveu primeiro o *Walam Olum*. Alguns antropólogos duvidam que seja de origem antiga, no entanto, é claro que esta é uma lenda da antiguidade, provavelmente transmitida ao longo das eras oralmente e em pictograma, e depois escrita por alguém utilizando a língua de Delaware. Começa com o Grande Espírito a criar toda a vida e continua até à chegada do povo branco. ("Grande Espírito" é uma tradução em inglês de *Kitanitowit-essop* em Delaware, a língua do *Walam Olum*. Mas *Kitshi Manitou* são as palavras da língua Algonquin original que significam "Grande Espírito".)

Sem surpresa, o *Walam Olum* coincide bastante bem com aspetos da lenda Hopi, as leituras de Cayce e até com algumas das nossas evidências científicas atuais. É de um estilo diferente da lenda Hopi, escrito em linhas ou estrofes breves e ricas em imagens. Aqui está ele 6, com os títulos adicionados por clareza:

**A Primeira Era — O Grande Espírito Cria a Vida** "No princípio e para todo o tempo, o primeiro lugar era acima da Terra. Na Terra havia uma vasta neblina, e ali estava o Grande Espírito. No princípio e para todo o tempo, o Grande Espírito era invisível no espaço. O Grande Espírito fez a vasta terra e o céu. Ele fez o sol, a lua e as estrelas. Ele fê-los moverem-se todos de forma uniforme. Este foi o primeiro estado das coisas."

**A Segunda Era — Vento de Mudança** "Então o vento soprou violentamente, desviando as coisas do seu curso e a água fluiu forte e para longe. Grupos de ilhas ergueram-se novamente e permaneceram." [Isto

poderia ser simbólico de uma nova influência dentro da consciência do Criador — muito provavelmente algo que se erguia nas mentes e nos espíritos dos seres pré-humanos dotados de livre-arbítrio que começam sempre os problemas nestas lendas antigas.]

"O Grande Espírito falou de novo, como um Espírito a falar a espíritos, e falando a seres, mortais, almas e a todos." [Falar de novo poderia ser um indicador de que se tinha desenvolvido uma nova relação entre o Criador e o criado, semelhante ao segundo capítulo do Génese, onde o nome de Deus é mudado de *Elohim* para *Yahweh Elohim* e ele cria o homem de novo, mas desta vez a partir do pó da terra e insufla-lhe o sopro de vida. Em vez de o homem ser um com Deus, como no primeiro versículo do *Walam Olum* e no primeiro capítulo do Génese, está agora separado. Isto é indicado na linha, "como um Espírito a falar a espíritos", em vez de um só Espírito em conjunto.]

"Para sempre ele foi e será um espírito para os homens. Para sempre ele será o avô deles. Ele trouxe a primeira mãe, a mãe de todos os seres." Isto é como a criação de Eva no Génese, chamada "a mãe de todos".

"Ele trouxe os peixes, as tartarugas, as feras e as aves."

**A Terceira Era — Uma Serpente no Paraíso** "Mas, então, um Espírito maligno criou seres malignos, monstros, moscas e mosquitos. Mas todos os seres ainda eram amigáveis. Verdadeiramente, os espíritos eram ativos e bondosos.

Aqueles primeiros homens e primeiras mães tomaram cônjuges. Tomavam comida quando a desejavam. Todos possuíam conhecimento alegre, lazer e pensamento em contentamento.

Mas, muito secretamente, um ser maligno, um poderoso mágico, chegou sobre a Terra. Com ele trouxe a maldade, a altercação, a infelicidade, o mau tempo, a doença e a morte." [Isto ajusta-se bem ao conto Hopi sobre o mal escorregadio de O Falador e O Belo, que levou as pessoas a altercações, lutas e à infelicidade.]

"Tudo isto ocorreu antigamente sobre a Terra, para lá das grandes águas de maré, no princípio.

Há muito tempo ergueu-se uma serpente poderosa e seres malignos para o homem. Esta serpente poderosa odiava os que estavam no princípio e inquietava os que odiava.

Na luta entre a serpente e o homem, ambos causaram danos, feriram-se mutuamente e não estavam em paz. Expulsas dos seus lares originais, as pessoas lutaram contra este assassino.

A serpente poderosa resolveu firmemente prejudicar os homens." [Nesta representação, a serpente Algonquin é muito mais agressiva do que a serpente do Génese, mas ambas trazem a perda do Paraíso.]

**O Grande Dilúvio** "A serpente poderosa trouxe um monstro e águas correntes. Por entre as colinas a água corria e corria, investindo através de tudo, destruindo muito."

**A Ilha da Tartaruga** "*Nanabush*, o "Forte Ser Branco", avô dos seres, avô dos homens, estava na Ilha da Tartaruga. Lá andava ele a caminhar e a criar. Ao passar, criou a tartaruga.

Seres e homens vão todos em frente, caminhando por entre inundações e zonas rasas rio abaixo, até à Ilha da Tartaruga. Pelo caminho existiam muitos peixes monstros que comeram alguns deles.

A filha do Grande Espírito veio na sua canoa para ajudar a todos, enquanto eles vinham e vinham.

Agora os homens estavam juntos na tartaruga, como tartarugas. Assustados sobre a tartaruga, rezaram para que o que fora estragado pudesse ser restaurado.

Então as águas escorreram, a terra secou, os lagos tornaram-se calmos, tudo ficou em silêncio e a serpente poderosa partiu."

[Esta parte da lenda é semelhante a uma lenda iroquesa: "O Ser Supremo na forma de uma fêmea desceu do céu, aterrando nas costas de uma tartaruga presa na lama." Poderíamos interpretar esta parte da história como a Mãe Deus saindo dos mundos espirituais para ajudar a vida material em evolução a elevar-se a um novo nível de consciência após ter ficado estagnada. A lenda maia que relata que a Árvore do Mundo e o Deus do Milho brotaram de uma fenda nas costas de uma tartaruga também é semelhante. Este acontecimento, tal como registado na cronologia maia, ocorreu em 3114 a.C.] "Ela dá à luz uma filha concebida com a tartaruga."

[Esta passagem pode refletir o casamento entre forças celestiais (Mãe Deus) e terrenas (a tartaruga) num grande esforço para salvar a vida.] "A filha deles concebeu então dois filhos: o primeiro era bom, o segundo nasceu através do flanco da mãe e matou-a. Contudo, os filhos cresceram e

ajudaram a Avó, o Ser Supremo feminino, a concluir a formação do plano terrestre."

[É útil recordar que os Iroqueses eram matriarcais, tal como o eram todos os povos antes da quarta Era. De acordo com Cayce, o espírito feminino era dominante nos tempos antigos. Desde então, o masculino tem governado, mas acabarão por se unir numa era de equilíbrio.]

**À Procura da Quarta Era — A Migração da Ilha da Tartaruga**

"Após as águas terem baixado, os *Lenape* [os Algonquins] da tartaruga estavam próximos uns dos outros, vivendo juntos em casas ocas [semelhantes às canas ocas dos Hopi em que tiveram de viver durante tanto tempo].

Viviam numa terra que congela, onde há neve e tempestades e frio [provavelmente a Sibéria, antes da sua migração para leste].

Neste local a norte, falavam de locais mais amenos com muitos veados e búfalos. Ao permanecerem ali, separaram-se em ricos construtores de casas e fortes caçadores.

Os mais fortes, os mais unidos e os mais puros de entre eles eram os caçadores. Nesse país antigo, nesse país a norte, os melhores dos *Lenape* eram o povo do totem da Tartaruga.

Mas para eles, a mudança chegou novamente. Todas as fogueiras das cabanas da Terra da Tartaruga estavam inquietas e todos os sacerdotes diziam: 'Vamos'. Lamentando, puseram-se a caminho para leste, para a terra da Serpente.

A sua terra foi dividida em duas. Estava a tremer [sismos?], queimada e partida. Assim, dirigiram-se à Ilha da Serpente, no leste." [Esta parte relembra a Colina da Serpente dos Hopi, no leste, destinada a guardar o leste dos invasores ocidentais.]

"As tribos da terra a norte, sendo livres, partiram da terra da neve, em muitas direções. As tribos da Águia Careca e do Lobo Branco permaneceram junto ao mar, ricas em peixe e mexilhões.

Os nossos pais eram ricos e estavam na luz quando estiveram naquelas ilhas, a flutuar contra a correnteza nos seus canoas.

Mas agora, as tribos do Castor Principal e da Grande Ave disseram: 'Vamos para a Ilha da Serpente'. Dizem que continuarão pelo caminho para destruir toda a terra. Os do norte e do leste concordam.

Sobre a água, o mar gelado, partiram para desfrutar da nova terra. Sobre a maravilhosa água escorregadia, sobre a água dura como pedra, todos partiram, no grande Mar de Maré, no mar produtor de mexilhões. Caminharam e caminharam, todos eles. Dez mil à noite. Todos numa só noite, para a Ilha da Serpente, a leste, à noite. Caminharam e caminharam, todos eles." [Será esta migração sobre o mar gelado, em água dura como pedra, uma referência a Beringia, a ponte terrestre do Estreito de Bering? Além disso, os seus comentários sobre vir "para destruir toda a terra" podem indicar as suas intenções negativas e que são aqueles que os Hopi foram informados de que entrariam nesta nova terra a partir do noroeste, através da "porta das traseiras", o Estreito de Bering, e não foram convidados.]

**A Terra dos Pinheiros-Abetos** "Demoram-se na terra dos pinheiros-abetos. [Isto poderia ser uma descrição do Canadá ocidental e do Estado de Washington.] Pensam com grande apreço no seu antigo lar na Terra da Tartaruga [Sibéria?].

Agora encontravam-se na terra dos abetos. Há muito tempo os pais dos *Lenape* estiveram na terra dos pinheiros-abetos."

"Movendo-se para leste, não havia chuva e não havia milho [talvez o oeste do estado de Washington ou o Wyoming?], por isso moveram-se mais em direção ao mar. No local das cavernas, na terra dos Búfalos, tiveram finalmente comida, numa planície agradável." [Isto poderiam muito bem ser as Dakotas, com as cavernas nas Colinas Negras (*Black Hills*) e as planícies de búfalos por baixo delas.]

[Nos versos que se seguem, os seus caçadores aventuram-se à procura das terras das Serpentes. Aparentemente, um grupo de caça deparou-se com a tribo das Serpentes e houve um massacre, o que deixou a tribo das Serpentes enfraquecida e escondida dos caçadores *Lenape*. A tribo das Serpentes poderiam muito bem ser os Iroqueses, que originalmente possuíam as terras a leste dos atuais E.U.A. (nordeste e centro) e cujo nome significa literalmente "serpentes reais".]

"Nestes dias, a tribo da Águia Careca carregava o cachimbo sagrado e Cabeça Bela era chefe. Depois dele o Chefe foi Aquele-Que-Guarda, depois Ave da Neve (que falou sobre o sul, e que os nossos pais deviam possuí-lo).

Continuando a sua busca pela Ilha da Serpente, os caçadores, prestes a partir, reuniram-se.

Então, viajaram em busca da Ilha da Serpente.

Chegando às Serpentes, houve um massacre na Colina da Serpente, e eles tiveram de se ir embora. A tribo das Serpentes estava fraca, e esconderam-se no Vale Pantanoso." [Trata-se possivelmente dos pântanos do norte de Nova Jérsia.]

**As Terras das Serpentes — Primeiro Guerra, Depois Paz** "Foi decidido que as tribos se dividiriam e viajariam em várias direções. Durante as muitas gerações seguintes houve muitas guerras, especialmente no sul e no leste. A terra a leste [da América do Norte] era uma terra ampla e grande — uma terra sem serpentes [incerto deste significado, não pode certamente significar que toda a área leste estava sem Iroqueses], rica e agradável. Todos os caçadores voltaram a fazer *wampum* na grande costa do sol nascente [a costa leste, especialmente na área da moderna Virgínia, onde os Algonquin possuíam grandes campos de milho e acampamentos de pesca; fazer '*wampum*' refere-se à recolha de conchas raras para comércio].

Após um longo período de guerras, um chefe chamado Afável, o primeiro com este nome, fez as pazes com todos.

Todos eram amigos, todos unidos, sob a alçada deste novo chefe."

"Aí chegaram os brancos pelo mar Oriental em grandes barcos. Do norte e do sul chegaram os brancos. Eles eram pacíficos. Traziam coisas formidáveis. Quem são eles?"

E aqui termina o *Walam Olum*.

**Brancos na América Antiga?**

Muitos dos índios na América Central e do Norte possuem lendas sobre antigos "brancos" (frequentemente com barbas) que os ajudaram e que regressariam no futuro para os ajudar de novo. Em muitos destes contos, os brancos tinham originalmente vindo de, e regressariam, do leste. Portanto, é possível ver como isto criou confusão entre os índios quando os espanhóis desembarcaram nas costas orientais da América Central e do Norte nos anos 1500. Embora as lendas sustentassem que estas pessoas eram boas, os brancos carregavam doenças que eram mortíferas e atitudes que visavam o próprio benefício. Não se encaixavam de todo nas promessas esperançosas da lenda.

Ao que tudo indica, os Algonquins do nordeste foram os primeiros grupos de índios a norte do México a ter contacto prolongado com os brancos. As suas tribos orientais foram de tal modo influenciadas pelos

brancos que os historiadores consideraram que apenas as suas tribos ocidentais estavam mais ligadas às tradições e mitos dos Algonquins. Os Algonquins ocidentais mantinham a "Grande Sociedade de Medicina" (tal como os Sioux Orientais), cujas atividades rodavam em torno da busca de uma visão que os colocaria em contacto direto com o Ser Supremo, o Grande Espírito. Durante esta visão, o Grande Espírito iria instruí-los sobre todos os aspetos da vida, especialmente em cerimónias de cura. Os membros desta sociedade não eram xamãs, não reivindicavam poderes individuais, e apenas eram eficazes quando agiam em grupo e o Grande Espírito descia sobre eles.

**Migrações Vindas do Leste**

Estranhamente, pouco foi descoberto sobre as lendas que circundam a origem dos Iroqueses. Tal como outras tribos de nativos americanos, os Iroqueses acreditavam que o mundo fora outrora destruído pela água e que apenas algumas pessoas tinham sobrevivido. Também possuem muitos outros mitos e lendas, mas nenhum se relaciona diretamente com a sua origem. É sabido que os Algonquins e os Iroqueses eram inimigos figadais e viam-se mutuamente como completamente "diferentes". Também é sabido que várias tribos na zona dos Grandes Lagos, bem como no Vale do Ohio, contaram histórias a padres católicos na década de 1700 que sustentavam que tinham vindo do leste, após um grande dilúvio. Estas tribos não eram Algonquin. A partir das descrições dos padres, parecem ser Iroqueses. O mistério da falta de uma lenda de origem em tribos que ocupavam as áreas dos construtores de colinas foi sumariado por Charles Hudson no seu livro *The Southeastern Indians*. Hudson escreve: "os Índios do Sudeste são as vítimas de uma amnésia virtual..."

**A Árvore do Mundo e os Quatro Mundos**

**Que Ligam os Construtores de Colinas Adena aos Maias**

A história mais concreta de uma "migração do leste" na América antiga provém dos maias. A história maia contém elementos que são altamente semelhantes tanto à lenda Hopi como à Algonquin. Esta história está gravada na Pedra do Sol Azteca, mencionada anteriormente. Os aztecas, descendentes de culturas anteriores incluindo os maias, relataram que a sua origem era Aztlán, uma ilha a leste da América Central. *The Lost Hall of Records* pormenoriza esta história.

Surpreendentemente, Edgar Cayce conta a história de dois atlantes que estavam encarregados de preservar os registos da Atlântida: *Atlan* e *Iltar*.

De acordo com Cayce, *Atlan* permaneceu na ilha atlante de *Posiedia*, guardando a sua coleção dos registos num templo que se afundou ao largo da costa da atual Ilha Bimini, nas Bahamas. *Iltar* navegou para oeste, levando a sua coleção de registos para a atual península do Iucatão mesmo antes da destruição final da Atlântida. Cayce explicou que *Iltar* estabeleceu inicialmente os seus templos na península, mas, durante a destruição atlante, eles ficaram tão danificados que *Iltar* moveu o seu povo e os registos para o interior, para o coração da América Central.

Resumidamente, a lenda maia-azteca conta como o mundo passou por quatro criações. De acordo com este conto, a quarta criação ocorreu num local específico na terra onde uma imagem do céu foi impressa na Terra. Parte da imagem consistia em três pedras sobre as costas de uma tartaruga. As três pedras representam as três estrelas do Cinturão de Oríon. No Capítulo 9, foi discutido o triângulo formado pelas três pedras — a "Lareira Cósmica" da criação. Acredita-se que a disposição triangular de alguns sítios de colinas represente a lareira cósmica de Oríon. Os maias e os aztecas acreditavam que a vida atual na Terra provinha da Lareira Cósmica.

Uma parte importante desta história envolve um personagem fascinante de nome Itzamna, que dividiu o céu nas quatro direções cardinais e em quatro direções semicardinais. Isto foi feito ao "erguer o céu". O ato de erguer o céu, ou separar os céus da Terra, deixou uma impressão dos céus sobre a superfície da terra e criou "A Árvore do Mundo". Diz-se que Itzamna viajou de leste para oeste sobre uma grande massa de água para estabelecer o quarto mundo. Acredita-se que as "costas da tartaruga" representam uma ilha a surgir por entre as águas do dilúvio com uma massa de terra em expansão a acumular-se sobre ela. Foi aí que Itzamna estabeleceu a nova civilização.

A Árvore do Mundo é normalmente representada como um "movimento ascendente" a emergir da água, como um grande tronco de árvore cujos ramos alcançam o céu (representando o futuro). As suas raízes penetram no submundo ou na era primordial. Retrata frequentemente as quatro direções cardinais e as quatro criações, bem como a dualidade "*yin*" e "*yang*" da Terra.

**Placas Adena e a Árvore do Mundo**

A Era Adena foi a primeira verdadeira era de construção de colinas na área do Vale do Ohio. Como relatado no Capítulo 6, uma das características curiosas da cultura de colinas Adena era o fabrico da "Placa Adena". Estas eram tipicamente placas pequenas, retangulares e planas de

arenito com gravações curiosas. As figuras gravadas são habitualmente descritas como desenhos zoomórficos ou geométricos. A obra *Mounds for the Dead* (1963), de Don Dragoo, afirma que a maioria das placas mostra aves de rapina, contudo, algumas mostram uma tartaruga. De facto, uma Placa Adena talhada na forma de uma tartaruga foi recuperada na Colina Cresap. Dragoo acredita que as placas eram utilizadas em rituais mortuários ou como totens de "clã". Eram por vezes cobertas de tinta de hematite vermelha e utilizadas como "selos".

O texto de 1976 de Dean Snow, *The Archaeology of North America*, chama às Placas Adena "motivos zoomórficos abstratos" e admite que não são compreendidas. Outros chamaram-lhes "pedras de afiar" utilizadas para amolar utensílios. Em suma, ninguém decifrou exatamente o que estas placas representam. Por exemplo, na figura (…), a "Placa de Wilmington" é mostrada no tamanho real. Os arqueólogos relatam que esta retrata uma "ave de rapina convencionalizada", mas é difícil reconhecer a ave.

Quando examinámos esta placa cuidadosamente, notámos que ao longo da extremidade da placa encontra-se um símbolo idêntico ao hieróglifo egípcio para o deus Rá, um círculo com um ponto no centro. A descender deste círculo está uma seta. Isto parece representar a manifestação de Rá nos reinos da Terra, o mundo físico. Também indica como a placa deve ser segurada para decifrar as imagens na parte frontal da mesma. Quando segurada desta maneira, a placa mostra a Árvore do Mundo e as quatro eras ou "sóis" da lenda maia e azteca. Quando visualizamos outras placas Adena, o padrão da Árvore do Mundo e das quatro eras é visto repetidamente.

Visualizando a Placa de Wilmington na figura (…), note-se o padrão aquático no fundo da placa. Note-se o padrão "entalhado" abaixo da água no lado direito e os entalhes invertidos no lado esquerdo — estes poderiam simbolizar a terra abaixo dos oceanos que eventualmente se elevou acima das águas primordiais (a "terra" do lado esquerdo vai, na verdade, subindo pelo lado esquerdo da placa, talvez retratando-a a elevar-se do mar). Do meio do mar eleva-se o tronco estilizado da Árvore do Mundo, espalhando os seus ramos para a direita e para a esquerda no topo da placa.

O tronco é serpentino com um padrão semelhante a um labirinto, talvez retratando o caminho sinuoso da vida. No topo da árvore, a seguir os seus ramos, encontram-se duas figuras semelhantes a espíritos, uma indo para a direita com um corpo singular semelhante a uma serpente e a outra indo para a esquerda com uma passagem de aspeto feminino que conduz a

um triângulo de aspeto uterino no seu corpo. Estes parecem representar os espíritos *yang* e *yin* tão proeminentes nas antigas filosofias orientais.

Abaixo dos ramos encontram-se quatro áreas distintas que retratam as quatro eras. Se as eras seguirem o padrão da Pedra do Sol Azteca, então começaríamos com a imagem do lado superior direito, logo abaixo do ramo direito da Árvore. Esta seria a primeira era ou sol, a "Era do Jaguar" (*Nahui Ocelotl*). Abaixo deste símbolo estaria então o símbolo da era da água (*Nahui Atl*). No lado inferior esquerdo do tronco da Árvore do Mundo estaria a era do fogo, ou chuva de fogo, como os aztecas lhe chamavam (*Nahui Quiahuitl*). E logo acima dela estaria a era do vento (*Nahui Ehecatl*). Note-se como os quatro elementos correspondem às quatro eras: terra, água, fogo e ar.

As quatro eras da Placa de Wilmington são imagens abstratas e estilizadas, tal como a Pedra do Sol Azteca. Infelizmente, não dispomos ainda de nenhum texto corroborante para a placa Adena como temos para a Pedra do Sol. Talvez escavações futuras venham a descobrir isto.

Outras placas possuem padrões semelhantes aos da Wilmington. Alguns exemplos são a placa do Condado de Meigs, a placa de Kiefer, a placa de Cincinnati, a placa de argila de Gaitskill, e algumas das imagens (as quatro eras, dois ramos e águas primordiais) encontram-se na placa Lakin B.

Interessantemente, a placa de Berlim possui uma imagem das sete "cavernas" de Chicomoztoc dos toltecas. Além disso, um grande disco de arenito encontrado em Moundville, no Alabama, pode ter duas representações das sete cavernas. A imagem das "7 Cavernas" retrata um acontecimento que sucedeu na terceira era. De acordo com la lenda maia-azteca, após as perfeitas pessoas do milho da terceira era terem tropeçado e perdido a sua visão perfeita, entraram em sete cavernas (por vezes contadas como sete desfiladeiros) das quais eventualmente emergiram como uma nova raça humana, dividida em cinco nações, cinco raças, cinco tribos.

Cada uma destas tribos viajou para partes diferentes do mundo e começou a quarta era. Isto ajusta-se exatamente à afirmação de Cayce de que, a dada altura na criação da vida e nos desafios deste mundo, os filhos de Deus decidiram que este reino era mais difícil do que o imaginado ao princípio. Portanto, dividiram-se em cinco raças e nações, cada uma acentuando um dos cinco sentidos. Com o tempo, esperavam aprender a subjugar o seu poder sobre as nossas mentes e espírito e, quando reunidos novamente, cada grupo beneficiaria da vitória dos outros grupos.

**Atlântida, Mu e Cayce**

Na história da América antiga de Cayce, várias migrações diferentes ocorreram em vários momentos diferentes. Ele falou de pessoas que vinham "de além do Pacífico", de Mu, da Atlântida, bem como do Pacífico Sul e de outros lados. Também relatou que muitas destas pessoas se misturaram culturalmente, bem como através de casamentos mistos. Assim, uma mistura de grupos raciais seria vista nas tribos de nativos americanos modernas.

A representação da Árvore do Mundo maia, dos Sóis (eras) e das Sete Cavernas nas Placas Adena parece certamente confirmar a ligação entre o Iucatão e os construtores de colinas do Ohio. Cayce afirmou que a cultura de colinas do Ohio foi iniciada por pessoas que migraram do Iucatão. Como a Adena foi a primeira cultura de colinas na área, seria de esperar que alguns símbolos semelhantes aos maias fossem encontrados.

A história de Cayce também se articula bem com o pouco que sabemos a partir das lendas tribais dos nativos americanos. O conto Hopi sobre o "Lugar de Emergência" como sendo a Costa do Pacífico mostraria que eles são, de facto, "Os Antigos". A partir das suas descrições, originaram em Mu, a terra onde a vida surgiu pela primeira vez.

A "porta das traseiras" para o Novo Mundo descrita pelos Hopi parece descrever definitivamente Beringia. As imagens utilizadas nas lendas Algonquin levam-nos claramente a supor que descrevem uma migração a partir da Sibéria através de Beringia. Interessantemente, os Algonquins falam de encontrar outras pessoas no Novo Mundo; incluindo o temido "povo serpente", sabendo-se que se trata dos Iroqueses. Com base na história de migração de Cayce, os Algonquins poderiam ajustar-se à sua afirmação sobre "pessoas a vir de além do Pacífico". Cayce não mencionou o Estreito de Bering ou Beringia como um caminho migratório, mas não disse que este grupo em particular cruzou por água. Tudo o que sabemos é que vieram "de além do Pacífico".

De acordo com Cayce, alguns dos Iroqueses, especialmente "os de nascimento nobre", eram atlantes. A palavra-chave aqui é *alguns*. É interessante que não exista nenhuma lenda definitiva que relate a origem dos Iroqueses. O seu "mito de criação" envolve as costas de uma tartaruga a tornarem-se uma ilha no centro do oceano, mas as suas migrações antigas não estão registadas nas suas lendas. Eles já se encontravam aparentemente aqui quando os Algonquins chegaram e eram um inimigo feroz.

Os Iroqueses também batalharam entre si, levando a uma cisão massiva em perto de 20 tribos. Estas tribos migraram pela maior parte da América. Muitas delas tornaram-se construtores de colinas. Sabe-se que algumas tribos nos Grandes Lagos (uma área ocupada pelos Iroqueses), bem como no Ohio (também ocupado pelos Iroqueses), acreditavam que os seus antepassados vieram do leste no seguimento de um grande dilúvio. Isto quase espelha a lenda do dilúvio iroquesa, embora esta lenda omita a direção da terra inundada.

Poder-se-ia especular que os Iroqueses eram uma mistura de vários grupos diferentes e, logicamente, foi isso que Cayce afirmou. Como representavam uma mistura, talvez com alguns a vir do leste e outros do oeste, nenhuma lenda de uma "verdadeira" origem era possível. Por outro lado, la lenda azteca de Aztlán é um quase espelho da história da Atlântida de Cayce e de como *Iltar*, com um grupo de outros 10, migrou para o Iucatão antes de 10 014 a.C.

Em suma, podemos dizer que as poucas lendas de origem dos nativos americanos harmonizam-se bem com a história de Cayce. As evidências arqueológicas que emergiram desde 1997 colocam a lenda Hopi, há muito descartada, sob uma luz diferente. A América estava ocupada antes de 28 000 a.C., de facto, as evidências mostram que se estende pelo menos até 50 000 a.C. — se não muito, muito mais além. A lenda Hopi parece indicar que chegaram por volta de 28 000 a.C., na altura da segunda desintegração da Atlântida. Esta data coincide com a destruição de alguma da tecnologia da Atlântida, a qual parece ser descrita no relato Hopi.

Uma confirmação da cronologia e das origens destes grupos poderia vir com a análise de ADNmt. Tanto quanto sabemos, os Hopi não foram submetidos a testes de ADNmt. (Pelo menos não existem resultados publicados na literatura científica sobre isso.) Alguns navajos, no entanto, foram testados. Os testes de ADNmt em navajos mostraram que provêm primariamente da Ásia Siberiana. No entanto, o haplogrupo X foi encontrado numa pequena percentagem deles. Hipotetizamos que o tipo X representa uma migração atlante. Isto implicaria que alguns atlantes se fundiram com os antepassados dos navajos. Isto, como é evidente, corresponde à história que Cayce contou. Uma lenda Hopi sobre os navajos serem "retardatários" no sudoeste confere algum apoio a esta ideia.

O tipo X também foi encontrado em restos antigos sepultados em terras iroquesas, bem como em tribos que possuem ascendência iroquesa. Como demonstrámos, o tipo X também surge em França, Espanha e no

Gobi, bem como no Mediterrâneo. A história de Cayce ajusta-se perfeitamente a estas descobertas. Afirma que as pessoas que originalmente possuíam o haplogrupo X migraram tanto para a América como para o Mediterrâneo e o Gobi a partir de uma localização central.

## Lendas de Tribos Perdidas, os Nórdicos e Outras Possibilidades

Uma das possibilidades mais curiosas das leituras de Cayce sobre as Américas relaciona-se com as "Tribos Perdidas" e com a origem dos próprios hebreus. Como afirmado várias vezes, o haplogrupo X foi encontrado em Israel, bem como em alguns locais na área geral do Mediterrâneo. Cayce posicionou a presença de algumas destas pessoas nas Américas a partir de 3000 a.C.

Como relatado no Capítulo 4, a análise de ADNmt permite estabelecer um intervalo temporal indicando a data geral em que um haplogrupo particular migrou a partir do seu grupo de origem primário. (Esta é uma grande vantagem da análise de ADNmt e uma das razões pelas quais é preferida para tal investigação.) Por exemplo, a mutação do haplogrupo X na América indica que a entrada primária de pessoas com o tipo X ocorreu mesmo em 10 000 a.C. Esta data, naturalmente, recua muito mais no tempo do que a "história conhecida" — incluindo a história bíblica que pode ser rastreada para trás. Como já afirmámos, esta data também coincide com a data de Cayce para a destruição final da Atlântida.

Como Cayce afirma que os remanescentes das Tribos Perdidas chegaram aqui em 3000 a.C., mas sabemos que o tipo X chegou em 10 000 a.C., significa que as Tribos Perdidas não foram os primeiros "portadores" do tipo X para a América. No entanto, o tipo X é encontrado em Israel hoje em dia. Além disso, existem inúmeras lendas, tanto de grupos da América do Norte como da Central, que falam de "pessoas brancas" de barba a chegar à América antes da era de 1492. Uma multitude de outras lendas e histórias falava sobre tribos aparentemente "brancas" (os Mandans no norte e os olhos-de-lua no sul) na América antiga.

As leituras de Cayce continham material que mostrava que os nórdicos exploraram profundamente a América e que "alguns" deles se fundiram com os construtores de colinas. Assim, os nórdicos poderiam ser uma explicação para as lendas de brancos na América antiga. No entanto, a questão das Tribos Perdidas levanta possibilidades com implicações muito mais amplas. O alicerce fundamental da religião mórmon baseia-se em várias migrações de grupos semíticos e pré-hebraicos para a América antiga. Mas as datas destas migrações são bem posteriores a 10 000 a.C. O haplogrupo X poderia ser um fio que rastreia os hebreus de volta à antiga Atlântida. Assim, é para os nórdicos, as Tribos Perdidas e as crenças mórmons que agora voltamos a nossa atenção.

## Capítulo 11

## Difusão Para a América Antiga:

## Nórdicos, Egípcios, Tribos Perdidas e Outras Possíveis Migrações

*...o facto simples é que, com exceção do assentamento nórdico em L'Anse aux Meadows, nenhuma evidência convincente para tais ocorrências jamais foi encontrada ou reconhecida por investigadores profissionais.* — Robert Mainfort & Mary Kwas (1991) *Tennessee Anthropologist*

A ideia de que visitantes pré-colombianos vieram para o Novo Mundo é conhecida como "teoria da difusão". A difusão afirma que uma cultura pode influenciar outra cultura através de alguma forma de contacto. Este contacto poderia ocorrer através de migrações, explorações, comércio ou simplesmente por um navio ser arrastado para uma terra desconhecida numa tempestade. Desde as descobertas de 1997 na genética e na arqueologia, sabemos agora que a herança dos nativos americanos é muito maior e mais profunda do que os académicos nos levaram a acreditar. Os seus antepassados estiveram aqui muito antes do esperado e vieram de locais inesperados. As evidências que mostram múltiplas "difusões" são avassaladoras. No entanto, a oposição à ideia permanece forte.

George Carter, discutido em capítulos anteriores, relata que os ataques às pessoas que sugerem a difusão para o Novo Mundo não têm fundamento. Os difusionistas hoje não estão a sugerir que os nórdicos, os galeses ou os hebreus construíram as colinas. Algumas pessoas vêem apenas evidências avassaladoras de que os visitantes vieram à América antiga muitas vezes. Estes "visitantes" exerceram alguma influência sobre

as culturas já presentes. Isto não é racista, afirma Carter, mas os ataques ferozes aos defensores da difusão podem ser racistas. 1

A história delineada na narrativa de Cayce credita os nativos americanos como possuidores dos antepassados mais antigos de todos. Descendiam de Mu, o local onde a consciência humana entrou pela primeira vez no mundo físico. Alguns descendiam da Atlântida, a civilização antiga mais avançada de todas. E, como acontece em quase todos os crisóis de culturas, misturaram-se, criando uma das culturas mais únicas e ricas do mundo.

As crenças espirituais dos nativos americanos incluíam uma grande reverência por toda a vida e pela própria Mãe Terra. Tudo provinha do Grande Espírito, e tudo tinha de ser respeitado. O seu conhecimento astronómico não reconhecido era verdadeiramente insuperável e as suas terraplenagens maciças inigualáveis. No entanto, poucas pessoas se dão conta da verdadeira maravilha das antigas Portsmouth, Newark, Chillicothe, Moundville, Pinson, Cahokia, Poverty Point, Etowah, de milhares de colinas em efígie e de incontáveis outros sítios.

**As Visitas Nórdicas à América Antiga**

Sabe-se há muito que os nórdicos fizeram visitas à América do Norte a partir de cerca de 1000 d.C., mas tudo para lá dessa afirmação é controverso. Para esta controvérsia contribuem especulações sobre uma tribo indígena aparentemente "branca" que vivia em aldeias amplamente dispersas ao longo do curso superior do Rio Missouri.

Várias expedições dos anos 1700 e 1800 viajaram pelo Rio Missouri acima, em direção a Montana, e relataram que ao longo do caminho tinham encontrado os *Ouachipounnes* (Mandans), uma tribo branca. A expedição de La Vérendrye em 1738 descreveu-os como "altos de estatura, brancos de cor, com cabelo claro, castanho e ruivo..." Expedições subsequentes forneceram descrições dos Mandans que estavam mais em linha com a aparência tradicional dos nativos americanos. No entanto, teorias sobre a

origem desta tribo "branca" surgiram imediatamente. A ideia mais amplamente aceite era a de que a tribo descendia de uma expedição galesa à América no século XII, liderada pelo Príncipe Madoc. Mas outros acreditavam que eram descendentes de nórdicos.

Monges irlandeses podem, de facto, ter visitado a América já em 800 d.C. Por essa altura, uma pequena colónia de monges tinha sido estabelecida na Islândia. Os monges procuravam tanto a solidão como um modo de vida estoico. Viajavam frequentemente da Irlanda para a Islândia em pequenos barcos de couro (*curraghs*). Existem inferências dispersas de que alguns possam ter ido mais para oeste, mas virtualmente não existem evidências da sua presença na América. No entanto, existiram muitos manuscritos antigos que foram encontrados ao longo dos anos — incluindo na biblioteca do Vaticano — que falavam de uma história de 500 anos de excursões e assentamentos nórdicos na América.

Os nórdicos alcançaram a Islândia pela primeira vez em 860 d.C. e encontraram comunidades de monges que periodicamente "se iam embora". Dentro das suas habitações deixavam para trás livros religiosos e artefactos. Os primeiros nórdicos simplesmente mudaram-se para estes pequenos abrigos. Entre 870 e 930, aproximadamente 30 000 nórdicos colonizaram a Islândia.

Em 982, um "fora da lei" nórdico, Érico, o Vermelho, foi banido da Islândia por três anos. Durante esse tempo, explorou para oeste e encontrou a Gronelândia. Érico estabeleceu rapidamente uma colónia de 700 pessoas ali, onde os seus descendentes permaneceram por mais de 500 anos antes de desaparecerem misteriosamente. Em 1961, as ruínas da primeira igreja que tinha sido estabelecida na Gronelândia foram descobertas e escavadas. Uma estrutura de madeira com 36 x 12 pés [cerca de 11 x 3,6 metros] de largura com paredes de terra foi encontrada rodeada por um cemitério de 16 sepulturas.

Em 986, Bjarni Herjolfsson navegou da Islândia para a Gronelândia para encontrar o seu pai, que se tinha dirigido para lá com Érico. Uma tempestade arrastou o navio de Bjarni para sul, onde este deparou com uma terra plana e arborizada — muito diferente da Gronelândia. Movendo-se para norte, encontrou outra costa plana e florestada. Antes de alcançar a Gronelândia, deparou com outra costa, mas esta estava coberta de pedras e de uma "montanha de gelo".

De acordo com as Sagas, o primeiro filho de Érico, o Vermelho, Leif Ericsson, navegou para sul a partir da Gronelândia em 1002 com 34

companheiros em busca da terra avistada por Bjarni. Tal como Bjarni tinha relatado, Leif encontrou uma montanha de gelo antes de deparar com a costa plana e florestada. Batizou esta terra de "Markland" (Terra das Florestas). Após navegar para sul por mais dois dias, chegou a um cabo onde encalhou numa baía pouco profunda. Ele e os seus homens carregaram o barco por um riacho acima até um pequeno lago e construíram imediatamente casas. A povoação foi batizada de "Leifsbudir".

Como a área circundante estava cheia de pastagens, prados e uma vasta extensão de videiras, ele chamou-lhe "Vinland". Passaram lá o inverno e não viram neve. Em 1004, Thorvald, irmão de Leif, foi para Leifsbudir e explorou para oeste, e depois para o sul e para este. Os primeiros encontros com os nativos ocorreram durante estas explorações e foram violentos. Os "Skraelings" (os nativos; em nórdico, Skraeling significa "selvagem") revelaram-se tão eficientes na guerra quanto os nórdicos. Um ano mais tarde, Thorvald foi morto por uma seta numa batalha contra os nativos.

Pouco tempo depois, Thorfin Karlsefni e a sua esposa foram para Leifsbudir, em Vinland, e viveram na casa de Leif. Levaram gado, cortaram madeira e recolheram outros recursos. No verão seguinte, o grupo de Thorfin começou a fazer comércio com os "Skraelings" mais amigáveis, trocando leite por peles. No ano seguinte, um dos homens de Thorfin matou um nativo que terá sido apanhado a tentar roubar armas. Uma batalha seguiu-se ao acontecimento. Algumas outras viagens a Vinland são mencionadas nas Sagas. Estas incluem uma estadia de um ano em Vinland por um enviado papal, o Bispo Eric Gnupsson, em 1117. As Sagas terminaram em 1347, mas está agora confirmado que os nórdicos mantiveram colonizações na Gronelândia até 1500. Os relatos das Sagas não fornecem informações sobre Vinland a partir de meados do século XII. [2]

### Evidência Arqueológica dos Nórdicos

Durante os anos 1800 e início dos anos 1900, um número notável de locais espalhados pela América e pelo Canadá mostrou possíveis indícios de uma presença nórdica. Todos foram rotulados como falsificações, fraudes ou deturpações. Estes incluíam numerosas inscrições rúnicas, estruturas de pedra, artefactos de ferro, fornos de fundição de ferro, moedas e outros objetos. Muitos manuais de história da época defendiam a posição de que Vinland se estendia desde a Terra Nova, no Canadá, até Massachusetts e Rhode Island.

Convencido de que as Sagas tinham de conter histórias genuínas, Helge Ingstad começou a estudar um mapa nórdico do século XVI que representava a Islândia e uma parte da América do Norte. Ele e a sua esposa (uma arqueóloga) começaram a explorar a linha costeira da península norte da Terra Nova. Em 1960, encontraram 8 montículos, que se revelaram ser casas cobertas de turfa. Os sete anos seguintes de escavações e testes de carbono mostraram que este local tinha sido, de facto, uma colonização nórdica.

L'Anse aux Meadows é agora um Parque Histórico Nacional do Canadá. Foi escavado e reconstruído com o aspeto que provavelmente teria no tempo de Leif Ericson. As casas de turfa são "casas compridas" — uma delas mede 24 metros de comprimento. A datação por radiocarbono apresentou datas na faixa do ano 1000 d.C. Foram encontrados mais de 130 artefactos, incluindo pregos de ferro, rebites, um fuso de pedra-sabão, uma lâmpada de pedra, um alfinete de bronze e osso, um recipiente de casca de bétula, a tábua do fundo de um pequeno barco e várias peças de madeira.

Os arqueólogos costumam chamar a este local Vinland. Poderia ser a povoação de Leifsbudir ou até o ponto intermédio para Vinland chamado Markland. O pensamento arqueológico atual sobre a localização das colonizações nórdicas é o seguinte. A "montanha de gelo" é apontada como sendo a Ilha de Baffin. Markland, a terra plana com muitas árvores, é o Labrador. Keelness, um pequeno cabo encontrado por Thorvald durante a sua fatal expedição de 1004, é supostamente o Cabo Porcupine. Vinland é identificada como L'Anse aux Meadows. De acordo com esta perspetiva, os nórdicos nunca foram mais para sul do que a costa nordeste do Canadá; nunca entraram nos Estados Unidos.

Um problema reconhecido nesta visão é que a Terra Nova não tem videiras; na verdade, carece de muitos dos elementos descritivos de Vinland. O contra-argumento apresentado é que Leif chamou "uvas" a bagas silvestres e exagerou o potencial da terra na esperança de atrair mais colonos. As costas do Maine, Massachusetts e Rhode Island possuem muitas videiras densas na costa — tal como descrito por Leif.

**Descobertas Disputadas de Artefactos Nórdicos**

**A Torre de Newport, Rhode Island.** Tem-se pensado que esta curiosa estrutura foi construída por Benedict Arnold como um moinho de vento, embora não exista evidência convincente que apoie essa afirmação. É como se a cidade de Newport tivesse surgido em redor da torre sem ninguém se lembrar de quem a construiu ou porquê — uma amnésia

coletiva. A primeira menção a ela ocorreu em 1677, quando pareceu que os colonos subitamente a notaram e se perguntaram de onde tinha vindo. A *História do Mundo* de Ridpath (1911) afirma simplesmente que foi construída pelos nórdicos.

Estudiosos dinamarqueses e alguns arqueólogos afirmaram que a torre servia de igreja e posto de vigia para uma importante colonização nórdica. Demonstrou-se que a sua construção, forma, tamanho, colunas e até as unidades de medida são muito semelhantes às das torres e igrejas nórdicas construídas na Escandinávia durante esse período. No entanto, também se sabe que alguns moinhos de vento coloniais eram algo semelhantes na sua construção. Uma alegação mais obscura é a de que se trata de uma estrutura portuguesa antiga.

As escavações modernas têm-se provado polémicas. As primeiras revelaram indícios de uma presença colonial no local. Uma escavação subsequente indicou que, no século XVII, a torre tinha sido reforçada através de escavações em redor dos alicerces e substituição do solo. Isto teria resultado na remoção de todas as evidências dos alicerces mais antigos. A torre foi sendo reparada ao longo dos anos através da substituição da argamassa e de outros trabalhos de construção. Um teste de carbono realizado à argamassa em 1993 revelou-se inconclusivo. Apresentou uma data do século XVII; os arqueólogos afirmaram que isto provava que tinha sido construída na era colonial. Mas permanece o mistério se a argamassa era a "original" ou se provinha de uma reparação efetuada nos tempos coloniais. [3]

**Inscrições Rúnicas Possivelmente Genuínas.** De longe, o artefactos mais famoso que se presume ser de origem nórdica é a Pedra Rúnica de Kensington. Foi encontrada em 1898 entre raízes emaranhadas de árvores numa quinta perto de Kensington, Minnesota. Vários estudiosos analisaram as runas da pedra de 90 centímetros de comprimento por 38 centímetros de largura e declararam-na como uma inscrição nórdica genuína. Contudo, outro professor declarou-a uma falsificação porque continha runas incorretas para a época alegada. Os cidadãos locais escavaram alguns buracos na quinta onde a pedra foi encontrada, na esperança de encontrar restos nórdicos enterrados, mas nada mais apareceu.

Muitos livros foram escritos sobre o assunto e a pedra constitui uma exibição impressionante no Museu de Alexandria. Hoje em dia, parece haver poucas opiniões moderadas. Em anos recentes, foram encontrados documentos na Europa que mostram que o Rei Magnus enviou Paul

Knutson numa expedição a Vinland em 1354. O número de homens que regressou à Escandinávia após a expedição mostra que mais de metade morreu durante a longa viagem. Isto assemelha-se bastante à história contada na pedra de Kensington. Até onde terão eles entrado na América? Ninguém sabe, mas Cayce afirmou que eles penetraram profundamente no território americano por muitas vezes.

Suzanne Carlson relatou 32 prováveis inscrições nórdicas na América no livro de 1998, *Across Before Columbus?* Pelo menos sete destas inscrições de estilo nórdico apareceram em Oklahoma ao longo dos anos. Foram encontradas por crianças que brincavam numa colina após uma chuva forte, por agricultores, por índios nativos americanos e por Gloria Farley, residente em Oklahoma, que dedicou décadas à procura de inscrições e petróglifos no estado. A Pedra Rúnica de Heavener, perto da fronteira com o Arkansas, está localizada na Montanha Poteau, não longe do sítio arqueológico de montículos de Spiro, pertencente à Era Mississipiana.

O estado transformou o local num parque e as publicações declaram-no como genuíno. Apresenta uma data: 11 de novembro de 1012. (Ver figura 119.) Uma das descobertas de Farley consistiu num petróglifo (gravação na rocha) no Rio Canadian, em Oklahoma. É uma pequena gravação de um navio que tem o aspeto de uma embarcação nórdica daquele período antigo. As outras pedras rúnicas encontradas no estado estão gravadas em pedras planas mais pequenas. Todas parecem indicar datas: 25 de dezembro de 1015; 30 de dezembro de 1022; 11 de novembro de 1017; 22 de dezembro de 1022; 24 de novembro de 1024. [5]

**Artefactos Nórdicos.** Em novembro de 1887, um prego de ferro e uma fivela de metal foram encontrados num pequeno montículo perto de Washburn, Wisconsin (no Lago Superior). [6]

Várias espadas vikings terão sido supostamente encontradas: uma foi "descoberta" em 1931, juntamente com um machado e a pega de um escudo, em Ontário, entre a Baía de Hudson e o Lago Superior. Reconhecidos como autênticos, os artefactos foram adquiridos pelo Royal Ontario Museum e colocados em exibição. Algumas dúvidas foram levantadas mais tarde sobre se as relíquias nórdicas genuínas foram realmente encontradas em Ontário ou se foram compradas pela pessoa que depois as vendeu ao museu com lucro. Isto é conhecido como a "Descoberta de Beardmore". A 20 de abril de 1911, uma espada viking ferrugenta foi encontrada a oeste de Ulen, Minnesota. Esta também é

genuína e está em exibição no Museu de Ulen. Um conjunto polémico de artefactos foi recuperado no Wisconsin, no Montículo do Lago Spencer, em 1935-36, pela Universidade do Wisconsin em Milwaukee. Foi desenterrado um total de 182 sepulturas. Foram encontrados cestos de casca de bétula, pontas invulgares e outros artefactos. Circularam imediatamente rumores de que Eric, o Vermelho, tinha visitado a área. Estes parecem ter tido por base uma partida que será brevemente discutida na secção seguinte.

Várias moedas nórdicas foram recuperadas na América do Norte. In 1957, Guy Mellgren estava a terminar o seu segundo ano de escavações no sítio de Goddard, na costa central do Maine. Encontrou uma pequena moeda de prata. Foi mais tarde identificada como um centavo norueguês cunhado entre 1065 e 1080 d.C. É aceite como genuína, mas a forma como veio parar aos Estados Unidos é disputada. Em Minnesota, Dakota do Norte, Dakota do Sul, Montana e Illinois, mais de 300 pedras invulgares foram encontradas ao longo dos anos junto a ribeiros, lagos e rios. As pedras têm furos perfurados no meio e parecem ter sido utilizadas como pedras de amarração. São idênticas às pedras de amarração utilizadas pelos nórdicos. [7]

**Cayce e os Nórdicos**

As leituras de Cayce sobre os nórdicos indicavam que estes tinham feito muitas viagens à América antiga e ali estabelecido uma colonização. Vinland situava-se na costa de Rhode Island, Massachusetts e Connecticut. Newport foi nomeada como um local específico, tal como Salem e Providence. É muito provável que os nórdicos tenham atingido estas áreas, e as suas costas possuem, de facto, videiras com uvas. Esta era a zona provável da Vinland de Leif. A presença de alguns artefactos na região apoia esta afirmação.

A tese de Cayce de que alguns nórdicos acabaram por se fundir com os construtores de montículos parece bastante provável. As colonizações nórdicas duraram aqui pelo menos 100 anos, talvez 400 a 500 anos. Os pregos de ferro e o metal encontrados em alguns montículos bem poderiam ser nórdicos. As referências dos nativos americanos a homens brancos barbados, tribos brancas e homens e mulheres de cabelo ruivo bem poderiam ser alusões a isto. Cayce não afirmou que os nórdicos construíram os montículos, que tiveram a ideia ou que sequer influenciaram a cultura. Ele disse que alguns nórdicos se fundiram com os construtores de montículos e, com base nas evidências atuais, isso é extremamente provável.

Cayce sustentava que os nórdicos foram até ao interior da América (especialmente nos anos 1500), alcançando o Minnesota bem como o Montana. Afirmou que uma faca pertencente a Eric, o Vermelho, tinha sido recuperada no Wisconsin pouco antes de 1940 e que esta descoberta provaria a incursão nórdica. Embora seja provável que os nórdicos tenham ido para o interior, a evidência não é suficientemente forte para fazer um julgamento seguro sobre quão longe chegaram. Algumas das pedras rúnicas são, sem dúvida, genuínas, mas nenhuma delas data de 1500 — pretendem ser muito mais antigas. As espadas, embora genuínas, são questionáveis quanto à sua origem. As muitas pedras de amarração poderiam ser legítimas, mas isto também está por resolver.

A afirmação de Cayce de que os nórdicos chegaram ao Montana em 1500 e de que uma faca que pertenceu a Eric, o Vermelho, foi encontrada no Wisconsin mesmo antes de 1940 parece estar errada. A partida do Montículo de Spencer, perpetrada num grupo de estudantes de arqueologia por professores, foi provavelmente a origem desta afirmação. Além disso, sabe-se que Eric não explorou pessoalmente as profundezas do continente (como a leitura indicava).

É interessante examinar o contexto destas leituras específicas. Ninguém afirmou que Cayce era infalível (incluindo o próprio Cayce). Uma leitura realizada na série de Lammer indicou que a mentalidade dos questionadores poderia influenciar a resposta. Este parece ser o caso desta leitura "nórdica", bem como das malfadadas leituras de prospeção de petróleo. Em todas essas leituras, parece evidente que os questionadores tinham desejos e ideias preconcebidas. Queriam que algo estivesse lá e as suas perguntas refletiam as suas esperanças. Cayce falou sobre como as leituras podiam ser "matizadas" pelo estado mental de quem perguntava e, talvez nesta leitura nórdica e nas leituras de prospeção de petróleo, a informação tenha sido "influenciada". Os indivíduos que receberam a informação "nórdica" eram de origem escandinava. Estavam aparentemente entusiasmados com os indícios que vinham a ser relatados sobre artefactos nórdicos acabados de descobrir na América e procuravam confirmação.

### Egípcios na América Antiga

### Uma "Coincidência" Surpreendente

As leituras de Cayce falavam de várias incursões egípcias antigas à América, incluindo ao sudoeste dos EUA, bem como de vários contactos com a América Central e do Sul. Existe um fio condutor de evidências que aponta para isso. Em 1914, um arqueólogo mexicano que escavava as

ruínas maias de Acajutla encontrou duas estátuas — ambas eram claramente egípcias. Representavam Ísis e Osíris. Pouco se ouve falar delas hoje em dia. Mas a confirmação mais surpreendente e possível da tese de Cayce sobre a presença de egípcios na zona do Grand Canyon provém do que poderia ser visto como uma coincidência notável.

A 27 de abril de 1991, o *Flagstaff Arizona Daily Sun* publicou um longo artigo detalhando uma descoberta invulgar no norte do Arizona. Na reunião de abril da Sociedade de Arqueologia Americana, em Nova Orleães, três arqueólogos que trabalhavam para o estado anunciaram ter encontrado uma série de catacumbas contendo câmaras cerimoniais a duas milhas a oeste de Springerville. Encontraram as catacumbas enquanto trabalhavam para estabelecer a área como um parque recreativo. Acreditavam que os túneis e as câmaras tinham sido construídos pelos índios Mogollon há 700 ou 800 anos, porque o local fica perto de um complexo Mogollon conhecido. No entanto, não se conhece a construção de nenhumas outras câmaras ou túneis por parte desta cultura.

As entradas para as catacumbas estavam escondidas e só podiam ser acedidas fazendo rappel por uma parede de desfiladeiro. As entradas tinham o tamanho de pequenas portas ou espaços estreitos de passagem gatinhada. As catacumbas interiores tinham uma extensão incrível de 1,2 a 1,6 hectares, com salas de 15 metros de altura e 30 metros de comprimento. Não havia artefactos de relevo nas catacumbas e nunca nada semelhante foi encontrado na América do Norte. O local é conhecido como Casa Malpais. É agora um parque, mas as catacumbas não estão acessíveis.

A possível ligação deste local ao Egito é uma história fascinante. David Hatcher Childress, um prolífico autor, viajante e fundador do World Explorers Club, encontrou uma história esquecida na primeira página da edição de 5 de abril de 1909 do *Phoenix Gazette*. (Não existe qualquer dúvida de que esta história foi publicada.) O artigo afirmava que uma expedição financiada pelo Smithsonian e liderada por S. A. Jordon tinha encontrado uma série de túneis e câmaras no Grand Canyon. Dentro das catacumbas foi recuperada uma enorme quantidade de artefactos egípcios. Múmias, artefactos de ouro e cobre, ídolos, estátuas e inscrições hieroglíficas foram recolhidos, indicando aparentemente que o local tinha sido outrora um templo egípcio.

O acesso só podia ser obtido fazendo rappel por uma parede íngreme de um desfiladeiro. Os artefactos foram retirados. As descrições das catacumbas na história de 1909 são essencialmente idênticas às do local

descoberto e relatado pelos arqueólogos em 1991. O grupo de 1991 aparentemente não encontrou artefactos nas catacumbas, o que indicaria que alguém os tinha retirado numa altura anterior.

Childress contactou recentemente o Smithsonian, mas foi-lhe dito que nunca tinham sido recuperados artefactos egípcios nas Américas. O Smithsonian também não tinha conhecimento de S.A. Jordon. Childress sugere que o Smithsonian está envolvido no encobrimento da história. Mas existe uma possibilidade muito mais plausível.

Esta é, de facto, uma história fascinante. As descrições dos locais de 1909 e 1991 parecem quase idênticas. Se o misterioso S. A. Jordon existiu e encontrou ouro e outros artefactos egípcios nas catacumbas, será possível que os tenha recolhido e desaparecido silenciosamente no anonimato por razões financeiras? O artigo de 1909 afirma que a história chegou ao conhecimento dos repórteres depois de Jordan e os seus ajudantes terem chegado a Phoenix imediatamente após a recolha de artefactos no local. É concebível que os indivíduos envolvidos tivessem saqueado os valiosos vestígios arqueológicos ali existentes. Embora não tivessem qualquer ligação ao Smithsonian, fizeram essa afirmação perante os repórteres entusiasmados quando foram questionados. Isto ter-lhes-á dado um ar de autoridade e afastado as suspeitas. Com toda a probabilidade, foram fornecidos nomes falsos.

Independentemente do desfecho desta história, existem outras pistas tentadoras de que uma presença egípcia possa ter existido no antigo Arizona. A noroeste de Tucson, Arizona, nas Montanhas Tortolita, existe um local conhecido como Zodiac Ridge. Um círculo de rochas com 55 metros e mais de 800 pedras foi encontrado há várias centenas de anos e tem sido investigado por arqueoastrónomos. Contém alinhamentos com o ciclo lunar de 18,61 anos, os solstícios, o equinócio e várias estrelas, incluindo a constelação de Orion. Petróglifos que apresentam hieróglifos de estilo egípcio foram encontrados nas proximidades. [8]

A possibilidade de uma presença egípcia no antigo Arizona é absurda para os historiadores. No entanto, parece que as evidências indicam que algo muito semelhante a artefactos egípcios foi ali encontrado. Cayce afirmou que um santuário foi erguido na área do Arizona por um enviado egípcio em 10 000 a.C.

**Outras Descobertas Curiosas**

Moedas romanas autênticas têm aparecido de tempos a tempos tanto na América do Norte como na América do Sul. Além disso, foram encontradas moedas antigas da Síria, de Israel e da Sicília. Várias inscrições antigas por toda a América foram citadas como genuínas pelo epigrafista de Harvard, Barry Fell. Estas são celtas, fenícias e egípcias. Fell também cita as muitas câmaras de pedra que pontuam a Nova Inglaterra como prova genuína de uma presença antiga. Estas incluem Mystery Hill, em New Hampshire. O local é agora conhecido como "O Stonehenge da América".

No verão de 1882, um mineiro na Colúmbia Britânica encontrou 30 moedas chinesas genuínas a 7,6 metros abaixo da superfície. Crê-se que tenham sido produzidas pelo Imperador Huungt por volta de 2637 a.C. Lâminas de aço pertencentes a supostos exploradores japoneses foram encontradas no Alasca. Estas descobertas apoiam as afirmações de Cayce de que ocorreram migrações chinesas e japonesas. Isto é também confirmado pela evidência do ADN mitocondrial (mtDNA).

Em 1933, o arqueólogo mexicano José García Payón descobriu uma pequena cabeça esculpida com traços romanos num local de sepultamento intacto. Em 1999, o arqueólogo búlgaro Romeo Hristov confirmou que esta pequena figura de um homem barbado era uma estatueta romana criada a poucas centenas de anos de 200 d.C. O Instituto Max Planck de Física Nuclear, na Alemanha, determinou a data de criação da pequena figura. Hristov identificou 13 outros artefactos que acredita serem provas significativas de um contacto pré-colombiano.

A 8 de agosto de 1999, foi publicada uma extensa entrevista com Hristov no *Dallas Observer*. Hristov falou sobre como inúmeros arqueólogos americanos tentaram travar a sua investigação. Chamou à arqueologia americana "um jogo muito sujo". No entanto, existem indícios avassaladores de numerosos visitantes antigos na América.

**Indícios Semíticos e Hebraicos**

A presença de povos semitas, hebreus ou israelitas nas Américas antes de 1492 é altamente controversa. A religião mórmon baseia-se nessa ideia e Joseph Smith acabou por ser assassinado por uma multidão por causa disso.

Os arqueólogos são categóricos em afirmar que nenhum destes povos antigos migrou para a América. Contudo, existem indícios muito convincentes.

A "Estrela de David" de Uxmal ou Estrela de "Adam Kadmon". O Segundo Relatório Anual do Bureau de Etnologia (1881) comparou uma variedade de "discos solares de pedra" encontrados nas Américas. Um deles foi encontrado no Iucatão, em Uxmal. Representa a "Estrela de David" e é inquestionavelmente genuíno. Esta estrela de seis pontas tem uma origem antiga. É a estrela de Adam Kadmon (o primeiro homem) e era usada em amuletos.

Os Movimentos de Terra "Menorah" ou "Hanukkiah" em Ohio. Num capítulo anterior, foi mencionado o movimento de terra de "East Fork" em Milford (cerca de 25 milhas a leste de Cincinnati). Quando Squier e Davis publicaram um desenho dos movimentos de terra na sua monumental publicação da Smithsonian, *Ancient Monuments of the Mississippi Valley*, o local ficou imediatamente conhecido como os "Movimentos de Terra Hanukkiah" (sic) porque forma um candelabro de 9 braços — uma menorá judaica. Em redor dos movimentos de terra da menorá de 2000 pés de comprimento (de cada lado) encontrava-se o que representa exatamente uma lâmpada de azeite antiga. (A tradição diz-nos que oito das velas da menorá representam os dias em que uma lâmpada de azeite ardeu milagrosamente durante o cerco de Jerusalém em 165 a.C.)

O significado da forma do movimento de terra é surpreendente. Muito simplesmente, implica algum tipo de influência hebraica antiga nas Américas — se o movimento de terra realmente existiu. Até aos desenvolvimentos recentes, acreditava-se que os Movimentos de Terra Hanukkiah nunca tinham existido.

O relatório maciço de 742 páginas de Cyrus Thomas (1894) sobre os montículos Nota 9 tinha enigmaticamente pouco a dizer sobre o assunto. Thomas descartou o local afirmando: "Algumas das obras singulares descritas e ilustradas em *Ancient Monuments* e noutros locais são, em grande medida, imaginárias" (p. 566). Thomas listou o número da estampa atribuída aos Movimentos de Terra Hanukkiah como exemplo.

Squier e Davis, na verdade, copiaram os movimentos de terra a partir do desenho de um topógrafo que lhes foi fornecido — e nunca visitaram o local. Acreditava-se que o local tinha sido dizimado pela agricultura. (Isto pode ter sido um fator para o descarte do local por parte de Thomas.) Com base nestes factos, e na natureza obviamente "fora de contexto" do desenho, acreditava-se que os Movimentos de Terra Hanukkiah eram uma fantasia ou uma farsa. No entanto, investigações recentes sobre eventos históricos demonstraram que os movimentos de terra existiram —

exatamente como descritos nos levantamentos topográficos. (O movimento de terra é mostrado na página 112.)

In 1803, o Presidente Thomas Jefferson interessou-se pelos primeiros desenhos publicados sobre os Movimentos de Terra Hanukkiah. Devido ao interesse de Jefferson, o Corpo de Engenheiros do Exército dos E.U.A. enviou uma equipa para fazer o levantamento do local em 1823. O grupo encontrou o local totalmente intacto na altura e desenhou um mapa topográfico. Squier e Davis tinham utilizado cópias deste levantamento no seu relatório, mas não citaram a sua origem. O Major Isaac Roberdeau, chefe do Bureau de Engenheiros Topográficos do Corpo de Engenheiros do Exército dos E.U.A., desenhou o mapa após fazer o levantamento do local. O mapa original foi encontrado recentemente na Secção Cartográfica e Arquitetónica da Divisão de Arquivos Militares dos Arquivos Nacionais dos E.U.A., em Alexandria. Pode ser encontrado no Record Group 77; Corpo de Engenheiros do Exército dos E.U.A., Fortification File; gaveta 144, folha nº 20. Nota 10 J. Huston McCulloch, um professor da Universidade Estadual de Ohio, tem o mérito de ter localizado as fontes originais.

A "Pedra de Bat Creek". Em 1988, McCulloch realizou uma série brilhante de testes em artefactos associados à "Pedra de Bat Creek". A placa de pedra foi encontrada num montículo intacto no leste do Tennessee durante uma escavação patrocinada pela Smithsonian em 1889. Cyrus Thomas, o Diretor do Projeto, declarou imediatamente que a pequena placa era Cherokee. Argolas de orelha de madeira e artefactos de "cobre" encontrados com o invulgar sepultamento também foram considerados Cherokee.

Por volta de 1894, muitos, incluindo Thomas, começaram a acreditar que a placa não era Cherokee. Em 1972, vários epigrafistas e especialistas em inscrições semíticas antigas tinham declarado que a pedra mostrava uma inscrição em "paleo-hebraico". E aqui a polémica acalmou até que McCulloch mandou fazer uma comparação letra a letra entre a placa, o alfabeto Cherokee e a antiga escrita semítica conhecida como paleo-hebraico. A placa está em paleo-hebraico e lê-se: "um cometa (ou estrela) para os judeus - ano (1 ou 6)". Refere-se à "Profecia da Estrela" (discutida mais à frente).

McCulloch procedeu então à análise dos artefactos de "cobre" e de madeira encontrados com a placa. Praticamente todos os artefactos de metal encontrados em montículos eram chamados de "cobre" no século

XIX. O próprio Laboratório Analítico da Smithsonian testou o cobre e descobriu que se tratava de uma "liga de latão amarelo com chumbo". Continha 27% de zinco e 3,3% de chumbo. O Museu Britânico associou a liga a artefactos encontrados em apenas um local do mundo e apenas durante um período de tempo. Tinha sido fabricada no Médio Oriente entre 45 a.C. e 200 d.C. As argolas de orelha de madeira foram datadas por carbono em 437 d.C.; isto foi 1400 anos antes de o alfabeto Cherokee ter sido inventado. McCulloch também descobriu que várias moedas autênticas da revolta de Bar Kokhba (132-135 d.C.) tinham sido encontradas no Kentucky.

A conclusão era inevitável: a Pedra de Bat Creek era uma placa hebraica antiga legítima. Mas como é que chegou à América? McCulloch acredita que foi o resultado das Guerras Judaicas de 66-73 d.C. Em 68 d.C., os romanos esmagaram a marinha judaica numa batalha decisiva que levou à tomada de Jerusalém. A marinha judaica era grande, mas não estava à altura dos romanos. Os últimos resistentes da guerra encontravam-se em Massada e a sua escolha de cometer suicídio em vez de se submeterem aos romanos é bem conhecida. Não há contestação entre os historiadores sobre a batalha naval ou Massada.

McCulloch acredita que alguns navios judeus escaparam da batalha e navegaram para o Mediterrâneo. Fizeram o seu caminho através das "Colunas de Hércules" (Gibraltar) e acabaram por chegar à América do Norte. A placa era uma referência ao ano, bem como à profecia da vinda de um messias. Trouxeram consigo artefactos, incluindo o latão, e acabaram por encontrar o caminho para o Rio Tennessee. A placa e o latão tornaram-se relíquias de família e foram transmitidos de geração em geração até serem enterrados com alguém importante em 437 d.C. Os resultados de McCulloch foram publicados em 1988. Nota 11

Em resposta ao trabalho de McCulloch, num artigo de 1993, Mainfort e Kwas utilizaram o termo "arqueólogo de seita" ou "arqueologia de seita" 14 vezes numa tentativa de refutar McCulloch. Mainfort e Kwas também escreveram, aparentemente pela primeira vez, que a placa foi "alegadamente" encontrada. Declararam que a placa era uma farsa perpetrada pelo chefe da escavação para que este pudesse manter o seu emprego e financiamento. Esta frágil "análise psicológica" feita por arqueólogos sobre a descoberta da placa em 1889 parece infundada e pode, na verdade, fornecer mais dados sobre eles próprios do que sobre os escavadores de 1889.

A Pedra do Decálogo de Los Lunas. Por volta de 1850, foi mostrada aos colonos uma rocha com uma inscrição na encosta da Montanha Hidden, perto de Los Lunas, Novo México. A rocha é, na verdade, um enorme bloco de pedra que pesa cerca de 80 toneladas. A primeira tradução foi feita em 1949, quando Robert H. Pfeiffer, da Universidade de Harvard, afirmou que se tratava de uma cópia dos Dez Mandamentos. A maioria dos estudiosos concorda e acredita que está escrita em hebraico antigo com algum grego. No topo da Montanha Hidden encontra-se um mapa estelar gravado que indica um evento celestial em 107 a.C. e encontram-se outras inscrições dispersas na área. Todos estes locais são, para dizer o mínimo, controversos.

Fraudes Possíveis — Ou Artefactos Genuínos? Durante os anos 1800 e o início dos anos 1900, mais de 10 000 placas de pedra e argila foram escavadas de montículos no Michigan. Todas foram declaradas falsas. Mas o número e a variedade destas placas são esmagadores. Muitas das placas encontram-se agora nos arquivos da Igreja dos Santos dos Últimos Dias, em Salt Lake City, depois de estes terem procurado preservar algumas. A maioria delas foi destruída ou "perdeu-se". Representam cenas bíblicas e são semelhantes às descobertas que surgem atualmente da misteriosa Caverna de Burrows, supostamente a 50 milhas de Olney, Illinois. A revista *Ancient American* tem destacado estas descobertas há vários anos. Outro conjunto de artefactos, certamente interessante do ponto de vista visual, são as "Pedras Sagradas de Newark". Um topógrafo do condado chamado David Wyrick encontrou uma série de cinco artefactos com inscrições nos Movimentos de Terra de Newark entre 1860 e 1867. Uma das pedras representa Moisés e acredita-se que tem os Dez Mandamentos gravados nela. Algumas pessoas acreditam que Wyrick foi enganado; os artefactos estão em exibição no Museu Johnson-Humrickhouse em Coshocton, Ohio.

**Cayce e as Tribos Perdidas**

Cayce afirmou que "vestígios das Tribos Perdidas" vieram para o sul da América por volta de 3000 a.C. Foram depois para a área em redor da Cidade do México e regressaram à América com refugiados que fugiam do Iucatão. Acabaram por encontrar o seu caminho para o Ohio e fizeram parte da cultura que deu início às eras de construção de montículos. Como vimos em capítulos anteriores, a cronologia dos Montículos de Watson Brake, o estabelecimento de Poverty Point e o início do período de

construção de montículos no Ohio ajustam-se todos à cronologia de Cayce. O mesmo acontece com os indícios de ADN mitocondrial (mtDNA).

A presença de um artefacto com a "Estrela de David" em Uxmal, no Iucatão, parece confirmar uma presença hebraica antiga ali. Mas a maior parte dos indícios citados neste capítulo envolvem hebreus na América por volta de 165 a.C. Os indícios hebraicos obviamente genuínos (a Pedra de Bat Creek e os movimentos de terra da menorá de Milford) datam desse período geral. O Decálogo de Los Lunas, se for autêntico, poderia datar de muito antes (talvez de 2000 a.C.), mas ainda assim não se ajusta à data de 3000 a.C. dada por Cayce. No entanto, os Montículos de Watson Brake ajustam-se à cronologia de Cayce para as Tribos Perdidas, assim como a posterior Cultura de Poverty Point. Mas deve recordar-se que as leituras de Cayce parecem falar de várias migrações diferentes para a América antiga por parte das "Tribos Perdidas" ou dos seus antecessores.

Como foi dito antes, a cronologia de Cayce para las Tribos Perdidas certamente não coincide com a datação tradicional das mesmas na história. Mas poderia ser que Cayce se estivesse a referir a outro evento em que o "povo escolhido" foi disperso. Os mórmones baseiam muitas das suas crenças em várias migrações para as Américas por parte de povos semitas e pré-hebreus. Poderiam estas ideias estar ligadas à misteriosa afirmação de Cayce sobre as Tribos Perdidas?

## Capítulo 12

## Quem Eram as Tribos Perdidas?

## História Hebraica e a Ligação Mórmon

Deve ser evidente para o leitor da Bíblia que o escritor do livro do Génesis parece ter pressa em chegar à história de Abraão. Após apenas dez capítulos de história muito condensada, já nos encontramos a ler a história de Abraão. J.A. Thompson (1957) *Archaeology*

Um dos aspetos mais controversos e intrigantes da história das Américas segundo Cayce é a vinda das "Tribos Perdidas". Numa leitura sobre a origem da cultura maia, Cayce afirmou que "aqueles povos que eram das tribos perdidas" viajaram de barco para o continente americano em 3000 a.C. Nota 1

Isto coloca um grande problema de linha temporal. A data de 3000 a.C. não coincide com a história conhecida do povo hebreu, tal como

transmitida através da Torá e do Antigo Testamento. De acordo com a tradição hebraica, o termo "tribos perdidas" refere-se às 10 tribos de Israel que foram dispersas durante a conquista assíria do Reino do Norte de Israel em 722 a.C. Nota 2

Ao longo dos anos, estudiosos da Bíblia e historiadores propuseram muitas teorias quanto ao destino final destes grupos. De acordo com a *Jewish Encyclopedia*, alguns estudiosos acreditam que eles permaneceram no Médio Oriente e foram absorvidos pelas culturas existentes. Outros teorizaram que migraram para as Américas, Inglaterra, Índia, Etiópia, China, Japão e Afeganistão. Nota 3

Cayce refere-se especificamente ao período assírio em várias leituras de vida, indicando que algumas das "dez tribos que foram levadas" escaparam para a parte sudoeste da América do Norte. Nota 4 Também descreve migrações para a Inglaterra por parte de indivíduos a quem se refere como "filhas de Ezequias", que era Rei de Judá durante a conquista assíria. No entanto, não fornece quaisquer datas nestas leituras. Nota 5

Para complicar ainda mais a questão, noutras leituras de vida, Cayce refere-se a "filhas de Sedecias" como imigrantes hebreias que escaparam para a América, Inglaterra, Irlanda, Índia e outros locais durante o tempo do cativeiro babilónico. Nota 6 Este período na história judaica refere-se à conquista do último reino e tribo hebreus restantes (Judá) e acredita-se que tenha ocorrido por volta de 586 a.C. Nota 7

Na versão de Cayce da história assírio/babilónica, as migrações ocorreram ao longo de um período de várias centenas de anos, à medida que os reinos hebreus do Norte (Israel) e do Sul (Judá) foram conquistados e desmembrados. Mais uma vez, Cayce não dá referências temporais específicas nestas leituras de vida, pelo que poderá estar a dizer que estas migrações ocorreram durante o período de 722-586 a.C., de acordo com a cronologia bíblica convencional. Nota 8 Se assim for, isto não explica a data de 3000 a.C. que Cayce deu para a migração das "tribos perdidas" para as Américas na leitura sobre as origens maias.

Cayce foi professor da escola dominical durante várias décadas. É uma certeza quase absoluta que ele conhecia a datação tradicional das "tribos perdidas" e percebeu que a sua data de 3000 a.C. era demasiado antiga para esse evento bem conhecido. Assim, parece provável que a data de 3000 a.C. se refira a uma migração anterior, não relacionada com os acontecimentos históricos conhecidos que ocorreram muito mais tarde.

É possível que o grupo das "Tribos Perdidas" em 3000 a.C. fosse um grupo semita descendente de Adão, Sete e Noé que se dispersou antes da aliança de Deus com Abraão. Esta aliança é o momento na história que é identificado como o início dos hebreus como um grupo específico. Uma vez que Cayce não chamou "hebreus" ou "israelitas" às Tribos Perdidas de 3000 a.C., esta parece ser uma explicação plausível.

A datação convencional dos eventos bíblicos exigiria que um grupo de 3000 a.C. tivesse migrado perto da época do Dilúvio de Noé. O texto hebraico massorético do Antigo Testamento aponta o ano 2239 a.C. (292 anos antes do nascimento de Abraão) como a data do Dilúvio de Noé, enquanto as versões grega e samaritana apontam a data de 3119 a.C. Nota 9 É interessante notar que a data maia que assinala a criação da atual era do mundo foi 3114 a.C.

Também em apoio a Cayce estão as afirmações do *Livro de Mórmon*, que detalha três migrações antigas para as Américas. Duas destas migrações foram de grupos vindos das antigas terras hebraicas, do tempo das tradicionais tribos perdidas. A outra foi um grupo semita anterior, pré-abraâmico, que se assemelhava aos hebreus no seu culto ao Deus único. Este último grupo partiu pouco depois do Dilúvio. Dizia-se que os descendentes de todos os três grupos se tinham misturado com os nativos que já viviam na terra, tornando-se parte da população nativa americana. Estes grupos fizeram parte não só da civilização maia mas, na crença mórmon, pensava-se que eram responsáveis pelos invulgares montículos e movimentos de terra encontrados na América do Norte. Os investigadores mórmones estudaram as descobertas arqueológicas em toda a América Central e do Norte e identificaram o que acreditam ser a prova desta versão da história antiga da América. Nota 10 Abordaremos alguns destes indícios em breve.

Uma explicação alternativa para a data de 3000 a.C. de Cayce é simplesmente que a sua linha temporal histórica para os eventos bíblicos não se correlaciona com as cronologias convencionais. Ou seja, Cayce pode estar a afirmar que as datas tradicionais estão erradas. De facto, Cayce dá várias datas específicas para o Dilúvio, o Êxodo e a civilização caldeia (antepassados dos babilónios) que são muitos milhares de anos anteriores às datas convencionais. Diz-nos também que a civilização egípcia é milhares de anos mais antiga do que vulgarmente se acredita.

**Tribos Perdidas Antes de Abraão?**

Na leitura de Cayce sobre as origens maias, que contém a data de 3000 a.C., ele não identifica claramente as tribos perdidas como hebraicas ou "israelitas" utilizando a definição pós-abraâmica. A maioria dos investigadores, no entanto, assume que esta leitura se refere a grupos de pessoas dos reinos hebreus de Judá e Israel que migraram para as Américas durante as conquistas assíria e babilónica. Uma razão para isto é que, vários parágrafos antes na mesma leitura, Cayce refere-se a altares que eram utilizados para sacrifícios humanos devido à "injeção do mosaico".

É possível que a referência ao "mosaico" pudesse estar a descrever um evento diferente do de 3000 a.C. / tribos perdidas. O parágrafo que contém o termo "tribos perdidas" ocorre mais tarde na leitura.

Se for este o caso, então é certamente possível que Cayce se estivesse a referir a dois grupos ou "injeções" diferentes, conforme descreve ambos. Um deles era pré-abraâmico (3000 a.C.) e o outro pós-abraâmico. Isto é reforçado pelo facto de as leituras de vida que se relacionam com o período assírio/babilónico conterem identificadores hebraicos muito mais específicos, com referências aos "povos da Promessa", "as dez tribos que foram levadas", "o levar dos filhos da promessa para o cativeiro", bem como a filhas tanto de Ezequias como de Sedecias, que estiveram entre os últimos Reis de Judá.

De facto, Cayce não associa o termo "tribos perdidas" a identificadores hebraicos específicos em nenhuma das sete leituras adicionais em que este aparece. E, ainda mais importante, estas leituras não contêm datas. Em quatro delas, "tribos perdidas" é utilizado para descrever um grupo ou cultura particular que resultou de uma mistura de antepassados, incluindo tribos perdidas, pessoas de Mu, atlantes, incas e nativos do Iucatão. Nota 11 Isto pareceria ser consistente com a forma como o termo "tribos perdidas" é utilizado na leitura de 3000 a.C. / origens maias. A quinta leitura indica que uma "tribo perdida ou transviada" se estabeleceu nas ilhas Samoa. Nota 12 A sexta refere-se a "tribos que se perderam ou viajaram para... estabeleceram-se nas Ilhas Aleutas". Nota 13 E a sétima mencionava uma "tribo perdida ou transviada que veio dar (à América) vinda da Lemúria", além de un grupo que "veio das terras de servidão dos persas", como se fossem dois grupos distintos. Nota 14

Se o termo "tribos perdidas" é uma referência pré-abraâmica, isso não nos afasta de qualquer ligação hebraica ou semítica? Não propriamente, dado que Cayce não traçou uma linha rígida entre os povos pré e pós-abraâmicos. Como Cayce apontou em várias leituras, os hebreus eram o

Povo Escolhido de Deus porque descendiam diretamente dos Filhos da Lei do Uno atlantes mais puros espiritualmente, através de Amilius, Adão, Sete e Noé. O Antigo Testamento também faz questão de enfatizar que Noé era da linhagem de Sete. Abraão, por sua vez, descendia de Noé e, assim, o povo hebreu fazia parte de um grupo ou "tribo" importante muito antes de Abraão. Portanto, parece possível que Cayce possa ter usado "tribos perdidas" para descrever um grupo ou grupos semitas pré-abraâmicos. Certamente, o seu período de tempo faria mais sentido se for este o caso.

Existiram migrações semíticas antes do tempo de Abraão? Na verdade, a Bíblia menciona várias dispersões de povos semitas antes do período de Abraão. Primeiro, há o período após Caim matar Abel, quando Caim "saiu da presença do Senhor, e habitou na terra de Nod, ao oriente do Éden... e edificou uma cidade" (Gén. 4:16-17). O seguinte é após o Dilúvio, quando os filhos de Noé são citados: "a partir deles toda a terra foi povoada" (Gén. 9:19). Outro é após a destruição da Torre de Babel, altura em que Deus "os espalhou por toda a superfície da terra" (Gén. 11:9).

De acordo com a cronologia bíblica convencional (baseada na versões grega e samaritana), la dispersão após o Dilúvio seria a mais próxima da data de 3000 a.C. de Cayce, embora indícios arqueológicos recentes que envolvem a história da Torre de Babel mostrem agora que o Dilúvio de Noé foi provavelmente ainda mais antigo. De acordo com o Antigo Testamento, o evento da Torre de Babel ocorreu no seio de uma nova civilização que se desenvolveu várias gerações após o Dilúvio.

E, no entanto, a construção das primeiras torres babilónicas conhecidas, chamadas zigurates, que são os melhores candidatos para a Torre, foi agora datada tão cedo quanto 3300 a.C. e não mais tarde do que 2800 a.C. Nota 15 Uma ligação entre Babel e as tribos perdidas de 3000 a.C. de Cayce é especialmente significativa, uma vez que o *Livro de Mórmon* descreve uma dispersão de povos semitas pré-abraâmicos por barco para as Américas a partir exatamente desse evento bíblico.

Curiosamente, considerando todas as variadas perguntas que Cayce recebeu enquanto dava leituras, não há indícios de que Cayce alguma vez tenha sido questionado sobre a história mórmon enquanto estava em estado de transe. Ele comentou o assunto numa carta a um amigo escrita em 1938 (cinco anos após a leitura de 3000 a.C. — origens maias). Na carta, afirmou que estava muito familiarizado com a literatura mórmon, que tinha lido muitos dos seus livros e que os tinha ouvido pregar. Interessou-se quando era criança, quando uma das suas professoras foi forçada a sair porque o

marido era um Élder na Igreja Mórmon e aparentemente praticava "bigamia", como Cayce lhe chamou.

Mas o comentário mais significativo que fez na carta foi que achava que os mórmones "... têm uma grande quantidade de verdade — possivelmente têm para muitos de nós uma forma peculiar de aplicação — mas sinto-me seguro de que os fundadores fizeram parte do número das tribos perdidas — quando algumas dessas tribos foram para a Inglaterra — outras vieram aqui para a América". Nota 16

**O Livro de Mórmon e as Tribos Perdidas**

"Estando eu, pois, assim ocupado em clamar a Deus, percebi uma luz surgindo no meu quarto, a qual continuou a aumentar até que o quarto ficou mais iluminado do que ao meio-dia, quando imediatamente um personagem apareceu ao lado da minha cama, em pé, no ar, pois os seus pés não tocavam o chão... Disse que havia um livro depositado, escrito em placas de ouro, que dava conta dos antigos habitantes deste continente e da fonte de onde procederam. Disse também que a plenitude do Evangelho eterno estava contida nele, tal como fora transmitida pelo Salvador aos antigos habitantes." Nota 17

Assim escreveu Joseph Smith sobre uma visita que recebeu do anjo Moróni enquanto estava em oração na noite de 21 de setembro de 1823, na tenra idade de dezassete anos. Continuou a receber visitas do anjo, que, em 1827, instruiu Smith a desenterrar um grande número de placas de ouro com inscrições, a partir de um montículo localizado num lugar chamado Hill Cumorah, no oeste do estado de Nova Iorque. Segundo Smith, as placas estavam numa caixa de pedra e cimento, que tinha sido escondida ali sob uma pedra muito grande por volta de 400 d.C. pelo próprio Moróni.

Tinham sido gravadas pelos descendentes de antigos imigrantes hebreus e continham uma perspetiva geral da história deste grupo, começando com a sua primeira migração imediatamente após a destruição da Torre de Babel e terminando em 400 d.C., quando a sua civilização foi destruída por uma série de guerras civis. As placas contavam a história de três migrações diferentes para as Américas, tanto de hebreus pré como pós-abraâmicos, e da aparição do Cristo ressuscitado a estes povos.

Desnecessário será dizer que, após revelar esta descoberta aos seus amigos e família, o jovem Joseph Smith tornou-se uma figura muito controversa na sua comunidade e, eventualmente, uma pessoa muito odiada e temida em todo o país. A sua tradução do conteúdo das placas foi

publicada em 1830 como o *Livro de Mórmon*, de mais de 500 páginas, e continua a ser o documento fundamental para a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (também conhecidos como os mórmones). Após a tradução estar concluída, Joseph Smith recebeu instruções para devolver as placas a Moróni — ninguém sabe onde as placas estão agora.

As placas de ouro estavam gravadas num estilo alterado de hebraico, ao qual as próprias placas traduzidas se referiam como "egípcio reformado". Apenas algumas testemunhas viram alguma vez as placas, mas Smith enviou uma cópia manuscrita da escrita a um certo Charles Anthon, da Universidade de Columbia, que afirmou que as mesmas eram uma combinação ininteligível de várias línguas diferentes. Mais tarde, escreveu a colegas sugerindo que as amostras que tinha visto pareciam ter sido "copiadas a partir do zodíaco mexicano (significando os códices mesoamericanos, que são livros escritos pelos antigos povos aztecas e maias)". Nota 18

Moróni instruiu Smith a traduzir a estranha escrita utilizando duas "pedras de vidente" contidas na caixa com as placas e um antigo peitoral. Foi-lhe dito que estas pedras eram o Urim e o Tumim, tal como usados nos tempos do Antigo Testamento. Testemunhas oculares relataram que Smith colocava as pedras num chapéu e depois enfiava o rosto no chapéu. Sem ter sequer de olhar para as placas, Smith conseguia ditar o seu conteúdo a uma pessoa que o ajudava, a qual depois o escrevia. Parecia a estas testemunhas que Smith era capaz de visualizar efetivamente cada linha das interpretações concluídas através de algum tipo de imaginação mental. O próprio Smith afirmava que o poder de traduzir os textos antigos lhe tinha sido concedido por Deus. Nota 19

De muitas formas, isto espelha as descrições do Urim e do Tumim que aparecem no Antigo Testamento e em documentos da tradição hebraica. As palavras Urim e Tumim foram traduzidas como significando "as Luzes (ou revelação) e as Verdades (ou perfeição)". Foram dadas por Moisés a Aarão para serem usadas num peitoral especial como parte das vestes sacerdotais e para serem utilizadas como um oráculo para receber orientação divina. Algumas fontes especulam que as pedras eram feitas de safira (lapislázuli). Pedras de oráculo semelhantes foram identificadas a partir da história babilónica dos seus antigos tempos patriarcais, que precedem Abraão. O uso do Urim e do Tumim parece ter cessado por volta da altura do cativeiro babilónico. Não aparecem no Novo Testamento, que parece ter substituído

esta ferramenta pelos dons do Espírito Santo, disponíveis para todos através da Morte e Ressurreição de Cristo. Nota 20, Nota 21

Cayce também abordou o Urim e o Tumim em várias leituras relativas aos tempos bíblicos e descreveu-os simplesmente como ferramentas utilizadas pelos antigos sacerdotes para sintonizar a sua consciência com o Divino. Enfatizou ainda que as pedras em si não contêm a força, mas sim que o poder provém das Forças Criativas do Divino. Colocou o uso destas pedras ao mesmo nível da obtenção de orientação e sintonização através de sonhos, meditação e intuição ou perceção psíquica. Nota 22

**A História das Dispersões para a América conforme Apresentada pelo Livro de Mórmon**

O *Livro de Mórmon* fala de três migrações de grupos do Médio Oriente para as Américas. O primeiro foi um povo que o livro chama de jareditas, que viajou através do Oceano Pacífico a partir da Mesopotâmia durante o Período Dinástico Inicial dos sumérios (ou seja, após a queda da Torre de Babel). O seu nome provém de Jared, que foi o seu líder durante a migração original. A localização exata do seu local de desembarque é desconhecida, mas, devido ao grande número de descrições geográficas no livro, os investigadores mórmones acreditam atualmente que desembarcaram no lado do Pacífico do Istmo de Tehuantepec. Esta área no centro-sul do México é o local das culturas olmeca e zapoteca, que os arqueólogos acreditam ter começado já em 2000 a.C.

Estudos mórmones anteriores tinham concluído que os jareditas desembarcaram no Panamá, no Iucatão ou até na América do Sul, mas as descobertas mais recentes na arqueologia olmeca, maia, tolteca e azteca forneceram um grande apoio a uma localização na América Central. Cayce parece concordar com os investigadores mórmones contemporâneos, dado que também identifica o centro do México como um dos locais povoados pelas tribos perdidas de 3000 a.C. Difere, no entanto, no local de desembarque, que segundo ele foi no sul dos Estados Unidos. Nota 23 No entanto, como mencionado em capítulos anteriores, Cayce também afirmou que pelo menos um grupo (descrito como uma tribo transviada ou perdida) atravessou o Pacífico.

Os jareditas foram descritos como sendo destros no fabrico de utensílios e cerâmica, na metalurgia, na construção de templos e na escrita semipictográfica pré-cuneiforme dos sumérios. Dizia-se também que adoravam "um grande deus antropomórfico da vida e das chuvas (referido simplesmente como 'O Senhor')". Os investigadores mórmones notaram

que as práticas religiosas jareditas eram semelhantes às dos mesoamericanos. A sua civilização altamente desenvolvida, de muitas cidades grandes, foi destruída por uma grande guerra civil em 600 a.C. Acredita-se que alguns vestígios tenham sobrevivido até cerca de 34 d.C., data em que se encontravam entre as testemunhas de um evento no qual Cristo apareceu nas Américas. Nota 24

A segunda e a terceira migração são interpretadas pelos investigadores mórmones como tendo ocorrido pouco depois dos conflitos assírio/babilónicos por volta de 600 a.C. Uma delas, a dos mulequitas, era um grupo muito pequeno que não é mencionado com grande detalhe nas narrativas. Este grupo era liderado por Muleque, de quem se dizia ser filho do Rei Sedecias de Judá. Viajaram para leste a partir do Mediterrâneo, desembarcando primeiro na "terra do norte", que se acredita ser a costa sul dos Estados Unidos. Após permanecerem por um período de tempo desconhecido, viajaram então de barco, desembarcando e estabelecendo-se na "terra do sul", que se acredita ser na cidade olmeca de La Venta ou perto dela. Esta descrição, como é evidente, assemelha-se de perto à história de Cayce discutida anteriormente e pode relacionar-se com o sítio de Watson Brake. A única diferença entre as duas histórias é o período de tempo assumido.

O outro grupo, também constituído por hebreus que escapavam do período do cativeiro babilónico, era liderado por um patriarca chamado Leí. Leí e a sua família partiram de barco da península arábica ocidental e desembarcaram numa área que se dizia ser "ao sul" das terras jareditas. Alguns investigadores mórmones acreditam que se trata da costa do Pacífico, perto das terras altas do sul da Guatemala. Dois grupos, os nefitas e os lamanitas, descenderam de Leí e passaram por períodos alternados de guerra e paz até ao momento em que causaram o fim de ambas as suas civilizações, por volta de 400 d.C.

Aproximadamente em 33-34 d.C., uma grande catástrofe que consistiu em terramotos, trovões, relâmpagos e "montanhas que se desmoronaram em pedaços" alterou a superfície da terra e destruiu várias das cidades nefitas. Este desastre natural terá ocorrido, segundo a narrativa, aquando da crucificação de Cristo, tal como descrito no Novo Testamento (Mat. 27:45-54). Pouco tempo depois, os nefitas testemunharam uma aparição de Cristo Ressuscitado, que lhes falou do topo de um templo. Cristo passou então algum tempo nas Américas a pregar aos habitantes, a batizá-los e a escolher

12 discípulos. Quando terminou de os instruir, ascendeu ao céu e, tal como no Novo Testamento, fez descer o Espírito Santo sobre eles. Nota 25

Em geral, os nefitas eram considerados o povo que mais corretamente manteve a sua ligação com Deus e que mais facilmente aceitou os ensinamentos de Cristo. No entanto, existiam tanto lamanitas "bons" como "maus". Acreditava-se que os lamanitas "maus" se tinham misturado com os povos nativos da América Central e do Norte. Nota 26 Se isto for verdade, estabeleceria um paralelo com a ideia de Cayce de que o povo escolhido descendia dos Filhos da Lei do Uno, espiritualmente puros, que não se tinham misturado com os povos impuros e rebeldes de Atlântida chamados Filhos de Belial. De acordo com Cayce, ambos os grupos migraram para a América Central e do Norte. Talvez a narrativa mórmon esteja a falar de lamanitas que se misturaram com descendentes do grupo dos Filhos de Belial.

A localização da batalha religiosa final dos lamanitas "maus" contra os nefitas "bons", por volta de 400 d.C., é uma fonte de controvérsia entre os investigadores mórmones. O antropólogo da Universidade Brigham Young, John Sorenson, acredita que todos os eventos do livro tiveram lugar dentro da América Central. Especula que Moróni viajou para Nova Iorque vários anos após a batalha final para esconder as placas. (O anjo Moróni, antes da sua aparição a Joseph Smith, era filho do último rei nefita.) Outras fações acreditam que esta batalha final ocorreu perto de Hill Cumorah, no oeste do estado de Nova Iorque. Interpretam o livro como descrevendo migrações em grande escala para a América do Norte, onde os grupos "se espalharam por todas as partes da terra" por volta de 55 a.C. Após a batalha final, os lamanitas vitoriosos continuaram a perseguir os poucos nefitas cristãos restantes e dispersaram-nos por toda a América do Norte. Nota 27

Aqueles que apoiam a teoria do local da batalha na América do Norte também acreditam que os montículos e movimentos de terra das eras Hopewell e Adena no Vale do Ohio foram obra dos antigos nefitas e lamanitas. Na década de 1830, Joseph Smith e os seus seguidores afirmaram ter encontrado os ossos destas pessoas enquanto escavavam os montículos, à medida que viajavam pelo Ohio e Illinois em direção à sua terra prometida no Missouri. Testemunhas afirmaram que Joseph Smith recebeu uma visão de Deus na qual identificou um conjunto de ossos de um montículo de Illinois como pertencendo a um determinado lamanita branco que foi chefe durante as batalhas nefitas finais. Apesar da visão, Joseph Smith mudou mais tarde de opinião para apoiar a América Central como o

local da última batalha. No entanto, o debate continua e não está resolvido, ao ponto de a própria Igreja ter optado por não especular sobre a geografia do *Livro de Mórmon*. Nota 28

## Provas Arqueológicas para o Livro de Mórmon e as Tribos Perdidas

Nos anos 1800, era comum a crença de que as tribos perdidas de israelitas eram responsáveis pelos muitos montículos e movimentos de terra a leste do Rio Mississippi e pelas antigas civilizações da Mesoamérica. Nos anos 1900, à medida que a arqueologia se transformava numa profissão mais científica e, alguns diriam, de mente estreita, esta teoria foi considerada totalmente ridícula. Além disso, um preconceito crescente contra a religião mórmon ajudou a fechar a porta à consideração de migrações hebraicas antigas. E, no entanto, descobertas bem documentadas e outras não tão bem documentadas de artefactos de estilo hebraico continuaram a surgir na América do Norte. Como discutido no capítulo anterior, as melhores provas científicas são a Pedra de Bat Creek e os artefactos encontrados com ela Nota 29 e os Movimentos de Terra "Hanukkiah". Nota 30, Nota 31

Provas em apoio das migrações hebraicas também foram encontradas na América Central. Nas décadas de 1920 e 30, pedras esculpidas descobertas no sítio olmeca de La Venta, no México, representam pessoas barbudas vestidas com roupas de estilo médio-oriental. Um exemplo é a Estela 3 de La Venta, que parece refletir um encontro entre os líderes de dois grupos diferentes. A pessoa representada tem várias características dos hebreus desse período de tempo de 1500 - 1000 a.C.

Figuras barbudas também foram encontradas em esculturas da civilização zapoteca no sítio de Monte Albán. As barbas são especialmente significativas, visto que não se conhece que os grupos nativos americanos desse período fossem capazes de deixar crescer muitos pelos faciais. As civilizações olmeca e zapoteca estavam localizadas na área centro-sul do México, perto de onde tanto Cayce como o *Livro de Mórmon* indicam que os grupos hebraicos antigos migraram. Nota 32 Também mencionada anteriormente foi a pedra solar com a "Estrela de David" encontrada em Uxmal.

Como mencionado no Capítulo 4, a descoberta de um marcador genético europeu/médio-oriental (Haplogrupo X) entre os antigos índios da América do Norte fornece outra ligação à teoria das tribos perdidas de Israel na América. O marcador parece espelhar particularmente a história de Cayce sobre a dispersão dos atlantes perto do período da sua destruição final, começando por volta de 10 700 a.C. À primeira vista, isto pareceria contradizer a migração de 3000 a.C. No entanto, o ponto importante é que este marcador aparece tanto no Médio Oriente como na América.

Portanto, o tipo X poderia representar não apenas os atlantes, mas especificamente os mais puros espiritualmente dessa civilização que, segundo Cayce, foram os antepassados do Povo Escolhido, os israelitas. Se as tribos perdidas hebraicas viajaram de facto para as Américas, então isto teria dado ao gene outra oportunidade de se espalhar por esse continente. O facto de o Haplogrupo X não ter sido encontrado entre os maias, como seria de esperar segundo a história de Cayce, pode dever-se simplesmente à amostragem mínima de membros contemporâneos e antigos deste grupo. À medida que os estudos genéticos continuam, será interessante ver se mais do que uma vaga de Haplogrupo X será encontrada nas Américas, bem como no Iucatão.

No que diz respeito à história mórmon, John Sorenson forneceu uma comparação muito detalhada das últimas descobertas arqueológicas relativas às civilizações antigas conhecidas na América Central com o *Livro de Mórmon*. Ele estabelece uma série de correlações muito razoáveis. Primeiro, nota que a língua gravada nas placas de ouro, como Charles Anthon apontou nos anos 1800, tem de facto muito em comum com os antigos documentos maias. Embora a pequena amostra de Anthon seja o único exemplo restante da escrita das placas, parece ter várias características que se assemelham ao formato típico maia, tal como a disposição da escrita em colunas de duas. Além disso, as placas, tal como muitos dos documentos maias em pedra esculpida, continham tipos específicos de conteúdo. Ambos os grupos registavam com grande detalhe as suas lutas políticas e militares, bem como a história da linhagem dos reis e o seu direito a governar.

Ambos os grupos registavam a ancestralidade de um passado distante e histórias da Criação, incluindo um dilúvio mundial. Ambos falam da adoração a um Deus principal e a um deus da chuva. Tanto as tradições aztecas como as maias também se referem a uma personagem divina

(Quetzalcoatl/Itzamna) que alguns mórmones acreditam poder ser um registo da aparição de Cristo nas Américas. Nota 23

Dizia-se que as placas mórmones tinham sido escritas em algum momento após 600 a.C. utilizando uma língua de hebraico alterado que as placas chamam de egípcio reformado. Esta língua foi utilizada em vez do hebraico, de acordo com o anjo Moróni, para que a história coubesse nas placas. Os investigadores mórmones notam que em muitos países hoje em dia não é invulgar descobrir que uma língua foi escrita utilizando a grafia de outra língua. Por exemplo, o iídiche, que é uma forma de alemão, é normalmente escrito com letras hebraicas. Além disso, foi descoberto um exemplo de um tipo de escrita em egípcio reformado que é muito semelhante à escrita nas placas. Um rolo de papiro que contém escrita aramaica (a língua falada por Jesus) escrita em egípcio por antigos hebreus foi traduzido como uma versão do Salmo 20:2-6. Nota 34

Ainda mais interessante, dada a possível localização do *Livro de Mórmon* na América Central, um investigador não mórmon apontou que os hieróglifos maias e egípcios são na verdade bastante semelhantes e partilham seis características linguísticas altamente significativas. Pensa-se agora que os glifos maias são igualmente sofisticados em relação aos egípcios na sua capacidade de comunicar. Além disso, ambas as civilizações desenvolveram um estilo mais cursivo na escrita dos hieróglifos ao longo do tempo e quando pintavam, em oposição a quando esculpiam. Nota 35 Dada a história de Cayce sobre as migrações atlantes tanto para o Iucatão como para o Egito, esta ligação torna-se especialmente significativa.

Também em apoio da autenticidade das placas está a descoberta de que as placas de metal eram um meio habitualmente utilizado para registar eventos históricos significativos entre os israelitas em 600 a.C. e, tal como as placas mórmones, a página de rosto era normalmente registada no fim do documento. Muitos dos nomes de indivíduos na narrativa mórmon, que tinham sido anteriormente criticados como não israelitas, foram agora descobertos noutros escritos do Médio Oriente do mesmo período. Outro ponto interessante é que as placas contêm um estilo comum de composição hebraica chamado "quiasmo", que é um padrão paralelo invertido amplamente conhecido entre os estudiosos da Bíblia pelo seu uso no Antigo Testamento. Nota 36

Um segundo tipo de investigação que apoia o *Livro de Mórmon* são as muitas descrições geográficas no livro que parecem correlacionar-se com o

clima, o relevo e as distâncias dentro da área do sul do México/Guatemala. Nota 37 Relacionado com isto está a descoberta por parte de geólogos de que um evento vulcânico maciço ocorreu por volta do tempo de Cristo em El Salvador.

Este evento catastrófico soterrou muitos colonatos e acredita-se que tenha tido impacto numa área de 3000 milhas quadradas. Como mencionado anteriormente, a ocorrência de um desastre natural semelhante durante este mesmo período de tempo é descrita no *Livro de Mórmon*. Além disso, foi descoberta a localização provável do local de partida árabe de Leí em 600 a.C. Isto é significativo, dado que era descrito como um local de jardim verde e, portanto, ridicularizado pelos céticos como não se ajustando à geografia conhecida nessa parte do mundo.

O *Livro de Mórmon* também descreve antigas civilizações americanas que tinham hortas urbanas, múltiplos mercados, autoestradas, torres e compreendiam o uso do cimento. Mais uma vez, os céticos acharam isto hilariante até às últimas décadas, quando a exploração arqueológica determinou que se sabe que tudo isto existiu entre as civilizações da América Central. Os investigadores mórmones também veem reflexos das crenças e práticas religiosas das tribos perdidas na arte destas civilizações e estão especialmente interessados na representação cristã, semelhante a uma cruz, da Árvore do Mundo maia que ocorre num templo em Palenque, México.

E, finalmente, com a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, até os não apoiantes do *Livro de Mórmon* encontram nos essénios um exemplo de um grupo judaico pré-cristão muito semelhante aos nefitas mórmones. Tal como os seus homólogos do *Livro de Mórmon*, os essénios "escreviam informações importantes em metal, acreditavam no batismo, eram liderados por um conselho de doze com três sacerdotes governantes, tinham refeições sagradas de pão e vinho administradas por sacerdotes e acreditavam na revelação contínua através de um líder profético". Os escritores cristãos evangélicos Carol Mosser e Paul Owen foram os que realmente se aperceberam destas semelhanças e as apresentaram num artigo como um aviso aos seus colegas na Reunião Anual do Extremo Oeste da Sociedade Teológica Evangélica de 1997. No seu artigo, notaram que: "Tudo isto nos leva à conclusão de que, de muitas formas, os essénios podem ter estado mais próximos do evangelho (mórmon) do que (estavam de) outras seitas judaicas". Nota 38

**A Cronologia Bíblica de Cayce**

Como mencionado anteriormente, existe outra explicação possível para a data de 3000 a.C. de Cayce para a migração das tribos perdidas israelitas para as Américas. Esta explicação gira em torno do calendário, por vezes inacreditável, de Cayce para os eventos da Bíblia. Por exemplo, ele dá duas datas diferentes para um grande dilúvio mundial — 28 000 a.C. e 10 700 a.C. Nota 39 Ambas são datas de destruição de Atlântida. Quando questionado especificamente sobre a data do dilúvio de Noé, Cayce afirma que foi durante a segunda destruição de Atlântida e dá duas datas: 22 006 a.C. e 28 000 a.C.! Nota 40 No entanto, também indica que a quarta raça raiz e, portanto, o quarto e último (até agora) Adão e Eva viveram por volta de 12 000 a.C. Nota 41

Relativamente à Torre de Babel, Cayce não deu uma data, mas afirmou que foi construída pelos caldeus. Foi construída mesmo antes de o mundo se dividir em nações. Nota 42 Nota noutra leitura que os caldeus estavam no auge da sua civilização e eram capazes de fazer leituras psíquicas como Cayce por volta de 4000 a.C. Não diz que este foi o período de tempo em que construíram a Torre. Nota 43 Cayce, no entanto, parece recuar consideravelmente a data da Torre ao dar 5500 a.C. como a data dos "períodos da atividade egípcia abrangidos pelo Êxodo...". Nota 44 Isto refere-se muito provavelmente a todo o Livro do Êxodo no Antigo Testamento, que começa com a morte de José. Considerando esta datação, as tribos perdidas de 3000 a.C. poderiam ser da fase do cativeiro assírio/babilónico, dado que nesta cronologia "expandida" o cativeiro poderia ter ocorrido em 3000 a.C.

Cayce também mencionou em várias das leituras de vida que os israelitas da era assírio/babilónica migraram para a Inglaterra, reunindo-se na área de Somerset, perto do local da antiga estrutura megalítica de Stonehenge. Indicou que foram responsáveis pela construção de altares nessa área. A datação por radiocarbono de material no parque de estacionamento imediatamente a noroeste de Stonehenge mostra ocupação já em 8500 a.C. No entanto, a pequena quantidade de amostras orgânicas encontradas até agora dentro da própria área do monumento, incluindo um sepultamento humano, foi datada de 3020-2910 a.C. Nota 45 Ambas as datas apoiam não só a data de 3000 a.C. de Cayce, mas também a dispersão na altura da destruição final de Atlântida (10 000 a.C.). Talvez as tribos perdidas tenham escolhido esta parte da Inglaterra porque tinha sido previamente povoada pelos seus antepassados Filhos da Lei do Uno atlantes.

Embora a cronologia de Cayce para alguns eventos bíblicos apoie a data de 3000 a.C. das tribos perdidas, não explica o problema com a sua datação do Dilúvio. Se Noé existiu durante os tempos médios de Atlântida, como poderia ser descendente de Adão e Sete?

B. Ernest Frejer, investigador de longa data de Cayce e autor de *The Edgar Cayce Companion*, recomenda cautela na tentativa de dar interpretações literais às datas bíblicas de Cayce. Especialmente àquelas que utilizam o termo "antes de o Príncipe da Paz vir", uma vez que acredita que, em alguns casos, Cayce estava na verdade a referir-se à Alma de Cristo numa encarnação diferente da de Jesus. Nota 46

Robert Krajenke, na sua série *Edgar Cayce's Story of the Old Testament*, explica que alguns dos eventos descritos por Cayce tiveram lugar no Reino Espiritual antes da descida total do homem à carne. A Bíblia israelita, tal como a conhecemos, contém histórias que são verdadeiras, mas mais no sentido de representarem uma verdade espiritual. Não podem, na verdade, ser colocadas numa ordem cronológica fiável. Como Krajenke refere: "Moisés (ao escrever os primeiros cinco livros do Antigo Testamento) estava a relatar a evolução do Espírito de Deus na Terra, contando a história numa linguagem altamente condensada e simbólica através da qual a mente finita dos israelitas pudesse apreender a compreensão de acontecimentos infinitos". Nota 47

Outra forma de perspetivar a questão é suspender os conceitos de tempo e espaço e ver os eventos da Bíblia como ocorrendo em ciclos que se repetem simultaneamente. Poderá ter havido vários Noés — um para cada uma das principais eras da história da humanidade — a realizar a mesma disciplina espiritual de preparação para a catástrofe, a fim de preservar a linhagem purificada.

Talvez o dilúvio de 10 700 a.C. também tenha tido um Noé. Se assim for, então a Torre de Babel, como sugere Krajenke, pode ter sido na verdade uma história sobre os Filhos de Belial atlantes a provocar uma destruição que dispersou as pessoas por todo o mundo. Talvez, então, os jareditas do *Livro de Mórmon* fossem na verdade atlantes em migração. O *Livro de Mórmon* não data a sua migração, apenas afirma que ocorreu após a Torre de Babel. Isto permitiria, mais uma vez, o período do Êxodo de 5500 a.C. de Cayce e, mais importante, que o período assírio/babilónico das "tribos perdidas" tivesse ocorrido em 3000 a.C.

Então, terá uma "Tribo Perdida" vindo para a América em 3000 a.C.?

Como demonstrámos, existem indícios amplos para uma interpretação literal da história das tribos perdidas de 3000 a.C. de Cayce. Poderá ter havido duas migrações diferentes, como o livro mórmon nos diz; uma em 3000 a.C. por semitas pré-abraâmicos e outra por volta de 700-600 a.C. durante o período tradicional das tribos perdidas. As leituras de Cayce sugerem mais do que uma migração antiga a partir das Terras Santas. Os indícios genéticos e várias descobertas arqueológicas mostram que a América antiga teve, de facto, migrações vindas de terras "hebraicas". A cronologia da construção de montículos na América também se ajusta à ideia de Cayce.

A arqueologia académica provavelmente continuará a rir-se discretamente da possibilidade de israelitas antigos ou semitas pré-hebreus terem vindo para a América de barco. Mas agora os seus risos e táticas de escárnio derivam da ansiedade. Os seus dogmas há muito defendidos desmoronaram-se. Quão mais "errados" poderão estar? Os indícios genéticos — a ciência exata no seu melhor — mostraram como as pessoas que vieram para a América antiga vieram de locais que os arqueólogos nos diziam ser impossíveis.

O endosso de Cayce à história mórmon confere maior credibilidade tanto à história dele como à deles. Significa também que muitos dos detalhes que ele não forneceu podem estar disponíveis. Do ponto de vista científico, parece que um relato tão detalhado da América antiga como o que está contido no *Livro de Mórmon* não pode nem deve ser totalmente descartado. Especialmente porque parece que até algumas das suas alegações mais bizarras estão agora a ser verificadas através de investigações contínuas no campo da arqueologia.

Uma coisa é certa. Quanto mais aprendemos através do trabalho contínuo de cientistas verdadeiramente objetivos, mais percebemos que não compreendíamos quase nada sobre o nosso passado. À medida que estes novos indícios emergem, a história das Américas de Cayce torna-se cada vez mais credível. E até uma das alegações mais bizarras de Cayce — a migração de 3000 a.C. para a América por parte das "Tribos Perdidas" — parece ser verdadeira.

## Capítulo 13

## Avaliar a História da América Antiga segundo Cayce

Todas as notas erradas estão certas! O compositor Charles Ives, comentando com o seu copista após perceber que os "erros" não o eram.

No Capítulo 2, foi apresentada uma perspetiva geral da história da América antiga segundo Cayce. O capítulo terminava com uma lista de 30 alegações específicas feitas por Cayce que podiam ser comparadas com as provas disponíveis. Nos capítulos subsequentes, analisámos o registo arqueológico e os indícios emergentes, centrando-nos especialmente nas descobertas pós-1997. As nossas conclusões sobre estas 30 alegações verificáveis são as seguintes.

1. Partes do Utah, Novo México e Arizona foram ocupadas há 10 milhões de anos. Cayce disse-nos que estas primeiras pessoas eram mais de natureza mental do que física. No entanto, refere, eram capazes de produzir gravuras rupestres. Embora a "idade" do homem esteja constantemente a ser recuada, atualmente não existem indícios que apoiem esta ideia. Ao mesmo tempo, não podemos dizer que seja falsa.

2. Gravuras rupestres no noroeste do Novo México restam destas pessoas muito antigas. Existem inúmeras gravuras rupestres no Novo México. No entanto, é altamente improvável que algumas das que foram encontradas datem de há 10 milhões de anos. Atualmente, nenhuns indícios apoiam esta ideia. Ao mesmo tempo, não podemos dizer que seja falsa.

3. O ser humano estava presente nas Américas antes de 50 000 a.C., no sudoeste e na Califórnia. Os indícios mostram claramente que as Américas foram ocupadas muito antes do que os arqueólogos alguma vez suspeitaram — especialmente nas próprias áreas que Cayce mencionou. Cayce estava correto.

4. Animais grandes e perigosos deambulavam livremente pelas Américas antes de 50 000 a.C. Alguns detratores interpretaram esta ideia como significando que Cayce disse que os dinossauros estavam presentes na América de 50 000 a.C. Cayce não disse isso. Mas a América antiga estava infestada de animais enormes e muito

perigosos, como está claramente indicado no registo arqueológico. Cayce estava correto.

5. Um templo dedicado ao sol e à lua foi estabelecido perto da atual Santa Bárbara, Califórnia, antes de 50 700 a.C. Os indícios arqueológicos mostram que a área em redor de Santa Bárbara estava provavelmente ocupada por volta de 50 000 a.C. Há indicações de que estas pessoas eram adoradoras do sol e sabemos que os alinhamentos lunares eram importantes para elas. Cayce não alegou que este templo seria encontrado, apenas que tinha sido construído. Os indícios mostram que a afirmação de Cayce estava provavelmente correta.

6. Pessoas de Mu (e de Atlântida) migraram para a América na altura das primeiras perturbações em Mu e Atlântida (50 000 a.C.). Os indícios das análises de mtDNA e as novas datações por carbono mostram que a América recebeu migrações durante este período de tempo. Estas pessoas vieram do oeste e, provavelmente, também do leste. Cayce chamou às terras natais destas pessoas Mu e Atlântida. Apesar das alegações em contrário, existe um registo histórico antigo tanto de Mu como de Atlântida. De facto, existem mais indícios da existência passada de civilizações antigas que se autodenominavam Mu e Atlântida do que para os termos "Adena", "Hopewell" ou "Mississipiana". A alegação de Cayce parece estar correta.

7. Estas pessoas migraram para áreas da Pensilvânia por volta de 50 000 a.C. Os sítios da Pensilvânia estão entre os que quebraram a barreira de Clovis. Os arqueólogos ainda não escavaram até aos níveis de 50 000 a.C., mas parece que estão presentes sítios com pelo menos 30 000 anos de idade. A alegação de Cayce está provavelmente correta.

8. Também migraram para áreas do Ohio por volta de 50 000 a.C. Até ao momento, não existem indícios arqueológicos que apoiem esta alegação. Poderá ser que, para encontrar estes indícios, os montículos tenham de ser destruídos e parece lógico que, se as pessoas estavam na Pensilvânia nesta altura, também estariam no Ohio. Atualmente, não existem indícios que apoiem esta ideia. Mas bem podem surgir indícios futuros que a apoiem.

9. Pessoas de Mu estabeleceram o costume dos totens, ou árvores genealógicas, no Oregon antes de 50 000 a.C. As pessoas

antigas que vieram para o Oregon vieram certamente do oeste. E os postes totémicos eram utilizados nesta área da América. Mas não surgiram indícios de que o Oregon estivesse ocupado tão cedo. Atualmente, não existem indícios que apoiem esta ideia. No entanto, deve recordar-se que, durante as Eras do Gelo, os níveis do mar estavam pelo menos 300 pés mais baixos. Os arqueólogos estão agora a examinar as áreas subaquáticas da plataforma continental em busca de indícios de populações precoces de "Clovis" a moverem-se ao longo da costa em barcos. Estas investigações poderiam perfeitamente revelar indícios de uma ocupação muito mais antiga.

10. As mulheres governavam durante a época da grande migração de Mu (50 000 a.C.). Embora não tenha sido discutido anteriormente, durante os tempos mais remotos que a arqueologia investigou, em todo o mundo, as mulheres eram veneradas. Centenas de estátuas e estatuetas de uma "Grande Mãe" ou "Deusa da Fertilidade" foram recuperadas em todo o mundo — incluindo na América. Estas datam de períodos tão recuados como 33 000 a.C. Nunca foi encontrado um tipo de artefacto comparável que represente homens. Os indícios são de que, por qualquer que fosse a razão, as mulheres nos tempos antigos eram tidas em reverência e provavelmente tomavam as decisões mais importantes. A alegação de Cayce está provavelmente correta.

11. Pessoas das Ilhas dos Mares do Sul vieram para a área de Four Corners e iniciaram a cultura dos "habitantes das falésias", ou pueblo, por volta de 50 000 a.C. Apesar da crença há muito enraizada de que ninguém do Pacífico Sul alguma vez migrou para a América antiga, os indícios de mtDNA mostraram que isso, de facto, provavelmente ocorreu. As datas prováveis desta migração estendem-se até ao período de tempo sugerido por Cayce. A alegação de Cayce parece estar correta.

12. Em 28 000 a.C., algumas pessoas de Atlântida migraram para o Nevada e para o Colorado. A análise de mtDNA na tribo Navaho mostrou que o tipo X, que hipotetizámos ser "atlante", está presente em alguns membros vivos da tribo. Além disso, os indícios mostram que a área geográfica indicada por Cayce estava ocupada em 28 000 a.C. A alegação de Cayce está provavelmente correta.

13. Pessoas vindas "através do Pacífico" entraram na América antiga em 28 000 a.C. As análises de mtDNA em nativos

americanos mostram definitivamente migrações do outro lado do Pacífico para a América em 28 000 a.C. Isto poderia bem ser a "horda" de nómadas que atravessava a Beríngia que os arqueólogos, antes de 1997, acreditavam ter vindo em 9500 a.C. Cayce não mencionou a Beríngia, nem afirmou que estas pessoas vieram de barco. Declarou simplesmente que vieram de "através do Pacífico". A alegação de Cayce está correta.

14. Pessoas vindas da China entraram na América antiga em 28 000 a.C. Mais uma vez, as análises de mtDNA em nativos americanos indicam que migrações de pessoas que transportavam o haplotipo "chinês" vieram para a América provavelmente por volta de 28 000 a.C. Este haplotipo (o tipo B) pode muito bem ser a herança genética de pessoas do primeiro local ocupado na Terra — Mu. A alegação de Cayce está correta.

15. Os iroqueses, especialmente os de sangue nobre, eram puros atlantes. As análises de mtDNA em nativos americanos que são de origem iroquesa, bem como em vestígios antigos encontrados na terra tradicional iroquesa, mostram o tipo X. Hipotetizámos que o haplogrupo X teve origem em Atlântida. A alegação de Cayce está provavelmente correta.

16. Atlantes puros também migraram para a Ibéria, especialmente para os Pirenéus. O tipo X foi encontrado na Ibéria, bem como nas áreas que circundam os Pirenéus. Na verdade, foi encontrado em todos os locais que Cayce previu, incluindo o Gobi e o Médio Oriente. A alegação de Cayce parece estar correta.

17. Uma sacerdotisa atlante que se tinha mudado para o Egito visitou o sudoeste da América por volta de 20 000 a.C. Como mencionado anteriormente, o tipo X foi encontrado no sudoeste. Um notável santuário subterrâneo contendo artefactos religiosos egípcios foi alegadamente encontrado e "saqueado" em 1909 perto do Grand Canyon — na área onde Cayce afirmou que um templo fora construído. Uma descoberta de 1991 por arqueólogos profissionais nessa área parece descrever o sítio subterrâneo idêntico, esvaziado dos seus tesouros. A afirmação de Cayce parece estar correta.

18. Descendentes de atlantes e de outros que se tinham originalmente mudado para o Iucatão por volta de 20 000 a.C. migraram para norte para dar início à cultura dos Construtores de Montículos. Isto ocorreu algum tempo após 3000 a.C. Os indícios

são avassaladores para esta parte da história de Cayce. Cayce estava correto.

19. Os montículos eram réplicas das experiências do Iucatão, de Atlântida e do Gobi. Os montículos americanos foram construídos para representar os alinhamentos do Iucatão com as estrelas e eventos solares. O padrão da Cintura de Orionte e a forma triangular do "Lar Cósmico" são ambos encontrados em numerosos sítios de montículos. Além disso, os montículos americanos são idênticos aos encontrados perto do Gobi. A presença do haplotipo X no Gobi também reforça esta ligação. Finalmente, vários montículos e movimentos de terra americanos parecem refletir com precisão a antiga Atlântida. Cayce estava correto.

20. Vestígios das "Tribos Perdidas" vieram para a América antiga em 3000 a.C. em barcos. Foram primeiro para o extremo sul dos E.U.A. Os indícios em Watson Brake, no Louisiana, parecem indicar a intrusão de um antigo grupo pré-hebreu que entrou na América antiga por via marítima em 3000 a.C. Não muito tempo após esta incursão, os altares de sacrifício começaram a ser utilizados na América Central e, mais tarde, no coração das áreas dos construtores de montículos. A afirmação de Cayce parece estar correta.

21. Após permanecerem por um breve período na parte sul da América, as Tribos Perdidas mudaram-se para a área em redor da Cidade do México, onde tiveram impacto na cultura de construção de pirâmides já presente. O aparecimento da Estrela de David em Uxmal, traços de aspeto hebraico noutros sítios, gravuras que representam "homens barbudos do Médio Oriente" e o estabelecimento gradual de sacrifícios em altares parecem mostrar uma influência pré-hebraica antiga perto da Cidade do México. O desaparecimento súbito das populações de Watson Brake mesmo antes destes eventos também apoia a ideia. A afirmação de Cayce parece estar correta.

22. Partes das Tribos Perdidas migraram então para norte, fundindo-se com outros grupos para se tornarem os Construtores de Montículos no Ohio. O aparecimento súbito de Poverty Point antes da cultura dos construtores de montículos do Ohio, com a conhecida influência "mexicana" em Poverty Point, mostra que os grupos que migraram da área do México desempenharam um papel crucial no

desenvolvimento da cultura dos construtores de montículos. Dado que existem indícios de que as "Tribos Perdidas" desempenharam um papel na cultura mexicana de construção de pirâmides, esta alegação é provavelmente válida. A afirmação de Cayce parece estar correta.

23. Alguns israelitas escaparam do cativeiro fugindo para o sudoeste da América, a partir do oeste, através do Pacífico. Atravessaram áreas (talvez utilizando ilhas) que outrora fizeram parte de Mu. Estabeleceram templos no sudoeste. São referidos como uma "tribo perdida" ou "transviada". A existência de Zodiac Ridge e da Pedra do Decálogo de Los Lunas mostra que esta alegação tem validade. A investigação realizada pelos estudiosos mórmones também sugere que isto é verdade. A afirmação de Cayce está provavelmente correta.

24. Os construtores de montículos eram uma mistura de influências de Atlântida, Mu, Tribos Perdidas e outros. A forma dos montículos, o reflexo de Atlântida na sua construção, o aparecimento de altares de sacrifício neles, os sepultamentos e os artefactos neles descobertos apontam para que isto seja genuíno. A afirmação de Cayce parece estar correta.

25. Os nórdicos fizeram muitas viagens à América antiga e estabeleceram-se efetivamente aqui. Apesar das alegações de longa data da arqueologia de que as sagas nórdicas eram ficção, os indícios mostram que isto aconteceu exatamente como foi escrito. Cayce estava correto.

26. Alguns dos nórdicos fundiram-se com os construtores de montículos. Existem várias pistas intrigantes sobre esta afirmação. A presença de ferro em alguns montículos, as alegações genuínas de que alguns nativos eram brancos com cabelo ruivo e a descoberta de artefactos nórdicos mostram que era verdade. Cayce estava correto.

27. A localização do colonato nórdico na América, Vinland, foi colocada em Rhode Island, Massachusetts e Connecticut por Cayce. Embora o colonato de Leif Ericson tenha sido provavelmente na Terra Nova, a terra de Vinland não se reflete nas redondezas deste colonato. Os dados das sagas nórdicas dizem-nos que Vinland era um território muito maior. As descrições nas sagas relatam que a terra de Vinland era semelhante às áreas que Cayce descrita. Além disso, a descoberta de artefactos nórdicos (moedas) nestas áreas

mostra que Vinland se estendia pelo menos até à costa atlântica dos E.U.A. Cayce estava correto.

28. Providence, Salem e Newport são especificamente nomeadas como cidades modernas onde Vinland estava localizada. A Torre de Newport é um possível colonato nórdico, no entanto, é bastante incerto quando esta estrutura foi construída. Moedas e alguns artefactos encontrados em áreas próximas são pistas intrigantes. No entanto, esta continua a ser uma questão não resolvida. Atualmente, não existem indícios convincentes de que esta afirmação seja verdadeira.

29. Os nórdicos chegaram ao Montana nos anos 1500 através dos Grandes Lagos. Um artefacto, uma faca que supostamente pertenceria a Erik, o Vermelho, foi recuperado em Wisconsin por volta de 1940, o que provaria esta excursão. Além disso, uma excursão nórdica chegou ao Minnesota. A presença de pedras de amarração nórdicas que se estendem até ao oeste sugere incursões nórdicas profundas na América. As muitas pedras rúnicas também sugerem uma série de explorações nórdicas no coração da América antiga, inclusive no Minnesota e em Wisconsin. As espadas vikings genuínas que foram recuperadas provêm de fontes questionáveis. A afirmação de que a faca de Erik, o Vermelho, foi encontrada parece ter tido origem numa partida pregada por arqueólogos. Partes desta afirmação parecem ser válidas, mas outras partes estão incorretas.

30. Cayce menciona as Cinco Grandes Nações, o Chefe Powhatan e uma reunião no "Octógono" junto ao Rio Ohio. Esta afirmação não foi discutida anteriormente. Powhatan era um chefe da tribo da área da Virgínia que mais tarde adotou o seu nome. Uma grande reunião foi realizada antes da chegada dos colonos brancos, mas o local e a data desta reunião não são conhecidos. Existiu, outrora, um movimento de terra em forma de "octógono" junto ao Rio Ohio, em Grave Creek, na Virgínia Ocidental. Este movimento de terra era muito obscuro e poucas pessoas sabiam da sua existência. Se este é o local a que Cayce se referia, não se sabe. No entanto, não existem indícios que mostrem que Cayce estava correto.

**Resumo**

Das 30 afirmações específicas de Cayce, 23 (ou setenta e sete por cento) delas têm apoio suficiente para serem consideradas exatas. Outras

seis afirmações não são, até ao momento, sustentáveis por indícios, mas poderiam ser verificadas no futuro. Apenas uma afirmação, a descoberta da faca de Erik, o Vermelho, em Wisconsin, parece estar errada. Assim, de todas as afirmações aparentemente impossíveis de Cayce sobre a América antiga, apenas 3% estão definitivamente erradas. Do resto, 77% foram apoiadas por investigação científica, e os 20% que restam poderiam ser verificados no futuro.

É de facto notável compreender a precisão surpreendente deste homem humilde, Edgar Cayce. Se a história de Cayce se tivesse revelado predominantemente inexata, poderíamos provavelmente descartar muitas das suas outras alegações. Não necessariamente todas as alegações, pois deve recordar-se que as suas leituras de saúde demonstraram ser mais de 80% exatas. Mas algumas das suas alegações sobre a história da humanidade, bem como a nossa ligação ao mundo espiritual, são tão surpreendentes como a história antiga que relatou.

Dado que demonstrámos agora que a história da América de Cayce é substancialmente apoiada, é apropriado dar mais um passo. Queremos explorar brevemente outra área de investigação científica que tem feito progressos na compreensão das ideias profundas de Cayce. Esta relaciona-se com a ligação da humanidade ao mundo espiritual e com a forma como os montículos e os locais sagrados eram utilizados na busca do mundo espiritual. Primeiro, analisaremos brevemente o uso de locais sagrados e rituais em montículos.

## Capítulo 14

## Máquinas Mágicas de Terra

Quem subirá ao monte do Senhor? Ou quem estará no seu lugar santo? Aquele que é limpo de mãos e puro de coração; que não entregou a sua alma à vaidade, nem jurou enganosamente. Salmos 24:3-4

O segredo da magia — isto é, a sua verdadeira essência — está na manipulação de símbolos. William R. Romain (2000) *Mysteries of the Hopewell*

Os montículos e os maravilhosos movimentos de terra espalhados pela América antiga foram construídos e utilizados ao longo de um vasto período de tempo de quase 5500 anos. Como vimos, as eras iniciais dos montículos (Poverty Point, Adena e Hopewell) representaram certamente um esforço para fazer mais do que um local de descanso para os mortos. Caminhos complexos construídos ao longo de muitas milhas destinavam-se a canalizar e a controlar as deslocações das pessoas de uma área sagrada para outra. Os movimentos de terra circulares, quadrados, octogonais e em forma de ferradura serviam como áreas fundamentais para rituais. E os montículos elevados eram locais onde se podia comungar com Deus.

Os antigos duplicavam as formas específicas dos montículos e dos movimentos de terra de um sítio para outro. Estas formas eram símbolos importantes que representavam algo muito mais profundo em significado do que a arqueologia atual tem compreendido. A criação destes símbolos em imagens fisicamente reais formadas pela terra permitia a realização de um ritual controlado. Este ritual envolvia um processo de preparação mental seguido de ações que envolviam os símbolos de terra. Esta manipulação ritualística de símbolos era, em essência, um processo mágico. Os montículos e os movimentos de terra eram máquinas mágicas de terra. Eram locais onde se podia procurar Deus.

**Procurar Deus em Locais Altos**

Os cumes das montanhas, os topos das colinas, as mesetas ou simplesmente uma área de terra elevada numa planície aberta eram os locais preferidos onde os povos antigos construíam os seus sítios sagrados. Os incas dos Andes acreditavam que quanto mais alto fosse o local, mais intensa era a sua qualidade de sagrado (*huaca*). O nome tradicional dos choctaw para os montículos antigos é *Nanne-yah*, literalmente as "colinas ou montes de Deus". Normalmente, os povos antigos construíam uma estrutura adicional nestes locais altos, desde simples pilhas de rochas (que lembram as pilhas *obo* tibetanas e as pilhas *apoceta* incas) até altares e templos em socalcos elaborados (como o templo de Natchez num montículo truncado com degraus elaborados de ascensão gradual).

Estes locais altos eram utilizados para festivais, cerimónias e iniciações. Oferendas individuais e de clãs, libações, sacrifícios e dízimos eram trazidos para estes sítios. Estes eram oferecidos às forças da Natureza, ou aos seus deuses, ou ao Deus Supremo, ou, em muitos casos, aos seus antepassados. Normalmente, estas oferendas destinavam-se a prestar louvor e honra como uma forma de adoração e devoção.

Em alguns casos, existiam propósitos muito mais profundos subjacentes aos rituais. Um ritual sagrado poderia ser uma forma de obter orientação para indivíduos e tribos inteiras. Alguns rituais permitiam que os participantes se deslocassem para a frente e para trás entre este mundo e o reino dos espíritos. E alguns rituais conduziam a experiências mais profundas; talvez até à comunicação com Deus. O capítulo final deste livro explora este aspeto dos rituais.

**Sítios Sagrados Como Locais Especiais**

Um local alto tornava-se frequentemente sagrado devido a algum acontecimento ou sinal que as pessoas ou os seus antepassados associavam ao sítio. Por exemplo, os cherokee contam uma história surpreendente sobre um montículo sagrado na cabeceira do Rio Little Tennessee, em Nikwasi, na Carolina do Norte. Nos anos 1800, relatavam que há muito tempo uma tribo poderosa vinda do sul invadiu as suas terras e derrotou os guerreiros cherokee em vários locais antes de chegar a Nikwasi.

Foi feito um ataque aos guerreiros defensores de Nikwasi, o qual resultou noutra derrota cherokee e numa retirada precipitada. Quando os cherokee corriam junto ao montículo, um estranho apareceu subitamente no meio deles. Travou-os no seu caminho, olhando fixamente para eles e gritando para o Chefe para recuar os seus homens de modo a que ele pudesse derrotar os atacantes. Os cherokee presumiram que o estranho era o Chefe de uma povoação cherokee do norte que vinha em seu auxílio.

Quando os guerreiros cherokee chegaram ao montículo, uma porta abriu-se subitamente na sua encosta e centenas de guerreiros armados e pintados saíram apressadamente. Foram reconhecidos como os Imortais — espíritos poderosos. Assim que os Imortais chegaram à borda da povoação e enfrentaram o inimigo, tornaram-se quase invisíveis. Mas as suas armas eram aparentemente fisicamente reais, visto que as setas e os tomahawks que lançavam contra a força atacante atingiam o alvo. Os atacantes recuaram e esconderam-se atrás de rochas e árvores, mas as setas dos Imortais contornavam as árvores e as rochas. Quando restavam apenas cinco atacantes vivos, estes começaram a clamar por misericórdia e o ataque cessou. Hoje, os cherokee chamam a este sítio "Onde eles choraram".

Os Imortais foram observados enquanto reentravam silenciosamente no montículo e a porta desaparecia. Os cherokee contam isto como uma história histórica genuína, não como um mito. Nota 1 Um mito semelhante dos construtores de montículos relaciona-se com um montículo no Mississippi. Os choctaw acreditam que os seus antepassados emergiram do montículo de Nanih Waiya num passado remoto, numa altura em que o mundo estava coberto de água.

Alguns locais tornam-se sagrados devido a acontecimentos significativos que aí se passaram. Por exemplo, a visão de Jacob de uma escada para o céu ocorreu no que é hoje o sítio sagrado de Betel. A maior parte dos locais sagrados dos nativos americanos tem uma longa história oral associada a eles. São locais onde os seus antepassados tiveram uma experiência profunda atrás de outra. Em tempos modernos, os locais onde ocorrem aparições religiosas verificáveis continuam a ser considerados sagrados. Estes incluem Fátima, Guadalupe, Lourdes, Medjugorje e Zeitoun (Egito).

Os locais sagrados apresentam frequentemente relatos contínuos de acontecimentos invulgares. Um fenómeno da natureza, um alinhamento estelar ou um movimento planetário específico poderia ter sido observado numa altura fulcral a partir de uma localização específica. Quando estes fenómenos ocorriam em combinação com uma experiência humana profunda, dizia-se que o local tinha "poder". Por exemplo, a Roda de Medicina de Big Horn era utilizada para observar nasceres de estrelas específicos antes do amanhecer.

Estes nasceres eram considerados sinais de Deus que anunciavam o início das cerimónias. No caso dos cheyenne pré-históricos, os sinais de Deus vistos na Roda de Medicina de Big Horn eram mensagens para os seus sacerdotes iniciarem a Cerimónia Massum — um ritual prolongado de comunhão com Deus. Nota 2

Noutro relato bem conhecido, o famoso Chefe Red Plume passou quatro dias e quatro noites na Roda de Medicina durante uma busca de visão. Foi levado para o interior da montanha por seres espirituais que lhe transmitiram uma sabedoria especial. Nota 3 Em suma, algumas localizações tornaram-se sagradas porque se desenvolviam estados mentais estranhos quando alguém permanecia na área ou porque acontecimentos extremamente invulgares pareciam ocorrer ali regularmente. Nota 2, Nota 3

Alguns locais altos foram erguidos para serem localizações ideais para a observação de eventos cíclicos como os solstícios ou o equinócio. O

momento dos rituais era frequentemente determinado por estes ciclos. Os montículos da Era Mississipiana foram erguidos especialmente com este propósito.

O fumo era frequentemente um elemento importante nos rituais realizados em locais sagrados. Muitos povos antigos consideravam o fumo ascendente como um meio para levar as suas oferendas aos céus invisíveis. Assim, altares e fogos sagrados eram tipicamente utilizados em locais altos. Grandes quantidades de incenso podiam ser utilizadas nos fogos dos altares, talvez porque o aroma elevava a consciência das pessoas e tocava os sentidos dos deuses ou dos antepassados. Uma explicação alternativa refere que o fumo dá aos espíritos um meio físico real no qual se podem manifestar. Nota 2

Os construtores de montículos empregavam o fogo e o fumo nas suas cerimónias. O ato de fumar tabaco era, logicamente, um ritual pessoal importante. Mas o uso de altares também estava generalizado. Estas cerimónias de altar não eram apenas realizadas sobre estes locais, mas também dentro deles. Tal como as pirâmides egípcias e da América Central têm câmaras interiores, também muitos dos montículos da América do Norte as tinham. Por exemplo, nos Montículos King em Wickliffe, Kentucky, foram encontrados três altares retangulares em câmaras no interior dos montículos.

**Ligar os Mundos Superior, Médio e Inferior**

Os montículos eram um meio de elevação acima do mundo físico. Eram utilizados para ligar o reino físico ao espiritual. Refletem uma crença de senso comum de que Deus, o céu e as forças do bem estão acima de nós; e, inversamente, o mal, o submundo e as forças das trevas estão abaixo de nós. Nós vivemos no intervalo entre estes dois mundos. Alguns rituais, como é óbvio, eram realizados no interior da terra. As Kivas do sudoeste, utilizadas nas formas tradicionais dos Antigos, serviam uma função semelhante. Nas Kivas, um "túnel de espíritos", chamado *sipapu*, era perfurado na terra. Este pequeno túnel era uma representação do local de emergência dos Antigos para o mundo físico. Durante o ritual, a consciência de uma pessoa podia mover-se através do *sipapu* e entrar temporariamente no mundo espiritual do qual a vida emergiu. Nota 3

Não só os montículos elevados e os movimentos de terra eram sagrados, mas a jornada até ao montículo era uma parte importante do ritual. A jornada poderia prefigurar simbolicamente a ligação iminente com as forças invisíveis. Nos Movimentos de Terra de Portsmouth, por

exemplo, existiam caminhos longos com taludes que ligavam os vários complexos rituais. Estes atravessavam o Rio Ohio, o que provavelmente envolvia um processo de purificação. Os rituais no complexo sítio de Newark, com os seus círculos, quadrados, octógono e paredes paralelas, envolviam certamente deslocações controladas entre várias áreas. A deslocação de um complexo para outro através destes caminhos amuralhados era uma jornada literal, e a preparação mental e a atitude eram componentes importantes.

Os rituais dos construtores de montículos envolviam obviamente uma complexa preparação mental e física. Sabe-se que submeter o corpo a esforço através de períodos prolongados utilizando o jejum, a transpiração, a dança, o canto e a meditação era parte integrante do processo de preparação. Apenas a mente podia levar um ser físico aos reinos do não físico, e os rituais que levavam o corpo físico aos seus limites permitiam uma libertação da consciência. Nota 2, Nota 3 A ciência descobriu uma grande quantidade de informação sobre estas alterações na consciência. No capítulo final, exploraremos o que foi encontrado e as implicações.

Quando verdadeiramente libertada do corpo físico, a consciência de um indivíduo podia mover-se para o mundo espiritual, onde se podia aceder aos seus antepassados, às forças espirituais invisíveis que atuam no universo e, talvez, até a Deus. A criação desta "ponte mental" exigia que o candidato passasse da consciência normal para uma mais capaz de perceber reinos não físicos. Além dos rituais físicos que eram utilizados, recorria-se a bebidas especiais, ervas e alimentos. Estas substâncias afrouxavam a consciência normal, criando por vezes uma experiência semelhante à morte que permitia ao candidato deixar temporariamente a realidade física e alcançar os outros reinos. As leituras de Edgar Cayce dizem-nos que os antigos egípcios criavam e utilizavam "poções" para os ajudar a alcançar os seus estados alterados de consciência. O mesmo faziam os construtores de montículos.

A substância mais comum utilizada pelos construtores de montículos era um tabaco forte e potente. Como discutido anteriormente, o elevado teor de nicotina no mesmo podia produzir um estado de torpor. Outro "alimento" bem conhecido utilizado pelos índios da América Central e do Norte para induzir um estado alterado de consciência era o peiote (*peyotl* em azteca). É uma espécie de cacto (*Lophophora williamsii*) que cresce principalmente ao longo do Rio Grande (que corre do Colorado, através do Novo México, ao longo da fronteira entre o Texas e o México, e desagua

no Golfo do México). O peiote contém o alucinogéneo mescalina. A ingestão de mescalina produz alucinações vívidas e coloridas — frequentemente envolvendo componentes "espirituais". Outras substâncias alucinogéneas frequentemente utilizadas nos rituais espirituais dos construtores de montículos incluíam vários cogumelos (contendo psilocibina ou bufotenina), sementes de Glória-da-manhã (contendo uma amida de LSD) e uma profusão de outras plantas. Nota 4

Desenvolveram-se rituais elaborados em torno da ingestão de alucinogéneos. Muitos destes rituais demoravam noites inteiras a concluir. O xamã que guiava os rituais tinha o cuidado de produzir estados alterados influenciados por forças benéficas. Uma vez que a mente de um participante ficava vulnerável tanto a espíritos bons como a maus (uma vez libertada do seu lar corporal), a preparação cuidadosa do indivíduo era importante. A forma como os xamãs passaram a compreender quais as plantas que produziam o efeito desejado não é completamente compreendida. Em muitas das tribos indígenas ao longo do Rio Amazonas, os xamãs alcançavam estados alterados de consciência utilizando vários extratos de plantas encontrados na selva.

Nesses estados, dizem que conseguem "ver" além do mundo físico normal, adentrando a essência por trás da vida manifestada. Por exemplo, no seu livro *The Cosmic Serpent*, Jeremy Narby explica: "Os xamãs amazónicos preparam a ayahuasca há milénios. A infusão é uma combinação necessária de duas plantas, que devem ser fervidas juntas durante horas. A primeira contém uma substância alucinogénea, a dimetiltriptamina, que também parece ser segregada pelo cérebro humano; mas este alucinogéneo não tem efeito quando engolido, porque uma enzima do estômago chamada monoamina oxidase o bloqueia. A segunda planta, no entanto, contém várias substâncias que desativam precisamente esta enzima do estômago, permitindo que o alucinogéneo chegue ao cérebro. Aqui estão, portanto, pessoas sem microscópios eletrónicos que escolhem, entre cerca de 80 000 espécies de plantas amazónicas, as folhas de um arbusto que contém uma hormona cerebral alucinogénea, as quais combinam com uma trepadeira que contém substâncias que desativam uma enzima do trato digestivo que, de outro modo, bloquearia o efeito alucinogéneo. E fazem-no para modificar a sua consciência". Nota 5 Quando questionados sobre como sabem quais as plantas a selecionar, respondem simplesmente: "As plantas dizem-nos". Talvez esta afirmação se refira ao conhecimento adquirido num estado psíquico.

Além dos estados alterados induzidos por substâncias, muitas culturas criavam experiências semelhantes à morte que permitiam aos participantes escapar da consciência física por algum tempo, regressando no entanto relativamente sãos e com perceções profundas vindas dos mundos invisíveis. Muitos destes rituais seriam considerados hoje em dia como tortura, tais como a Dança do Sol dos sioux e as suspensões dos mandan. Mas outros grupos, tais como os algonquinos, utilizavam mandalas e uma série de símbolos para ajudar os iniciados. Quase todos os nativos americanos utilizavam cânticos e movimentos giratórios, muito à semelhança dos místicos sufis giratórios do Islão.

**O Propósito Secreto dos Rituais em Montículos**

Os montículos e os movimentos de terra associados eram moldados em símbolos sagrados e interligados. Os rituais que eram decretados utilizando estas representações de terra eram um meio de interagir com a verdadeira essência subjacente aos símbolos. Por exemplo, se um montículo tivesse sido construído para representar o reino espiritual dos antepassados, um ritual adequado impulsionaria a consciência dos participantes para esse reino. O ritual também "energizaria" os próprios antepassados e os tornaria recetivos.

Os rituais manipulam literalmente símbolos. Esta é, segundo fontes antigas, a própria essência da magia. A magia, se é que se pode realmente chamar-lhe isso, é a abertura de passagens entre o mundo físico e o mundo espiritual. Quando utilizados da forma apropriada, os montículos e os movimentos de terra podiam ser usados para abrir os portais entre diferentes reinos da realidade. A maioria das pessoas encara este processo como sendo essencialmente e completamente mental. É uma expansão da consciência que provém da prática, de motivações e de alterações específicas na química cerebral causadas por movimentos corporais repetitivos, cânticos ou, por vezes, pela ingestão de alucinogéneos. No entanto, os xamãs afirmam que os portais abertos através de rituais e as energias espirituais que estes libertam são muito, mas mesmo muito reais. Nota 6

No mundo dos antigos construtores de montículos Hopewell, espelhos, cogumelos específicos, fumo e trajes de animais eram utilizados em rituais. Além disso, era extremamente importante que o ritual fosse realizado no momento exato em que era mais eficaz. Este momento no tempo era frequentemente à noite, e os movimentos da lua eram um fator crítico. Além disso, existia um local exato que tinha de ser utilizado. O

Círculo e Octógono em Newark demonstra isto. A partir do interior do gigantesco e ligado Círculo e Octógono, não existe um caminho direto para fora — nem um que conduza para dentro. Os 8 lados do Octógono não estão ligados, mas montículos retangulares bloqueiam a linha de visão em cada abertura. Para entrar ou sair do movimento de terra, tem de se contornar estes montículos "guardiões". No sistema de crenças Hopewell, os espíritos só podem viajar em linhas retas. Portanto, quaisquer que fossem as forças espirituais temporariamente libertadas dentro do Círculo e Octógono durante os rituais, permaneciam ali. Nota 7

**Portsmouth**

O complexo de movimentos de terra Hopewell de Portsmouth é um dos que pode demonstrar a forma como os rituais eram realizados — e talvez um pouco do significado que lhes era subjacente. Como relatado num capítulo anterior, os movimentos de terra circulares no Kentucky, do outro lado do Rio Ohio em frente a Portsmouth, parecem ser uma representação notavelmente exata de Atlântida. Segundo Cayce, Atlântida foi destruída, em parte, devido a conflitos entre um grupo de pessoas que tentava manter uma ligação com a sua fonte espiritual última e um grupo opositor que abraçava os prazeres e desejos do mundo físico. Antes da destruição final de Atlântida, muitos grupos fugiram para várias partes do mundo. Os Filhos da Lei do Uno, aqueles que procuravam manter uma vida espiritual, foram para o Médio Oriente, África, partes da Europa e para as Américas.

Algumas destas pessoas no Médio Oriente tornaram-se parte dos "escolhidos" e mais tarde migraram para as Ilhas Britânicas e para a América (ficando conhecidas como as Tribos Perdidas). As culturas dos construtores de montículos resultaram de uma combinação de atlantes, das "Tribos Perdidas" (algumas das quais descendiam dos Filhos da Lei do Uno que escaparam de Atlântida antes de 10 000 a.C.) e de pessoas que já se encontravam na terra. E, como relatado por Cayce, os montículos foram construídos como representações das experiências de Atlântica, do Iucatão e do Gobi. Esta poderia ser a história exata simbolizada em Portsmouth.

O ritual que utilizava o complexo de Portsmouth pode ter começado nos movimentos de terra semelhantes a Atlântida, no topo do montículo central (A). O dia e a hora prováveis em que o ritual era iniciado seria ao nascer do sol no Solstício de Inverno. (A partir do complexo principal em Portsmouth, o nascer do sol no Solstício de Inverno ocorreria diretamente sobre os movimentos de terra circulares de Atlântida.) O aparecimento

antigo do homem moderno em Atlântida seria ali reconhecido, com a compreensão de que ocorreu quando a consciência espiritual forçou o seu caminho para a matéria física. O conflito contínuo que cada ser humano enfrenta na vida — a luta entre o "bem" e o "mal" — seria demonstrado antes de abandonar este movimento de terra circular. Uma procissão seria conduzida pelo caminho com taludes abaixo até ao rio, a quase 2 milhas de distância (B). Isto simbolizaria a descida espiritual que muitas almas experienciaram em Atlântida antes do afundamento da pátria. Tal como representado pelo Solstício de Inverno, isto também simbolizaria o ponto mais baixo no declínio espiritual da humanidade. O próprio rio representa o dilúvio de Atlântida, a purificação das almas e a migração física real dos sobreviventes antes da destruição final (C). Fica a dúvida sobre como o rio seria fisicamente atravessado, mas talvez cada indivíduo que participasse no ritual tivesse de nadar o rio pelo menos uma vez.

Ao chegar ao outro lado do rio, a procissão mover-se-ia agora encosta acima através do caminho com taludes (D). Esta subida de 3 miliras era íngreme em alguns locais e pode ter simbolizado a escalada espiritual e física da humanidade após o dilúvio de Atlântida. Ao chegar ao complexo principal em Portsmouth, uma série de rituais seria realizada. À medida que a procissão saía do caminho com taludes em direção ao movimento de terra circular que continha as duas formações em forma de ferradura, passava primeiro junto e por baixo de um montículo natural orientado para o pôr do sol no Solstício de Inverno (E).

A partir desta estação, realizava-se um ritual que preparava os participantes para a entrada no círculo sagrado. Este ritual serviria como um lembrete da sua fonte última e do seu destino último. O círculo sagrado (F) contém vários elementos altamente semelhantes a Stonehenge. Estes incluem os taludes em forma de "U" ou de ferradura, um círculo exterior e "calçadas". Esta área do complexo poderia muito bem representar vários eventos da história de Cayce. Cayce afirmou que os descendentes dos atlantes — as Tribos Perdidas — foram para Avebury e Stonehenge, bem como para as Américas. Cayce também afirmou que algumas das Tribos Perdidas entraram na América pelo oeste, tal como vários outros grupos. As paredes paralelas que entram no sítio pelo oeste (G) podem simbolizar este acontecimento. Dentro do centro sagrado do complexo principal (F), realizavam-se rituais que lidavam com o mundo presente. Estes podem ter sido altamente individualizados e baseavam-se nas necessidades pessoais e no nível de desenvolvimento de cada indivíduo.

Ao pôr do sol no Solstício de Inverno, a cerimónia continuava movendo-se em direção ao ocaso através do talude amuralhado orientado para sudoeste (H). Este aspeto da cerimónia simbolizava o movimento inevitável de regresso à fonte original da vida. Era uma descida gradual em direção ao rio, representando o declínio físico e a morte do corpo físico (I). A travessia do rio, provavelmente já bem depois de a escuridão descer, (J) representava a travessia do espírito de volta ao mundo espiritual. Esta travessia deve ter sido perturbadora e talvez assustadora para alguns indivíduos. É provável que algum tipo de substância alucinogénia fosse tomada antes de se chegar ao rio.

Como cada alma deve encontrar o seu próprio caminho após a morte, não havia nenhum talude amuralhado a guiar a procissão a partir do outro lado do rio (K). Cada indivíduo tinha de encontrar o seu próprio caminho até à pequena abertura (L) que conduzia ao quadrado que representava o mundo espiritual (M).

No interior do talude quadrado, era mostrado o "Lar Cósmico", o portal através do qual as almas entram no plano terrestre (N). Este era formado por três montículos dispostos numa formação triangular para representar la Cintura de Orionte. Foram colocados numa abertura do quadrado orientada para o pôr do sol no Solstício de Verão. Experienciava-se uma "extensão" adicional do mundo espiritual (O).

O significado exato desta extensão não é claro, mas, assim que se sai dela através de várias pequenas aberturas (P), não há mais "nenhum lugar" para ir. Isto é, não existem outros movimentos de terra e ela aponta em direção ao sol poente do Solstício de Inverno. Curiosamente, uma ravina profunda (Q) estava localizada mesmo antes das pequenas aberturas de saída. Assim, isto poderia representar uma "morte" ou uma jornada da qual não havia retorno.

**O Corpo como Templo e a Cabeça como o Lugar Alto**

Alcançar a consciência de Deus através de rituais e da "manipulação de símbolos" era um meio de "ir ao interior" de si mesmo para mover a consciência além do próprio eu.

A partir do seu estado de transe, Cayce afirmou: "Pois o corpo é, de facto, o templo do Deus vivo, e Ele prometeu encontrar-se convosco ali, no santo dos santos, no Monte interior (leitura 1152-2)". Em 882-1, Cayce disse: "'Ali encontrar-me-ei convosco, no Monte de vós mesmos'. Pois o

vosso corpo é, de facto, o templo do Deus vivo; ali Ele pode encontrar-se convosco à medida que se voltam para o vosso interior".

Na leitura 707-6 temos: "Lembram-se de tudo o que foi dado quanto à maneira pela qual o indivíduo se encontra a si próprio? Terá Moisés recebido orientação de outra forma que não pelo período no Monte? Terá Samuel recebido de outra forma que não por meditar dentro do seu próprio aposento? Não encontrou David mais ao meditar no vale e na caverna? Não recebeu o Mestre, no Monte e no jardim, as respostas daquelas forças orientadoras?"

"Por que razão, poderiam perguntar, gostava o Mestre de estar na Galileia quando a casa do Senhor, Seu Deus, era em Jerusalém? Por que razão gostava Ele de estar sozinho no Monte?" [3357-2]

Ir ao Monte de Deus, um reino que reside dentro de todos nós, é o ritual pelo qual encontramos a consciência de Deus. É uma sintonização ascendente, como o ato de subir ao Monte implica. Exige que nos elevemos de uma consciência finita e individual para uma consciência infinita e universal. Os montículos e os seus incríveis movimentos de terra eram utilizados como um meio de atingir uma "consciência de Deus".

**De Forças Eletromagnéticas Misteriosas Até à Vanguarda da Ciência**

Na leitura 440-16 de Cayce, é apresentada uma visão fascinante sobre a experiência original de Moisés e Josué no Monte Santo: "Eles tinham visto o Senhor Jeová descer ao Monte, tinham visto o Monte tão eletrificado pela presença do *od* do povo e *ohm* do Omnipotente a um ponto tal que nenhum ser vivo podia permanecer no Monte, exceto aqueles dois [Moisés e Josué] que tinham sido purificados pela entrega de si mesmos a Deus, na purificação dos seus corpos, na purificação das suas mentes".

A referência de Cayce ao "*od* do povo" remete para um termo cunhado por Reichenbach (1788-1869) para explicar uma força invisível na natureza que se manifesta no magnetismo, no hipnotismo e na luz, chamada "força ódica". *Od*, muito provavelmente derivado da palavra grega *hodos*, significa caminho ou via, e é utilizado em palavras elétricas modernas como ánodo e cátodo (indicando polos de um campo ou raio eletromagnético, como se vê num tubo de raios catódicos). O uso que Cayce faz da palavra "Ohm" refere-se, muito provavelmente, ao termo cunhado por um dos contemporâneos de Reichenbach, Georg Simon Ohm (1789-1854).

Este termo é utilizado hoje em dia como uma medida de resistência elétrica. No entanto, a forma como Cayce utiliza o termo parece equiparar o *ohm* diretamente à eletricidade. Portanto, poderíamos traduzir esta experiência no Monte como: "o magnetismo dos corações e mentes do povo a procurar Deus durante tanto tempo e com tanta intensidade tinha atraído o Omnipotente a descer sobre o Monte. A natureza do Omnipotente é melhor equiparada aos poderes da eletricidade, poderes que podem destruir ou iluminar, dependendo de quão puro for o condutor (Moisés)".

Em suma, como refere o adágio bíblico, "procurai e achareis". Mas o efeito do que é "achado" nos rituais de busca depende em grande parte das motivações de quem procura. Esta é uma ideia antiga que parece ter sido bem compreendida pelos construtores de montículos.

A ideia de Cayce de que forças eletromagnéticas estão envolvidas na busca de Deus também foi proposta por muitos outros. Mas esta ideia está atualmente a receber uma importante perspetiva moderna — uma investigação substancial quase a confirmou. Esta área de investigação está de tal forma na vanguarda da ciência que poucas pessoas têm conhecimento da sua existência. Ainda menos pessoas têm consciência do seu significado. Como capítulo de encerramento deste livro, é para este incrível corpo de investigação que nos voltamos.

## Capítulo 15

## Neurociência e Cayce

## Confirmações Incríveis Com Implicações Profundas

Sedlak descreve a "Vida" como um processo, de natureza quântica, que expressa um acoplamento eletromagnético de reações químicas com processos eletrónicos num substrato semicondutor de proteína-ácido nucleico. — Nancy Kolenda (2001) Editora, *Frontier Perspectives*

Se, após ler a citação acima, a compreendeu completamente e não tem perguntas, não precisa de terminar a leitura deste capítulo. Pode regozijar-se com o seu profundo nível de conhecimento científico e relaxar. Para aqueles de vós que continuam até ao fim do capítulo, não se preocupem. Não vamos entrar numa explicação complicada sobre isso. Vamos, no entanto, discutir as ideias de Cayce sobre a vida e ligá-las a uma compreensão dos montículos e do seu "propósito secreto", conforme mencionado no capítulo anterior.

No capítulo anterior, foi apresentada uma leitura de Cayce que descrevia como o Monte Santo foi "eletrificado" pela presença de Deus e como Moisés e Josué se tinham "purificado". Esta purificação, dizia-se, "atraiu" magneticamente Deus para eles. A leitura também afirmava que o Templo Santo onde nos podemos encontrar com Deus estava localizado "dentro" de nós. Esta afirmação é semelhante à famosa frase de Jesus: "o reino dos céus está dentro de vós". Acreditamos que muitos sítios de montículos e movimentos de terra serviram como um meio de aceder a este "reino".

**Ciência Cerebral e Rituais**

A ciência aprendeu muito sobre as alterações químicas e elétricas que ocorrem no corpo e no cérebro durante certos rituais e práticas de "alteração da consciência". Estas conclusões de investigação verificaram essencialmente que a química cerebral de um indivíduo muda substancialmente à medida que a perceção — a consciência — se move para o que por vezes é descrito como "estados alterados". Várias áreas específicas no cérebro estão implicadas numa profusão de experiências invulgares, incluindo episódios de projeção extracorporal, experiências de quase-morte, visões, êxtases divinos, avistamentos de fantasmas e aparições, consciência de Deus e até convicção religiosa.

Embora o cérebro seja essencialmente um órgão biológico, produz tanto um campo elétrico como um campo eletromagnético. Hoje em dia, os neurocientistas conseguem registar a atividade elétrica até de uma pequena parte de uma única célula cerebral. Quando se percebe que o ser humano médio tem 100 mil milhões de células cerebrais, cada uma medindo em média menos de 1/10 000 de polegada de diâmetro, isto deve ser visto como uma proeza notável. Ainda mais surpreendente é o recente desenvolvimento de tecnologia que consegue "ler" o campo eletromagnético de um indivíduo. Cada um de nós produz um campo eletromagnético único que se altera à medida que desenvolvemos diferentes estados de espírito ou entramos em diferentes estados mentais. Acredita-se que, num futuro próximo, o equipamento que lê o campo eletromagnético humano (chamado magnetoencefalógrafo) será capaz de produzir um perfil de personalidade completo e talvez desvendar o carácter básico de alguém em apenas segundos. Nota 1

A maioria das pessoas tem uma má compreensão da energia eletromagnética. Isto não surpreende, dado que a ciência também não a compreende verdadeiramente. Uma forma de pensar nela é que ela é a

"cola" que mantém o mundo físico unido e nos permite vê-lo. O Espetro de Energia Eletromagnética é a forma como a ciência descreve tipicamente a vasta amplitude desta força.

A energia eletromagnética (EM) vibra a ritmos chamados "frequências" e diferentes frequências têm características diferentes. Num extremo, as frequências vibram rapidamente, enquanto no outro extremo, as frequências são mais lentas. O sistema visual humano está sintonizado para "captar" as vibrações da energia EM numa amplitude muito estreita. Esta amplitude, que constitui menos de 5% de todo o espetro EM, é chamada o "Espetro da Luz Visível".

Na realidade, existimos num verdadeiro mar de energia EM. A maior parte da "substância" neste mar é invisível para nós. Mas ela está lá, de qualquer forma. Por exemplo, alguns animais conseguem ver o calor infravermelho porque o seu sistema visual está sintonizado para captar essas frequências do espetro EM.

**Efeitos Eletromagnéticos no Cérebro**

Durante pelo menos 300 anos, os cientistas chamaram "charlatanismo" puro à ideia de que os campos magnéticos podem influenciar o comportamento, os pensamentos e as emoções humanas. Nota 1 Nas décadas de 1970 e 1980, realizou-se uma grande quantidade de investigação que contradizia esta crença prevalecente. Mas os cientistas continuaram a indicar que os campos magnéticos não podiam produzir efeitos no cérebro. Depois, in 1992, o mineral magnetite foi descoberto no cérebro humano. A magnetite também é encontrada no cérebro de pombos-correio e sabe-se que serve como a "bússola" que utilizam para a navegação. Nota 2 Muito simplesmente, a magnetite alinha-se com qualquer campo magnético ou eletromagnético que esteja presente.

Quando se "alinha", começa a vibrar de acordo com a frequência do campo predominante. Este é um processo físico que opera de forma muito semelhante à de um íman que consegue mover limalhas de ferro numa folha de papel. Nas células cerebrais, os cristais de magnetite estão suspensos em fluido. A investigação mostra agora que a vibração da magnetite dentro de células cerebrais específicas causa alterações elétricas em áreas do cérebro — e, consequentemente, altera o estado de espírito e produz experiências. Foram publicados cerca de 4000 artigos científicos sobre os efeitos dos campos eletromagnéticos no comportamento humano e animal. Nota 1, Nota 2

Há muito que se reconhece que os locais sagrados eram frequentemente encontrados em áreas onde ocorriam fortes anomalias magnéticas. Nota 1, Nota 2, Nota 3 Em anos recentes, os investigadores descobriram que muitos sítios de montículos sagrados estão localizados no topo de anomalias magnéticas poderosas. Nota 4 Outra descoberta recente é que, durante um eclipse, a gravidade realmente muda (embora ninguém compreenda porquê). Isto é referido como o Efeito Allais. Nota 1

Isto poderia ser uma explicação para a razão pela qual mapear os movimentos da lua ao longo de 18,61 anos era importante para os construtores de montículos. Nota 2 Os rituais realizados durante os eclipses poderiam potencialmente tirar partido das alterações de gravidade.

O campo magnético da Terra gira e muda constantemente à medida que é afetado pelo sol. Mas o lado da Terra que está voltado de costas para o sol tem um campo razoavelmente estável. Os investigadores demonstraram que um fundo estável de energia eletromagnética é essencial para produzir certas experiências. No meio deste fundo estável, uma mudança súbita nos campos magnéticos pode levar a alterações profundas na consciência. Isto é algo que os antigos pareciam saber.

Michael Persinger, no Canadá, realizou algumas das investigações mais importantes que demonstraram como os campos magnéticos podem influenciar o comportamento. As implicações desta investigação são mais profundas do que a maioria das pessoas compreende. Persinger aplicou campos magnéticos pequenos e fracos a diferentes áreas cerebrais em centenas de estudantes universitários. Conseguiu produzir experiências visionárias, êxtase religioso, medo, apreensão, sentimentos de união com Deus, bem como uma profusão de outras experiências importantes. Noutro estudo, demonstrou como campos magnéticos fracos e pulsados podiam essencialmente introduzir pensamentos na mente dos seus sujeitos. Nota 3 Persinger acredita que praticamente todas as experiências místicas e espirituais são um subproduto de campos eletromagnéticos que produzem alterações nos processos cerebrais.

Um facto sobre o mundo antigo que raramente é considerado relaciona-se com a poluição eletromagnética. Os antigos viveram as suas vidas inteiras em contacto com um fundo razoavelmente estável de energia eletromagnética. Os rituais que moviam fisicamente um indivíduo de uma área magneticamente estável para uma área com anomalias produziam efeitos profundos. Hoje em dia, no entanto, existimos no que tem sido designado por fossa eletromagnética. Nota 1 Linhas de alta tensão, linhas

telefónicas, torres de telemóveis, computadores, luzes elétricas e televisões emitem constantemente ondas eletromagnéticas de forma pulsada. Praticamente todos os dispositivos elétricos criam ondas EM. Vivemos num oceano revolto de energia EM criado por todos estes dispositivos e, para culminar, as estações de rádio e de televisão bombardeiam-nos continuamente com frequências variadas de energia EM na esperança de que liguemos um dispositivo de receção elétrica e escutemos os seus anúncios comerciais. Em suma, já não existe um fundo estável de energia eletromagnética.

Se a utilização correta destas energias é o caminho para a comunicação com Deus, o que poderá significar para nós este turbilhão eletrónico de energia criado pelo homem? Curiosamente, quando Persinger realiza as suas experiências em humanos, tem de utilizar uma sala de cobre especialmente blindada para bloquear a poluição EM.

Ao contar a história dos conflitos entre os Filhos da Lei do Uno atlantes e os Filhos de Belial, Cayce afirmou que o grupo de Belial perdeu o seu contacto com Deus e com o mundo espiritual de onde tinham vindo. Tinham abraçado a tecnologia e tentado assumir o controlo das forças da natureza. Será possível que tenhamos feito a mesma coisa? Será possível que a tecnologia à qual tão rapidamente nos adaptámos possa, de alguma forma, bloquear a nossa ligação ao mundo espiritual?

**A Questão Essencial**

Muitos cientistas afirmaram que a consciência de Deus é simplesmente uma alteração na química cerebral. E algumas pessoas, afirmam eles, são mais propensas a estas experiências porque são mais "sensíveis magneticamente". Na verdade, a investigação mostra que algumas pessoas são mais sensíveis aos campos eletromagnéticos do que outras. A quantidade de magnetite presente no cérebro de alguém pode explicar isto. E a ideia de "escolhidos" pode relacionar-se com a quantidade de magnetite presente no cérebro. Talvez aqueles que são "escolhidos" sejam mais capazes de responder aos campos magnéticos porque têm mais magnetite. As implicações da poluição eletromagnética para essas pessoas não são agradáveis.

Em suma, a investigação verifica que a nossa consciência se move de facto através de uma "porta" para outra. Uma profusão de experiências espirituais e religiosas confirma isto, tal como centenas de experiências que mostram como o cérebro muda à medida que a consciência muda. Mas tudo

isto conduz a uma questão crucial: para onde, exatamente, levam estas portas na nossa mente?

Alguns cientistas afirmam que os resultados da investigação levam à conclusão de que tudo o que experienciamos está na nossa própria mente. Não existe mundo espiritual, nem Deus, nem vida após a morte. Por mais profunda que seja uma experiência espiritual, esta perspetiva afirma que se trata simplesmente de um subproduto de processos químicos nas células cerebrais.

Por outro lado, reconhece-se que o modelo químico cerebral falha em explicar vários outros corpos de investigação. Este ponto de vista afirma que as alterações químicas e elétricas que ocorrem no cérebro durante as experiências espirituais e religiosas abrem, sim, portas. Mas estas portas permitem que a consciência escape aos limites do corpo físico para outro reino.

**O Mundo Espiritual**

Em *Grand Illusions* Nota 2, foi apresentada a ideia de que o Espetro de Energia Eletromagnética é o mundo espiritual. Nós, humanos, existimos no meio deste espetro, percebendo normalmente apenas a luz que conseguimos ver numa amplitude estreita. Somos afetados pela energia EM invisível que gira ao nosso redor, mas não costumamos perceber os efeitos. Sob algumas circunstâncias, podemos alterar as nossas perceções mudando os nossos ritmos vibratórios. Isto não é dito num sentido esotérico, mas de uma forma muito real. Recorde-se que o campo eletromagnético produzido pelo cérebro humano pode ser medido e analisado. Podemos alterar intencionalmente as nossas frequências eletromagnéticas. Ao alterarmos os nossos pensamentos, ao focarmos a nossa atenção e através de um comportamento voluntário, o nosso campo eletromagnético muda.

Pensar na nossa "aura" eletromagnética desta forma conduz a outra perceção profunda. Os nossos estados de espírito, pensamentos e comportamento influenciam os outros de uma forma subtil, mas bastante real — afetamos os outros ao emitir ondas eletromagnéticas sintonizadas para corresponderem aos nossos estados de espírito. Esta ideia é muito mais profunda do que aquela que pretendemos perseguir neste livro, mas as leituras de Cayce dizem algo muito semelhante. As leituras também relatam que alcançar e manter a atitude correta é essencial quando se procura Deus.

Em numerosas leituras, Cayce falou sobre a natureza elétrica e eletromagnética tanto do mundo físico como de Deus. Eis alguns exemplos:

"Pois a Vida é, e as suas manifestações na matéria SÃO de uma energia ELETRÓNICA." (440-20)

"A eletricidade ou vibração é essa mesma energia, esse mesmo poder a que chamais Deus. Não que Deus seja uma luz elétrica ou uma máquina elétrica, mas essa vibração que é criativa é da mesma energia que a própria via." (2828-4)

"... a materialidade É — ou a matéria É — essa demonstração e manifestação das unidades de energia positiva e negativa, ou eletricidade, ou Deus." (412-9)

"... materialmente, o que quer que a eletricidade seja para o homem, é isso que o poder de Deus é." (3618-1)

Existe muita investigação que defende a posição de que um reino da realidade existe verdadeiramente fora dos processos bioquímicos do cérebro. Talvez o melhor corpo de indícios para esta ideia provenha da investigação sobre Experiências de Quase-Morte (EQM). Embora os cientistas consigam produzir alguns aspetos da EQM em ambientes de laboratório, existe um aspeto crucial que não conseguiram duplicar. A consciência das pessoas que experienciam uma EQM genuína consegue deixar o corpo e mover-se sob a sua própria vontade. Em dezenas de casos, a consciência do indivíduo deslocou-se para áreas fora da sala que albergava o seu corpo.

Quando a pessoa regressa à vida, consegue recordar acontecimentos específicos, eventos e descrições das áreas que visitou. Investigadores médicos que estavam inicialmente céticos em relação a tais relatos verificaram-nos rigorosamente. E uma grande parte destas conclusões foi obtida a partir de crianças que passaram pela experiência. Nota 5 Este é um fenómeno verdadeiramente fascinante, tornado ainda mais interessante pelo facto de ser exatamente o que Edgar Cayce parecia fazer enquanto estava nos seus estados de transe.

**Descoberta Espiritual na Busca de Deus**

A história da humanidade, tal como é contada através das leituras de Cayce, é simultaneamente incrível e repleta de lições para a vida. O facto de as leituras de saúde de Cayce serem fundamentalmente exatas confere credibilidade à sua história global. O facto de a sua história absurda e

aparentemente impossível da América antiga estar agora em grande parte verificada apenas aumenta ainda mais a sua validade.

Talvez a lição mais importante deste livro se exprima nas profundas crenças e práticas espirituais dos antigos americanos. Eram pessoas que compreendiam que era essencial manter um contacto contínuo com o Criador — a fonte espiritual última. Terão aparentemente percebido a armadilha em que o mundo físico se tornou para os seus antepassados e o que era necessário para uma descoberta espiritual.

De acordo com esta perspetiva, o "reino dos céus" é real e encontra-se ao olhar para o interior de si mesmo. É acedido através de uma viragem para o interior e de uma sintonização do coração, da mente, do espírito e das ações quotidianas com a vontade de Deus. O mundo físico e o desejo humano podem impedir este processo de busca de Deus, mas o resultado vale o esforço. Os antigos nativos americanos procuravam manter um estilo de vida simples para manter a sua ligação com Deus.

A essência da condição humana, conforme Cayce a relata, pode ser expressa de forma simples: "Somos seres espirituais a manifestar-nos temporariamente numa dimensão física... o corpo físico é um instrumento bioespiritual, contendo tanto os elementos físicos como os espirituais de todo o ser". Nota 6 Compreender esta verdade simples é um passo para realizar uma descoberta espiritual e encontrar Deus.

## Referências e Notas

### Capítulo 1


1. Folsom, Franklin, & Folsom, Mary. (1983) *America's Ancient Treasures*. Albuquerque: University of New Mexico Press.

2. Time-Life. *The American Indians: Tribes of the Southern Woodlands* (1994) Alexandria, VA: Time-Life.

3. McMillin, David. (1995) *Case Studies in Depression*. Virginia Beach, VA: A.R.E. Press.

4. McMillan, David. (1991) *A Holistic Approach The Treatment ofDepression*. Virginia Beach, VA: A.R.E. Press.

5. Kirkpatrick, Sidney D. (2000) *Edgar Cayce: An American Prophet*. New York: Riverhead Books.

6. Lou Whitworth, www.leaderu.com/orgs/probe/docs/cayce

7. Cayce, Edgar Evans, Schwartzer, Gail Cayce, & Richards, Douglas G. (1997) *Mysteries ofAtlantis Revisited*. New York: St. Martins Paperback.

8. Bernal, Martin. (1987) *Black Athena. The Afroasiatic Roots of Classical Civilization. V. I. The Fabrication ofAncient Greece 1785-1985*. New Brunswick, NJ: Rutgers Univ. Press.

9. Cole, John R. (1980) Cult archaeology and unscientific method and theory. Em: *Advances in Archaeological Methods and Theory*, Vol. 3. Michael B. Schiffer (Ed.) New York: Academic Press.

10. Van Auken, John, & Little, Lora. (2000) *The Lost Hall of Records*. Memphis: Eagle Wing Books, Inc.

**Capítulo 2**

1. Wilford, John Noble. (8 de abril de 2001) Fossil discovery in Kenya sparks new debate about human origins. The New York Times News Service.

**Capítulo 3**

1. Snow, Dean (1976) *The Archaeology of North America: American Indians and their Origins*. London: Thames & Hudson.

2. Kopper, Philip (1986) *The Smithsonian Book of North American Indians Before the Coming of the Europeans*. Washington: Smithsonian Books.

3. *The First Americans*. (1992) Time-Life Books.

4. George F. Carter (1998) The diffusion controversy. Em: (D. Gilmore & L. McElroy, Eds.) *Across Before Columbus?* Edgecomb, MA: The New England Antiquities Research Association.

5. Folsom, Franklin, & Folsom, Mary. (1993) *America's Ancient Treasures*. Albuquerque: University of New Mexico Press.

6. Michael Woods (30 de outubro de 1999) Who got here first? Debate is rekindled. Post-Gazette.

7. Stuart Fiedel (2000) The peopling of the New World: Present evidence, new theories, and future directions. *Journal ofArchaeological Research*, 8, 39-103.

8. Richard S. MacNeish, G. Cunnar, G. Jessop, & P. Wilner (1993) 1993 Fort Bliss Archaeological Project Annual report: A summary of the Paleo-Indian discoveries in Pendejo Cave near Orogrande, New Mexico. Andover, MA: Andover Foundation Archaeological Research.

9. Fred Budinger (1999) *Pleistocene Archaeology of the Manix Basin, Central Mojave Desert, California*. Clovis & Beyond Conference, outubro de 1999, Santa Fe, NM.

10. Center for the Study of the First Americans. (2000) A personal view: Older than we think. *Mammoth Trumpet*, 29 de março de 2000.

**Capítulo 4**

1. Sharon Begley & Andrew Murr (1999) The First Americans. *Newsweek*, 26 de abril, 50-57.

2. Li, H.-G., Fujiyoshi, T., Lou, H., Yahiki, S., Sonoda, S., Cartier, L., Nunez, L., Munoz, I., Horai, S. & Tajima, K. (1999) The presence of ancient human T-cell lymphotrophic virus type I provirus DNA in an Andean mummy. *Nature Medicine* 5, 1428.

3. Hansjiirgen T. Agostini, Richard Yanagihara, Victor Davis, Caroline F. Ryschkewitsch, & Gerald L. Stoner (1997) Asian genotypes of JC virus in Native Americans and in a Pacific Island population: Markers of viral evolution and human migration. Proceedings of the National Academy of Science, 94, 14542-14546.

4. Franz Parsche, Svetlana Balabanova, & Wolfgang Pirsig. (1993) Drugs in ancient populations. The Lancet, 341, 503.

5. Carl L. Johannessen (1998) Maize diffused to India before Columbus came to America. Em: D. Gilmore & L. McElroy (Eds.) *Across Before Columbus?* Edgecomb, ME: The New England Antiquities Research Association.

6. Dennis Kawaharada, (1996) "The Settlement of Polynesia," The Polynesian Voyaging Society, 29 de janeiro de 1996.

7. Douglas C. Wallace, Michael D. Brown, Theodore G. Schurr, Estella Chen, Yu-Sheng Chen, Yelena B. Starikovskaya and Rem I. Sukemik (1998) Global Mitochondrial DNA Variation and the Origin of Native Americans. Science, 279, 27 de fevereiro de 1998, 1306-1307.

8. Brown MD, Hosseini SH, Torroni A, Bandelt HJ, Allen JC, Schurr TG, Scozzari R, Cruciani F, Wallace DC. (1998) mtDNA haplogroup X: An ancient link between Europe/Western Asia and North America? *American Journal ofHuman Genetics*, 63, 1852-1861.

9. Ann Gibbons (1996) *The Peopling of the Americas*. (1996) Science Magazine, 274, 31-33.

10. Torroni A, Chen YS, Semino O, Santachiara-Beneceretti AS, Scott CR, Lott MT, Winter M, Wallace DC. (1995) mtDNA and Y-chromosome polymorphisms in four Native American populations from southern Mexico. *American Journal ofHuman Genetics*, 54, 303-18.

11. Torroni A, Neel JV, Barrantes R, Schurr TG, Wallace DC. (1994) Mitochondrial DNA "clock" for the Amerinds and its implications for timing their entry into North America. Proceedings of the National Academy of Science, 91, 1158-1162.

12. Torroni A, Sukemik RI, Schurr TG, Starikorskaya YB, Cabell MF, Crawford MH, Comuzzie AG, Wallace DC. (1993) mtDNA variation of aboriginal Siberians reveals distinct genetic affinities with Native Americans. *American Journal ofHuman Genetics*, 53, 591-608.

13. Ann Gibbons (1996) Mother Tongues Trace Steps of Earliest Americans. Science Magazine, 274 (5292), 1447-1451.

14. Miroslava V. Derenko, Tomasz Grzybowski, Boris A. Malyarchuk, Jakub Czarny, Danuta Micicka-liwka, and Ilia A. Zakharov (2001) The Presence of Mitochondrial Haplogroup X in Altaians from South Siberia. *The American Journal ofHuman Genetics*, 69 (1), 237.

15. John U. Terrell. (1971) *American Indian Almanac*. New York: Barnes & Noble.

16. Snow, Dean (1976) *The Archaeology of North America: American Indians and their Origins*. London: Thames & Hudson.

17. Powell, J. W. (1900) *Nineteenth Annual Report of the Bureau ofAmerican Ethnology to the Secretary ofthe Smithsonian Institution— 1897-98*. Washington: U.S. Government Printing Office.

18. Van Auken, John, & Little, Lora (2000) *The Lost Hall of Records*. Memphis: Eagle Wing Books, Inc.

**Capítulo 5**

1. Snow, D. (1976) *The Archaeology ofNorth America*. London: Thames & Hudson.

2. Corliss, W.F. (1999) *Ancient Infrastructure*: Remarkable roads, mines, walls, mounds, stone circles. Glen Arm, MD: The Sourcebook Project.

3. Folsom, F. and Folsom, M.E. (1993) Americas Ancient Treasures. Albuquerque: University of New Mexico Press.

4. DuTemple, O. J. (2000) Prehistory's greatest mystery: copper mines of ancient Michigan. Ancient American, 35, 8-13.

5. Gibson, J. L. (1983) Poverty Point. Baton Rouge: Louisiana Archaeological Survey and Antiquities Commission Anthropological Study No. 7.

6. Saunders, J., (et. al. - 14 outros) (1997) A mound complex in Louisiana at 5400-5000 years before present. Science, 277, 1796.

7. Frink, D. S. (1999) *OCR Carbon Dating of the Watson Brake Mound Complex*. Apresentado no simpósio "An Overview of Research at Watson Brake: A Middle Archaic Mound Complex in Northeast Louisiana" durante a *53rdAnnual Meeting ofthe Southeastern Archaeological Conference*, Birmingham, Alabama.

8. Saunders, J. W., Jones, R., Moorhead, K., and Davis, B. (1998) Watson Brake objects: An unusual archaic artifact type from Northeast Louisiana and Southwest Mississippi. Southeastern Archaeology, 17, 72-79.

9. *The Jewish Encyclopedia*. (1902) London: Funk & Wagnalls.

**Capítulo 6**

1. Dragoo, D. W. (1963) *Mounds for the Dead*. Pittsburgh: The Carnegie Institution.

2. Silverberg, R. (1968) *The Mound Builders*. Athens, Ohio: Ohio University Press.

3. Fell, B. (1976) *America B.C.* NY: Simon & Schuster.

4. Woodward, S. L., & McDonald, J. N. (1986) *Indian Mounds of the Middle Ohio Valley*. Newark, Ohio: McDonald & Woodward Publ. Co.

**Capítulo 7**

1. Silverberg, Robert (1968) *The Mound Builders*. Ohio University Press.

2. Little, Gregory L. (1987/1988) Unearthing Pinson Mounds— Partes 1 e 2. Fate Magazine, Vol. 40 & 41, pgs. 32-41; 84-91.

3. Little, Gregory L. (1990) *People of the Web*. Memphis, TN: White Buffalo Books.

4. Mainfort, R. C. (1986) *Pinson Mounds*. Tennessee Department of Conservation.

5. Marshall, James A. (1996) Towards a definition of the Ohio Hopewell core and periphery utilizing the geometric earthworks. Em: Paul J. Pacheco (Ed.) *A Viewfrom the Core: A Synthesis of Ohio Hopewell Archaeology*. Columbus: The Ohio Archaeological Council.

6. Mayell, Hillary (1999) Secrets of North American Mound Builders Unearthed. National Geographic News, 9 de setembro de 1999.

7. Romain, William (2000) *Mysteries of the Hopewell*. Akron: University of Akron Press.

8. Offering of a Mound. TriWeekly Intelligencer, 25 de outubro de 1851.

9. Little, Gregory (1997) *Psychopharmacology*. Memphis: Advanced Training Associates.

10. Lepper, Bradley (1996) The Newark Earthworks and the geometric enclosures of the Scioto Valley: connections and conjectures. Em: Paul J. Pacheco (Ed.) *A Viewfrom the Core: A Synthesis of Ohio Hopewell Archaeology*. Columbus: The Ohio Archaeological Council.

11. Lepper, Bradley (1998) The archaeology of the Newark earthworks. Em: R. Mainfort, & L. Sullivan (Eds.) *Ancient Earthen Enclosures*. Gainesville: Univ. Press of Florida.

12. Mallam, R. Clark (sem data citada) Effigy mounds in Iowa. U.S. National Park Service.

13. Hopkins, Bruce (2000) *Effigy Mounds*. Fort Washington, PA: Eastern National.

14. Material do Dr. Scherz, bem como outras informações sobre montículos de efígies foram fornecidos aos autores por Neal & Aileen Weber de Richland Center, Wisconsin.

15. Knapp, Joseph M. (1998) *Hopewell LunarAstronomy: The Octagon Earthworks*, [suspicious link removed]

16. Bauer, Ted (11 de abril de 1987) Moundbuilders seem influenced by sun, moon. The Marietta Times.

17. Bauer, Ted (2 de maio de 1987) Search continues for evidence about mounds' purpose. The Marietta Times.

## Capítulo 8

1. Little, Greg (1999) Cahokia: Ancient fortress city with 120 mounds. Alternate Perceptions, Número #47, 12-16.

2. Little, Greg (1999) What is under Monk's Mound? Alternate Perceptions, Número #47, 16.

3. Little, Greg (1999) Monk's Mound Update: the mystery deepens. Alternate Perceptions, Número #48, 9.

4. Little, Greg (2000) Moundville. Alternate Perceptions, Número #49, 10.

5. Little, Greg (1996) Etowah mounds. Alternate Perceptions, Número #36, 6-8.

6. Little, Greg (1996) The Etowah statues. Alternate Perceptions, Número #36, 9.

7. Little, Greg (1996) Aztalan: Wisconsin's northern outpost of the mound builders. Alternate Perceptions, Número #33, 8-9.

8. Korp, Maureen (1990) *The sacred geography ofthe American mound builders*. Lewiston, NY: Edwin Mellen Press.

9. Sherrod, P. Clay, & Rolingson, Martha A. (1987) *Surveyors of the ancient Mississippi Valley*. Fayetteville: Arkansas Archaeological Survey.

10. Schafer, Edward H. (1967) *Ancient China*. New York: Time-Life Books.

11. Parada, Carlos. De: *Genealogical Guide to Greek Mythology*. Greek Mythology Link: www.hsa.brown.edu

12. Leitura 5748-6.

13. Hancock, Graham (1995) *Fingerprints of the Gods*. NY: Crown.

14. Hancock, Graham (1993) *The Sign and the Seal*. London: Mandarin.

**Capítulo 9**

1. Zangger, Eberhard (1992) *The floodfrom heaven*. NY: William Morrow Co.

2. Associated Press (Lancaster, Califórnia) Kite lifts 3.4-ton obelisk; is this how Egyptians did it? Domingo, 24 de junho de 2001.

3. Romain, William (2000) *Mysteries of the Hopewell*. Akron: University of Akron Press.

4. Hudson, Charles (1976) *The Southeastern Indians*. Knoxville: University of Tennessee Press.

5. Willoughby, Charles (1932) Notes on the history and symbolism of the Mushogeans and the people of Etowah. Em: (W. K. Moorehead, Ed.) *Etowah Papers - 1*. New Haven: Yale University Press.

**Capítulo 10**

1. Waters, Frank (1977) *Book of the Hopi*. New York: Penguin Books.

2. Como no primeiro capítulo do Evangelho de São João, que começa: "No princípio era o Verbo..." No manuscrito original em grego, a palavra para Verbo é "Logos", que em grego significa muito mais do que a palavra inglesa "Word".

3. Waters, p. 17.

4. Waters, p. 17.

5. Waters, p. 20.

6. www.sacred-texts.com

**Capítulo 11**

1. Carter, George F. (1998) Introduction: The Diffusion controversy. Em: D. Gilmore, & L. McElroy (Eds.) *Across before Columbus?* Edgecomb, Maine: The New England Antiquities Research Association.

2. Houve muitas referências aos nórdicos utilizadas nesta secção. As mais importantes que utilizámos estão listadas abaixo: Blegen, Theodore (1968) *The Kensington Rune-stone; New Light on an Old Riddle*. St Paul: Minnesota Historical Society. Hall, Robert Anderson (1982) *The Kensington Rune-stone is Genuine: Linguistic, Practical Methodological Considerations*. Columbia: Hornbeam Press. Holand, Hjalmar R. (1940) *Norse Discoveries and Explorations in America, 982-1362*. New York: Dover Publications. Ingstad, Helge (1969) *Westward to Vinland*. New York: St Martin's Press. Jones, Gwyn (1984) *A History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press. Landsverk, Ole Godfred (1961) *The Kensington Rune-stone: A Reappraisal of the Circumstances under which the*

*Stone was Discovered*. Glendale: Church Press. Magnusson, Magnus (1980) *Vikings!* NY: E P Dutton. Magnusson, M, & Paulsson, H. (1965) *The Vinland Sagas*. NY: Penguin. McGhee, Robert (1988) The Vikings: They Got Here First but Why Didn't They Stay? *Canadian Geographic*, 108 (4) agosto/setembro. Redmond, Jeffery R. (1979) *Viking Hoaxes in North America*. New York: Carlton Press. Wahlgren, Erik (1958) *The Kensington Rune-stone: A Mystery Solved*. Madison: University of Wisconson Press.

3. Newport Historical Society. (1997) *The History and Mystery of the Old Stone Mill. Journal of the Newport Historical Society*, 68, Parte 2.

4. Williams, Stephen (1991) *Fantastic Archaeology*. Philadelphia: Univ. of Pennsylvania Press.

5. Wyckoff, Don (1973) No stones unturned: Differing views of Oklahoma's runestones. *Popular Archaeology*, 2(12), 16-31.

6. Verwyst, J. (1887) Mound containing wrought iron and brass buckle. *American Antiquarian*, 9, 39-40.

7. Olson, John J.; 'Mooring Stones': An Enigma Deserving More Attention, Epigraphic Society, *Occasional Publications*, 18:253, 1989

8. Autrey, N. E., & Autrey, W. (1981) Zodiac Ridge. Em: R. A. Williamson (Ed.) *Archaeoastronomy in the Americas*. College Park, MD: Center for the Study of Archaeoastronomy.

9. Cyrus Thomas (1894) *Report on the Mound Explorations of the Bureau of Ethnology*. Washington. DC: Smithsonian.

10. J. Huston McCulloch (1996) Ohio's 'Hanukkiah Mound.' *Ancient American*, 3 (14), 28-37.

**Capítulo 12**

1. Leitura 5750-1

2. "Lost Tribes," *Microsoft Encarta Online Encyclopedia 2000*.

3. Singer, Isidore (Ed.) (1905) *The Jewish Encyclopedia*, Vol. XII. New York: Funk and Wagnalls Company, pp. 249-252.

4. Leitura 3513-1.

5. Leituras 5384-1, 3590-1, 2109-2.

6. Leituras 1598-1, 1580-1, 1856-1, 2005-1.

7. D. Adams, J. McKee (1934) *Biblical Backgrounds*. Nashville, TN: Broadman Press, p. 281.

8. Leituras 2540-1, 5259-1, 3581-1.

9. Jakeman, M. Wells (1963) The Flood Story of Genesis. Em Ross T. Christensen (Ed.) *Progress in Archaeology: An Anthology*. (Ed.) Provo, Utah: Brigham Young University, pp. 11-16.

10. Sorenson, John (1985) *An Ancient American Setting for the Book of Mormon*. Salt Lake City, Utah: Deseret Book Company.

11. Leituras 1159-1, 1286-1, 1391-1, 2822-1.

12. Leitura 1258-1. 13 Leitura 620-1.

13. Leitura 1434-1.

14. Mellaart, Melvin (1979) Egyptian and Near Eastern Chronology: A Dilemma? *Antiquity*, 53, 6-18 e 54, 225-227.

15. Edgar Cayce CD Rom Carta para a Sra. (1319).

16. *The Book ofMormon*. Salt Lake City, Utah: The Church of Jesus Christ of the Latter Day Saints.

17. (1930) *A Comprehensive History ofthe Church ofJesus Christ ofthe Latter-Day Saints*. Century I, Vol. 1, Salt Lake City: The Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints, pp. 100-107.

18. Reynolds, Noel (1997) *Book ofMormon Authorship Revisited: The evidence for ancient origins*. Provo Utah: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies, pp. 62-63.

19. F. C. Cook (Ed.) 1905) *The Bible Commentary*, Vol. 1, pp. 390-393.

20. Singer, Isidore (Ed.) (1905) *The Jewish Encyclopedia*, Vol. XII. New York: Funk and Wagnalls Company, pp. 384-386.

22. Leituras 707-2, 355-1, 261-15, 987-2.

23. Leitura 5750-1.

24. The Chronology of the Book of Mormon. Em Ross T. Christensen (Ed.) *Progress in Archaeology: An Anthology*. (Ed.) Provo, Utah: Brigham Young University, pp. 85-88.

25. Lindsay, Jeffrey (2000) *Evidence for the Book of Mormon: Another Testament of Jesus Christ*.

26. Sorenson, John (1985) *An Ancient American Setting for the Book of Mormon*. Salt Lake City, Utah: Deseret Book Company.

27. The Chronology of the Book of Mormon. Em Ross T. Christensen (Ed.) *Progress in Archaeology: An Anthology*. (Ed.) Provo, Utah: Brigham Young University, pp. 196-197

28. Godfrey, Kenneth W. (1999) What is the Significance of the Zelph in the Study of the Book of Mormon Geography? *Journal of the Book of Mormon Studies*.

29. McCulloch, J. Huston (1988) The Bat Creek Inscription: Judeans in Tennessee? *Tennessee Anthropologist*, 16, 1-19.

30. Thomas, Cyrus (1894) *Report on the Mound Explorations of the Bureau ofEthnology*, Washington, D.C.: Smithsonian.

31. McCulloch, J. Huston (1996) Ohio's 'Hanukkiah Mound.' *Ancient American*, 3, (14), 28-37.

32. Sorenson, John (1985) *An Ancient American Setting for the Book of Mormon*. Salt Lake City, Utah: Deseret Book Company.

33. Sorenson, John (1997) The Book of Mormon as a Mesoamerican Record. Em Noel Reynolds (Ed.) *Book ofMormon Authorship Revisited: The evidencefor ancient origins*. Provo Utah: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies, pp. 391-522.

34. Peterson, Daniel (1993) *Review ofBooks on the Book ofMormon*, Vol. 5, pp. 43-45.

35. Miller Van Blerkom, Linda (1979) A Comparison of Maya and Egyptian Hieroglyphics. *Katunob*, 11, pp. 1-8.

36. Welch, John (1997) What Does Chiasmus in the Book of Mormon Prove? Em Noel Reynolds (Ed.) *Book ofMormon*

*Authorship Revisited: The evidencefor ancient origins*. Provo Utah: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies, pp. 199-224.

37. Sorenson, John (1985) *An Ancient American Setting for the Book of Mormon*. Salt Lake City, Utah: Deseret Book Company.

38. Lindsay, Jeffrey (2000) *Evidencefor the Book ofMormon: Another Testament ofJesus Christ*.

39. Leitura 364-4.

40. Leitura 364-6 e 257-201.

41. Van Auken, John, & Little, Lora (2000) *The Lost Hall of Records*. Memphis: Eagle Wing Books.

42. Leitura 2888-2 e 3976-29.

43. Leitura 3744-1.

44. Leitura 470-22.

45. English Heritage Scientific Dating Services. “Dating Stonehenge”.

46. Frejer, B. Ernest (1995) *The Edgar Cayce Companion: A Comprehensive Treatise of the Edgar Cayce Readings*. Virginia Beach, VA: ARE Press.

47. Krajenke, Robert (1994) *Edgar Cayce's Story of the Old Testament: From the Birth of Souls to the Death of Moses*. Virginia Beach, VA: ARE Press, p. xix.

**Capítulo 14**

1. Powell, J. W. (1900) *Annual Report of the Bureau of American Ethnology*.

2. Little, G. (1994) *Grand Illusions*. Memphis: White Buffalo Books.

3. Little, G. (1990) *People of the Web*. Memphis: White Buffalo Books.

4. Little, G. (1997) *Psychopharmacology*. Memphis: ATA. (Este manual universitário discute o uso de cerca de uma dezena de substâncias alucinogénias pelos antigos americanos. Praticamente todas estas substâncias são tóxicas, a menos que sejam tomadas em doses rigorosas. Mesmo assim, os perigos são grandes. Ninguém

deve fazer experiências com estas substâncias, nem estamos de forma alguma a defender o seu uso. A inclusão desta informação é simplesmente um reconhecimento necessário de que os alucinogénios eram utilizados em muitos rituais.)

5. Narby, J. (1998) *The Cosmic Serpent*. NY: Tarcher.

6. Lyon, W. (1998) *Encyclopedia of Native American Shamanism*. Santa Barbara: ABC-CLIO.

7. Romain, William F. (2000) *Mysteries of the Hopewell*. Akron: University of Akron Press.

**Capítulo 15**

1. Little, G. (2001) Science at the frontier: a merging of ancient and modern science. *The Journal of Religion and Psychical Research*, 24, 2-25.

2. Little, G. (1994) *Grand Illusions*. Memphis: White Buffalo Books.

3. Little, G. (1990) *People of the Web*. Memphis: White Buffalo Books.

4. Apostal, A. (1995) North American effigy mounds: an enigma at the frontier of archaeology and geology. *Journal of Scientific Exploration*, 9, 549-563.

5. Morse, D. (2000) *Searching for Eternity*. Memphis: Eagle Wing Books.

6. Van Auken, J. (1992) *Spiritual Breakthrough*. Virginia Beach: Inner Vision.

7.

## Apêndice A

## As Leituras de Cayce sobre a América Antiga

Na preparação para este livro, foi realizada uma pesquisa abrangente nas leituras de Cayce utilizando o CD-ROM *The Complete Edgar Cayce Readings* (1995). Os termos *mound* (montículo), *mounds* (montículos), *moundbuilders* (construtores de montículos), *Indian* (índio), *Indians* (índios), *Norse* (nórdicos), *Mu*, *Lemuria* (Lemúria), *Atlantis*

(Atlântida), *Lost Tribes* (Tribos Perdidas), *Vinland* e *medicine man* (curandeiro) forneceram as leituras mais relevantes.

Alguns termos (por exemplo, *Indians*) tinham mais do que um significado e tiveram de ser cuidadosamente interpretados para determinar a intenção. Além disso, foram pesquisados aproximadamente 1000 termos de índice do *American Indian Almanac* (1971) no CD-ROM das Leituras de Cayce para identificar possíveis referências a nomes tribais, localizações e outros termos. Esta pesquisa resultou nalgumas leituras relevantes adicionais. Finalmente, todos os livros publicados anteriormente que discutiam as afirmações de Cayce sobre a América antiga mencionados no Capítulo um foram cuidadosamente examinados para detetar quaisquer leituras que a nossa pesquisa tivesse omitido. Apesar dos nossos esforços com as pesquisas anteriores, foram encontradas mais duas leituras relevantes.

Foi encontrado um total de 68 leituras que forneciam informações sobre a América antiga. Estas leituras foram dadas entre 4 de abril de 1925 e 14 de abril de 1944. Fez-se um esforço para as categorizar com base no seu conteúdo e assunto. A Tabela 1 mostra o número de leituras que discutem vários assuntos. A maior parte das leituras discutia mais do que uma área temática. Por exemplo, algumas leituras davam uma visão global de como as pessoas antigas de Mu se misturaram com os atlantes, vestígios das Tribos Perdidas e nativos já presentes na terra para formar a cultura dos construtores de montículos.

**Encontrar Afirmações Específicas e Verificáveis nas Leituras**

Identificar a data específica de determinados acontecimentos descritos nas leituras é difícil para quem não está familiarizado com Cayce. Este facto pode explicar a razão pela qual alguns estudiosos evitaram investigar o esboço histórico que as leituras forneceram. Por exemplo, uma leitura de vida de 1936 (1211-1) indicava que o indivíduo era um líder na região de Four Corners (Arizona, Novo México, Colorado, Utah). Esta pessoa foi então responsável por mitigar um problema grave que afetava toda a Terra. Animais enormes estavam a causar estragos, dado que manadas descontroladas não só competiam com o homem, mas também, frequentemente, o matavam.

Realizou-se uma reunião para discutir formas de lidar com os animais. A leitura não dá a data, no entanto, outras leituras fornecem-na. Foi em 50 722 a.C. (leitura 262-039).

A maior parte das leituras que envolvem a América antiga são muito semelhantes ao exemplo acima. Muitas destas leituras datam os acontecimentos que descrevem como sendo "no tempo da primeira desintegração", "na segunda destruição" ou na "destruição final". Estas são referências às três destruições de Atlântida, sendo cada uma mais grave do que a anterior. Ocorreram, de acordo com Cayce, em 50 700 a.C., 28 000 a.C. e 10 014 a.C.

A complicar ainda mais o problema, mas também tornando-o muito intrigante, está o facto de o calendário de Cayce para toda a história antiga variar da história apresentada em fontes aceites. Isto é especialmente verdade em relação a eventos e à história relatada na Bíblia. Por exemplo, enquanto fontes autorizadas como *The Jewish Encyclopedia* datam "As Tribos Perdidas" em eventos de 734 a.C., as leituras de Cayce afirmam que algumas "Tribos Perdidas" partiram em 3000 a.C.

**Áreas Temáticas das Leituras de Cayce Sobre a América Antiga**

| Assunto | Número de Leituras |
|---|---|
| Migração atlante para a América | 21 |
| Colonatos nórdicos na América / Vinland | 16 |
| Cultura dos construtores de montículos | 14 |
| Primeiros contactos históricos entre índios e colonos | 14 |
| Migração e colonatos de Mu / Lemúria na América | 10 |
| Tribos Perdidas na América | 5 |
| Curandeiros na América | 5 |
| Rituais, visões, adoração da natureza/sol na América | 4 |
| Influência dos incas na América | 3 |
| Migração do "oeste" ou da China para a América | 2 |
| Ocupação precoce (50 000 a.C.) da América | 2 |

| Assunto | Número de Leituras |
|---|---|
| O homem no sudoeste da América em 10 milhões a.C. | 2 |
| Migrações a partir das ilhas dos "mares do sul" | 1 |
| "Habitantes das falésias" do sudoeste | 1 |

## Problemas na Interpretação das Leituras de Cayce

É fácil ficar frustrado quando se tenta compreender as leituras de Cayce pela primeira vez. O estilo geral das leituras apresenta algumas dificuldades de interpretação e compreensão. Primeiro, são algo difíceis de ler, principalmente devido à sua sintaxe e à presença de termos e frases arcaicas ou bíblicas. Por exemplo, os leitores modernos podem ficar perplexos com termos como "filhos da promessa".

Algumas pessoas ficam frustradas devido à gramática utilizada nas leituras. No entanto, o que era produzido durante as leituras não era um reflexo da forma como Edgar falava normalmente. As leituras resultavam da forma como a Fonte do material escolhia fornecer a informação. E refletem toda a história relevante de cada pessoa — desde os tempos antigos até ao presente. Sendo assim, por que razão se deveria esperar termos modernos e uma gramática moderna?

Além disso, as leituras, tal como as vemos hoje, são registos escritos de uma apresentação oral. Por vezes, este processo não transmitia a totalidade da intenção que era expressa, e a pontuação pode alterar significativamente o significado ou a intenção da afirmação falada. Além disso, a maioria das leituras foi dada a pessoas específicas com perspetivas e preconceitos unicamente pessoais sobre os temas em discussão. Portanto, as respostas eram inclinadas para se ajustarem à perspetiva de quem as procurava.

Finalmente, devido ao facto de algumas das leituras de Cayce abrangerem tantos pontos ou questões dentro do texto, pode ser difícil determinar a qual se está a referir quando os parágrafos são tão complexos. Apesar de tudo isto, com prática suficiente, uma pessoa pode familiarizar-se o bastante com a sintaxe, os termos arcaicos (*thys*, *thees* e *thous*), o uso

repetitivo da palavra *that* (que) e o padrão de pensamento complexo, de modo a aprender a ler e a compreender as leituras de Cayce com relativa facilidade.

**As Afirmações de Cayce e Partes Relevantes das Leituras**

**1. Partes do Utah, Novo México e Arizona foram ocupadas há 10 milhões de anos. 2. Gravuras rupestres no noroeste do Novo México restam destas pessoas muito antigas.**

**2665-2**

**10.** Na anterior a esta, encontramos na terra das forças do que são agora o Utah e o Nevada, quando os primeiros povos foram separados em grupos como famílias. A entidade chamava-se então Ulda e deu muito ao povo no que respeita à forma de preparar as habitações para os companheiros, sendo a entidade uma das poucas que conseguiu manter essa perspetiva; isto é, o seu próprio companheiro, percebem? Nisto descobrimos que a entidade se desenvolveu muito e deu muito aos povos que haveriam de lhes suceder nesta terra, e nas ruínas que se encontraram e que surgiram, nos montículos e cavernas na parte noroeste do Novo México, podem ver-se algumas das gravuras que a entidade fez na altura. Há cerca de dez milhões de anos.

[Ver 2665-2, Par. R6, R8.]

**195-14**

**20.** Antes disso, encontramos a entidade durante a primeira das aparições do homem no plano terrestre, durante aquele período em que as cinco [nações] apareceram. A entidade encontrava-se então no que é agora o território do Nevada e do Utah na América, chamando-se na altura Udulj.

**3. O ser humano estava presente nas Américas antes de 50 000 a.C., no sudoeste e na Califórnia. 4. Animais grandes e perigosos deambulavam livremente pelas Américas antes de 50 000 a.C.**

**1211-1**

**37.** Antes disso, então, encontramos a entidade na terra do nascimento atual, durante aqueles períodos em que ocorreram as primeiras atividades daqueles povos nas terras que agora representam uma parte do Arizona, Novo México, Colorado, Utah.

**38.** Ali, a entidade esteve entre os que contribuíram para as associações com aquelas atividades quando os grandes poderes ou nações — através das influências trazidas pelas atividades no Egito, na Índia, no Gobi, em Og — cooperaram numa grande causa. (Nota: A grande causa era livrar o planeta dos animais enormes que deambulavam livremente. O ano era 50 722 a.C.)

**1473-1**

**46.** Ali a entidade era uma sacerdotisa; e a experiência da entidade ali obscurece TUDO...

**47.** Pois a entidade era dos povos da Lei do Uno e, com a desintegração da própria terra e o início do êxodo daqueles povos, a entidade esteve entre os que viajaram para o que é agora chamado a terra do Iucatão — ou a terra do Istmo.

**48.** E com o desenvolvimento daquelas atividades, o estabelecimento do serviço do templo, as aplicações da atividade do templo à comercialização — ou àquelas atividades em que ocorreram descobertas, estas não foram senão uma parte das atividades do associado da entidade durante aquela experiência.

**49.** E quando surgiram as heresias, sim, naqueles períodos em que houve uma atividade na qual aquelas partes da terra foram descobertas a partir do que restava de Lemúria, ou Mu — no que é agora a Baixa Califórnia, partes dos vales da morte, a entidade viajou para lá para ver, para saber.

**50.** E durante aquelas experiências muito foi estabelecido que poderá ser de interesse para a entidade, que fará parte das descobertas de naturezas ou formações naturais no que é agora a Ilha do Canyon.

**51.** Pois ESTE era o local do templo da entidade.

**52.** Haverá alguma surpresa em saber que novas expedições a QUALQUER terra se tornem repletas de interesse para a entidade?

**53.** Pois a entidade era então uma sacerdotisa que promovia a correlação de princípios de todas as partes da terra, para a unificação das atividades de compreensão espiritual e a aplicação de leis espirituais — não como para fins materiais, mas para a harmonia e a paz dos povos. E tais anseios eram então, e são agora, o desejo do seu eu mais íntimo.

**54.** A entidade chamava-se Princesa Shu-Tu.

**55.** Também nesses períodos, a entidade viajou para o que foi mais tarde conhecido como a reunião das sete nações para a proteção contra o inimigo comum do homem durante a experiência. (Nota: A grande causa era livrar o planeta dos animais enormes que deambulavam livremente. O ano era 50 722 a.C.)

### 5. Um templo dedicado ao sol e à lua foi estabelecido perto da atual Santa Bárbara, Califórnia, antes de 50 700 a.C.

**509-1**

**28.** Antes disto, encontramos a entidade naquela terra agora conhecida como a americana, durante os períodos em que a Lemúria ou as terras de Mu ou Zu se encontravam nas suas convulsões de destruição. (Nota: Zu era uma parte de Mu; o continente sofreu a sua maior destruição em 50 700 a.C.)

**29.** E a entidade esteve entre os que — no que é agora não muito longe daquela terra em que a entidade nesta estada viu pela primeira vez a luz — (que num futuro próximo se deverá desvanecer novamente naquelas uniões com a terra de Mu) — estabeleceram um templo de adoração para os que escaparam das convulsões da deslocação da terra naquele período específico.

**30.** A entidade, com o nome Oeueou, estabeleceu perto do que é agora Santa Bárbara o templo ao sol e à lua; pois o satélite da lua ainda não se tinha desvanecido na altura, e ali a entidade foi investida na adoração como a deusa da lua e do sol.

### 6. Pessoas de Mu (e de Atlântida) migraram para a América na altura das primeiras perturbações em Mu e Atlântida (50 000 a.C.).

**3188-1**

... a entidade encontrava-se na terra da estada atual [América] quando ocorreu a desintegração que se seguiu à primeira destruição de Mu e Atlântida.

**328-1**

**32.** Na anterior a esta, encontramos a entidade naquilo que era chamado a terra lemuriana, durante aqueles períodos em que as pessoas partiam — devido às condições que surgiam naquela terra.

**33.** A entidade esteve então entre os que primeiro vieram para aquela parte da estada atual que seria agora chamada Ohio, ou o oeste da Pensilvânia.

**34.** Pois a entidade estabeleceu então nesta nova terra o primeiro dos templos vindos da terra lemuriana; que desde então tem sido designada como a terra dos Construtores de Montículos. Não a atual como é vista, mas aquela a partir da qual a mesma surgiu.

**3188-1**

**40.** Antes disso, a entidade encontrava-se na terra da estada atual [América] quando ocorreu a desintegração que se seguiu à primeira destruição de Mu e Atlântida.

**691-1**

**27.** Antes disso, descobrimos que a entidade se encontrava naquela terra agora conhecida como a americana, durante os períodos em que ocorreu a estada dos que vinham da terra de Mu, ou Lemúria.

**28.** A entidade esteve então entre os primeiros daqueles que nasceram no que são agora partes do Arizona e do Utah, e entre os que estabeleceram as terras ali para o desenvolvimento ou crescimento daquela civilização naquelas experiências; e tinha o nome de Uuluoou.

**816-3**

**26.** Antes disso (entre os que influenciam a entidade no presente), descobrimos que a entidade se encontrava naquela terra agora conhecida como a terra do nascimento da entidade, naquelas partes que foram o local de refúgio de Mu e das atividades superiores ou primeiras da terra atlante — e no que é agora conhecido como o Arizona e o Utah a entidade tornou-se então a primeira daqueles que estabeleceram os habitantes das cavernas.

**7. Estas pessoas migraram para áreas da Pensilvânia por volta de 50 000 a.C.**

**8. Também migraram para áreas do Ohio por volta de 50 000 a.C.**

**328-1**

**32.** Na anterior a esta, encontramos a entidade naquilo que era chamado a terra lemuriana, durante aqueles períodos em que as pessoas partiam — devido às condições que surgiam naquela terra.

**33.** A entidade esteve então entre os que primeiro vieram para aquela parte da estada atual que seria agora chamada Ohio, ou o oeste da Pensilvânia.

**34.** Pois a entidade estabeleceu então nesta nova terra o primeiro dos templos vindos da terra lemuriana; que desde então tem sido designada como a terra dos Construtores de Montículos. Não a atual como é vista, mas aquela a partir da qual a mesma surgiu.

**9. Pessoas de Mu estabeleceram o costume dos totens, ou árvores genealógicas, no Oregon antes de 50 000 a.C.**

**10. As mulheres governavam durante a época da grande migração de Mu (50 000 a.C.).**

**630-2**

**24.** Antes disso, descobrimos que a entidade se encontrava naquela terra agora conhecida como Mu, ou a terra desaparecida do Pacífico, o Pacífico; durante aqueles períodos em que muitos daqueles tinham subido ao poder quando ocorriam aqueles banimentos e preparações para a preservação; pois sabiam que a terra teria de ser desintegrada em breve.

**25.** A entidade esteve entre os que viajaram de Mu para o que é AGORA o Oregon; e ali AINDA se pode ver ALGO da adoração tal como foi estabelecida, naquilo que foi o desenvolvimento A PARTIR do que foi estabelecido pelos associados da entidade, como o totem ou a árvore genealógica.

**26.** Naquela experiência, a entidade era do mesmo sexo que no presente, mas encontrava-se entre os que eram os líderes; pois NAQUELA ALTURA as mulheres GOVERNAVAM — em vez dos homens.

**11. Pessoas das Ilhas dos Mares do Sul vieram para a área de Four Corners e iniciaram a cultura dos "habitantes das falésias", ou pueblo, por volta de 50 000 a.C.**

**1252-1**

**19.** Antes disso, descobrimos que a entidade se encontrava na terra do nascimento atual durante aqueles períodos em que ocorria a desintegração das ilhas no que são agora os Mares do Sul, e as combinações daqueles que provocaram as alterações nesses ambientes daqueles povos.

**20.** A entidade esteve então entre os primeiros daqueles que ficaram conhecidos como os habitantes das cavernas ou das falésias, naquela parte agora conhecida como o Utah, Arizona, Colorado, Novo México.

**12. Em 28 000 a.C., alguns habitantes de Atlântida migraram para o Nevada e para o Colorado.**

**13. Pessoas vindas "através do Pacífico" entraram na América antiga em 28 000 a.C.**

**14. Pessoas vindas da China entraram na América antiga em 28 000 a.C.**

**497-1**

**22.** Antes disto, encontramos na estada atlante quando ocorreram aquelas convulsões do segundo período de separações na terra, e teve início a primeira das partidas dos povos para outras terras que estavam a ser preparadas ou que surgiam nas suas atividades. E a entidade esteve entre os que foram persuadidos, através das relações e das atividades, a deixar a Lei do Uno para se juntar antes nos mistérios daquilo que poderia ser alcançado no seio de um povo estranho. E, por conseguinte, veio para a terra de Mayra (?) [Maia?], ou aquela agora chamada — na América, Nevada e Colorado.

**1434-1**

**32.** Antes disso, descobrimos que a entidade se encontrava nas terras do nascimento atual ou da estada no presente, durante aqueles períodos em que ocorria a entrada daqueles povos na terra agora chamada Iucatão — após deixarem a terra atlante e de Posídon.

**33.** A entidade esteve entre os povos que viajaram para o extremo Oeste ou Norte e Oeste a partir da terra do Iucatão; e a entidade era ali uma sacerdotisa, e dos filhos da Lei do Uno.

**34.** As uniões em atividades ali foram para as tentativas de estabelecer com aqueles povos que tinham sido uma parte das tribos perdidas ou transviadas, que veio dar vinda de Lemúria; bem como com os que vieram das terras de servidão dos persas e os que mais tarde foram chamados os indo-chineses — ou aqueles povos da montanha que invadiram a terra dos índios.

**35.** Ali a entidade ajudou a estabelecer uma nova harmonia de atividade, no que seria agora chamado a terra do Arizona.

**500-1**

**13.** ... especialmente onde os filhos dos atlantes se tinham estabelecido e mais tarde se tornaram os Construtores de Montículos, quando unidos aos povos que tinham atravessado o Pacífico...

**1434-1**

**32.** Antes disso, descobrimos que a entidade se encontrava nas terras do nascimento atual ou da estada no presente, durante aqueles períodos em que ocorria a entrada daqueles povos na terra agora chamada Iucatão — após deixarem a terra atlante e de Posídon.

**33.** A entidade esteve entre os povos que viajaram para o extremo Oeste ou Norte e Oeste a partir da terra do Iucatão; e a entidade era ali uma sacerdotisa, e dos filhos da Lei do Uno.

**34.** As uniões em atividades ali foram para as tentativas de estabelecer com aqueles povos que tinham sido uma parte da tribo perdida ou transviada, que veio dar vinda de Lemúria; bem como com os que vieram das terras de servidão dos persas e os que mais tarde foram chamados os indo-chineses — ou aqueles povos da montanha que invadiram a terra dos índios.

**35.** Ali a entidade ajudou a estabelecer uma nova harmonia de atividade, no que seria agora chamado a terra do Arizona.

**15. Os iroqueses, especialmente os de sangue nobre, eram puros atlantes.**

**16. Atlantes puros também migraram para a Ibéria, especialmente para os Pirenéus. (Isto encontra-se noutras numerosas leituras.)**

**1219-1**

**23.** A entidade encontrava-se então entre o povo, os índios, dos iroqueses; os de nascimento nobre, os que eram descendentes puros dos atlantes, os que se apegavam às influências ritualísticas da própria natureza.

**17. Uma sacerdotisa atlante que se tinha mudado para o Egito visitou o sudoeste da América por volta de 10 000 a.C.**

**1144-2**

**26.** Antes disso, descobrimos que a entidade se encontrava na terra agora conhecida como ou chamada Egito, contudo a entidade era natural da

terra atlante — e alguém que fez uma visita e se tornou ativa em muitas das terras para onde os atlantes foram e estabeleceram os SEUS vários colonatos naquele período.

**27.** Por conseguinte, a entidade encontrava-se entre as filhas da Lei do Uno, sendo uma sacerdotisa do templo na terra de Posídon; entre as que foram para a terra egípcia com esses povos para o estabelecimento das associações; visitando também os que se estabeleceram no que são agora os Pirenéus — ou a parte oriental da Europa continental, e os que se estabeleceram no que é agora conhecido como uma parte da América — no Arizona, Novo México, Colorado e nessas partes da terra.

**18. Um grupo de atlantes de 2.ª geração e outros que se mudaram para o Iucatão por volta de 10 000 a.C. migraram para norte para dar início à cultura dos Construtores de Montículos. Isto ocorreu algum tempo após 3000 a.C.**

**5750-1**

**18.** Aqueles no Iucatão, aqueles nas terras adjacentes conforme iniciadas por Iltar, perderam gradualmente as suas atividades; e vieram a ser aquele povo designado, noutras partes da América, como os Construtores de Montículos.

**3528-1**

**21.** Antes disso, a entidade encontrava-se na terra da estada atual, durante as primeiras atividades de um povo que tinha sido banido de Atlântida.

**22.** A entidade esteve entre os da segunda geração de atlantes que lutaram em direção ao norte a partir do Iucatão, estabelecendo-se no que é agora uma parte do Kentucky, Indiana, Ohio; estando entre os do período inicial conhecidos como Construtores de Montículos.

**19. Os montículos eram uma réplica das experiências do Iucatão (e de Atlântida e do Gobi).**

**3004-1**

**14.** Antes disto, a entidade encontrava-se na terra do nascimento atual, especialmente naquele período dos Construtores de Montículos — um pouco mais para o oeste; quando ocorreu a elaboração dos planos para aquelas interpretações que tinham sido uma consciência noutra organização

ou grupo a que a entidade tinha pertencido anteriormente ou do qual fizera parte.

**15.** Ali a entidade era a sacerdotisa. E ali podem ver-se algumas daquelas atividades que fazem parte da perceção de alguns naquela terra do Ohio, onde existiam esses planos para tal, nos montículos que eram chamados a réplica ou representação das experiências do Iucatão, bem como da terra atlante e de Gobi. Todas estas são como uma única consciência na atividade da entidade.

**20. Vestígios das "Tribos Perdidas" de Israel vieram para a América antiga em 3000 a.C. em barcos. Foram primeiro para o extremo sul dos E.U.A.**

**21. Após permanecerem por um breve período na parte sul da América, as Tribos Perdidas mudaram-se para a área em redor da Cidade do México, onde tiveram impacto na cultura de construção de pirâmides já presente.**

**22. Partes das Tribos Perdidas migraram então para norte, fundindo-se com outros grupos para se tornarem os Construtores de Montículos no Ohio.**

**5750-1**

**17.** Com a injeção daqueles de maior poder na sua atividade na terra, durante aquele período que seria designado como 3000 anos antes de o Príncipe da Paz vir, esses povos que eram das Tribos Perdidas, uma parte entrou na terra; infundindo as suas atividades sobre os povos de Mu na parte mais a sul daquela chamada América ou Estados Unidos, e depois avançou para as atividades no México, Iucatão, centralizando isso agora em redor dos locais onde se ergue atualmente o centro do México, ou a Cidade do México. Daí surgiu, através das eras, uma civilização diferente, uma MISTURA novamente.

**19.** Pronto para perguntas.

**20.** (P) Como é que a Tribo Perdida chegou a este país?

(R) Em barcos.

**23. Alguns israelitas escaparam do cativeiro fugindo para o sudoeste da América, a partir do oeste, através do Pacífico. Atravessaram áreas (talvez utilizando ilhas) que outrora fizeram**

**parte de Mu. Estabeleceram templos no sudoeste. São referidos como uma "tribo perdida" ou "transviada".**

**2540-1**

... a entidade encontrava-se na própria terra de nascimento durante os primeiros colonatos; não a América como é conhecida na história; mas quando ocorriam as atividades desses povos que foram dispersos pelo levar dos filhos da promessa para o cativeiro. A entidade esteve entre os nascidos daqueles que escaparam através das águas para o que é agora a parte sudoeste da atual terra da entidade (América).

**1434-1**

**32.** Antes disso, descobrimos que a entidade se encontrava nas terras do nascimento atual ou da estada no presente, durante aqueles períodos em que ocorria a entrada daqueles povos na terra agora chamada Iucatão — após deixarem a terra atlante e de Posídon.

**33.** A entidade esteve entre os povos que viajaram para o extremo Oeste ou Norte e Oeste a partir da terra do Iucatão; e a entidade era ali uma sacerdotisa, e dos filhos da Lei do Uno.

**34.** As uniões em atividades ali foram para as tentativas de estabelecer com aqueles povos que tinham sido uma parte da tribo perdida ou transviada, que veio dar vinda de Lemúria; bem como com os que vieram das terras de servidão dos persas e os que mais tarde foram chamados os indo-chineses — ou aqueles povos da montanha que invadiram a terra dos índios.

**35.** Ali a entidade ajudou a estabelecer uma nova harmonia de atividade, no que seria agora chamado a terra do Arizona.

**2540-1**

**44.** Before that the entity was in the own land of nativity during the early settlings; not America as known in history, but when there were the activities of those peoples that were dispersed by the carrying away of the children of promise into captivity.

**45.** The entity was among those born to those who escaped across the waters into what is now the southwestern portion of the entity's present native land (America).

**46.** There the entity came in contact with those who were a part of the Atlantean civilization before it was broken up, and the entity was made a

priestess - as in keeping with a combination of the old Mosaic teachings and those of Ax-Tell and the children of the Law of One.

**24. Os construtores de montículos eram uma mistura de influências de Atlântida, Mu, Tribos Perdidas e outros.**

**1286-1**

**27.** Antes disso, descobrimos que a entidade se encontrava na terra do nascimento atual, durante aqueles períodos em que ocorria a difusão daqueles ensinamentos que tinham vindo das terras de onde vinham esses povos que eram conhecidos como as Tribos Perdidas, bem como de Atlântida, do Iucatão, dos incas e da terra de On [?]. [Og?]

**28.** Faziam parte do povo da entidade na altura, naquela parte da terra agora conhecida como a parte central do Ohio, durante a parte inicial dos Construtores de Montículos.

**25. Os nórdicos fizeram muitas viagens à América antiga e estabeleceram-se efetivamente aqui.**

**26. Alguns dos nórdicos fundiram-se com os construtores de montículos.**

**583-3**

**10.** ... pois a entidade, então, como vemos, veio para este país a partir dos descendentes dos povos nórdicos que primeiro desembarcaram e povoaram a costa nordeste deste país, durante essa altura. A entidade dispunha então de fortes forças físicas e contribuiu muito para a ajuda do povo no estabelecimento de fortes e postos avançados dos povos que se uniram mais tarde com esse povo no país a sul dali, conhecido como Construtores de Montículos...

- 279 -

**27. A localização do colonato nórdico na América, Vinland, foi colocada em Rhode Island, Massachusetts e Connecticut por Cayce.**

**28. Providence, Salem e Newport são especificamente nomeadas como cidades modernas onde Vinland estava localizada.**

**1450-1**

**21.** Antes disto, então, encontramos a atividade da entidade na terra durante aqueles períodos em que existiram os muitos que tinham dedicado a sua atividade à descoberta das terras a oeste da terra de nascimento da entidade.

**22.** Pois a entidade era então um homem do norte, naquelas atividades então conhecidas como Olson; e fez as jornadas com Eric e os que vieram para Vinland ou aquelas partes agora conhecidas como Connecticut, Massachusetts, Rhode Island.

**261-21**

**28.** (P) Nas Leituras de Vida [566-1 e 628-1] de cada um dos meus dois filhos, refere as aparições anteriores a esta como tendo sido em Vinland, em Providence ou na antiga Providence Town. Pode dar o nome atual e a localização desta povoação?

(R) Aquilo que foi agora incorporado em Salem e nesses territórios circundantes é o da ANTIGA Providence Town, enquanto Providence e Provincetown são duas separadas ou duas outras — contudo, tudo isto foi outrora conhecido como Vinland. Pois todas as partes da área de Cape Cod, chamada agora Providence e Newport e a área de Rhode Island, eram uma área coberta de vinhas — no tempo de Eric. Embora essas atividades, conforme indicado, estejam nos registos ali, numa parte da atual Salem, Mass.

**2377-1**

**26.** Antes disso, a entidade encontrava-se na terra da estada atual, durante os primeiros colonatos na terra; durante aqueles períodos das atividades no que é agora conhecido como Vinland, ou a terra de Rhode Island e do Connecticut.

**2502-1**

**10.** Na anterior a esta, encontramo-la entre aqueles povos que primeiro se estabeleceram na terra então chamada Vineland, e agora a costa atualmente conhecida como Connecticut. A entidade, estando então entre os primeiros que nasceram daqueles povos que ali se estabeleceram, teve um fim PRECOCE devido às privações sofridas, contudo GANHOU nessa experiência, e com o nome de Olaief.

**2124-3**

**9.** Na anterior a esta, encontramos naquele período em que ocorriam as jornadas de povos no seio daquele espírito de aventura, quando esses povos na terra nórdica viajavam para as terras do oeste. A entidade esteve então entre os que vieram para a terra naquela parte da mesma agora conhecida como Vinland, ou em redor daquele local agora conhecido como Rhode Island, Connecticut...

**29. Os nórdicos chegaram ao Montana nos anos 1500 através dos Grandes Lagos. Um artefacto, uma faca que supostamente pertenceria a Erik, o Vermelho, foi recuperado em Wisconsin por volta de 1940, o que provaria esta excursão. Além disso, uma excursão nórdica chegou ao Minnesota.**

**2157-1**

**16.** Antes disso, a entidade encontrava-se na terra nórdica e entre os que eram os audazes, como os marinheiros; e a entidade era Eric [Ver 2157-1, Par. R13 que dá as encarnações nórdicas para toda a família.], como era chamado através daquela experiência; viajando para ou estabelecendo-se na terra do seu nascimento atual.

**39.** (P) Nas experiências na terra nórdica, com que frequência e em que anos atravessei o oceano?

(R) Em 1552, 1509 e 1502.

**40.** (P) O que foi alcançado nessa vida, quer para o meu próprio país quer para este país?

(R) Neste país existiram os colonatos nas terras do noroeste; partes até do Montana foram alcançadas pela entidade — porque a entrada na altura foi através do São Lourenço, através dos Lagos.

**41.** (P) Existem algumas provas que se possam encontrar agora neste país que o possam provar?

(R) Acabam de ser descobertas por uma expedição recente ali no Wisconsin!

**42.** (P) O que encontraria eu ali que me pertença pessoalmente?

(R) Entre as facas e pedras que foram encontradas, uma delas era a de Eric!

**3651-1**

**13.** Antes disto, a entidade encontrava-se na terra nórdica, entre os que viajaram para a parte mais a oeste ou perto da parte central do Minnesota na atual terra de nascimento, quando Erik, o Vermelho, se encontrava entre os que estavam ativos ali.

### 30. Cayce menciona as Cinco Grandes Nações, o Chefe Powhatan e a reunião no "Octógono" junto ao Rio Ohio.

**500-1**

**12.** Antes disto, encontramos a entidade na presente terra e entre os povos que eram chamados nativos da terra... A entidade chamava-se então Virginia, contudo — nessas associações — o nome foi alterado para Alahoi (A-O-I) (?) pelo chefe Powhatan. E nesses ambientes a entidade cresceu para se tornar chefe entre os que ajudavam na aplicação dos ambientes circundantes para auxiliar nos males... A entidade trouxe alívio a muitos, ajuda aos que sofriam com todo o tipo de maleitas ou perturbações... E quando ocorreram as atividades nos e entre os chefes das cinco grandes nações, quando se reuniram no seu conselho dentro do Octógono (?), o que é agora conhecido como a margem do Ohio, a entidade atuou então como conselheira desses povos sobre a forma como poderiam melhorar a sua situação, inclusive nas suas relações com esses povos que mais tarde entraram para se tornarem os colonos da terra.

## Apêndice B

### Comunicado de Imprensa sobre o Colapso da Barreira de Clovis

### SÍTIO CHILENO VERIFICADO COMO A HABITAÇÃO MAIS ANTIGA DAS AMÉRICAS; CONCLUSÕES MOSTRAM QUE MONTE VERDE DATA DE HÁ 12 500 ANOS

*Sítio arqueológico pode alimentar novo debate sobre o povoamento das Américas*

**DALLAS** — Os seres humanos migraram para as Américas 1300 anos antes do que se pensava anteriormente, recuando a habitação humana do Novo World para cerca de 12 500 anos atrás, de acordo com uma equipa de arqueólogos eminentes que verificou a antiguidade do sítio arqueológico de Monte Verde, no Chile.

O sítio chileno foi escavado por uma equipa liderada por Tom Dillehay, da Universidade do Kentucky e da Universidad Austral de Chile, de 1977 a 1985. O local foi investigado de 3 a 13 de janeiro de 1997 por uma equipa de arqueólogos patrocinada pelo Museu de História Natural de

Dallas, Susan e Claude Albritton, Lamar Norsworthy, a Holly Corporation e a National Geographic Society, que irá destacar as conclusões numa próxima edição da sua revista. Os arqueólogos comunicaram as suas conclusões unânimes hoje, em Dallas.

"É difícil exagerar a importância do consenso da equipa", disse Alex Barker, curador de arqueologia do Museu de História Natural de Dallas. "Durante 60 anos, a entrada de humanos no Novo Mundo no período de Clovis resistiu a todos os desafios. Agora, o sítio de Monte Verde estabelece que os humanos chegaram mais cedo."

O horizonte de Clovis, cujo nome provém de um estilo distinto de pontas de projétil caneladas, pensava-se marcar a primeira dispersão de caçadores-recoletores na América do Norte há cerca de 11 200 anos, coincidindo com a abertura de um corredor livre de gelo da Ásia para a América.

Monte Verde, localizado 500 milhas a sul de Santiago, possui artefactos humanos, bem como material nunca antes visto em sítios antigos americanos: vestígios de cabanas cobertas de peles; um pedaço de carne animal que as análises de ADN indicam ser de mastodonte; bastões de escavação, ferramentas de osso e presa finamente trabalhadas, e mais de 700 ferramentas de pedra; e a pegada de uma criança.

"Estou totalmente convencido de que tanto Monte Verde 1 (MV1) como MV2 (MV2 é a camada que data de há pelo menos 12 500 anos; MV1 é uma camada mais profunda e mais antiga) são manifestações culturais e recuam o limite temporal para mais longe do que se pensava anteriormente", disse Dennis Stanford, curador de Arqueologia Norte-Americana da Smithsonian Institution. "Suspeito que começaremos a ver sítios mais antigos a surgir do nada."

"As implicações de Monte Verde são profundas", disse David Meltzer, professor de antropologia na Universidade Metodista do Sul. "Embora seja apenas mil anos mais velho do que as datas anteriormente aceites, a sua localização 10 000 milhas a sul da rota da ponte terrestre de Bering que os primeiros americanos tomaram para entrar no Novo Mundo implica uma história fundamentalmente diferente da colonização humana das Américas."

George Stuart, arqueólogo-chefe da National Geographic e presidente do Comité de Pesquisa e Exploração da Sociedade, disse: "Todos os numerosos sítios pré-Clovis propostos ao longo das décadas tiveram uma

sombra sobre si. A conclusão de Monte Verde é tão definitiva quanto a arqueologia consegue ser."

O Museu de História Natural de Dallas, localizado no histórico Fair Park de Dallas, recebe um terço de milhão de visitantes a cada ano. Além do projeto de Monte Verde, os curadores do museu também estão a realizar atualmente projetos arqueológicos no Texas e no Louisiana, e projetos paleontológicos no Texas, Wyoming e Colorado.

Além de Dillehay e Barker, a equipa incluiu:

- Jim Adovasio, Professor de Antropologia, Mercyhurst College;
- Robson Bonnichsen, Diretor, Center for The Study of the First Americans, Universidade Estadual do Oregon;
- Dena Dincauze, Professora de Antropologia, Universidade de Massachusetts;
- Donald Grayson, Professor de Antropologia, Universidade de Washington;
- Vance Haynes, Professor de Antropologia, Universidade de Arizona;
- David Meltzer, Professor de Antropologia, Universidade Metodista do Sul;
- Francisco Mena, Curador, Museo Chileno de Arte Precolombino;
- Lautaro Nuñez, Investigador Associado, Smithsonian Institution; e
- Dennis Stanford, Curador de Arqueologia Norte-Americana, Smithsonian Institution.